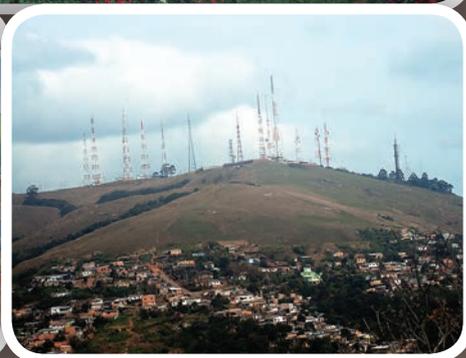
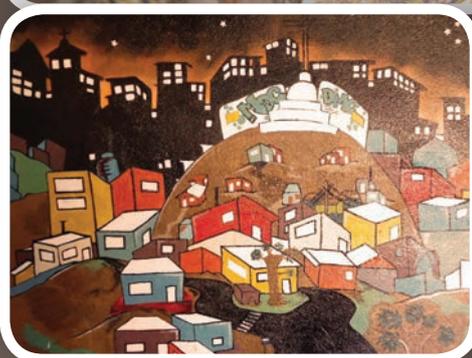


Máquinas, conexões e saberes

AS PRÁTICAS DE INCLUSÃO DIGITAL EM FAMÍLIAS DE GRUPOS POPULARES

Lucia Mury Scalco



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO D FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**MÁQUINAS, CONEXÕES E SABERES:
AS PRÁTICAS DE “INCLUSÃO DIGITAL” EM FAMÍLIAS DE
GRUPOS POPULARES**

LUCIA MURY SCALCO

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Antropologia Social da
Universidade do Rio Grande do Sul para a
obtenção do título de Doutor (a)

Orientadora: Prof. Dra. Claudia Lee Williams Fonseca

Agosto, 2012

LUCIA MURY SCALCO

**MÁQUINAS, CONEXÕES E SABERES:
AS PRÁTICAS DE “INCLUSÃO DIGITAL” EM FAMÍLIAS DE
GRUPOS POPULARES**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Claudia Lee Williams Fonseca - Orientadora

Prof. Dr. Carlos Alberto Steil

Prof. Dra. Lucia Muller

Prof. Dra. Nilda Jacks

Prof. Dr. Ruben Oliven

Dedico este trabalho, com muito amor,
aos meus filhos: Luíza, Bruno e Francisco,
por iluminarem a minha vida!

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos de uma tese não possuem grande visibilidade, porém considero essa oportunidade muito importante porque é o lugar onde podemos contar um pouco sobre a história da pesquisa, nomeando as pessoas que participaram de alguma forma do projeto.

Antes de expressar meus agradecimentos, gostaria de iniciar narrando como este trabalho foi escrito. Tive o privilégio de tê-lo elaborado com um fundo musical, uma vez que eu e o meu filho Francisco compartilhamos o mesmo espaço da sala nas nossas aventuras: eu atrás das palavras que expressassem as vivências do trabalho de campo, e ele procurando formas e notas para estudar piano. Altos e baixos, houve momentos estressantes, de estudos repetitivos ao som da batida do metrônomo, lembrando-me insistentemente que o tempo estava passando e eu não estava produzindo nada. Mas, para além do estudo, muitas vezes eram peças que ele tocava. Aprendi a ouvir e a conhecer músicos como Chopin, Ravel, Rachmaninov. Portanto, Chico, obrigada pelos momentos inspiradores e o seu interesse pelo meu trabalho. Ficou a lição que dá para compartilhar muitas coisas na vida! Valeu a força, filho!

Esta tese só foi escrita porque tive o privilégio de ser aceita em diversas famílias, que generosamente abriram as portas das suas residências e das suas vidas para a pesquisadora curiosa e cheia de perguntas! Obrigada a todos pelo carinho, pela paciência e compreensão. Espero não decepcionar ninguém e estar à altura do voto de confiança recebido! A todos os meus informantes, a minha eterna gratidão!

Gostaria de expressar também meus sinceros agradecimentos para:

Cláudia Fonseca - por sua inteligência, brilhantismo e ótima orientação. Minha gratidão também é - para além das suas irrefutáveis capacidades teórica – pelo carinho, compreensão e estímulo recebidos, essenciais para que eu conseguisse superar todos os percalços ocorridos durante este trabalho. Foi um privilégio ter sido sua orientanda. Obrigada por tudo, Cláudia!

A CAPES que, através da concessão de bolsa de estudo, possibilitou a realização desta tese; ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, representado pelos brilhantes professores com quem tive o prazer de ter aulas: Ana Luiza Carvalho da Rocha, Ari Pedro Oro, Arlei Damo, Bernardo Lewgoy, Carlos Steil, Cornélia Eckert, Ondina Fachel Leal, Ruben George Oliven e Sergio Batista. Meus sinceros agradecimentos!

Rosemeri Feijó - profissional competente e dedicada, agradeço toda ajuda e carinho recebidos nesses anos de convívio! Espero um dia poder retribuir Rose, conta comigo para os seus desafios!

Os amigos do NACI (Núcleo de Antropologia e Cidadania) - em especial a professora Denise Jardim, pela qualificada agenda de palestras e produtivas

reuniões. Compartilhávamos experiências, etnografias, bibliografias e também risos, cafés e bolachas. Pretendo seguir participando do Núcleo!

Os professores Carlos Steil e Lucia Muller - pela leitura atenta que fizeram do meu trabalho na qualificação. As sugestões e críticas recebidas foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Tive o privilégio de contar com a amizade do Professor Susin, da Engenharia Elétrica que, com sua mirada técnica e a sua grande sensibilidade humana, muito me ensinou sobre a problemática da informatização. Espero que possamos realizar vários outros projetos. Nossa interlocução mostra que é possível trabalhar interdisciplinarmente, somando conhecimentos e respeitando os diversos saberes!

Sou uma pessoa plural. Meus (muitos!) amigos são partes da minha vida. Falta espaço - e principalmente belas palavras - para que eu consiga definir as suas inúmeras qualidades. Registro agora todo meu carinho aos que estão "mais perto". Vou iniciar com as amizades que originalmente tinham a etiqueta de pertencimento ao mundo profissional, mas foram sendo transmutadas para todas as outras esferas da minha vida. Considero-os o grande legado recebido da Antropologia. Colegas que viraram amigos. Grandes amigos!

Rosana. Amiga de todas as horas, parceira de sonhos, viagens e textos. Conhece-me como ninguém. Ela me aceita, me estimula, me inspira e me desafia a ser uma pessoa e uma antropóloga melhor. Rosana, tenho muito orgulho de ser sua amiga. Hoje e sempre!

Janaina - outra amiga que considero um presente. Inteligente, atenta, doce e solidária, é um exemplo a ser seguido, tanto profissionalmente como ser humano. Admiro muito sua competência, seu trabalho de campo, sua coragem e disposição de sempre ajudar o próximo. Obrigada de coração pela sua grande participação na minha vida, pelos textos lidos, pelas idas ao Morro comigo, pela sua dignidade. Agora, Jana, que acabou a tese, meu sonho é conhecer o Maranhão contigo!

E como agradecer a amizade do João Rosito? Faltam palavras para descrever a satisfação de compartilhar almoços, cafés, confidências e interlocuções... Valeu Dr. Rosito. Admiro-o muito pela sua coragem, pelos seus recomeços. Obrigada pelo carinho e por estar sempre presente, nos bons e maus momentos.

E viva a tecnologia! Débora querida, tão longe e tão perto! Nesses anos todos foram muitas as conversas *online*, onde trocamos palavras, afeto, risadas, o que só fortaleceu a nossa amizade. Ela é "tudo de bom", corajosa, determinada, sincera, capaz. Obrigada pela sua disposição e paciência em ler os meus textos. Agradeço ao Felipe também pelo apoio e os muitos mapas genealógicos, que tanto me ajudaram. Vem pra casa, Dé! O Brasil vai ficar melhor com a sua volta!

Juliana - pelo privilégio de conviver com ela. Foi com ela que estudei para a seleção do doutorado e, nesses anos todos, foram inúmeros os momentos compartilhados; Recordo a alegria da aprovação na prova de seleção, as angústias da sua realização e as dificuldades da escrita final da tese. Ju, tenho certeza de que ainda vamos dar muitas gargalhadas nos lembrando dessa fase tão rica de nossas vidas. Força, amiga! Nós estamos juntas para sempre.

Os colegas de doutorado - Luiz Guilherme, carioca adotado por mim e pela minha família, sempre feliz e de bem com a vida; Cristian, com sua maneira especial de levar a vida, foi um incentivador durante o doutorado, principalmente quando decidi participar da corrida São Silvestre. Nunca vou esquecer a sua força! Também quero mencionar o meu paciente e querido *teacher* de inglês, Daniel. Através das nossas aulas conheci um ser humano incrível, com muita história para contar. Amigo, obrigada por sua amizade.

Quero expressar meus agradecimentos para a Beatriz, minha colega desde o mestrado, com quem compartilhei tantos bons momentos. Obrigada pelas frutíferas trocas de ideias e e-mails. O ano que vem é sua vez, Bia!

Maria Luisa – Nós nos conhecemos há pouco tempo, mas desenvolvemos uma ótima parceria e amizade. Inclusive já sonhamos com novos projetos no Morro da Cruz. Obrigada por tudo!

João Batista - Tornei-me sua amiga na época do mestrado e desde lá trocamos palavras, experiências, bibliografias, impressões, notícias, músicas, cinema, e-mails e visões de mundo.

Daniel Bagatini – amigo querido! Nossas conversas (sobre tudo e sobre todos) me construíram e me fizeram acreditar na possibilidade de um mundo melhor!

Cláudia - professora de música, de quem a vida me afastou e agora me trouxe de volta - teve um papel ímpar nessa tese. Foi através do seu olhar sem preconceitos e profissional, que compreendi a importância do *hip hop* para meus informantes. De coração, agradeço as leituras, as idas a campo e as oportunidades proporcionadas. Tomara que eu possa retribuir um dia todo o apoio recebido.

Rafael - fotógrafo sensível e inteligente, que sempre entendeu meu olhar e minhas inquietações. Agradeço a bela imagem da capa, que consegue captar o universo social no qual se debruça esta tese. Muito sucesso para ti!

Auracébio - meu amigo de longa data, *designer* gráfico, autor do desenho e da criação da capa da Tese, sempre contribuiu primorosamente com as minhas imagens. Muito obrigada por tudo!

Também este trabalho foi engrandecido pelo Márcio. Muito além de ser um revisor, foi um interlocutor inteligente e muito prestativo. Obrigada de coração! Sandro e a Anajara e amigos da Compuletra - sempre na "torcida", apoiando-me, acreditando e quebrando "todos os galhos". Minha eterna gratidão!

A Carmen - parceira e incentivadora, meu agradecimento por tanta amizade. Considero-me uma pessoa privilegiada por contar com seu profissionalismo e afeto. Ela viabilizou a minha volta aos estudos, assumindo todas as tarefas da casa, cuidando das “crianças”, diminuindo a minha culpa por tantas ausências.

Também quero lembrar meus amigos do outro lado da vida... Fora da academia. Quero expressar a minha gratidão a Alice. Nossa amizade é algo fundamental em minha vida. Ela é uma referência, um porto seguro, um ombro amigo. Obrigada pelo carinho! Espero agora convivermos mais...

Ana Luiza - que tem o posto de melhor amiga, é uma parceira de longa data. Ela sempre me deu muita força nas minhas escolhas e acompanhou toda a minha trajetória acadêmica. Obrigada pela compreensão e por sempre estar disponível!

A querida companheira Luca, amiga de uma vida, agradeço a amizade e o apoio recebido.

Um brinde ao Horácio e Suzana, amigos eternos, que pacientemente me ouviram esses anos todos eu narrar minha pesquisa. Obrigada amigos pelos bons momentos que passamos juntos. Foram fundamentais!

Por fim, gostaria de agradecer agora os meus familiares. Meu irmão Luiz e a sua esposa Ana, sempre estiveram muito próximos e me apoiaram nas minhas empreitadas. Obrigada de coração por todo!

Esta tese deve MUITO à minha querida mana Leila. Quero agradecer pelo seu companheirismo acadêmico, pelas trocas de informações, pelos bons e maus momentos partilhados. Também ao meu cunhado Carlos, pela sua ajuda incondicional, pelos almoços, pela força recebida em todos os momentos. Eles sempre acreditaram no meu trabalho, na sua viabilidade e relevância. Sem palavras, companheiros!

Luiza e Bruno já estavam na adolescência quando decidi voltar a estudar. Literalmente sei que me apaixonei pela Antropologia e vivi intensamente esse período, de leituras de clássicos, de discussões. Meus queridos filhos, “estudaram” junto (não tinham muitas escolhas) e cresceram lendo antropologia, ouvindo minhas histórias, vendo meus filmes, indo a campo comigo, interagindo com meus amigos. Quando vi, tornaram-se adultos, tinham se formado na Universidade, tornaram-se sujeitos do mundo, com muita personalidade. Tudo muito rápido. Quero agradecer por vocês me aceitarem e pelo todo apoio recebido. Desculpem as minhas muitas ausências, meu mau-humor, a eterna pressa. No final, tudo valeu a pena. Tenho muito orgulho da relação que construímos, de parceria e de muita união e respeito.

Por fim, para o meu marido Jaime, gostaria de agradecer o seu apoio e suporte afetivo, essenciais no decorrer do percurso da tese. Ele administrou os meus momentos de ansiedades, dúvidas e angústias sem deixar de acreditar em mim e em nós. Sob certos aspectos, apesar das minhas frequentes ausências, arrisco dizer que esta tese mais nos aproximou do que nos separou...

EPÍGRAFE

(...) Como certos manifestantes desse fim de século gritaram nas ruas “Nós somos o povo”, poderemos então pronunciar uma frase um pouco bizarra, mas que ressoará de todo seu sentido quando nossos corpos de saber habitarem o *cyberspace*: “Nós somos o texto.” E nós seremos um povo tanto mais livre quanto mais nós formos um texto vivo.

Pierre Levy

RESUMO

No Brasil, o consumo popular de equipamentos eletrônicos está em alta, sendo responsável pelo bom desempenho no setor. As razões são muitas para explicar esse fenômeno. A partir do estudo etnográfico em áreas periféricas de Porto Alegre/RS, procuramos acessar a lógica desses sujeitos em suas escolhas, motivações e sacrifícios para adquirir e manter *em casa* esse novo equipamento, que obviamente não se esgota na sua compra; é um processo *continuum*. Muitos são os desafios que surgem, principalmente para os adultos que não cresceram familiarizados com as chamadas TIC's. É preciso além de aprender a *mexer* no computador, ligar-se a uma rede de instituições, bens e redes sociais, que oferecem não apenas serviços, mas sociabilidades. Acreditamos que esse fenômeno forneça à Antropologia questões pertinentes e instigantes, como a maneira que esses usuários usam, interpretam e operam os *novos saberes* em suas práticas cotidianas. Constatamos a existência de uma dinâmica complexa, em que sujeitos recorrem a caminhos formais e informais, acionando táticas, redes e laços pessoais para o acesso ao mundo digital. A aquisição de um computador pode ser considerada uma estratégia para alcançar *status* distintos (e por que não cidadania?), construindo, assim, novos sujeitos e discursos dentro da sociedade de consumo.

Palavras-chave: Inclusão digital. Classes populares. Etnografia.

ABSTRACT

In Brazil, the popular consumption of electronic equipments is rising, and it's responsible for the good performance of this sector. The reasons to explain this phenomenon are many. From the ethnographic study of peripheral areas of Porto Alegre/RS, we try to access the logic of this subjects on their choices, motivations and sacrifices to purchase and maintain at home this new equipment, that obviously doesn't conclude on its acquisition; its a continuous process. There are many challenges that arise, especially to the adults that didn't grow up familiarized with the so called CITs (Communication and Information Technologies). It is necessary, besides learning how to use on the computer, to connect with a net of institutions, goods and social nets, that can offer anthropology some pertinent and riveting questions, like the way this users use, interpret and operate this new knowledge on their routine practices. We verified the existence of a complex dynamics, where the subjects appeal to informal and formal paths, putting in action tactics, nets and personal ties to the access of a digital world. The acquisition of a computer can be considered a strategy to reach distinctive status (and why not citizenship?), thus building new subjects and speeches inside the consumption society.

Keywords – Digital inclusion. Low class. Ethnography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: COMPUTADORES, PRÁTICAS E SABERES	16
1 O COMPUTADOR NOS TERRITÓRIOS DE CONVIVÊNCIA	46
1.1 OS TERRITÓRIOS DA CONVENIÊNCIA	47
1.1.1 Entrando no Morro	49
1.1.2 A Casa, O Pátio	51
1.2 O MUNDO DO TRABALHO	53
1.2.1 Matando um Leão por Dia para Melhorar de Vida	53
1.2.2 Aprendendo a Senha do Mundo Informatizado	56
1.2.3 O Maior Problema não é o Computador, mas as Pessoas	58
1.3 ARRANJOS E REARRANJOS: SOCIABILIDADES DINÂMICAS	60
1.3.1 A Avó: Apesar de não Usar o Computador, é uma Peça Fundamental	60
1.3.2 Mudanças de Casa: Rearranjos Domésticos e a Incorporação da Pesquisadora como mais um Elemento da Rede	62
1.3.3 Rearranjos no Trabalho: Enfrentando o Desemprego	64
1.4 QUANDO, AFINAL, O COMPUTADOR NÃO VALE A PENA	67
1.5 BÚZIOS, QUITUTES E CADEIA: O COMPUTADOR SE IMISCUI ATRAVÉS DOS SETORES INFORMAIS	68
1.5.1 Religião, Comércio, Amizade e... Internet	72
1.5.2 Vendo Almoço! R\$: 5,00 o telefone é: 3024... (é muito boa)	77
1.5.3 Comprei um Computador para Ter Informação sobre o Processo do Meu Filho Preso	79
1.6 NOTAS FINAIS: COMENDO O PÃO	82
2 TECNOLOGIAS DA PAIXÃO: DA REABILITAÇÃO À MÚSICA!	86
2.1 ENTRANDO NA REDE	88
2.1.1 Mateus: Desenhista e Grafiteiro	88

2.1.2 Internet de Pobre: Tem que Rezar Todo Dia para Ter Sinal Bom	92
2.2 PAULO	94
2.2.1 A Frustração de Saber sem Ter Acesso	94
2.2.2 A Reconstrução da Vida Via a (re)Inserção no Mundo Digital!	97
2.3 CLÓVIS	98
2.3.1 A Aproximação Via Google	98
2.3.2 Vim Evoluindo aos Poucos!	100
2.3.3 Clóvis se Transforma em DJ Saúva: a Paixão pela Música	101
2.3.4 Uma Tecnologia Moral, a Serviço da Comunidade	105
2.3.5 Produzindo Talentos Escondidos!	110
2.3.6 A Tensão entre a Solidariedade/Necessidade... Se Eu Pudesse, Eu Dava!	112
2.4 SEGURANÇA	115
2.4.1 É Melhor Dentro de Casa, Vendo TV ou no Computador	115
2.4.2 Arrumei Muitos e Muitos Computadores de Graça para “eles”!	118
2.5 SAINDO DA VILA	120
2.5.1 O Saber Informático não Abre Automaticamente as Portas	120
2.5.2 Outras Maneiras de Sair da Vila: <i>Respeito Através da Palavra é o Rap</i>	125
2.5.3 Existem Dois Lados, entre o Bem e o Mal. Decida de uma Vez, Qual é o Seu, Afinal?	129
2.6 NOTAS FINAIS: VESTINDO O REI	132
3 A COMPETÊNCIA TÉCNICA ENCARNADA NO EDUCADOR SOCIAL – PEÇA FUNDAMENTAL NA “INCLUSÃO DIGITAL”	135
3.1 A REPRESENTAÇÃO DE TONI NA VIDA COTIDIANA.....	136
3.1.1 O Personagem	138
3.1.2 A Importância da Família	139
3.1.3 A Competência que Compensa a Falta de Recursos	142
3.2 OS PRINCÍPIOS MORAIS DO EDUCADOR SOCIAL	144
3.2.1 A pedagogia do Amor: Educando Corações	144
3.2.2 Para Além das Práticas Religiosas... A Religião Social!	147
3.2.3 <i>Software Livre: Socialmente Justo: Economicamente Viável, Tecnologicamente Sustentável</i>	149

3.3 A ATUAÇÃO DO EDUCADOR SOCIAL TONI	151
3.3.1 Exemplo 1: Recuperando Sucata	152
3.3.2 Exemplo 2: Promovendo o Software Livre	154
3.3.3 Exemplo 3: Inverte-se a Lógica – Troca do Windows pelo Linux	155
3.4 CONEXÕES PARA CIMA: VIAGENS E NOVOS DESAFIOS	156
3.5 CONEXÕES PARA BAIXO: AJUDANDO OS MAIS CARENTES (ILHA DA PINTADA)	158
3.6 CONEXÕES DE SOLIDARIEDADE – O PRÓPRIO BAIRRO	161
3.6.1 Benfeitor da Comunidade: Entre a Cruz e as Antenas...	162
3.6.2 Quebrando o Galho dos Amigos	164
3.6.3 Ser Educador Social – uma Vocação Pessoal e uma Opção Política	166
3.7 DINHEIRO X DOAÇÃO	168
3.7.1 E, No entanto, Falta o Dinheiro (Kiara)	170
3.7.2 Outras Formas de Recompensa?	173
3.8 O PESSOAL LÁ DE CIMA PRECISA APRENDER A CAMINHAR SOZINHO	176
3.9 NOTAS FINAIS: DICAS, AFETOS E AJUDA VIA WEB!	177
4 NOVOS SABERES, VELHOS PODERES: GERAÇÃO, GÊNERO E PODER NAS DINÂMICAS FAMILIARES DO MORRO DA CRUZ	179
4.1 AS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO MORRO DA CRUZ: “VIVI SEM ENERGIA ELÉTRICA ATÉ OS 12 ANOS”	182
4.2 IVONETE: UMA LÍDER COMUNITÁRIA ANTENADA	186
4.2.1 Costurando Solidariedade?	190
4.3 PROJETO DASCruz: RENDA E CIDADANIA – PEDI PARA A MINHA GURIA ME AJUDAR...	193
4.4 COMPUTADOR, CADASTRO E CONTROLE	197
4.5 O COMPUTADOR NAS DINÂMICAS FAMILIARES	202
4.5.1 Ivonete em Casa: Conversando com o Dr. Google	202
4.5.2 Um Recurso de Poder Dentro da Família	206
4.5.3 Conflitos em Torno do Computador Compartilhado	207
4.5.4 Privacidade, Isolamento ou Sociabilidade Familiar?	211
4.6 NOTAS FINAIS: A COSTURA DA PRÁTICA INFORMACIONAL	214

5 EXCLUSÃO SOCIAL + INCLUSÃO DIGITAL = INCLUSÃO DESIGUAL?	216
5.1 EXCLUSÃO DIGITAL E POBREZA	218
5.2 MAPA DA “INCLUSÃO” OU DA “EXCLUSÃO” NO BRASIL?	220
5.3 AS POLÍTICAS PÚBLICAS VIVENCIADAS	223
5.3.1 O Programa “Um computador para todos”	223
5.3.2 A Opção pelo <i>Software</i> Livre	225
5.3.3 As Diferentes Leituras acerca da Pirataria Digital	228
5.3.4 Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) e o Voo da Galinha?	232
5.4 REDE SOCIOTÉCNICA DA DONA RUTH	235
5.4.1 Os Múltiplos Usos do Computador no Dia a Dia: <i>Olha, Uso do Meu Jeito!</i>	236
5.5 NOTAS FINAIS: A INTERNET NA MARRA!	242
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	244
REFERÊNCIAS	249

INTRODUÇÃO: COMPUTADORES, PRÁTICAS E SABERES

Computadores já foram considerados máquinas sofisticadas e dispendiosas, com uso limitado a complexas tarefas. Hoje em dia, o computador pessoal não somente faz parte da vida de grande parte da população como tem se inserido no cotidiano das pessoas pertencentes às classes populares que são, muitas vezes, vistas como desfavorecidas. O presente estudo tem como temática o uso do computador por famílias de grupos populares²³, bem como visa problematizar qual o impacto dessa tecnologia na vida dessas pessoas. Interessa-nos²⁴ pesquisar como esses usuários operam e interpretam os *novos saberes* associados ao computador em suas práticas cotidianas. A partir do estudo etnográfico em diferentes áreas periféricas da cidade de Porto Alegre/RS, em especial no Morro da Cruz, procuramos acessar a lógica desses sujeitos em suas escolhas, motivações, incentivos e sacrifícios para adquirir e manter esse novo bem de consumo.

A introdução de um computador *em casa* é um processo que não se esgota no ato da sua compra. Muitos são os desafios que surgem a partir da aquisição desse equipamento, principalmente para os adultos que não cresceram familiarizados com as chamadas TIC's (Tecnologias Informacionais Comunicacionais)²⁵. É preciso – além de aprender a *mexer* no computador – ligar-se a uma rede de instituições, bens e redes sociais, que oferecem não apenas serviços, mas sociabilidades.

Arguimos que, para compreendermos a perspectiva singular do uso da tecnologia informática a partir da etnografia em grupos populares, é preciso tomar as experiências dos sujeitos aqui representados. Nosso estudo

²³ Para introduzir o leitor ao nosso universo de pesquisa, poderíamos dizer que os sujeitos da

²⁴ Esta tese usa a primeira pessoa do plural, pois é fruto de análises e discussões com a minha orientadora, bem como resultado de várias contribuições advindas de leituras críticas de colegas, além de seminários e congressos em que temas e capítulos foram apresentados, debatidos e criticados. O tempo verbal no singular é usado quando me refiro especificamente ao trabalho de campo que, na maioria das vezes, realizei sozinha.

²⁵ De acordo com Barbosa (2005), as TIC's são o conjunto de tecnologias que permitem a aquisição, produção, armazenamento, processamento e transmissão de dados na forma de imagem, vídeo, texto ou áudio. Porém a tendência atual é a chamada convergência tecnológica, com a fusão da informática, da eletroeletrônica e da telecomunicação em um só campo. O exemplo emblemático desse fenômeno é a fusão entre computadores e celulares.

etnográfico aponta diversos usos e soluções inventivas às quais os sujeitos recorrem para introduzir novas tecnologias em suas práticas cotidianas. Não se trata aqui de inventariar todos os usos possíveis do computador por pessoas vivendo em bairros periféricos, mas reforçando o argumento: compreender o que e como alguns sujeitos experienciam o computador, apontando com isso importantes chaves que nos ajudam a compreender um processo muito mais complexo do que parece nos levantamentos oficiais.

Descrever e ordenar as heterogeneidades existentes nas práticas informacionais de sujeitos de grupos populares, no mundo do trabalho, das sociabilidades e da chamada cultura popular – interpretando o trânsito e as combinações existentes entre essas diferentes esferas citadas – resume a tarefa que assumimos para a produção da presente tese de doutorado que será apresentada a seguir.

MINHA TRAJETÓRIA... CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESCOLHA DO TEMA

Pesquisei o processo de informatização que ocorre no Morro da Cruz, (que será detalhado a seguir) desde julho de 2006, época em que iniciei o trabalho de campo para o mestrado. Em minha dissertação de mestrado (SCALCO, 2008), priorizei o projeto social denominado Trabalho Educativo, que objetiva oferecer, para jovens entre 14 a 18 anos de idade, os primeiros contatos formais com o computador e a internet. O curso, financiado pela Prefeitura Municipal do Estado, com duração de 1 ano e no turno inverso ao que esses alunos frequentam a escola, é oferecido pela instituição religiosa católica denominada Instituto Leonardo Murialdo, que se destaca por seu caráter filantrópico assistencial e por sua longa história com atuação no local há mais de 50 anos.

Nessa instituição, realizei 16 meses de trabalho em campo, acompanhando semanalmente as aulas, além de participar de muitas outras atividades complementares do curso, como: reunião de pais, passeios com os jovens, comemorações, encontros com outras entidades e formaturas.

Frequentei muito esse local desenvolvendo fortes vínculos e amizades. Assim, os anos de pesquisa, convívio, inserção, aceitação, relacionamentos e conhecimentos adquiridos estão sendo potencializados para o desenvolvimento da tese.

Quando iniciei a pesquisa, em 2006, praticamente nenhum aluno da instituição possuía um computador em casa (encontrei somente dois, dentro de um universo de cerca de 100 alunos). A maioria desses jovens acessava a internet pelo serviço pago das *lan houses*²⁶. A opção dos telecentros (espaços comunitários com acesso gratuito à internet) era menos utilizada pelos jovens, devido a uma série de restrições e limitações técnicas e/ou políticas, pois a maioria desses estabelecimentos não permite jogos eletrônicos e acesso a redes sociais.

No entanto, durante a pesquisa de campo que realizei para a presente tese, constatei que essa realidade mudou. Passados alguns anos, mais da metade dos jovens já possui computador em casa, o que inaugura uma nova opção de acesso para quem ainda não tem o equipamento e/ou a conexão em casa: a casa do vizinho. Ou seja, o prestígio do computador e de uma boa conexão pode ser comparado às primeiras televisões, que fizeram famosos os personagens denominados *televizinhos*²⁷. Uma informante moradora do Morro da Cruz referiu-se a esse fenômeno com ironia e humor sobre o comportamento do que denominou de: *vizinhos.com* – usam mil desculpas furadas para pedir acesso. “Estão sempre com um problemão urgente para resolver. Sempre dizem que não vão demorar. Pensam que a casa da gente é Telecentro”!

Acreditamos, portanto, que a inserção de uma nova ferramenta de comunicação e sociabilidade dentro das casas fornece à antropologia questões pertinentes e instigantes, por exemplo, a investigação das mudanças que ocorrem devido ao fato de ter um computador em casa. Os dados estatísticos

²⁶ LAN é um estabelecimento comercial onde as pessoas pagam para utilizar um computador. Nesse local, acessam a internet e/ou jogos em rede ou *online*. Para um aprofundamento desse tema, ver estudo sobre a sociabilidade juvenil em *lan house* (PEREIRA, 2007).

²⁷ Forma de socialização que ocorreu no passado, quando uma família que possuía televisão recebia os amigos e vizinhos, para juntos, assistirem à programação. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/2273/1772>. Acesso em: 20/06/2010.

sobre o setor mostram que o consumo popular de equipamentos eletrônicos está em alta, sendo apontado como responsável pelo bom desempenho do setor de informática,²⁸ com a venda de computadores ultrapassando a de televisores, e tornando o mercado brasileiro de equipamentos de informática o terceiro do mundo. As razões são muitas para explicar esse fenômeno, que será detalhado no capítulo 5, em que refletiremos sobre o consumo popular.

Esse *boom* de acesso ao computador foi o que me motivou a continuar estudando o mesmo tema do mestrado – a chegada dessa nova tecnologia nas casas dos grupos populares. Assim, nesse estudo, o foco são as práticas, lógicas e apropriações relacionadas ao computador pelos membros das famílias no seu dia a dia.

A CONTEXTUALIZAÇÃO DESSE DEBATE: REVOLUÇÃO DIGITAL?

Entre o ir e vir do diário de campo, as entrevistas e as análises dessas interações, apresentaremos a seguir alguns episódios que revelam muita criatividade e diversidade quando se trata do uso do computador. A ideia central é ampliar, através da etnografia, o discurso vigente sobre a importância e preponderância das questões da informática – ou mais especificamente as chamadas TICs – na vida cotidiana de famílias de grupos populares. Essas tecnologias são apresentadas pela literatura sociológica como a marca registrada da vida contemporânea, acarretando importantes alterações no âmbito da cultura moderna em quase todas as atividades, como lazer, consumo, comércio, socialização.

Vários são os teóricos que estudam o tema das transformações tecnológicas na modernidade: Wolton (2000), Bauman, (2001), Ortiz (1994), Castells (2005), Lévy (1999). Esses autores fazem uma leitura acerca da internet e de suas potencialidades como algo revolucionário, tanto por suas

²⁸ BRASIL ocupa a 3ª posição mundial em venda de computadores a terceira posição mundial de PCs, diz IDC. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/960487-brasil-ocupa-3-posicao-mundial-em-venda-de-computadores.shtml> Acesso em: 12/07/2012.

inovações quanto pelas implicações sociais e políticas. Também os historiadores Asa Briggs e Peter Burke (BURKE; BRIGGS, 2003), ao analisarem as mudanças ocorridas nos meios de comunicação nos últimos séculos, inclusive nomeiam esse processo de “revolução digital”. Este seria um dos fenômenos globais mais marcantes da atualidade e importante fonte de progresso material e de bem-estar²⁹.

É preciso ressaltar que a informática não se constitui uma disciplina científica, mas uma área temática, que envolve muitos saberes. Já alertamos que essas categorias como incluído/excluído digital não conseguem abarcar todo o fenômeno, e há diversos autores que questionam o alcance desses conceitos para explicar os diversos problemas sociais, políticos e sociais existentes (SINGER, 1998; SCHWARTZ, 2010; ZALUAR, 1997; MARTINS, 1997).

A chamada “exclusão digital”³⁰ é um discurso recorrente e na pauta de discussões dos governos dos mais diversos países, organismos internacionais (ONU, OMC, entre outros) e o terceiro setor, que fazem a leitura do acesso à internet como uma oportunidade essencial e prioritária para o desenvolvimento econômico seja de pessoas, países, comunidades ou regiões. Por todos os cantos do mundo, espalham-se programas e/ou projetos de “inclusão digital”, que procuram facilitar e capacitar (treinamento) o acesso à internet em comunidades carentes³¹. Nesse sentido, o Estado é um ator estratégico para o

²⁹ Não é por acaso que as empresas de tecnologia apresentam seus produtos através da metáfora da modernidade, comparando a habilidade de acessar o computador a um passaporte para o ingresso nessa era. Alguns *slogans* publicitários para exemplificar: Windows: a vida sem limites; Intel: o futuro já chegou, HP: aprenda, use e crie, IBM: soluções para o mundo pequeno, Magazineluiza.com: Vem ser feliz!

³⁰ Sob certos aspectos, pode-se argumentar que praticamente ninguém está totalmente fora de algum sistema informacional pois, para se viver em sociedade, conseguir documentos, participar de projetos sociais, acessar o celular, serviço hospitalar, entre outros, é necessário que os cidadãos interajam e aprendam a lidar com as TIC's. Porém esclarecemos que na nossa pesquisa estamos nos referindo à “exclusão digital”, como o não acesso e/ou o fato de não usar a internet.

³¹ Destacamos o novo modelo de Segurança Pública implantado recentemente em distintas favelas da cidade do Rio de Janeiro: as UPPs, (Unidades de Polícia Pacificadora), que são, conforme Cunha & Mello (2011), uma forma de ocupação por um determinado contingente policial com a finalidade de garantir a segurança local e, sobretudo, o combate a criminalidade e o tráfico de drogas nesses espaços. É interessante sublinhar que, em todas estas comunidades, a implantação da internet dá-se junto com a instalação das UPPs. Ou seja, a “inclusão digital” é vista como uma importante estratégia para aproximar a população da polícia. Disponível em:

<http://convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=23056&sid=14>

desenvolvimento da chamada infraestrutura informacional e da criação de políticas públicas, uma vez que, como os dados apontam, o mercado por si só não é capaz de incluir digitalmente a população.

A livre circulação da informação na internet não corresponde a sua apropriação ou uso igualitário da mesma. No mundo virtual, conforme as visões oficiais, o principal parâmetro resume-se na divisão entre os que têm a posse ou não do computador, ou mais recentemente entre os que acessam a internet ou não.

A ONU inclusive declarou o acesso à internet como um direito universal, por entender que o acesso à rede facilita outros direitos – econômicos, sociais, políticos e culturais –, tornando-se uma ferramenta essencial para o acesso à informação, a fim de promover a participação dos cidadãos na construção de sociedades democráticas, uma vez que viabiliza a mobilização da população para expressar-se e comunicar-se.

A seguir, um resumo dos princípios gerais do Relatório: Princípios Gerais da ONU sobre o direito à liberdade de opinião e expressão e à internet:

1. O direito à informação deve ser valorizado por ser ela um facilitador de outros direitos fundamentais, inclusive econômicos, sociais e culturais, bem como direitos civis e políticos.
2. O efeito revolucionário da internet é comparado a poucos mecanismos de desenvolvimento humano. Diferentemente dos outros meios de comunicação – como rádio, televisão, jornais e revistas –, a internet representa um salto significativo para a interatividade. Indivíduos deixam de ser receptores e passam a ser editores ativos de informação.
3. A internet tornou-se um dos principais meios pelos quais o indivíduo pode exercer as liberdades de opinião e expressão, garantidas pelo artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (o texto do dito artigo trata do direito de o cidadão poder procurar, receber e transmitir ideias de todos os tipos).
4. A plataforma da internet é valiosa em particular em países onde não há imprensa independente, nos quais indivíduos podem compartilhar

opiniões. É valiosa também porque os produtores de mídia tradicional podem usar a internet para expandir audiência a baixo custo. A internet permite a alguns povos um conhecimento antes inatingível

5. O potencial da internet está nas suas características únicas, como velocidade, alcance mundial e relativo anonimato. A rede possibilita divulgar informações em tempo real e mobilizar pessoas que criaram temor entre governos e poderosos.

6. O uso da internet deve seguir o que é previsto em lei, como a preservação da reputação de outros, a ordem e segurança pública e respeito à proteção da criança.

A chamada censura virtual – estratégia de alguns governos de desconectar uma pessoa da rede como punição – também passou a ser vista como uma violação aos direitos humanos. Desse modo, o acesso à internet tem tanto *status* como o direito à vida e o direito à liberdade. Essas importantes dimensões não serão abarcadas na nossa análise, que foca-se na problematização da ideia da popularização da internet como um instrumento gerador de maior igualdade e de ser um dispositivo na superação da pobreza, pois, apesar de a internet, em nível de discurso, ser declarada um direito universal, que aciona uma série de políticas, sugerimos que a real implementação desses direitos passa por outras instâncias, inclusive técnica e econômicas além da simples declaração de direitos.

Em termos analíticos, encaramos os discursos sobre inclusão/exclusão digital como parte de uma retórica de desenvolvimento que, na perspectiva de Gustavo Lins Ribeiro, seria uma “ideologia e utopia, que cimeta os diversos interessados, redes e instruções” (RIBEIRO, 2008, p. 117), ou seja, como um discurso “atravessado por categorias culturais e ocidentais vinculados à expansão econômica capitalista”. Para o autor, o campo do desenvolvimento é constituído por atores que representam vários segmentos, (...) “abarcando diferentes visões e posições políticas, variando do interesse em acumulação de poder econômico e político a ênfase em redistribuição e igualdade” (RIBEIRO, 2008, p. 111.).

Seguindo nessa linha, Zaluar aponta que, tornou-se “moeda corrente” falar no país de exclusão social para abordar uma série de temas e de problemas, uma vez que as classes sociais, “tal como foram reconhecidas e

analisadas nos séculos XIX e XX, não são mais as únicas divisões relevantes, segmentarizações múltiplas criaram outras exclusões e novos sujeitos de direitos nas lutas que seguiram” (ZALUAR, 1997, p. 4). Para a autora, o conceito guarda aproximações teóricas na América Latina a respeito do mercado informal e da marginalidade, vinculando o econômico ao social.

Já para Martins (1997), não é possível compreender a “exclusão”, seja ela econômica, social, digital e/ou política, sem nos remetermos ao entendimento da lógica capitalista, que se baseia na concentração de renda. Nesse sentido, o autor nos mostra na sua análise que a exclusão faz parte da lógica do capitalismo, pois na sociedade em que vivemos, essa é a regra estruturante: “é próprio dessa lógica de exclusão, a inclusão. A sociedade capitalista desenraiza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica” (MARTINS, 1997, p. 32). Continuando com o autor:

“(…) rigorosamente falando, não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes; existe o conflito pelo qual a vítima dos processos excludentes proclama seu inconformismo, seu mal estar, sua revolta, sua esperança, sua força reivindicativa e sua reivindicação corrosiva”. Esta população sobrando tem poucas chances de ser novamente incluída nos padrões atuais de desenvolvimento, ou seja, o período de passagem entre “exclusão” e “inclusão”, que deveria ser transitório, vem se transformando num modo de vida permanente e criando uma sociedade paralela que é incluída do ponto de vista econômico e excluída do ponto de vista social, moral e até político” (MARTINS, 1997, p. 233).

Essa lógica produz desigualdades estruturais que se repetem no mundo digital. Ao longo desta tese, estaremos implicitamente digladiando com a noção pautada em políticas públicas de “inclusão digital”. É preciso, no entanto, esclarecer que a maneira como as pessoas incorporam e relacionam-se com o computador depende de muitos fatores, que extrapolam o critério puramente econômico e revelam os contrastes e contradições existentes na vida contemporânea. Desse modo, nos afastamos da abordagem totalizadora e de qualquer análise que se propõe como única, sintética e compreensível. Antes destacaremos a realidade plural e multifacetada encontrada na nossa pesquisa, na qual, destacamos os diferentes usos e práticas do computador e da internet por membros de famílias das classes populares.

LUNETA X LUPA: A CRIATIVIDADE DAS PRÁTICAS

Logo no início do doutorado, dediquei-me ao estudo das políticas públicas relacionadas à “inclusão digital”³² – mais especificamente aos diferentes programas governamentais que procuram estimular e difundir o uso do computador –, destacando o Programa “Um Computador para Todos”. Esse programa impactou o mercado por questões polêmicas, como a obrigatoriedade do uso de *softwares livres* nos computadores vendidos com isenção fiscal.

Foram muitos os caminhos teóricos macrossociológicos que persegui para entender e situar a problemática da ampliação do círculo de usuários de computador no Brasil e no mundo. Essa etapa foi válida para construir um panorama conciso sobre essas novas tecnologias, e que corroboraram no fazer etnográfico, pois já consigo conversar e entender com alguma propriedade as especificidades e os problemas técnicos que meus informantes narram em suas aventuras em busca de acesso ao computador e/ou de se manter conectados.

Nesse sentido, a etnografia ajudou a desmistificar o chamado “incluído digital”, almejado pelas políticas públicas, enquanto categoria homogênea. Os dados empíricos amplificaram a visão uniforme, linear e recorrente do binômio: incluído/excluído digital, cujo principal parâmetro resume-se na divisão entre os que têm a posse ou não do computador, ou mais recentemente entre os que acessam a internet ou não. Esses dados – importantes para os estudos estatísticos – simplificam a complexidade do processo de inclusão digital e mostram-se insuficientes para o entendimento da dinâmica social envolvida na questão, pois outros pontos preponderantes estão em jogo além da máquina, o

³² No capítulo 5, iremos problematizar o termo “inclusão digital”, e as categorias analíticas inclusão/ exclusão digital – que quando usadas para os chamados grupos populares - precisam ser utilizadas com cuidado devido ao grande risco de reduzir a análise antropológica somente aos seus impactos da sociedade dominante, negando com isso qualquer positividade no modo de vida da população economicamente inferior (FONSECA, 2006).

número de usuários que aquele computador atende, a qualidade do acesso (baixa ou alta velocidade), bem como o tempo efetivamente disponível.

A visão macro e os dados estatísticos são importantes, porém é a especificidade, o cotidiano, os modos de vida que interessam em nosso trabalho. Nesse sentido, recorro a Geertz (1989) sobre a relevância do pequeno para alcançar os grandes conceitos. O seu método para a realização de uma análise interpretativa é o que cunhou como “descrição densa”. Esta, entre outras características, deve ser microscópica, possibilitando a percepção de particularidades, de miudezas e de detalhes (GEERTZ, 1989). Elaborando mais a questão, o autor escreveu:

O que é importante nos achados do antropólogo é a sua especificidade complexa, sua circunstancialidade. É justamente com essa espécie de material produzido por um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (embora não exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado em contextos confinados, que os megaconceitos com os quais se aflige a ciência social contemporânea – legitimamente, modernização, integração, conflito, carisma, estrutura,... significado - podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente *sobre* eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente *com* eles (GEERTZ, 1989, p. 16-17).

Metaforicamente posso dizer que existem dois momentos distintos na pesquisa. Primeiramente a realidade vista por uma luneta (instrumento com lente de aumento para ver à distância)³³ – e posteriormente a realidade vista por um lupa (instrumento para a observação de detalhes pequenos), que, apesar de ter um alcance bem menor, possui uma lente bem mais nítida, proporcionando uma visão mais aprofundada e próxima da vida dos nossos interlocutores, tornando claros as motivações e os desejos.

As constatações precedentes nos remetem à importância da observação das práticas das pessoas diante de forças supostamente hegemônicas. Há um importante *corpus* de trabalhos teóricos desenvolvidos sobre esse tema, que pretendemos aprofundar ao longo da tese.

³³ Metáfora utilizada por Pablo Seman (2000) em sua tese. O autor faz uso desse instrumento para *enxergar* os muitos caminhos existentes no sentido religioso das classes populares em um bairro periférico de Buenos Aires.

Destacamos aqui o trabalho de Michel De Certeau (2008) sobre a “ciência prática do singular”. Nosso trabalho recupera essa perspectiva, pois foca-se nas astúcias sutis, táticas e resistências existentes na sociedade de consumo, ajudando a situar essas novas soluções e saberes que – como iremos apresentar –, nossos informantes desenvolvem criativamente para acessarem o mundo digital, abrindo com isso “um espaço próprio numa ordem imposta” (...)

(...): a prática cotidiana é relativa às relações de força que estruturam o campo social e o campo do saber. Apropriar-se das informações, colocá-las em série, montá-las de acordo com o gosto de cada um é apoderar-se de um saber e com isso mudar de direção a força de imposição do totalmente organizado (DE CERTEAU, 2008, p. 341).

Essas práticas também podem ser lidas a partir do aporte teórico da teoria da prática que possui como ponto de partida a relação entre estrutura e agência; a primeira servindo como uma espécie de condicionamento para explicar as ações dos sujeitos (mas sem determiná-las), e a segunda – *agency* – trazendo a capacidade de transformar as condições estruturais dadas (ORTNER, 2006).

Agency não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos) (ORTNER, 2007, s/p).

Essa capacidade de transformação nos interessa particularmente, e desse modo, vamos explorar o entendimento de *agency* de Ortner, que se situa dentro da questão do poder, da dominação e da resistência. Para a autora, o uso mais comum do termo *agency* é o que remete às formas de poder que todos nós possuímos e a capacidade de agir e de influenciar pessoas e acontecimentos. Um detalhe importante ressaltado é que *agency* existe tanto nas ações de dominação quanto nas de resistência. Indo mais a fundo, o termo engloba dois significados: um tem a ver com o conceito de intencionalidade, definido como “todas as maneiras como a ação aponta, cognitiva e emocionalmente, para algum propósito”; e outro significado relaciona-se com conceito de poder, com o fato dos sujeitos agirem “no contexto de relações de desigualdade, de assimetria e de forças sociais. (...) Mas, na realidade *agency*

nunca é meramente um ou outro (ORTNER, 2006, p. 58). Como bem lembra a autora, os

“indivíduos/pessoas/sujeitos sempre estão inseridos em teias de relações, de afeto ou de solidariedade, de poder ou de rivalidade, (...) e só podem atuar dentro de muitas teias de relações que compõem seus mundos sociais” (ORTNER, 2006, p. 74).

CAMINHOS TEÓRICOS PERCORRIDOS

A presente tese tem a pretensão de contribuir com dados etnográficos para uma série de áreas temáticas: tecnologias de informação, comunicação, consumo, cultura e/ou cibercultura³⁴ – cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais (LEMOS, 2003).

Abro um parêntese para sublinhar o fato da existência de uma grande produção acadêmica sobre o tema (Internet e todo imaginário que a circunda, modernidade, globalização, sociabilidade, virtualidade, etc.), nas mais diferentes disciplinas como na economia, na comunicação, na informática, etc. Especificamente sobre a produção nas ciências sociais. Já em 1998, Octávio Ianni apontou que são incontáveis os estudos sobre o tema, e que há uma verdadeira “biblioteca de Babel”, tratando de “entender o presente, repensar o passado e imaginar o futuro”. (IANNI, 1998, s/p) Assim, observa-se que há diversas maneiras de discutir a internet.

A seguir resumo os principais estudos que nos auxiliaram na construção do campo teórico em que esta tese insere-se, lembrando que, para dar conta dos nossos objetivos, dialogamos também com temas clássicos da antropologia como classe popular, pobreza, economia informal, consumo e políticas públicas.

³⁴ Para o pensador francês Pierre Levy, cibercultura (título de um dos seus principais livros) é um novo espaço de comunicação, de sociabilidade e de inclusão, uma espécie de ambiente aberto pela interconexão mundial de computadores. Seria um novo universo onde as pessoas estariam participando de uma nova forma de comunicação, através das tecnologias digitais. O autor ressalta que a internet é o maior meio da cibercultura, mas ela também está presente nos celulares, TVs, e em outros equipamentos devido à convergência tecnológica.

Início com a contribuição do sociólogo, doutor em ciência política e ativista do Movimento *Software Livre*, Prof. Dr. Sergio Amadeu, autor de diversas publicações e um dos coordenadores do GT da Anpocs: Ciberpolítica, ciberativismo e cibercultura, do qual participei em 2011 e de onde obtivemos importantes interlocuções, contribuições e críticas. Os trabalhos apresentados no grupo investigam os impactos das novas tecnologias de informação e comunicação sobre várias dimensões das sociedades contemporâneas, dentro das especificidades metodológicas e teóricas de cada disciplina (no caso sociologia e ciência política), mas com foco em três campos de investigação: (1) "ciberpolítica" e os impactos das novas tecnologias sobre os sistemas políticos, englobando o comportamento dos atores sociais no processo decisório tradicional (eleição), bem como nos novos espaços de deliberação e participação advindos dessas novas tecnologias na esfera pública; (2) "ciberativismo", o emprego das novas tecnologias de comunicação para promover novas modalidades de ação coletiva e ampliação da cidadania; (3) "cibercultura", ou seja, emergência de novas formas de identidades coletivas e processos de criação.

Conforme já foi dito, o estudo da internet e de sua apropriação na sociedade é interdisciplinar e, como são nebulosas as fronteiras (se é que elas existem), entre os diferentes *saberes* que tentam dar conta desse fenômeno, há uma grande *comunicação, trânsito e apropriações teóricas* entre essas diversas disciplinas, destacando a sociologia, filosofia, política, economia e a comunicação.

Ponho em relevo aqui a contribuição teórica do pesquisador francês Dominique Wolton, especialista em comunicação, para a análise da nossa etnografia, pois esse autor, que há mais de 30 anos estuda o estatuto da comunicação nas sociedades ocidentais, prioriza o valor social das novas tecnologias da comunicação, tornando-se uma voz dissonante no discurso já referido das grandes transformações advindas da técnica. Nas suas palavras:

Atualmente, um número surpreendente de autores considera, por exemplo, a Internet uma verdadeira revolução que fará surgir uma "nova sociedade", simplesmente porque supõe que a tecnologia vai *mudar diretamente* a sociedade e os indivíduos. Eles estão alinhados, na realidade, com a tese do determinismo tecnológico segundo a qual uma revolução nas técnicas provocaria uma revolução na estrutura

global das sociedades. Passa-se assim de uma concepção materialista da comunicação a uma verdadeira ideologia – a ideologia tecnológica – da comunicação (WOLTON, 2012, p. 15).

O autor procura explicar que o essencial, em um sistema de comunicação, não é a tecnologia, e sim as características culturais e sociais da comunicação.

Outro ponto de intersecção na nossa etnografia e com a teoria da comunicação são os estudos que dão voz ao chamado “receptor”, que priorizam a apropriação que os sujeitos fazem com a informação e as suas ressignificações, a partir da realidade cotidiana desses espectadores. Um exemplo próximo do nosso campo são, por exemplo, os estudos qualitativos sobre a televisão. Em vez de priorizar o conteúdo (muitas vezes visto como hegemônico), essas pesquisas também nos mostram que o conteúdo não é recebido de modo passivo e único. Conforme apontou Jacks (1998), sobre esses estudos de recepção não há controle total sobre a população. E adiantando os resultados da presente tese, concordamos com as premissas da diversidade e da *agency* desses sujeitos.

Nesse sentido, uma fonte particularmente inspiradora foi a pesquisa de Abu-Lughod (2006), que abordou etnograficamente o impacto da televisão e os seus efeitos nas práticas culturais e sociais de um pequeno vilarejo no Egito. No seu artigo, demonstrou como as mensagens vinculadas pela televisão são transformadas pelo modo como as pessoas vivenciam as suas experiências televisivas e também pela realidade cotidiana. Ainda, examinou as reações dos espectadores ante a televisão e rejeitou a premissa da linearidade na recepção dos conteúdos e identificou variações na chamada recepção. Ou seja, os públicos interpretam o conteúdo da televisão de uma maneira distinta dos objetivos dos criadores dos programas. E o caminho é a etnografia para conseguir acessar essas distintas lógicas.

O consumo é outra temática central no entendimento dos grupos populares brasileiros na contemporaneidade, visto que se trata de uma ação que possibilita compreender a forma como os indivíduos se constroem na sociedade local e global. E essa centralidade que o ato de consumir possui, obviamente também ocorre com os grupos populares, como atestam, por exemplo, as pesquisas de Barros e Rocha (2007). O tema ganhou grande

visibilidade social e pode ser considerado um verdadeiro fenômeno nacional. Para as classes populares, o direito a ter acesso a bens como educação, saúde, habitação confunde-se semanticamente com consumo (compra de uma mercadoria). Portanto no país:

há uma tendência de a população valorizar os bens disponíveis e desejar ter acesso a eles. Se nesses países a cidadania é sempre problemática, consumir é visto como uma forma de pertencer e de ser. Consumo, logo existo (OLIVEN, 2006, p. 8).

E esse consumo popular está ocorrendo, em grande parte, por meio da criação de produtos e serviços financeiros dirigidos especificamente para a esse segmento social (contas bancárias, cartões de crédito populares, crédito consignado, linhas de crédito e de renda vinculadas a programas sociais, programas de microcrédito para o financiamento de atividades de geração de renda, projetos de implementação moedas de circulação local, etc.). Assim, destaco aqui a contribuição do GEEQ – Grupo de Estudos de Empresas e Organizações, coordenado pela Prof. Dra. Lucia Muller – da qual faço parte, para a feitura da tese, que forneceu recursos teóricos, metodológicos e críticas relevantes para a compreensão da questão do consumo popular e a dimensão simbólica dos processo da inclusão financeira e a oferta de créditos a grupos populares.

Continuando com as contribuições teóricas para o entendimento da produção, circulação e consumo de *hardwares* e dos diferentes tipos de *softwares*, destaco especificamente a produção acadêmica de Pinheiro Machado (2009) que reflete questões polêmicas como: economia informal e as oscilações existentes entre os *status* de legalidade/ilegalidade, formalidade/informalidade, presentes em várias esferas da sociedade brasileira – mas constitutivos, como iremos ver ao longo da tese, do mundo da informática.

Adentrando nessa discussão, veremos que o acesso ao computador e à internet são ações regulamentadas por leis nacionais e internacionais, que interagem na chamada “esfera local”. Portanto nossa pesquisa beneficiou-se das discussões, sistematizações e produções teóricas que o grupo de pesquisa, coordenado pela Pra. Dr. Ondina Fachel, produziu sobre os novos

regimes jurídico-globais (propriedade intelectual), destacando o campo da discussão do *software* livre e do código aberto e o problema da relação entre as leis de direito autoral e a chamada pirataria digital³⁵. Tal temática – que tem como pano de fundo a questão da gestão do conhecimento enquanto valor fundamental da chamada Sociedade da Informação – inclui novos embates, clivagens e introduz novas disputas políticas, por exemplo a polêmica disputa entre as lógicas do Movimento do *Software* Livre e sua comunidade e a lógica do mercado e os *Softwares* proprietários, que foram problematizadas na pesquisa de Murillo (2009), que estudou especificamente a comunidade brasileira de *Software* Livre.

Das pesquisas produzidas pelo PPGA (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), destaco ainda a tese de Dornelles (2008): *A vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade*, que representa um esforço teórico em conceituar a virtualidade no ciberespaço, em três instâncias empíricas distintas: em praticantes de jogos virtuais em uma *Lan House*, no *site* de relacionamento Orkut e o espaço virtual 3D, disponibilizado pelo *software* *Second Life*. Para o autor, o principal efeito da relação estreita entre realidade e virtualidade é a construção de dependências entre essas duas dimensões com as quais os indivíduos precisam conviver, pois o sujeito contemporâneo é o somatório de ações *online* e *offline*. Nessa perspectiva, “inúmeros paradigmas que existiam até então foram quebrados com o advento da comunicação planetária em rede” (DORNELLES, 2008, p. 11).

Ao longo da tese, tensionamos e questionamos essas “transformações jamais imaginadas pelos cidadãos comuns.” (DORNELLES, 2008, p. 11) e nos aproximamos de uma antropologia que prioriza a necessidade de uma abordagem contextualizada para o estudo das interações virtuais, que só adquirem significado se analisados no seu próprio registro. Desse modo, vale o alerta de Rifiotis (2008), para não concebemos o ciberespaço como um “‘mundo paralelo’, permeado por realizações ‘não reais’, mas como mais uma

³⁵ O grupo publicou um livro com reflexões sobre Propriedade Intelectual, do qual participei através de um artigo sobre o tema do consumo popular de pirataria digital no comércio informal de Porto Alegre. Ver Scalco (2010).

dimensão das práticas e experiências cotidianas que compõe a cena social contemporânea” (RIFIOTIS, 2008, s/p).

Esse pesquisador faz parte de um grupo de pesquisa denominado GrupCiber³⁶, que centram suas pesquisas em torno da abordagem etnográfica através da qual dialogam com os discursos e práticas sociais do ciberespaço, suas novas formas de sociabilidade e interações, colocando em primeiro plano a dimensão vivencial das experiências sociais analisadas. Esses estudos têm contribuído para a consolidação de um campo para o estudo e a compreensão da produtividade social *no* e *do* ciberespaço (RIFIOTIS, 2008, s/p).

Nessa perspectiva, realçamos a importante contribuição da abordagem teórico-metodológica do antropólogo Daniel Miller, que juntamente com Don Slater (2005), realizou uma etnografia na República de Trinidad e Tobago, país situado na América Central, sobre as relações vividas em diferentes cibercafés. Os autores questionaram a distinção – comum em pesquisas sobre internet, entre o real e o virtual, argumentando que existe uma integração complexa entre o *on* e *offline*, criando diferentes laços e tipos de pertencimentos dependendo do contexto, o que só é possível a partir de um estudo etnográfico. E isso significa uma importante dica: devemos estudar a apropriação social que a tecnologia produz localmente, percebendo as diferentes formas culturais possíveis de serem desenvolvidas a partir dessa apropriação tecnológica.

Já outros especialistas apontam para a tendência de a internet transformar-se em um novo serviço essencial; o antropólogo Hermano Vianna (2007), compara a Internet com a caneta Bic (no sentido de ser uma ferramenta básica para se fazer qualquer coisa), enquanto Barbosa (2005) argumenta que a internet fará parte da vida das pessoas, e logo passará a ser tratada como “qualquer facilidade do lar, como o gás de cozinha, a água das torneiras ou a energia elétrica” (BARBOSA, 2007, p. 25).

³⁶ Grupo do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que desde 1996 articula-se para consolidar a *Antropologia do Ciberespaço* como uma frente de pesquisa das diferentes modalidades e apropriações da comunicação mediada por computador.

Por fim, sabemos que existem importantes trabalhos antropológicos e pesquisas de outras áreas que estudam a chamada “inclusão digital”, entre os membros das classes populares, em diferentes centros públicos como *lan houses*, cibercafés, telecentros, ONG’s, escolas, etc. (SORJ; GUEDES, 2005; BARROS, 2008; RIFIOTIS, 2008; PEREIRA, 2007; DORNELLES, 2008; SILVEIRA, 2001; POCHMANN, 2004).

As dinâmicas sociais que se estabelecem nesses lugares públicos distinguem-se, porém, da nossa pesquisa, que tem como foco as casas³⁷ dos sujeitos, inaugurando um novo tipo de relação entre o usuário e a máquina e proporcionando contato e interação bem distinta quando o usuário está acessando um computador que não é o seu. Conforme Bott (1976), existem poucos estudos sobre a maneira como as famílias interagem com pessoas e instituições dentro das suas casas. Segundo a autora, todos nós somos informados sobre a estrutura familiar partindo da nossa própria experiência, da família que pertencemos, no entanto, é difícil estender esse conhecimento de ordem pessoal para outras famílias, assim como penetrar na intimidade e/ou absorver a atmosfera e a linguagem não verbalizada singular de cada família. Nesse sentido, parece que as exortação de Elizabeth Bott (1976), feita a partir de suas pesquisas na Inglaterra, quase meio século atrás, continuam pertinentes para o estudo dos TIC’s.

QUESTÕES ÉTICAS

Muitas são as questões éticas envolvidas quando se pesquisam os usos e as práticas relacionadas ao computador. É preciso ir até a casa das pessoas, muitas vezes entrar nos seus quartos, sentar com os usuários, vê-los operar os

³⁷ Adiantando dados etnográficos, um jovem informante contou que só realmente aprendeu a mexer no computador quando ganhou o seu equipamento e que pode, portanto, *fuçar*. Essa maneira simples de definir esse tipo de aprendizado – que passa longe da visão tradicional do ensino –, a informática, é apreendida na experiência cotidiana, nas diferentes tentativas e erros. E toda essa intimidade com a tecnologia, só é possível porque se tem em casa uma máquina pra *fuçar*, para manipular.

equipamentos, olhar os *sites* visitados, os *chat's* ou *blogs* de discussão, as redes sociais a que pertencem, saber como se comunicam com os amigos. Enfim, ouvi-los relatar as suas alegrias e conquistas, bem como suas privações, problemas e as soluções criativas encontradas para acessar o computador. E todos esses dados servem para que e para quem? Toda essa descrição minuciosa – levantada a partir do método etnográfico – precisa ser enquadrada em análises teóricas que não se baseiem só em questões econômicas, para não apresentarmos os dados sob uma perspectiva reducionista, que só venha reforçar os preconceitos em relação às classes populares.

Dito de outro modo, ao relatarmos como ocorre o acesso à internet pelas famílias de classe popular (os contextos, as inúmeras dificuldades materiais vividas, bem como o descaso do poder público em relação aos problemas existentes na infraestrutura informacional dessas comunidade), temos um duplo desafio; por um lado, não é nosso objetivo reforçar estereótipos do senso comum, que apenas concebam os membros das classes populares sob a ótica da falta, da carência, vítimas da miséria e sujeitos passivos, desprovidos de agência. Por outro lado, ao descrever as muitas soluções criativas que esses sujeitos conseguem desenvolver cotidianamente, corre-se o risco de personalizar o processo de “inclusão digital” e assim reforçar análises superficiais que admitem que a questão informacional reduz-se a uma questão de esforço e inteligência desses sujeitos. Esse pensamento pode ser ilustrado através do ditado popular: *quem quer consegue!* Minimizando, assim, as barreiras existentes. Fonseca (2007), ao esboçar um modelo analítico para combater as perspectivas reducionistas em relação às famílias de classe popular, já apontava para essa armadilha, como se “os pobres” não tivessem cultura e sim apenas estratégia de sobrevivência.

De fato, é preciso conviver com uma constante tensão no campo, uma vez que mesmo depois de as pessoas darem seu consentimento e aceitar a inserção da pesquisadora na rotina familiar, os problemas não desaparecem, pois lidamos com pessoas reais, em suas interações, acompanhando o seu dia a dia. Assim, o limite do que se pode fazer ou não, perguntar e conviver são contextuais e resultados de negociações. Existe uma vasta discussão teórica acerca dos limites éticos do ofício do antropólogo/etnógrafo, que por meio de

diferentes estratégias e consentimentos, passa a conviver e a estudar a realidade, a intimidade e os problemas vividos por esses sujeitos. A antropóloga Alba Zaluar, em seu trabalho sobre favelas cariocas, aponta inúmeros “pontos cegos” nas pesquisas participantes realizadas com grupos populares, e alerta para a necessidade de reflexão crítica sobre o papel do pesquisador – ética e metodologicamente. Nas suas palavras:

(...) qual o seu impacto e a sua aceitação enquanto membro de uma classe social superior, uma raça identificada com o dominador, com uma linguagem, hábitos, vestimenta, gestos e gostos eruditos num grupo de subalternos, dominados ou carentes? Sua função de coordenador, sua competência em falar bem, seu capital social (a rede de relações ou contatos com políticos, partidos e, não menos importante, agências de financiamento de pesquisas desconhecidas pelos agentes do grupo pesquisado) não reporiam a distinção negada ou tida como resolvida pelo objetivo político comum? (...). (ZALUAR, 1986, p. 113).

Uma visão diversa é a do antropólogo americano Mintz (1984), que realizou pesquisa etnográfica em Porto Rico. Teorizando sobre o ofício do antropólogo e seus informantes, aponta que essa é uma relação marcada pela reciprocidade assimétrica, “que nunca assegura a verdade, mas também não significa que apenas mentiras são trocadas” (MINTZ, 1984, p. 34). Ele escreveu um livro com a história de vida de seu informante-chave, do qual ficou muito amigo e próximo. Recebeu críticas pela imparcialidade desse envolvimento, o que impossibilitaria a construção de uma história de vida convincente. Mintz escreveu então o artigo: *Encontrando Taso, me descobrindo*, onde ele confirma sua amizade e opostamente ao argumento dos seus críticos vai (re) afirmar que foi justamente pela intensa amizade, intimidade e confiança existente na relação dos dois é que a entrevista foi tão densa e tão reveladora.

No caso da presente pesquisa, estamos mais próximos da visão de Mintz (1984), uma vez que a nossa experiência etnográfica foi adensada pela amizade e o maior convívio que essa aproximação nos propiciou. Fui convidada a fazer parte da vida social dessas famílias, participando de diversos encontros como: festas de aniversários, festas juninas, casamentos, churrascos, batizados e também partilhei de momentos ruins, como situação

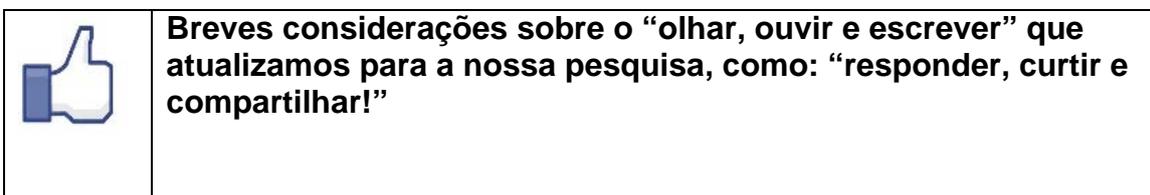
de doenças e enterros. Reforçando esse argumento, a seguir narro um episódio particular por achar pertinente para o entendimento da etnografia.

Durante a pesquisa, adoeci e decidi, em um primeiro momento, não publicizar esse acontecimento. Porém, logo alguns informantes descobriram, e esse fato foi desencadeador de muitas ações e cuidados por parte deles. Foram inúmeras as novenas realizadas pela minha saúde, bem como diversos presentes recebidos, como chás, ervas e amuletos para ajudarem no combate à doença. Também fui operada pelo astral bem como em um centro de umbanda, além de bênçãos, axés e diversas proteções espirituais para o meu fortalecimento e cura. Todas essas manifestações de carinho e apreço serviram para reforçar os vínculos, mostrando uma reconfiguração da assimetria e da “distância”, existente entre pesquisador e pesquisado de outra classe social, mencionada pela Zaluar (1997) .

Voltando para a questão metodológica, Guber (2011), que define a etnografia como a tentativa de entendimento de como vivem, pensam e sentem os sujeitos pesquisados, pergunta: qual é o segredo de uma boa etnografia? Para a autora, é preciso conseguir o “delicado equilíbrio entre a observação e a participação” (GUBER, 2011, p. 16). Com essa “dica”, discutiremos a seguir a questão da interação entre pesquisador/pesquisado *online*, ou seja, a comunicação mediada pelo computador. Não entraremos no cerne da polêmica, que versa sobre a pertinência ou não da realização desse tipo de etnografia, que alguns já chamam de *netetnografia* ou de etnografia virtual³⁸. Mas esclarecendo, no nosso caso, o *online* e o *offline* complementam-se e interagimos com os nossos informantes principalmente pelo modo tradicional da interação face a face, ouvindo suas narrativas, interagindo, conversando e convivendo, e em algumas ocasiões, conforme a etnografia irá apontar, também via computador. Esse fato inaugura novas configurações e tensões

³⁸ Sobre essa questão, Murillo (2007), em seu artigo sobre a virtualidade, aponta que na antropologia, “novos objetos estão sendo construídos e a expressão etnografia virtual passa a ser utilizada para designar o trabalho de descrição de realidades sociais virtualizadas ou de formas de incorporação da Internet à cultura material de diferentes coletivos. Enquanto meio fundamental da sociedade da informação, a Internet abre espaço para a emergência de novas formas de sociabilidade (em rede) e para a inscrição de (novas) relações de poder e desigualdade. Em termos de discurso, ela representa um novo suporte para a circulação da linguagem, permitindo uma investigação das fronteiras moventes entre virtual e o político, seus níveis de entrelaçamento e suas relações de determinação entre universos logicamente e não logicamente estabilizados”(MURILLO, 2007, s/p).

metodológicas para a relação entre o pesquisador e o pesquisado que iremos detalhar a seguir:



Os meus informantes, que no início da pesquisa conversavam comigo pelo *Googletalk*, MSN e Orkut, migraram maciçamente, ao longo da etnografia para uma nova plataforma: o *Facebook*. Inclusive esse fenômeno (a preferência dos usuários pela nova rede social *Facebook*) está sendo denominado de Orkutização³⁹ – novo termo utilizado pelo marketing e pela mídia, para referir-se a algo que esteja tornando-se popular. Ou seja, esse novo termo refere-se ao fenômeno que ocorreu com o Orkut: popularizou-se e com isso perdeu o *status* de moderno e/ou exclusivo, uma vez que todas as classes apropriaram-se dessa ferramenta. Ou seja, *virou sinônimo de pobre!*⁴⁰.

De fato, o *Facebook*⁴¹ está cada dia mais popular, e se por um lado é muito prático ter os nossos pesquisados *online*, para conversarmos, marcarmos encontros e mesmo esclarecer questões pertinentes ao campo, saber de suas preferências musicais, ver suas fotos postadas, etc., por outro, os nossos informantes também realizam o mesmo processo. Passaram a ter acesso às mesmas ferramentas e assim podem tranquilamente saciar a clássica curiosidade: *quem é a pesquisadora que vem aqui toda a hora bisbilhotar a minha vida?* Ou seja, inverteu-se a lógica do processo, e o nosso

³⁹ Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/alexandre-matias/2012/04/08/a-%E2%80%98orkutizacao%E2%80%99-do-instagram-e-a-natureza-gregaria-da-internet/> Acesso em: 23/07/2012.

⁴⁰ Não cabe agora refletir sobre a reprodução no mundo virtual das desigualdades de classe existentes, nem da violência simbólica presente nesses discursos, normalmente de jovens de classe média e alta que se mostram contrários à interação e à “inclusão” social que as redes sociais potencialmente proporcionam, revelando que as desigualdades de classe existentes terminam sendo reproduzidas no mundo virtual. Maiores detalhes sobre essa discussão e sobre a sociabilidade virtual dos jovens das classes populares, ver Scalco (2009).

⁴¹ Reportagem: O Brasil passa a Índia e é o segundo país com mais usuários no Facebook. Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,OI5751096-EI12884,00-Brasil+passa+India+e+e+pais+com+mais+usuarios+no+Facebook.html> Acesso: em 23/07/2012.

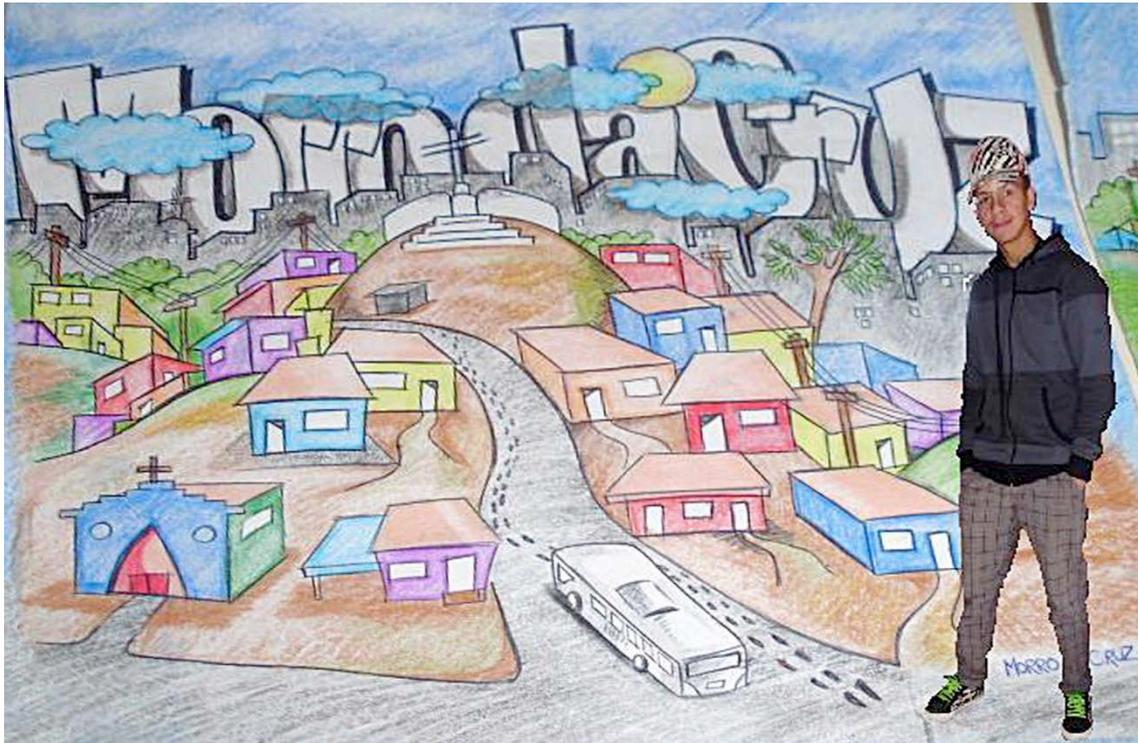
pesquisado passou a ser pesquisador, pois agora todos têm à sua disposição a internet, as ferramentas de busca e/ou as redes sociais. Eles nos “investigam” e, com um simples clique no computador, também passam a ter acesso a nossa vida pessoal e privada, ao nosso passado, a fotos, viagens realizadas, textos e artigos.

Portanto, a relação entre pesquisador-pesquisado, especialmente nas etnografias com grupos populares, fica mais simétrica e inaugura novas questões éticas e tensões. Vejamos o exemplo das novas regras de etiqueta e de sociabilidade.

Agora preciso sempre atualizar-me e interagir com os eventos postados pelos meus “amigo-informantes”. A essas novas atividades (curtir, comentar e compartilhar), inspirando-me na contribuição de Cardoso de Oliveira (1996), que no seu clássico texto apontou essas 3 faculdades como fundamentais para o ofício da antropologia, acrescento que no meu campo essas novas dinâmicas sociais são agora atividades importantes para a construção do diálogo no espaço virtual.

ENTRE O IR E O VIR... OS SUJEITOS PESQUISADOS!

No próximo capítulo, detalharemos melhor o território onde realizamos a pesquisa, mas a título de contextualização, a seguir traremos algumas informações gerais sobre o local. Iniciamos apresentando um criativo desenho feito pelo jovem Mateus (entrevistado que será apresentado no capítulo 2), contendo elementos que singularizam o local, como a influência religiosa, o peso simbólico do nome – Morro da Cruz –, a extensão do bairro, a importância do ônibus, entre outros.



O Morro da Cruz⁴², que tem esse nome devido a uma cruz existente no alto do morro, situa-se na Zona Leste da cidade de Porto Alegre, em uma extensa área que engloba diferentes bairros. São cerca de 30 mil habitantes⁴³ com uma configuração bem heterogênea em termo socioeconômico. Um exemplo é a diversidade das moradias; casas consideradas “*de gente rica*” (localizadas na sua maioria na parte nobre e baixa do Morro e perto de uma das ruas principais da cidade) convivem, poucos metros acima, com casas bem precárias, em um “emaranhado de trilhas que levam em ziguezague para o território mais pobre do bairro – um território ocupado ilegalmente, sem esgoto, com água e luz pirateados” (FONSECA, 2002, p. 61). Sob o ponto de vista do senso comum e da representação na mídia, constitui-se como um local que historicamente possui uma forte relação com o tráfico de drogas e um território de baixa renda. Como os dois lados de uma moeda, *Favelado* e *Pobre* ainda continuam a ser expressões usadas na mídia para a representação da população local.

⁴² Muitos pesquisadores realizaram etnografias e estudos no Morro da Cruz, destacando Fonseca (2002), Victora & Knauth (1998), De Bem & Tadvald (2004), Oro & Schoenfelder (2006), da qual este estudo nutriu-se de informações e com que pretendemos dialogar ao longo da tese.

⁴³ Disponível em: <http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?modulo=regioes&p=109,0,0>. Acesso: em: 19/07/2012.

O local singulariza-se também devido a uma festa religiosa da igreja católica, que ocorre desde 1955, na Páscoa e que já faz parte do calendário turístico da cidade. Trata-se da Procissão do Senhor Morto e de uma teatralização que procura reconstituir os últimos dias de Jesus e a via-sacra, com um ator que carrega a cruz de madeira (KNAUTH; VICTORA, 2005). Essa festa religiosa, realizada na Páscoa, é um espetáculo que atrai milhares de devotos para as ruas do Morro em busca de graças e/ou pagamento de promessas, em uma demonstração da vitalidade e da força religiosa, além do cenário plural em construção nas religiões no Brasil (CAMURÇA, 2009), pois o local tradicionalmente concentra um dos maiores números de centros afro-religiosos do Brasil e vários templos de igrejas pentecostais (SHIRLEY, 1997).

Das diversas famílias pesquisadas na tese, somente duas moram na parte considerada “mais nobre” do Morro. O restante tem suas residências nas partes consideradas “pobres” do território.

No intuito de facilitar o entendimento, apresentamos a seguir uma tabela com alguns dados mínimos para que o leitor possa situar os principais informantes. Conforme já foi mencionado, a minha inserção inicial em campo deu-se a partir do meu relacionamento com pessoas relacionadas à instituição Leonardo Murialdo (tanto com os profissionais como com os alunos). Utilizando a técnica conhecida como “bola de neve” – isto é um informante vai nos levando a outro – e assim fomos conhecendo pessoas, a sua rede de amigos e familiares que, na sua grande maioria, moram próximos e facilita assim a interação.

Entre os distintos aspectos que estamos observando em relação ao uso do computador, destacamos: (1) A origem do computador (comprado novo, usado, ofertado); (2) A manutenção (quem o instalou, quem procura quando ocorre um problema técnico); (3) Acesso à internet (tipo de conexão, quem paga o serviço, qualidade do acesso); (4) Organização espaço e tempo (onde fica o equipamento, qual é o tempo disponibilizado pelos membros da família, quem estabelece as regras); (5) Os usos e processos de aprendizados, *sites* pesquisados.

Para as famílias entrevistadas se explicou que o objeto das observações era a vida diária da família, com a ideia de incluir o hábito de usar o computador na sua cotidianidade. Nas primeiras visitas, normalmente

realizamos entrevistas abertas para ter uma ideia geral da rotina da família e seus hábitos em relação ao computador. Algumas entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, assim como fotografadas. Outro dado importante é a planta das casas (para saber onde o computador é usado), bem como um pequeno resumo dos horários e de quem usa o computador. Durante o período da observação, compartilhei com as famílias diversas atividades cotidianas como almoços, lanches, festas, conversações... Ou seja, não só a atividade de ver o computador, mas também momentos da vida cotidiana que, de alguma forma, estão relacionados ao computador, obtendo assim uma visão mais global de sua cotidianidade e uma maior compreensão dos processos.

Para a nossa pequena amostra, priorizamos pessoas em função da sua representação face ao problema de estudo, tentando alcançar certa representatividade no universo, entre homens, mulheres, jovens e os diferentes níveis de conhecimento técnico no manejo com o computador. Entretanto, os informantes não foram escolhidos por terem alguma característica ou critérios especiais, mas pela necessidade de concentrarmos esforços em alguns informantes para adensar a etnografia.

O trabalho de campo foi realizado principalmente durante os anos de 2010/2011. Passamos a priorizar cada família por um período em torno de 3 meses. Porém os laços e a comunicação não eram interrompidos, o que nos permitiu acompanhar a experiência dessas famílias com o computador por períodos relativamente longos. A técnica mais utilizada foi a observação participante realizada nas diferentes residências. A estratégia metodológica foi dando-se na interação, através da forma narrativa, advindas de conversas informais em que os informantes nos falavam de suas vidas.

As questões clássicas existentes na relação entre pesquisador/pesquisado como: tempo, disponibilidade, aceitação, sintonia, simpatia e até mesmo sorte, foram preponderantes para a realização deste trabalho (MALINOWSKI, 1978; FOOT WHYTE, 2005; OLIVEIRA, 1996; GEERTZ, 1997). Sigo o critério cronológico (época em que os conheci) para apresentar os pesquisados.

Relação de Proprietários dos computadores pesquisados⁴⁴

Informante-Chave, Idade	Local de moradia	Conhecimento informática	Conexão / internet	Possui computador
1. Adriana, 20	Koreia	Usuária	Não tem	7 meses
2. Carolina, 20	Morro da Cruz	Médio	3G Vivo	3 anos
3. Dj Saúva, 42	Morro da Cruz	Especialista	Wi-fi pirata	7 anos
4. Paulo, 36	Morro da Cruz	Especialista	Não tem	2 anos
5. Toni, 28	Morro da Cruz	Especialista	Não	6 anos
6. Ivonete, 47	Morro da Cruz	Usuária	GVT	1 ano
7. Ruth, 40	Koreia	Não usuária	GVT	1ano

Não pretendemos nos alongar na dimensão intersubjetiva da presente pesquisa. Os detalhes e especificidades de cada família serão abordados nos respectivos capítulos, agora a nossa intenção é sublinhar alguns pontos gerais sobre a metodologia empregada, ressaltando e detalhando as especificidades do campo, que acreditamos, ajudam a refletir sobre o ofício da antropologia por inaugurar novas perspectivas sobre a relação pesquisador/pesquisado.

Apesar de estarmos conscientes das vantagens da “pesquisa-multi-situada” (MARCUS, 1995), consideramos que dar prioridade a um estudo intensivo em uma localidade consistiria uma contribuição mais original à literatura sobre a tecnologia. Assim, procuramos realizar uma etnografia “clássica” para acessar a complexa lógica que subjaz nas organizações familiares das classes populares quando estas passam a conviver nas suas casas com um computador. Tendo os ensinamentos de Malinowski (1978) como inspiração, priorizamos a busca da confiança e da intimidade para conseguir “apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo” (MALINOWSKI, 1978, p.33) e concordamos com o autor em relação ao nosso ofício de etnógrafo: “é nossa tarefa estudar o homem, e devemos, portanto, estudar tudo aquilo que mais intimamente lhe diz respeito, ou seja, o domínio que a vida exerce sobre ele” (MALINOWSKI, 1978,

⁴⁴ Os nomes foram trocados para assegurar o anonimato.

p. 34). Completando: o “etnógrafo que se propõe estudar apenas a religião, ou somente a tecnologia, ou ainda exclusivamente a organização social, estabelece um campo de pesquisa artificial e acaba por prejudicar seriamente seu trabalho” (MALINOWSKI, 1978, p. 24). No caso da nossa pesquisa, para falar de computador, foi preciso abordar diversos temas que se justapõem ao uso do equipamento e que atravessam o cotidiano desses sujeitos. E para tal pleito, foi preciso um convívio prolongado para a construção da confiança mútua, tão necessária para obter uma boa interlocução.

Nos capítulos a seguir, apresentaremos as diversas práticas e usos que nossos “pesquisados” apresentaram e nos convocaram a compreender.

No **Capítulo 1**, iniciamos nossa reflexão discutindo a importância da localidade e dos modos já existentes de vida, através dos quais os usos e sentidos do mundo da informática vêm filtrados. Adentramos elementos como – bairro, vizinhança, organização doméstica, pátio, família, trabalho, religião – para entender “onde” e “como” o computador adquire uso e significado coerentes com as diferentes maneiras de viver a vida. Para tanto, descreveremos a trajetória de duas informantes: Adriana e Carolina. A narrativa de suas experiências e de seu *entorno* – os demais membros da família e/ou amigos e vizinhos – evidencia o computador no que denominamos de “território de convivência”. Nosso estudo aponta não para “um” modelo fechado e único de apropriação, mas, ao contrário, para uma variedade de usos e sentidos, pois esse novo bem de consumo tem o seu significado construído no fluxo da vida e na rede particular de afetividade em que circula.

Portanto a decisão de compra do computador depende de razões práticas e simbólicas que envolvem dinheiro, amor, sociabilidade, trabalho e prestígio, que tensionam o discurso hegemônico acerca da preponderância da tecnologia no cotidiano das pessoas.

Já no **Capítulo 2**, centramos nossa etnografia em um círculo de homens amigos e parentes que acessam o mundo digital priorizando outras dimensões que incluem prioridades sociais, artísticas e lúdicas, que denominamos como “tecnologias da paixão”.

Problematizamos a ideia de que o acesso ao computador melhora automaticamente as condições de vida dos sujeitos, levando ao fim da pobreza, marginalização e da exclusão. Nossos achados empíricos apontam

que é preciso romper com o discurso moralizante que rodeia o tema da chamada “inclusão digital” e prestar atenção nas outras lógicas e usos que esses sujeitos fazem da tecnologia. Ou seja, para além da racionalidade e das razões econômicas que tornam o computador algo bem utilitarista e pragmático (como uma ferramenta capaz de ajudar os sujeitos a darem um salto socioeconômico nas suas vidas), mostramos que o computador também pode ser experienciado com uma ferramenta que potencializa paixões, seja pela música, a poesia, o trabalho social, o desenho e a tecnologia.

No Capítulo 3, propomos olhar mais de perto para uma “peça fundamental” na chegada das tecnologias informacionais nos bairros periféricos: a figura do educador social, que por sua *expertise*, adquire grande relevância, pois são esses sujeitos que literalmente *socorrem* a população local quando ocorre um problema técnico nos equipamentos. Por meio da etnografia de Toni – informante-chave do capítulo –, veremos que ele adere com entusiasmo aos programas sociais de inclusão digital do qual faz parte e que seu conhecimento técnico, se não o alavancou para uma maior prosperidade econômica, o insere dentro de uma rede em que possui grande prestígio.

Nossos dados indicam que existe no âmbito das famílias e na comunidade em geral um sentimento de solidariedade, e o computador se insere nessa rede local mediada por laços de parentesco, proximidade e convivência, que denominamos de *rede de solidariedade digital* (*quem sabe*: instala, arruma, empresta e configura os computadores e programas para quem está iniciando; e *quem tem*: vende barato, empresta os computadores, monitores, impressoras, programas, etc.). No entanto, convivem e tensionam com essa solidariedade, a lógica econômica e pragmática, que pode ser visualizada na fala de um informante: “eu também quero ganhar dinheiro com o computador!”

Geração e gênero nas dinâmicas familiares é o tema do **Capítulo 4**, que objetiva aprofundar os usos cotidianos do computador nas famílias de classe popular. Existe uma série de estereótipos, tanto na literatura acadêmica como entre os meus entrevistados, afirmando que mexer com computador é privilégio de adolescentes (mais do que de adultos) e de homens (mais do que de mulheres). Apesar de nossos dados confirmarem em parte essas ideias,

veremos que existem diversas sutilezas indicando que na prática essas afirmações não são tão simples assim.

Um exemplo é a chegada do computador nas casas. Esse fato inaugura uma série de conflitos, uma vez que o novo equipamento é “objeto de desejo” de todos os membros da família, ilustrado pelo caso extremo: “aqui em casa o computador é disputado a tapa”, mas é importante frisar que o computador também cria novas alianças e vias de sociabilidade, pois as pessoas precisam se entender e negociar o tempo disponível de uso e por isso mesmo se comunicar.

Por fim, no **Capítulo 5**, apresentaremos dados estatísticos e o discurso sobre a “inclusão digital”, que é visto como um fator-chave da competitividade econômica do atual sistema capitalista globalizado. Também analisaremos a realidade nacional, focando nas políticas governamentais mais próximas à realidade dos nossos informantes, quais sejam: (1) Programa um computador para todos; (2) A política de incentivo ao *software* livre; (3) O combate à pirataria digital; (4) O programa de banda larga em implantação no país.

À guisa de uma conclusão que dê conta da complexidade da rede que vai compondo a realidade que pesquisamos, apresentaremos uma aproximação com a teoria sociotécnica, de Bruno Latour, para problematizar o complexo campo de disputas existente no mundo da informática, pois além das tradicionais dimensões sociopolíticas e culturais da apropriação informacional, é preciso também dar luz às dimensões técnicas, como as máquinas (computadores), os componentes e os programas, a infraestrutura necessária para a internet, os modelos de negócios existentes, enfim, toda a ciência envolvida.

Sem a pretensão de esgotar tão vasto assunto, apresentaremos dados etnográficos que apontam para especificidades que nos conduziram a discussões teóricas singulares. Todavia, esperamos que, no final da tese, o leitor tenha claro o percurso etnográfico realizado que aponta para sujeitos que inventam e reinventam maneiras de viver e sobreviver. E é nesse processo que muitas iniciativas têm sido realizadas, gerando e produzindo novos conhecimentos e possibilidades de ação e transformação.

1 O COMPUTADOR NOS TERRITÓRIOS DE CONVIVÊNCIA

Iniciamos esta tese lembrando uma lição da minha pesquisa anterior (de Mestrado). Ao contrário do apontado em muitos estudos, por exemplo, a pesquisa de Dornelles (2008) sobre a virtualidade e suas revolucionárias práticas de socialização (com alcance mundial) e capacidade de realização de interações entre “diferentes segmentos sociais (...) e diferentes referenciais simbólicos” (DORNELLES, 2008, p. 169), verifiquei na minha pesquisa que as redes de sociabilidade “virtuais” no Morro da Cruz operam empiricamente por dinâmicas de sociabilidade no bairro, com uma lógica muito mais local do que a exposta nesses estudos⁴⁵. Ou seja, junto do discurso existente sobre espaço democrático e revolucionário de interação, de conagraçamento, existe a apropriação local bem prática, tanto lúdica quanto utilitária. Assim, neste capítulo, tento desvendar melhor os territórios desse “local” (GEERTZ, 1997). Ao abordar elementos dessa vida – vizinhança, organização doméstica, trabalho, religião –, estaremos procurando entender melhor onde e como o computador (e o mundo informatizado) adquire usos e significados coerentes com determinada maneira de viver a vida.

De certo modo, estamos testando uma hipótese sugerida por Castells (2005), que a internet (e aqui, por extensão, o computador) não é algo que mude comportamentos. Ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são. Nas palavras do autor:

“Vale dizer que aquilo que as pessoas faziam, elas continuam fazendo com a Internet: para quem as coisas andavam bem, ficaram ainda melhores e para quem elas iam mal, continuam igualmente ruins. Quem tinha amigos, também os tem na Internet e quem os não tinha, tampouco os tem na Internet. (...) Isso não significa que a Internet não muda os comportamentos, mas os comportamentos que mudam a Internet “ (CASTELLS, 2005, p. 273).

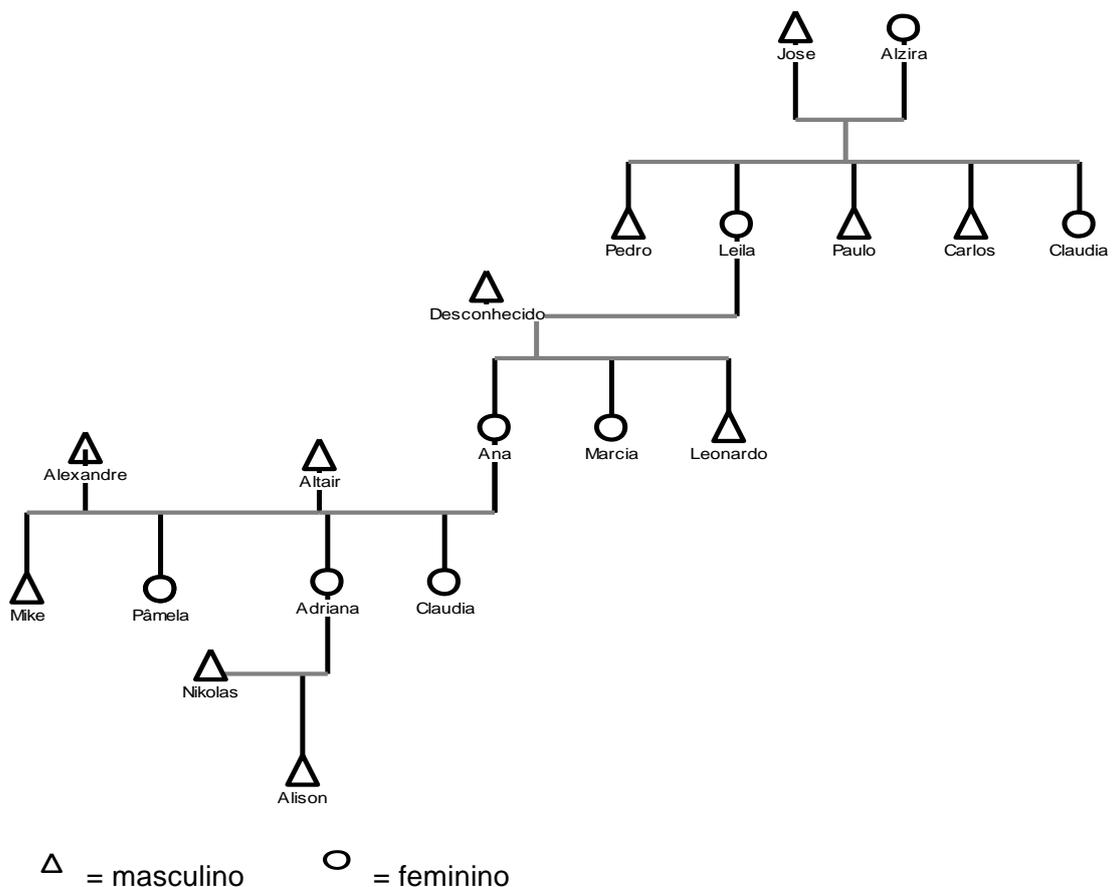
⁴⁵ Vale o alerta de Ruben Oliven, que aponta que “a criação de manifestações culturais mundializadas não significa que as questões locais estejam desaparecendo. Ao contrário, a globalização torna o “local” mais importante do que nunca” (OLIVEN, 2006, p. 1).

Para discutir a “localidade” da internet e os comportamentos “como são”, na primeira parte do capítulo, concentro-me na descrição de uma família extensa que inclui avó, mãe e filha (adultas) com seus respectivos filhos e parceiros, colocando em evidência o território de convivência – bairro, família, pátio e trabalho. Na segunda parte, mudo para outra família, a de Inês, para introduzir uma descrição de outros elementos fundamentais da experiência – incluindo, por exemplo, religião e o dilema de parentes presos. Minha preocupação é evitar os ardis desse tipo de trabalho em que o pesquisador enfoca só o computador, *pressupondo* que é um elemento importante e transformador na vida das pessoas. Veremos, por exemplo, como na compra de um computador para uso doméstico, há famílias em que esse item é simplesmente deixado de lado, julgado como não prioritário na lista de necessidades domésticas. No entanto, ao olhar como certos usos da internet entram nos espaços dinâmicos da vida do bairro, encontraremos outras famílias que parecem incorporar o computador doméstico como elemento importante da sua rotina. Assim, há também expectativas surpreendentes quanto ao eventual uso desse instrumento (por exemplo, para se comunicar com um filho na cadeia). O espaço não permite aprofundar todos esses temas como mereciam. Entretanto, os detalhes levantados aqui devem servir como pano de fundo para ajudar o leitor a “mergulhar” na vida social que caracteriza as pessoas, sujeitos de nossa pesquisa.

1.1 OS TERRITÓRIOS DA CONVENIÊNCIA

O primeiro exemplo etnográfico que apresento tem início com Adriana, 20 anos de idade, casada e mãe de Alison, 3 anos de idade. Ela é irmã de Cláudia, ex-aluna do curso de informática do Murialdo, com quem me relaciono desde 2007, quando acompanhava as aulas nessa instituição. Cláudia era uma menina muito tímida, que não tinha interesse em informática. Certo dia, confessou-me que só comparecia na instituição por causa da boa quadra de futebol existente. O futebol era sua grande paixão e em geral ela só tinha acesso ao que denominou de *campinho* - espaço em uma rua perto da sua

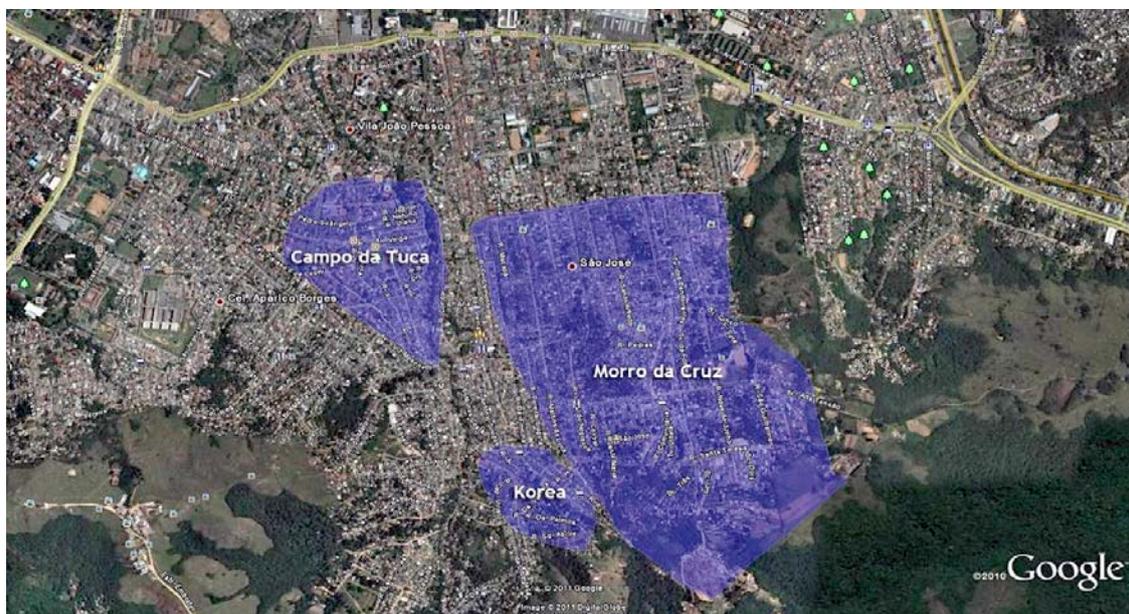
casa, em que os meninos se reuniam para jogar, improvisando as goleiras com um par de chinelos ou pedras. Ela jogava descalça, brincando, com outro tipo de regras, e o curso representava uma oportunidade para ela por fim mostrar o seu talento para o esporte em quadras *de verdade*. E foi o que aconteceu: Adriana destacou-se, conseguiu uma oportunidade para entrar em uma escola de futebol, começou a participar de campeonatos de futebol feminino e sempre me convidava para ver seus jogos. Portanto, já conhecia superficialmente a sua família, da qual anexo uma pequena genealogia abaixo, composta pela mãe Ana, 36 anos de idade, e quatro filhos. Todos eles, assim como eu, compareciam nas tardes de domingo nos mais diversos campeonatos para ver a Cláudia jogar. Foi em uma dessas ocasiões que soube que a Adriana havia ganhado um computador usado de presente do marido pelo *dia das mães*. Na hora me interessei, expliquei que eu pesquisava “inclusão digital” e perguntei se poderia ir à sua casa conversar sobre o computador, o que foi aceito sem problemas.



Liguei para marcar o encontro e fui convidada para almoçar no domingo seguinte. A Cláudia – assim como a maioria dos jovens que conheci no Instituto Leonardo Murialdo –, ao ser questionada sobre o local da sua residência, autodefine-se como moradores do Morro da Cruz. Porém o Morro expandiu-se muito e conforme o mapa⁴⁶ a seguir, muitas são as áreas existentes dentro do chamado Morro da Cruz, que engloba diferentes bairros, vilas e regiões, como Campo da Tuca, Vila São José e a Vila Korea.

1.1.1 Entrando no Morro

Cláudia havia me convidado para almoçar na sua casa, que fica localizada na vila Korea. Fiz pesquisa no Google e não encontrei nenhuma referência do local, então entrei em contato, e combinamos que ela me encontraria às 11 horas no campo de futebol perto da sua casa.



Mapa gerado por alunos do curso de informática do Instituto Leonardo Murialdo.
Fonte: Google Maps.

⁴⁶ O mapa não é “oficial”, representa a percepção de alguns jovens moradores do local. A Vila Vargas e a Koreia são nomes distintos para a mesma localidade. *Fonte:* Google Maps. Acesso em: 20/10/2011.

A Korea é conhecida por muito dos próprios moradores como “lugar da chinelada” e do tráfico de drogas. Nos estádios de futebol, o termo (coreia) é usado para designar o local mais popular do estádio, onde os torcedores ficam em pé, bem próximo ao campo e tem os preços mais baixos. Reproduzo a grafia com K por ser assim que vi pichado em alguns lugares e porque a Cláudia autodefiniu-se como morada da Korea.

Certa vez, em 2008, a creche comunitária do Murialdo localizada no alto do Morro da Cruz foi arrombada, e ouvi o testemunho de várias pessoas comentando o episódio afirmando que com certeza seria alguém da Korea que teria praticado o arrombamento e nunca um membro da “comunidade”.

Com novas roupagens, é possível identificar no Morro da Cruz os conceitos clássicos de Elias & Scotson (2000), uma vez que os seus moradores se distinguem a partir do local de suas residências, sendo isso definidor de questões como autoimagem e autoestima. A territorialidade é, portanto, um dos componentes do processo de estigmatização existente no local, pois há uma grande distinção entre os de “cima” e os de “baixo”, o que produz sentimentos de “superioridade aos de baixo” e “inferioridade aos de cima”. Isso porque o topo do Morro, teoricamente ocupado por residências mais simples, e por ser um local de difícil acesso físico, é com frequência estigmatizado e marcado simbolicamente como *local de pobre*, conforme ilustra o seguinte diálogo que registrei no meu antigo Diário de Campo, entre dois alunos do Murialdo, desabafa Jefferson, 16 anos de idade, morador da Vila Korea: “o meu, a minha casa é melhor que a tua. Tem até dois pisos. Tu sabe disso. E mesmo assim tu ta me chamando de chinelo [pobre]?!”. Isso foi prontamente respondido por outro amigo, Fininho, 17 anos: “Azar o teu... Quem mandou morar lá? Nunca vai ser igual a morar aqui em baixo!”. Ou seja, para a compreensão desse fenômeno, é preciso entender como os autores conceituam o poder – que não é algo estático e dado; e sim algo que se constrói nas relações cotidianas das suas ações, sejam elas no campo político, econômico, religioso, etc. Assim, o poder não se resume ao que ocorre a nível econômico, social, mas inclui também relações (de poder) existentes entre indivíduos de uma mesma família, entre membros de bairros vizinhos, etc.

Cheguei de carro, e Cláudia ia me orientando; logo o asfalto acabou, e as ruas foram ficando cada vez mais estreitas. “Vira aqui, sobe ali”. De repente,

uma lomba tão íngreme que é preciso subi-la na primeira marcha. A rua era muito estreita, com despenhadeiro nos dois lados o que dificultava as manobras de volta. Realmente é um local que pode ser classificado como de difícil acesso. Subimos até onde foi possível. Cláudia mandou eu estacionar o carro bem na frente de um portão de ferro de uma casa.

Não é permitido, é garagem – respondi.
Não, é a entrada da casa. É diferente, eles não têm carro, né”? Como tu sabes...? – Perguntei
Ela, rindo, completou:
“Aqui a gente sabe de tudo”.

O resto do caminho subimos a pé. Naquela tarde, ia passar na televisão a final de um campeonato regional de futebol, e muitas famílias, vizinhos, aguardavam o começo do jogo, conversando, tomando chimarrão, trajando as camisas dos seus times; cadeiras na rua ou nos pátios; crianças correndo; muitas mulheres lavando e pendurando roupa para aproveitar o tempo firme daquele dia. Fiquei pensando que aquela cena lembrava muito as cidades do interior, com todo mundo conhecido, se cumprimentando.

1.1.2 A Casa, O Pátio⁴⁷

Fomos direto para a casa de Adriana. Ela nos recebeu na sala da sua casa de três peças (sala/cozinha, quarto e banheiro). Na sala, tem uma TV grande, de 29 polegadas, um sofá e uma mesa pequena. O computador fica no quarto, junto com a cama de casal e o berço do filho. A casa foi comprada recentemente por ficar no mesmo pátio da casa da mãe. O *Nikolas* (marido de Adriana, 21 anos, que trabalha na PUC como pedreiro) a está reformando aos poucos, mas Adriana acha que ainda faltam muitos reparos a serem feitos.

⁴⁷ Conforme aponta o estudo de Guedes (1998), sobre família e parentesco entre trabalhadores urbanos na região do Grande Rio de Janeiro, existe uma enorme dificuldade por parte dessa população em acessar novos espaços físicos para a constituição de unidades conjugais autônomas. Esse fato explicaria uma tendência de agregação de famílias nucleares em um mesmo espaço residencial, reforçando a organização e a estruturação sob forma de redes sociais que a autora denominou de *quintal*. Aqui no sul, a denominação desse espaço é conhecida como *pátio*.

“Não repara, tá?” Adriana contou que, quando ficou grávida e se casou, primeiro tentou ir morar com a família do marido, em Viamão, mas não deu certo e então decidiu voltar. “Eu nasci aqui, conheço todo mundo, aqui é o meu *lugar*”. Porém tinham um problema: agora com a família aumentada, não havia espaço para eles na casa da mãe. No meio desse impasse, surgiu a possibilidade da compra da casa do vizinho, que fica no mesmo pátio⁴⁸, que apesar de *judiada*, valia a pena pelo preço e pela localização.

Fui informada de que não iríamos almoçar lá, pois iríamos até a casa de sua mãe, Ana, que naquele momento estava dando banho no neto na outra peça. Enquanto esperávamos, Adriana e eu conversamos sobre o computador que ela ganhou de presente no dia das mães:

O computador é usado, mas bem novinho. Minha amiga estava apertada, com muitas contas atrasadas e resolveu vender, daí aproveitei e pedi pro Nikolas. Foi em muuuiittaass vezes, claro que não paguei à vista, ainda falta. Não tem internet, custa muito caro, mas pelo menos eu já tenho o computador. Eu vejo fotos, filmes, e o Nikolas joga joguinho de carro, de futebol... Mas sabe, to até com vergonha de ti, veio até aqui em casa falar sobre computador, mas na real to pensando em vender, quero comprar uma cama pro Alison, que está crescendo e dorme ainda no berço. Paguei 400 reais, tu não quer comprar?

Entramos no quarto para ela me mostrar o equipamento, o qual fica ao lado da cama de casal e do berço do filho. O computador é da fábrica Positivo⁴⁹, com Windows (como veio sem as licenças, provavelmente é *software* pirata). Possui caixas de som e é usado, conforme o seu relato, mais para ver filmes. Aproveito para perguntar qual tipo de filme, e Adriana responde que compra *tudo pirata, bem baratinho, 3 por 10*. Quanto à questão do acesso à internet, Adriana me explicou que usa no trabalho. Ela é estagiária na CEEE (Companhia Estadual de Energia Elétrica), no cargo de recepcionista. Pergunto se há restrições de uso do computador no local de trabalho, e ela, na sua fala,

⁴⁸ Ana posteriormente me contou que ficou desesperada para ter a filha perto de novo, e na época, *tomou empréstimo, pediu para ser demitida do seu antigo emprego* (foi faxineira por 5 anos em um curso de inglês) *sacou o fundo de garantia*, mas conseguiu comprar a casa, que custou 5 mil reais.

⁴⁹ A empresa Positivo é a maior fabricante nacional de computadores. No capítulo 5, pretendo aprofundar mais a sua polêmica inserção no mercado informacional. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/963965-positivo-lidera-venda-de-computador-e-lanca-tablet-em-setembro.shtml>. Acesso em: 02/10/2011.

explicita toda a ambiguidade existente atualmente no mundo do trabalho, onde são inúmeras as polêmicas e as dúvidas sobre o uso pessoal do *e-mail*, acesso a redes sociais, etc.

É assim; oficialmente não pode entrar no Orkut, MSN⁵⁰, mas na real todo mundo entra. Uma época até proibiram lá na CEEE, teve reunião com a chefia explicando, mas foi ridículo, porque todo mundo sabe entrar por um outro site. É só entrar no *ebuddy* e de lá acessar qualquer *site*, até pornografia. Não tem como descobrir, não tem como controlar, só se ficar alguém cuidando o pessoal o tempo todo. O que eles fazem é dar incerta, para ver o que está na tela. Mas eu não ligo muito internet, nem faço questão de ter em casa. É muito caro. O Nikolas não gosta, não faz questão também e, além do mais, agora eu sou casada, fica chato ter Orkut. Isso serve mais pra quem quer arrumar namorado...

Perguntei se outras pessoas da família usavam, e ela disse um sonoro *Não*. As crianças – no caso, seus irmãos menores – “não cuidam de nada e iam acabar estragando. Só quando eu to junto, vendo filme, daí claro, eles se quiserem assistem junto. Ou quando o Nikolas esta jogando, chama o Mike pra ele jogar também, mas sozinhos nunca”. Porém, com humor, contou que recentemente precisou ensinar um pouco à mãe. Fiquei bem curiosa, e a Adriana chamou Ana para participar da conversa e contar pessoalmente as suas primeiras experiências com o computador. Ela estava há apenas 5 dias em um novo emprego, mas já tinha muitas histórias engraçadas para relatar.

1.2 O MUNDO DO TRABALHO

1.2.1 Matando um Leão por Dia para Melhorar de Vida

Ana então me convidou para ir a sua casa, pois estava preparando o almoço. Saímos juntas da casa de Adriana e, com apenas alguns passos,

⁵⁰ MSN – Derivado de Microsoft Network, da empresa Microsoft, é um programa de comunicação instantânea pela Internet; Orkut - Rede social construída virtualmente com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos (BERGMANN, 2010)

entramos na sua casa, que era bem mais simples (de madeira) e menor do que a casa da filha. Possui 3 peças também, mas com outra disposição espacial: uma pequena cozinha separada do quarto/sala onde fica a televisão, um beliche e um traliche. No fundo, fica o banheiro. Enquanto cozinhava, tomamos chimarrão e conversamos. Decididamente, Ana revelou-se uma ótima informante, uma personagem bem dramática e engraçada. Fui a campo com o objetivo de conversar com a filha e acabei aprofundando a conversa com a mãe.

Ana é negra (36 anos de idade), estatura mediana e está sempre rindo, o que realça a sua beleza. Diferentemente do padrão de beleza que a sociedade atual nos impõe – corpos magros e retilíneos⁵¹ –, ela parece estar satisfeita com o seu corpo e com as medidas avantajadas que possui para os padrões de beleza atuais⁵². “Me considero bonita, homem gosta de mulher com carne, com conteúdo. Magra é nas novelas, só pra ver”! Decididamente a simpatia parece ser a sua marca registrada, pois, com seu sorriso, termina encantando a todos pelo seu jeito de ser: bem disposto e bem humorado. Ana, ao longo da nossa convivência, revelou-se uma mulher que sabe viver os seus múltiplos papéis: mãe, filha, avó, esposa, cidadã, trabalhadora, vizinha e amiga.

Deixei a conversa fluir e, aos poucos, ela mesma iniciou uma pequena narrativa, com os principais pontos da sua trajetória. Revelou que o seu maior orgulho são seus filhos, que literalmente “mata um leão por dia pra poder comer, pagar as contas e vestir os filhos”. Contou que, por duas vezes, abandonou os maridos, por ver que não tinha futuro o relacionamento. Na primeira vez, voltou pra casa da mãe com as duas filhas mais velhas (que não têm 1 ano de diferença) e só conseguiu trabalho em empresas terceirizadas de

⁵¹ Ver Kehl (2007) e Debert (2004).

⁵² Estudo recente feito no Rio de Janeiro aponta para as diferenças de comportamento entre mulheres das camadas altas e da periferia em relação a sociabilidade e usos do corpo. As mulheres das camadas altas querem ser magras para se sentirem bem e tendem a esconder seus corpos se estes estiverem acima do peso, já para as mulheres da periferia do Rio, o padrão de beleza é o corpo farto e curvilíneo, com o objetivo de atrair e conquistar os homens. Pesquisa feita pelo Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS), através do Núcleo de Doenças da Beleza da PUC do Rio. Disponível em: <http://clipping.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=24280&sid=84>. Acesso em: 02/04/2011.

faxina, que pagam “só o salário mínimo e olhe lá”. Sentiu na pele a falta do estudo, e resolveu voltar a estudar à noite para terminar o segundo grau. Uma professora na escola lhe informou que o Hospital de Clínicas oferecia cursos profissionalizantes de nutrição e que o processo de seleção acontecia por sorteio. Por incríveis 8 anos, conforme seu relato, tentou em vão conseguir uma vaga para o curso de nutrição: “*Virou uma cisma, não desisti. Ia lá, me inscrevia e não conseguia. No outro ano, eu voltava... e assim foi, até que deu.* (Nesse intervalo, teve outro relacionamento e mais dois filhos). Durante dois anos, trabalhou de dia e estudou à noite. *Ralava...* Relembrando a dura rotina de acordar às 6 horas da manhã e só voltar para casa perto da meia-noite. *Matava um leão por dia, tudo para conseguir melhorar de vida.* Mostrou-me com orgulho a carteira de técnica de nutrição. Fez muitas amizades no curso, em especial com uma professora que a indicou para o novo emprego.

A empresa em que Ana está trabalhando – uma pequena fábrica de congelados que mantém também um restaurante diurno que serve só almoço no bairro nobre Floresta – possui cerca de 20 funcionários (entre a cozinha, o administrativo e o departamento de entregas) e está informatizando toda a sua produção, implantando um sistema para otimizar e melhor gerenciar a produção, seguindo uma tendência atual de quase todas as pequenas empresas⁵³.

O almoço que Ana me serviu estava farto e muito saboroso: guisado, abobrinha, arroz e feijão e salada (alface e tomate). Ela agradeceu as pizzas congeladas que eu havia trazido e disse que não precisava. “Adoro cozinhar, todos gostam da minha comidinha”... E revelou que depois que iniciou os estudos aprendeu o valor nutritivo de uma comida caseira. “Se esse povo soubesse o valor de uma banana... Mas não, só querem saber de salgadinho, de Xis. Os meus já sabem. Se querem continuar comendo porcaria, vão ter que comer na rua”.

⁵³ Sobre essa problemática, ver o artigo: Impacto da tecnologia de informação na gestão de pequenas empresas (Beraldi & Escrivão Filho) Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n1/v29n1a5.pdf>. Acesso em: 27/05/2011.

1.2.2 Aprendendo a Senha do Mundo Informatizado

Ana contou que, depois de muita procura, encontrou uma vaga para cozinheira profissional, mas para seu espanto, o emprego exigia que a pessoa possuísse “familiaridade” com computadores. Conforme seu relato, “*tive que dar uma de esperta e mentir um pouquinho...*”

Quando me perguntaram se sabia mexer com computador, não me mixei e respondi que sim, que sabia o básico e que inclusive a minha filha tinha computador em casa.. Bah, que chique isso, né! Bom, na verdade eu não sabia nada. Nunca tive oportunidade. Vim correndo tentar aprender, porque não queria fazer feio. O mais difícil é aquele troço que não me lembro o nome (Adriana interferiu rindo, dizendo que a mãe estava se referindo ao mouse). Já vi que não é tão difícil. O bicho corre (referindo-se à seta do mouse) e a gente vai devagarzinho levando pra onde se quer na tela. Não pode se apavorar. O computador da firma é um pouco diferente. A sorte é que a mulher, minha nova chefe é legal e tá me ajudando. Eu toda hora a chamo assim: Márcia, o computador quer falar contigo. (risos...) não digo que sou eu, claro, ponho a culpa no computador que fica louco toda a hora.

Especificamente sobre as suas novas funções, relatou toda a dificuldade em relação à escolha e memorização da senha. Esta se deu após muitas tentativas frustradas. Todos os dias, ao chegar no trabalho, a primeira coisa que Ana precisava fazer era *logar-se* (verbo novo usado derivado da palavra em inglês *log in*, autenticação interna). Vale a pena detalhar todo o processo e a maneira criativa que Ana usou para solucionar seu problema.

No primeiro dia, quando estavam me explicando como tudo funcionava, criei uma senha de números... Coloquei o número da casa que moro, com o número da casa da mãe, bah, inventei uma misturada e depois, quem disse que no outro dia eu me lembrava?

Rindo, contou que ficou nervosa, achando que iriam descobrir tudo (ou seja, o seu despreparo em relação ao computador) e que seria demitida, mas não foi o que aconteceu. A sua chefe a chamou para refazer a tal senha. Porém, como já existia o seu nome no sistema, tiveram que criar um outro (*login*), que a identificasse no computador. Então, agora ela tinha 2 nomes na lista de funcionários, pois a chefe não tinha autorização para apagar nenhum nome no sistema. Agora o que estava valendo era Ana S. Repetiu-se então

todo o procedimento de escolha de senha, e a chefe sugeriu que escrevesse a tal senha em um papel, caso esquecesse. Nos outros dois dias funcionou, mas depois ela infelizmente esqueceu o papel em casa.

No ônibus, já tava nervosa, eu até sabia mais ou menos os raios dos números, mas fiquei com medo de errar e não deu outra, sei lá o que fiz, entrei com o meu nome antigo, e de repente travou tudo. De novo não consegui. Eu fiquei me sentindo menos, todo mundo tinha uma senha, e eu sempre atrapalhada, esquecendo a minha.

Como o sistema ficou bloqueado, chamaram o filho da dona, que é o responsável pela informática da empresa. De novo ela relata o seu constrangimento e pavor, mas disse que o tal rapaz explicou que a senha correspondia a uma assinatura, atesta a identidade do usuário, algo bem pessoal, que precisa ser fácil e difícil ao mesmo tempo e o mais importante – que ninguém havia lhe explicado antes – não precisava ser números, poderia usar letras, poderia ser um nome. Ana concluiu: “Tive uma ótima ideia. Eu sei que a senha é secreta, mas pra ti eu conto... ALISON, nome do meu netinho, não dá pra esquecer, né? Resolvi meu problema!”⁵⁴

Sintetizando então o seu novo ofício, Ana diariamente precisa entrar no sistema para saber quais são as suas tarefas diárias, qual é o cardápio do dia que precisa cozinhar, as receitas dos pratos, o modo de preparo. Também precisa preencher um formulário quando nota que algum ingrediente está terminando, provavelmente para alertar ao setor de compras que o produto vai acabar. Porém, diz ironicamente, “no dia a dia, não funciona! Já vi que é tudo mentira. Funciona o olho, o grito... (performativamente grita para alguém...) pessoal, não tem mais ovo, acabou a farinha...! O computador não sabe gritar... Ainda”, completou rindo! No final do dia, precisa também descrever o que conseguiu produzir.

⁵⁴ Ao contrário do discurso dominante sobre os benefícios que as tecnologias proporcionam, esta não é acessível do mesmo modo para todos. Ela produz desigualdade e sentimentos muito fortes a respeito do lugar que ocupamos no mundo. No caso citado, não se trata apenas do medo de ser demitida, mas da vergonha, do sentimento de inferioridade, da exposição frente aos colegas. E a estratégia adotada para ultrapassar essas dificuldades foi usando o familiar. Com uma simples ação, Ana desbrava esse universo tecnológico incorporando coisas amadas como o nome.

Além da senha, Ana relatou outra dificuldade: a impressão. Tudo o que cozinha e vai ser posteriormente congelado precisa ser digitado e depois etiquetado com várias informações, como o nome do prato, a data do congelamento, os ingredientes, etc. E essas etiquetas são impressas na tal impressora, que conforme seu relato “*volta e meia pira e faz tudo torto*”. Com humor completa: “Nossos santos não se cruzaram. Já vi que a impressora não gosta nem um pouquinho de mim. É sempre comigo que ela encrenca”!

1.2.3 O Maior Problema não é o Computador, mas as Pessoas

Voltei a visitar Ana e suas filhas cerca de dois meses depois. Ana estava um pouco desanimada com o ambiente no trabalho. Estávamos no início de novembro, e a tal fábrica já estava muito sobrecarregada de encomendas. Informaram-na que, a partir daquela data até o final do ano, todos os funcionários tinham hora para entrar, mas não para sair. Ela disse que até entendia, que aceitava esse aumento na carga horária durante a semana, apesar de não saber se iria ganhar horas extras ou não. Mas o pior é que a estavam pressionando para que ela trabalhasse aos sábados:

Não vou. Desaforo. Por que não disseram antes? Tenho filhos pequenos, já trabalho o dia inteiro, só tenho o final de semana. Mas sabe o que a gerente me perguntou? Por acaso tu não tem mãe? Respondi: tenho sim, é uma senhora muito distinta, mas que não tem obrigação de cuidar meus filhos. Quando a Adriana nasceu, eu tinha 16 anos e eu jurei cuidar dela. Não botei filho no mundo pros outros cuidar. Além do mais fui contratada para trabalhar de segunda a sexta. Por que agora teria que mudar tudo? Precisam me perguntar antes, né?

Com esse impasse, repentinamente a sua chefe mudou sua atitude em relação a ela e começou a lhe tratar mal e a ser inclusive grosseira. Ana reagiu, e mesmo com muito medo de *sair com poucos meses do serviço e ter que sujar a carteira*, não abriu mão dos seus *direitos*. Contou que até a dona do negócio – que nunca tem contato direto com os funcionários – foi conversar com ela e acabou não demitindo-a. Porém confessou não ter muitas ilusões. “*Final de ano, correria, eles precisam de mim. Aposto que em janeiro, fevereiro,*

o movimento cai e eles vão me mandar embora. Azar. Com que sei, acho que posso achar até coisa melhor". Por fim, perguntei sobre o computador, e Ana relatou que agora já não tem medo de operar o equipamento, que até já virou rotina. Quis saber se *mexia* no computador da Adriana, nos finais de semana, se tinha o hábito de ir a alguma *lan house* ou telecentro, e ela disse que não, que o computador para ela era sinônimo de trabalho, e o da Adriana não servia pra nada. "É quase uma televisão, só se vê filmes". Finalizando a sua fala, me aconselhou:

Põe aí no teu trabalho que o maior problema não é o computador, mas as pessoas. Essas sim têm raiva, inveja, acordam com as guampas viradas. Isso sim é perigoso, não o coitado do computador. Ele tá lá, sempre obedece ordens, sempre repete a mesma coisa... senha, digite a sua senha... (falou com voz de robô...) todos rimos da sua *performance*.

Já Adriana conseguiu finalmente a cama para o filho, porque a avó comprou para ela no crediário⁵⁵. "Mais uma vez, minha vó me salvou. Foi até a Manlec comigo e comprou no nome dela. Vem ver que linda" (realmente uma cama bem bonita, como se fosse um carro de corrida).^{56,57}

⁵⁵ Como já foi percebido em alguns estudos, (Debert, Lins de Barros, Simões, 1998) existe um *empoderamento* dos velhos nas classes populares, por conta de uma política assistencial que ampara maiores de 65 anos, com uma renda de 1 salário mínimo mensal. Portanto, aposentados e pensionistas constituem-se em "atores importantes no processo político atual", deixando de ser uma categoria "aparentemente marginal, circunscrita ao domínio das relações privadas, tornando-se uma espécie de corporação, com interesses específicos, demandas próprias e formas de atuação no espaço público". (Simões, p.15, 2007). Esta estabilidade monetária faz com que estes idosos sejam os responsáveis pelas compras e crediários em lojas para toda a extensa rede familiar, como no caso relatado da Dona Alzira

⁵⁶ Adriana, mesmo depois de ter conseguido uma cama pra filho, decidiu vender o computador porque novas demandas domésticas surgiram, e ela as priorizou, (re)vendeu o computador!

⁵⁷ Destaco a teoria sobre consumo e cultura material de Daniel Miller (2002), para entender a fala da Adriana. Resumidamente, este autor deslocou a visão do ato de consumir - que possuía uma conotação frívola e passiva - para o entendimento da compra como uma dádiva.

1.3 ARRANJOS E REARRANJOS: SOCIABILIDADES DINÂMICAS

1.3.1 A Avó: Apesar de não Usar o Computador, é uma Peça Fundamental

Fui conversar com a vó de Adriana, que tem 84 anos e só depois soube que fazia poucos dias que seu marido havia falecido. Fiquei constrangida, querendo adiar a conversa, mas ela disse que seria bom – nesse momento, do luto – poder recordar o passado. Quis saber o porquê da entrevista, e rapidamente expliquei que estudava o consumo de computadores e que estava interessada em saber sobre a ajuda que ela proporcionava a família, aos filhos e netos. “Anota aí, eu não dou, eu só ajudo a comprar, é diferente. Iniciou revelando que já havia comprado um computador, mas rindo completou... não foi pra mim, tirei na Manlec, pro meu neto.”

Durante a conversa, fiquei sabendo que Dona Alzira não era mãe de Ana mas, de fato, sua avó. A mãe biológica, Marta, (54 anos de idade), que sempre conviveu com a família, morando inclusive na casa ao lado, tem outros 3 filhos – que Ana considera como seus irmãos – porém ela e o irmão mais velho foram *dados* pela mãe para serem criados pela avó, bem dentro da tradição local de circulação de crianças em camadas populares pesquisada por Fonseca (2002).

Com a morte do marido, aposentado do DEMHAB (Departamento Municipal de Habitação), com quem neste ano completaria 60 anos de casada, Dona Alzira, 5 filhos e 21 netos e alguns bisnetos (não sabe precisar) e até 1 tataraneto (o pequeno Alison, filho da Adriana), vai acumular duas aposentadorias: “*Nem fiz as contas ainda, mas já sei que falta de dinheiro não vou ter.* Ela trabalhou a vida toda, no início da sua vida profissional sem carteira assinada, mesmo assim, conseguiu acumular três carteiras de trabalho completas. Confessou que agora acorda com culpa, às 9 horas da manhã. “Agora, se chove, não saio na rua... Que luxo, né? Mas sempre odiei molhar os pés, que nem gato”. Porém, falou que sente falta daquele compromisso, de sair porta a fora todos os dias e da alegria que era voltar para casa cansada no final do trabalho. Também com orgulho disse que sempre fez amigos em todos

os *serviços* que teve. Revelou que gostava de mudar de emprego: “me cansava da rotina e então mudava, trabalhei como doméstica, faxineira, em empresa terceirizada de limpeza, no Hospital de Clínicas, na Livraria do Globo, enfim, muitos e muitos lugares”. Falou que era analfabeta, que não havia estudado, portanto não podia progredir muito, tinha que ser só trabalho na *força do braço*.

Dona Alzira nasceu em Jaguaruna, Santa Catarina, e quando tinha 9/10 anos (não se recorda) foi *dada* para uma *família rica*. Naquele tempo, tinham esse costume, meus pais achavam que isso era o melhor pra mim. “Me lembro que chegamos em Porto Alegre logo depois da enchente de 1941. Ainda tinha marca nas casas da água. Eles eram milionários, morávamos numa casa na rua 24 de Outubro que até hoje ainda está de pé”. A tal família proporcionou o que ela chamou de *colégio em casa*. A professora particular, que Dona Alzira disse ter gostado muito, esforçou-se, porém ela não conseguiu aprender a ler e a escrever: “não foi culpa dela. Era a minha cabeça que sempre foi fraca”.

Ficou muitos anos com essa família, até casar. Primeiro morou no bairro Partenon, em uma invasão, mas iam ser despejados para bem longe, perto da Restinga. O ex-marido soube no trabalho que estavam loteando os terrenos no alto de um morro e então mudaram-se para a vila Korea. “Em volta era só mato. Já moro nesse chãozinho há mais de 50 anos”. A casa da Dona Alzira é bem construída, de alvenaria, ampla e confortável, com 3 quartos, cozinha, banheiro e sala. Tem uma TV de 29 polegadas. Um neto e sua família moram com ela atualmente. “To ajudando. A menina engravidou, a mãe a expulsou, eu podendo, ajudo. Mas eles estão construindo uma casinha. É por um tempo, só”. Voltando à questão da família, confessou que se perde, que é muita gente. Filosofando, completou: “a gente é como uma semente, que dá uma fruta aqui, outra ali, quando vê está uma roça... Minha família é assim, uma grande plantação”.

Falou com muito orgulho sobre o consumo, confirmando o cruzamento existente entre essa prática e a noção de cidadania, como bem resumiu Oliven (2007) com a máxima “consumo logo existo”. Com muita honra, revelou que é cliente especial em várias lojas. A sua preferência é pela loja Rainha das Noivas. Com humor contou que *casou* com essa loja.

Eles me ligam todos os anos e sou homenageada lá. Todo mundo me conhece. É o dia dos clientes especiais. É uma festa. Tem manicure, cabeleireiro, chá, bolo e dança. Fazem de tudo pra agradar a gente lá. Também gosto da Manlec. Me tratam com respeito. Só dou meu nome e sou bem atendida. Então toda hora tô na rua com alguém pra comprar alguma coisa. Tenho um bom nome na praça. Foi lá que o Lucas comprou o computador dele, em 10 vezes, eu acho.

Dona Alzira contou que tirou a cama para o tataraneto *com gosto*, porque Adriana é uma boa mãe. “Eu nem fico com o carnê. Nem sei quanto custou... Eles é quem pagam. Só às vezes eu intero um pouco pra ajudar na prestação”

Esse pequeno relato biográfico de Ana, Dona Alzira e sua neta, nos traz inúmera reflexões. Destaco que a escassez de recursos matérias dessa família não é um todo homogêneo: existem temporalidades, escalas e solidariedade que ajudam a driblar a falta de dinheiro e a pobreza entre eles. E também sinaliza que não estamos diante do que muitas vezes o senso comum apregoa – de sujeitos cegos e amarrados à sociedade de consumo – mas sim frente a pessoas que compram porque se relacionam e se relacionam porque compram – expressando a relação dialética que existe entre pessoas e mercadorias, como defende Daniel Miller (2002). O caso também apresenta elementos sobre um tema que reiteramos ao longo deste texto: nem sempre o computador ajuda a pessoa a fazer o “salto”⁵⁸ para melhorar de vida – imaginado por ela e por outros – ao comprar ou a aprender a operar o computador.

1.3.2 Mudanças de Casa: Rearranjos Domésticos e a Incorporação da Pesquisadora como mais um Elemento da Rede

Uns dias se passaram e recebi um telefonema de Cláudia. Ela queria saber da minha disponibilidade em ajudar a mãe com a mudança, que tinha decidido ir morar na casa do Marko, namorado. Fiquei surpresa com a solicitação, mas aos poucos compreendi o que estava ocorrendo.

⁵⁸ Inclusão desigual será detalhado e problematizado no capítulo 5.

Os problemas começaram porque Cláudia e o namorado Robson (19 anos de idade) precisaram também morar na casa. Por cerca de três meses, O casal morou junto, “cuidando” a casa de uma tia “rica” do Robson (ótima localização, no início do Morro, de alvenaria, pátio cercado, toda equipada com computador, internet, móveis e eletrodomésticos novos). Eles só pagavam a luz e a água. Porém, conforme Cláudia: “alegria de pobre dura pouco”, e o tal acordo não durou três meses. A dona da casa (que havia se mudado para viver com um novo companheiro) sofreu violência doméstica e, certo dia, bem no meio da noite, ela voltou. Como não tinha onde morar, exigiu a casa de volta. “O sonho tinha terminado” conforme palavras da Cláudia. Surgiu então um impasse. Para onde ir? Mesmo Robson insistindo para que fossem morar com os seus pais, onde teriam um quarto e privacidade, Cláudia não quis ir morar na casa da sogra – “deus me livre, é louca e não gosta de mim, pode ter mais dinheiro, mas não me vendo” – e resolveu voltar para a casa da mãe. Aí começaram os conflitos.

Ana agora também tinha um namorado, o que tornava mais complicada a questão do espaço. A solução do impasse veio com o convite do Marko, para que ela e os filhos menores mudassem para a Zona Sul, no bairro Vila Nova, mas era possível notar que a ideia de sair da vila não lhe agradava muito. “*Nasci e me criei aqui...*”, dizia melancólica.

Portanto, interpretei o telefonema de Cláudia como um *empurrão* para que as coisas se resolvessem mais rapidamente, para que a casa ficasse livre. Quando encontrei Ana, explicou-me que foi só passar o final de ano na casa do Marko, mas, para não fomentar mais conflitos com a filha, resolveu impulsivamente ficar. “Mas estamos precisando das nossas coisas. Tu não pode me dar uma mão e trazer a minha mudança?” Rindo completou: “eu sei que tu não tem um caminhão, é que mudança de pobre é isso mesmo, é roupa e tralha...”

Encontrei Ana na antiga casa. As filhas já tinham ensacado tudo e foi bem rápida a operação. As filhas criticavam bastante a mãe por juntar *tanta porcaria e não dar nada para os pobres, cheio de gente precisando*, reforçando

sempre aquela ideia de que a categoria *pobre* é puramente relacional⁵⁹, pois dois dias antes, elas mesmas se autodenominaram *pobres*, e agora era a mãe que estava sendo mesquinha não ajudando os *pobres*.

O carro foi lotado de *tralhas* para o novo endereço da família, uma casa de 1 quarto, de alvenaria, mas ampla e muito mais confortável do que a da Vila Korea, em uma rua sem saída, asfaltada, com casas muito boas na vizinhança, algumas até de alto luxo. Os filhos menores não pareciam estar gostando. “*Não tem amigo pra brincar, prefiro antes, aqui só tem gente esnobe*”.

O Marko, namorado, ficou cozinhando o almoço – um carreteiro de churrasco. Agradei e já imaginei que iria almoçar bem. Ele é um personagem à parte. Muito falante, branco, 32 anos, gordo, solteiro, se diz muito feliz com a nova família. Atualmente trabalha de vigia à noite em um condomínio. Adora cozinhar. Contou que conheceu Ana em um baile no Centro. “*Fiquei logo interessado, atraído pela sua aparência, porém logo no início da conversa ela abriu o jogo e disse: “Tenho 36 anos, 3 filhas, 1 filho e 1 neto. Marko pensou: meu deus, que fria, vou cair fora... Mas rindo confessou; não deu, já fiquei apaixonado nesse primeiro encontro”*”.

1.3.3 Rearranjos no Trabalho: Enfrentando o Desemprego

Então surgiram novos problemas. Ana estava bem no seu trabalho, a dificuldade com a questão da informática estava superada, porém no início de março ela teve um pequeno acidente de trabalho; cortou o dedo com uma faca. Foi bem superficial, mas precisou levar pontos. O médico a mandou ficar uma semana em casa, *de atestado*. Para a sua surpresa e decepção, quando voltou

⁵⁹ Vale o alerta da antropóloga Livia Barbosa (2003), no perigo metodológico de atribuir a categoria “pobre” a determinados grupos, que eufemisticamente nas pesquisas de mercado são referidos como consumidores C e D. “Pobreza é um conceito relativo. Ele depende do contexto e pode ser definido de diversas maneiras – carência material, espiritual, moral, entre outros – e ter significados distintos [...] que geram implicações diferenciadas na vida social” (BARBOSA, 2003, p. 103).

ao trabalho já estava pronta a sua carta de demissão. Ela ficou muito triste. Está há meses desempregada, pois não encontra uma vaga de técnica de nutrição e não quer *sujar* a carteira como doméstica de novo... “batalhei tanto pra ter uma nova profissão, não vou voltar a trabalhar de faxineira na carteira”. Ela atualmente faz um *bico*, limpa uma casa duas vezes por semana para sobreviver, mas sem carteira assinada. Como o novo endereço fica relativamente perto de onde eu moro, e como a Ana está sem trabalhar, disponível dois dias em casa, tenho ido visitar a família, conversar e tomar chimarrão e saber como ela está se saindo tentando uma nova vaga no mundo digital.

A batalha diária de Ana à procura de emprego agora é *online*, é mandando currículo, entrando em *sites*, tentando encontrar vaga pela internet. Estava frequentando diariamente o telecentro perto da sua nova casa, muito esperançosa em arrumar logo um novo trabalho, sempre aguardando ansiosa o *e-mail* da sua ex-professora, que prometeu ajudá-la. Contou-me, ainda, que colocou no *site* de busca google: *Emprego, Porto Alegre, auxiliar de cozinha*. Nos primeiros dias, ficou muito entusiasmada, porque eles oferecem muitas vagas, porém aos pouco foi descobrindo que não é tão fácil. Primeiro porque são muitas as empresas que oferecem esse tipo de serviço. Listo a seguir alguns exemplos, o endereço eletrônico e seus *slogans*:

www.empregos.com.br - Você quer, você pode.
www.maneger.com.br - Buscador de empregos
www.empregocerto.com.br - Procurando emprego?
www.curriculum.com.br/ - Iluminando talentos.
www.catho.com.br - Seu sucesso é o nosso negócio.

Depois, aos poucos, Ana foi ficando desmotivada. Preencheu vários formulários à procura de uma vaga para descobrir no final que todos os *sites* de emprego são pagos. Ou seja, todos eles funcionam da mesma maneira. Preenche-se um cadastro, responde-se um grande questionário e é necessário o pagamento de uma assinatura (que pode ser anual, trimestral ou mensal). Após dessa etapa, o sujeito ganha um *e-mail* específico para comunicar-se com os estabelecimentos que precisam de mão de obra. Detalhe: nunca dão o nome do lugar (então não se sabe se é verídico ou não as vagas anunciadas) e

todos os serviços pesquisados prometem arrumar logo um emprego. O que varia é o preço do serviço. Entre 8 e 80 reais mensais. Mesmo os que disponibilizam alguns dias gratuitos, é preciso pagar primeiro, dar um número de cartão de crédito de garantia, para depois poder entrar no banco de dados e enviar o currículo. Nas suas palavras: “Eu pensei que as coisas na internet eram de graça O emprego que eu mais gostei, custava cinquenta reais só para enviar o currículo. Falcatrua, já vi que não vou conseguir nada por aí”.

Com os dias passando, parou de esperar *e-mail* da professora do seu curso, que tinha prometido ajudá-la a encontrar um novo emprego e decidi procurar-la diretamente no Hospital de Clínicas: “às vezes é muito melhor falar olhando pra pessoa. Não vou mais esperar pela internet”. A tal professora a enviou para fazer entrevista em outros dois estabelecimentos, porém, Ana não conseguiu a vaga. Marko, companheiro de Ana, resumiu assim a situação: “Não digo para ela, pra não magoar, mas a verdade é que a Ana é negra, esta lhe faltando alguns dentes e está gorda. Vai por mim, aparência é muito importante. Aposto contigo que ela vai ter que voltar a ser doméstica e faxineira”.

Ana segue esperando: “*não vou morrer na praia*”, mas constatou que se quisesse ser empregada, seria mais fácil arrumar emprego. “*Parece que só posso ser isso na vida*”, protesta.

No emprego temporário atual, de faxineira, Ana pede para olhar os seus *e-mails* no computador da dona da casa: “*bem rapidinho, pra não abusar*”. Mas confessou estar perdendo o interesse pelo computador. Agora só está recebendo e enviando mensagens para os amigos. “Te mandei um *e-mail* bem lindo. Tu não recebeu⁶⁰? Sabe, sempre é bom acreditar... Tenho fé em todas as mensagens positivas que recebo”.

⁶⁰ Pesquisa realizada por uma empresa especializada em segurança de dados na internet em 2011 divulgou dados que mostram o grande volume de mensagens que diariamente circulam pela rede. São cerca de 264 bilhões de e-mails e a estimativa é que mais de 70% dessas mensagens sejam spams (e-mails não solicitado, que geralmente são enviados para um grande número de pessoas). O que a Ana me enviou foi um tipo de spam, conhecido como *corrente*, que geralmente pede ao destinatário repassar a mensagem para amigos ou para um determinado número de pessoas e assim alcançar sorte ou conseguir realizar algum pedido especial. O conteúdo deste tipo de e-mail varia entre mensagens de autoajuda, religiosas, ou descrição de uma simpatia (superstição). Fonte: <http://royal.pingdom.com/2012/01/17/internet-2011-in-numbers/> Acesso 20/06/2012.

Salmo 126 - Abra hoje VAI DAR TUDO CERTO!!!!

DEUS me pediu que te dissesse:

Que tudo irá bem contigo a partir de agora...

Você tem sido destinado para ser uma pessoa vitoriosa e conseguirá todos teus objetivos. (...)

Leia em voz baixa... 'Senhor Jesus: Perdoa meus pecados. Te amo muito, te necessito sempre, (...)

Receberás um milagre amanhã. Não o ignore. Deus tem visto suas Lutas. Deus diz que elas estão chegando ao fim. Uma benção está vindo em sua direção.

Se acredita em Deus envia esta mensagem a 20 pessoas, se rejeitar lembre Jesus disse: "se me negas entre os homens, te negarei diante do pai."

Dentro de 4 minutos te dirão uma notícia boa.

1.4 QUANDO, AFINAL, O COMPUTADOR NÃO VALE A PENA

O desencantamento de Ana com a informática pode ser exemplificado na última visita que realizei. O casal aparentava estar bem feliz e, ao me ver chegar, anunciaram que tinham uma surpresa para me mostrar. Primeiramente apresentaram algumas explicações morais para a tal aquisição, justificando-se para a pesquisadora pelo gasto: "estava fazendo falta, é bem prático, todo mundo da casa vai aproveitar, foi caro, mas juntamos daqui, juntamos dali, pedi um pouco emprestado pra mãe pra entrada" e ... Então a pergunta: "adivinha o que a gente comprou"? E a pesquisadora antropóloga, convencida de que a família teria entrado de vez na "era digital", prontamente respondeu: um computador! Mas errei, e eles riram da minha ingenuidade. "Pra que computador? Ele não sabe fazer nada. Compramos foi uma máquina de fazer pão! Vem comer. Saiu agora, o pão tá bem quentinho"!

Seu desencanto não é muito diferente do de Adriana. Na minha última visita à sua família, fiquei sabendo que Adriana também tinha vendido o computador, mesmo já tendo a cama para o filho. "Vi que não valia a pena, já que mudei de emprego e agora passo o tempo todo com computador e internet". Ela contou que completou o tempo máximo que poderia estagiar na CEEE (3 anos). Porém, com a ajuda da sua ex-chefe, conseguiu um novo trabalho, inclusive ganhando melhor e mais perto da sua casa. Ela é secretária/recepcionista de uma pequena cadeia de farmácias e trabalha o

tempo todo utilizando a internet, passando *e-mails*, fazendo pedidos *online*. Por isso, como tem livre acesso à internet no trabalho, resolveu vender o computador da sua casa⁶¹. Conforme suas palavras:

Pra nós não vale a pena ter o aparelho e não usar direito. Como tu viu lá em casa, era só pra jogar e ver filme. O preço para ter internet é um roubo, e posso acessar do trabalho. Então pra que te um computador, né? Vendi por 400 reais. Foi bem fácil. Um rapaz foi lá em casa e comprou à vista!

1.5 BÚZIOS, QUITUTES E CADEIA: O COMPUTADOR SE IMISCUI ATRAVÉS DOS SETORES INFORMAIS

Carolina, 19 anos de idade, moradora do Morro da Cruz, é a próxima informante que apresento. Ao conhecê-la, em 2007, na segunda turma que acompanhei no curso de informática do Murialdo, observei que Carolina destacou-se na turma em função de sua desenvoltura, carisma e bom humor. Sempre foi muito atenciosa e generosa com os colegas. Quando iniciou o curso, já tinha alguma noção sobre informática e já participava das redes sociais, colaborando com os colegas iniciantes. Ela foi uma das alunas com quem mais interagi ao longo do curso. Conversávamos sobre tudo, colégio, namorado, moda, fotografia e, claro, computador. Nessa época, ela não tinha o equipamento em casa e *vivia* nas *lan's houses* e telecentros. Conforme suas palavras – “o que mais queria era ficar o dia inteiro na frente do computador, eu era totalmente viciada na internet” – e precisava imperiosamente ver a sua página de relacionamento, no mínimo, duas vezes ao dia. Para tanto, desenvolvia várias estratégias e relacionamentos para conseguir seu objetivo, como amizade com o monitor do telecentro, com os do próprio Murialdo, com os funcionários das *lan house* (que cobravam 1 hora, mas permitiam 2 horas),

⁶¹ A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), do IBGE, constatou que apesar do avanço da banda larga no país em 2009, da ordem de 20%, ainda é expressivo o número de domicílios brasileiros que têm computador mas não acesso à internet. Os dados da pesquisa revelaram que 20% dos 20,3 milhões de domicílios onde havia computador estavam desconectados, envolvendo um total de 15 milhões de pessoas. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/> Acesso em: 02/10/2011.

incluindo as estratégias virtuais para driblar os bloqueios e limitações existentes no telecentro que a PUC – Universidade próxima ao Morro da Cruz – disponibilizava para a comunidade na época: só alguns serviços e *sites* (SCALCO, 2008).

Após o término do curso, Carolina foi convidada, junto com outros jovens, a trabalhar no Murialdo como estagiária, pois, essa instituição possui muitas ações e projetos assistenciais e sempre precisam de mão de obra. Ela exerceu diversas funções desde então: bibliotecária, educadora social, atendente na creche, professora no EJA, recepcionista, palestrante em escolas, o que lhe proporcionou uma grande desenvoltura pela experiência plural de trabalhar e interagir com diferentes públicos e em diversos programas sociais. Atualmente, é monitora no telecentro da prefeitura (que é administrado pelo Murialdo) e está inclusive ministrando aulas de computação para terceira idade duas vezes por semana nesse estabelecimento.

Ocorreu uma simpatia mútua entre nós e, desde 2007, com intervalos, nos falamos pessoalmente com alguma regularidade, ou conversamos via computador (MSN). Carol (apelido) sempre se mostrou muito cooperativa e inspirada para descrever seu entorno, sua cultura e a si mesmo e, por isso, logo a elegi como uma informante-chave para a minha tese. Contudo, para minha surpresa, quando fui conversar sobre a possibilidade de uma visita na sua casa, ela se mostrou pouco à vontade com o meu convite. Respondeu-me que poderíamos conversar, sem problemas, mas ela preferia sair, talvez em um bar. A princípio eu pensei que fosse constrangimento em expor a pobreza da sua casa, mas lembrei-me que ela mora perto do Murialdo, em uma parte considerada nobre do bairro, e que certa ocasião descreveu a sua residência com um pátio grande, vários cachorros, e a casa com muitos hóspedes e agregados. Ficou a dúvida e o embaraço que provoquei para serem resolvidos no próximo encontro.

Passados alguns dias, às 17:30, depois do seu trabalho, fomos conversar, atendendo a sua sugestão, em um bar perto do Murialdo. Nossa conversa precisou ser rápida, pois Carolina estava estudando à noite, além de estar particularmente nesse dia muito cansada devido ao árduo trabalho realizado ao longo do dia, de estruturar uma nova biblioteca, catalogando livros doados recebidos pela instituição. Pensei então que o motivo da recusa da

entrevista fosse a sua falta de tempo devido ao que os jovens com quem me relacionam denominam de *estar na correria*, ou seja, muitas atividades, como trabalhar e estudar. Porém Carolina disse que não estava cansada e queria me contar sobre o seu computador.

Ele é bem novinho! Veio na caixa! Os pais a presentearam pelo aniversário de 17 anos. Ela comentou que como teve uma superfesta de 15 anos (que representou um grande sacrifício para a família), só conseguiu ganhar o computador com 17 anos. “*Pulei o aniversário de 16 anos*, disse com risada. O pai comprou na loja Manlec, em 12 prestações. “Escolhi pelo preço, o mais barato que encontrei”. Era do programa governamental Um Computador Para Todos⁶² – e vem acompanhado do sistema operacional Linux, por ser gratuito. Como a maioria das pessoas que conheci que adquiriram esse tipo de computador, Carol trocou a configuração original por um sistema operacional Windows pirata. Ela disse que na loja mesmo o vendedor ofereceu mão de obra especializada nesse tipo de serviço (troca de sistema), o que foi recusado, pois a Carol é muito amiga dos instrutores do Murialdo, que prometeram ajudá-la a *turbinar a máquina* (gíria que pode ser traduzida por personalizar, customizar, adequar o computador) Carolina destacou:

E foi o que aconteceu, mexe daqui, pede ajuda ali e a coisa vai. Mas sabe, o bom de ter computador em casa é por isso; tu aprende *fuçando*, botando a mão na massa. Pelo menos foi assim que aprendi quase tudo que sei. Não foi só lá no curso do Murialdo. Acho que a gente aprende muito mais com a necessidade.

Essa maneira coloquial e simples de definir essa aprendizagem – *fuçando* – que quer dizer aprendizado que se baseia na tentativa e no erro – passa longe da visão tradicional de ensino, da teoria. Nesse caso, a informática é apreendida na experiência cotidiana, em conversas com amigos, na informalidade e causalidade. E toda essa intimidade e aproximação com a tecnologia só é possível porque se tem em casa uma máquina pra *fuçar*, para manipular, sem restrições. Nesse sentido, tem grande importância e alcance o Programa governamental, por incentivar a compra dos computadores para as classes populares.

⁶² O Programa será detalhado no Capítulo 5.

Por um ano, ela não pôde conectar-se à internet *por falta de grana*. Ficava muito frustrada de não poder usar direito o computador. Tentou usar a chamada linha discada⁶³, mas, conforme suas palavras, não vale a pena. “É caríssimo, e o computador vira uma carroça, horas e horas esperando e a pessoa pagando”. No primeiro mês, veio a conta de R\$300,00, e o pai cortou na hora. A estratégia usada era entrar depois da meia-noite, nos finais de semana, quando o impulso é mais barato, e o fluxo dos dados é menos intenso.

Mas há poucos dias conseguiu finalmente adquirir um plano 3G da operadora Vivo, porém ela já não está satisfeita com a escolha.⁶⁴ Carolina, assim como a maioria dos usuários que entrevistei e que usam esse serviço, não aderiram a essa tecnologia pela mobilidade que o 3G proporciona, mas simplesmente por falta de opções. Nos locais onde moram, a única opção de acesso à Internet é a discada pelo telefone, com limite de velocidade. Tecnicamente a tecnologia 3G pode ser considerada como um tipo de rádio, sujeito as suscetibilidades na recepção dos sinais, o que em poucas palavras, quer dizer que como um celular o modem 3G “*pega*”⁶⁵ melhor em alguns locais do que outros, dependendo do número de antenas existentes no local. Assim detalha toda a sua frustração:

Demora, cai toda a hora e na propaganda eles dizem que é ilimitado, mas é mentira, a moça da loja disse que eu poderia fazer tudo na internet, mas não é verdade. Não consigo rodar um vídeo de 3 minutos do youtub⁶⁶, nem baixar músicas. To tentando cancelar sem pagar multa. Pelo telefone já vi que não vou conseguir. É uma novela, horas e horas esperando à toa. Me deixaram 30 minutos na linha e desligaram e tentei outras vezes e não consegui. Vou lá na loja do centro onde comprei. Botar a boca!

⁶³ Conexão por linha discada ou *dial up*. Tipo de acesso à Internet no qual uma pessoa usa um modem e uma linha telefônica para se ligar à internet. O modem é o aparelho que permite essa comunicação, transformando os sinais telefônicos (analógicos) em sinais digitais. Fonte: Wikipedia Português – Acesso 24/06/2011.

⁶⁴ Banda larga 3G cresce, mas instabilidade eleva reclamações no Brasil Disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/telecom/2009/05/06/banda-larga-3g-cresce-mas-instabilidade-eleva-reclamacoes-no-brasil/> Acesso em: 21/06/2011.

⁶⁵ A minha experiência pessoal confirma isso. Meu celular é da companhia Claro Digital nunca funcionou nos altos do Morro da Cruz.

⁶⁶ O YouTube é um *site* na internet que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. É o mais popular *site* do tipo devido à possibilidade de hospedar qualquer tipo vídeo, até mesmo os materiais protegidos por *copyright*.

Com a família sendo mencionada, fiz perguntas, quis saber mais detalhes sobre quem usa, quando o computador. Então a Carolina me interrompeu e perguntou se o uso na família seria importante para o que eu estava estudando. Eu respondi que sim, que era o ambiente familiar que estava interessada, então ela riu, tirou um folheto do bolso e me entregou para eu ler. Nele estava escrito:

- Joga-se búzios...
- Atendimento com a pomba gira D'Estrada (Segundas-feiras, as 19:30). Trazer R\$ 7,00, uma garrafa de champanhe e uma carteira de cigarro.
- Atendimento com a cabocla Jurema (Quartas feiras, a partir das 18:00h) Trazer guaraná e uma carteira de cigarro.
- Endereço: Rua x número xxx./Bairro São José/Telefone: 3024...

“É o meu endereço. Minha mãe é da religião umbandista, é batuqueira. Tu tens alguma coisa contra a esse tipo de religião?” Respondi enfaticamente que não. Então, ouvi um novo desafio: “vai lá então na próxima quarta-feira conhecer a minha mãe, tomar um passe com a cabocla. Sempre ajuda. Tu vais gostar”.

1.5.1 Religião, Comércio, Amizade e... Internet

Na outra quarta-feira, compareci no local do folheto com um guaraná e uma carteira de cigarro, para oferecer para a cerimônia, conforme instruções do folheto. A casa fica em uma rua asfaltada, em uma lomba muito íngreme o que proporciona uma bela vista panorâmica da cidade.

Na entrada, após o portão de ferro, há uma garagem aberta com um carro absolutamente antigo, todo reformado e remendado, provavelmente do modelo Corcel 2. Carolina falou com orgulho: “*é velho mas é carro, de vez em quando ainda anda...*” Ao lado dessa garagem aberta, fica a casa da família. Bem ampla e confortável, com 2 dormitórios, banheiro, sala conjugada com a cozinha.

Como o terreno é bem fundo, essa garagem é também a passagem para um alpendre (tipo de varanda que marca a separação dos espaços

interiores/exteriores da residência, estabelecendo uma nova marcação do território, do privado para a o público) no caso a fronteira da casa para o salão destinado às práticas religiosas. Toda a lateral da casa é cercada por bancos, mostrando que o local comporta receber muitas pessoas. Nesse espaço intermediário – que é um ambiente coberto, porém aberto –, tem uma churrasqueira e uma grande mesa, com muitas plantas ornamentais (foto a seguir). Após vem o salão religioso, com mais uma cozinha independente, que é utilizada no preparo das comidas para as cerimônias. Finalizando ainda existem mais duas peças (quartos) nos fundos e uma faixa bem grande de quintal, onde Inês planta algumas ervas utilizadas nos rituais.

Fui recebida no salão, que possui dois sofás e bancos. No fundo, tem o Congá, que conforme me explicaram, é o “altar sagrado”, composto por imagens de santos católicos, caboclos, pretos-velhos, etc. A mãe de Carol veio me receber. Inês, 38 anos de idade, mãe de 3 filhas, é uma mulher bonita e aparenta ser muito calma e serena. Cheguei muito cedo, e interrompi o café que Inês e mais algumas senhoras estavam tomando na rua, na mesa da churrasqueira. Convidaram-me para sentar e fui aos poucos sendo apresentada para as outras pessoas; “ela é amiga da Carolina, trabalha no Murialdo”. Nego a informação, e sempre e procuro explicar que sou estudante de antropologia, que pesquiso informática... Mas percebo que as pessoas realmente não parecem se interessar muito sobre detalhes. Naquele ambiente, por exemplo, já era suficiente saber que era amiga da Carol e estudava/trabalhava na Universidade...



Imagem do Congá da Casa de Religião da Inês. *Fonte:* Carolina (20/01/2011).

Indagados sobre quantas pessoas moravam na casa, riram para me explicar. Começaram pelo pai, o Pedro, 42 anos (eletricista autônomo), a Inês, (trabalha com a religião/ dona-de-casa) e 3 filhas, a Carolina (19), a Letícia (12 anos) e a caçula Laura (9 anos). Além da família nuclear moram na casa também 2 afilhadas (filhas de santo), da Inês; a Carla, 30 anos, com uma filha de 1 ano e a Paula, de 28 anos. No total contei 8 pessoas. Inês relata também que já são avós. O marido tem um filho do primeiro casamento - mas foi criado com a família - recentemente casou, teve um filho e mudou-se da casa. O local do terreiro atual era a antiga residência da família, que, conforme relataram, estava ficando muito velha e com risco de desabamento. Com muito esforço construíram uma nova residência para família e reformaram o salão.

Também me disseram que provavelmente eu estava tendo uma impressão errada do lugar, pois naquele horário só estávamos em 5 pessoas,

mas que sempre tem “um povo aqui dentro, é preciso até distribuir senha”. Ou seja, o local é muito popular, inclusive é uma tradição de família, uma vez que Inês aprendeu com os avós, que foram pioneiros na região. Naturalmente não pretendo aprofundar-me nas questões pertinentes às práticas da umbanda, porém ouvi algumas críticas da Inês ao “*povo da minha religião. Tem muita ganância por aí, gente trabalhado só por dinheiro. Aqui, não. É tudo espiritual. Eu sempre digo, é preciso viver na religião e não só da religião*”.

Já eram quase 18 horas, e a conversa seguia firme. Inês me explicou que mesmo sendo quarta-feira, teoricamente o dia que ela recebe a cabocla de nome Jurema, esta entidade tem autonomia e *baixa* quando ela deseja, ou seja, não é sempre que acontece a incorporação, não depende da vontade de Inês. Entramos no salão, elas se vestiram (Inês, Cláudia e Kátia), colocaram umas saias brancas compridas e começaram a rezar, chamar pela entidade, que depois de um tempo, apareceu e então a voz, o olhar e a postura da Inês se transformaram. Ela ascendeu um cigarro, tomou cachaça, enfim, bem dentro da *performance* esperada para um ritual afro. Fiquei de longe observando e esperando a minha vez de tomar o passe.

Perguntou-me por que estava ali, e respondi que era devido a minha pesquisa e por curiosidade pessoal. Ela me benzeu, passou perfume de alfazema e depois abriu os braços e me deu um longo abraço. “A casa está aberta. Volte sempre pra pesquisar, estudar, tomar passe ou conversar com a gente”. A seguir deu passe nas filhas, e benzeu Letícia, que estava com o pé enfaixado. Elas naturalmente não a chamam de mãe e sim de cabocla. Durante toda a minha visita, Carolina demonstrou bastante orgulho da mãe, em uma atitude bem diferente de uns dias atrás, em que relutou-me em contar que atividade a mãe exercia. Acabou a sessão, e ela fez um ritual de despedida, agradeceram, acenderam velas e depois ela (Inês) *voltou*... Conversamos mais um pouco.



Preparação para um casamento na casa. Fonte: Lucia Scalco (15/01/2011).

Ela contou que desenvolve um trabalho social voltado principalmente para as crianças, com o argumento de que ela era pobre, mas que havia muita gente lá no morro pior, na miséria. Notei que Inês estava um pouco cansada, e ela confirmou que demora um pouco para voltar ao normal. Fiquei frustrada por não conseguir ver o computador da família. Vendo que aquele não era o momento adequado para conversarmos mais sobre informática, resolvi ir embora e voltar outro dia.

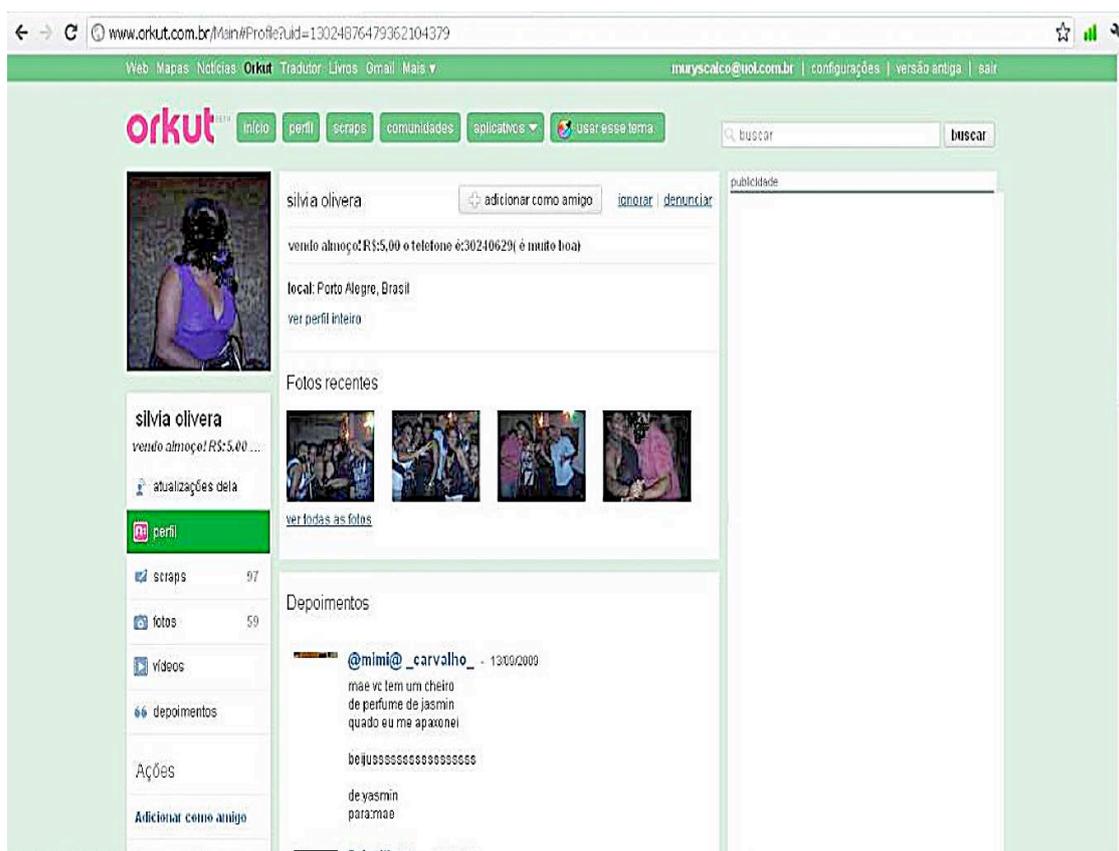
Na outra semana, fui cedo para tentar introduzir a questão do computador. Ao ser questionada sobre o uso, Inês mostrou-se um pouco cética em relação a todos os seus benefícios, alegando “*que é mais para os jovens*”. Disse que o computador é usado mais pelas filhas, e que, apesar de ter sido presente para a filha mais velha, as filhas menores usam e adoram, o que é uma fonte de conflito eterna. Todas querem usar ao mesmo tempo!

Brigam o tempo todo, além da casa ficar sempre cheia de amigas, todos querendo mexer ao mesmo tempo. Mas reconheço que o computador facilita a vida. Por exemplo, no último final de semana realizamos uma saída religiosa, para cumprir as nossas obrigações. Alugamos um ônibus, mas primeiro a Carol pesquisou na internet. Fizemos uma boa economia comparando os preços. A Carol fez um

Orkut⁶⁷ pra mim, eu até gosto, a gente coloca fotos, to tentando me acostumar...é bem divertido.

1.5.2 Vendo Almoço! R\$: 5,00 o telefone é: 3024... (é muito boa)

Fui pesquisar o seu Orkut e vi que, na casa de Inês, a internet não é exatamente “sociabilidade só para os jovens”, pois, além de usar o Orkut como ferramenta de comunicação com os seus familiares, amigos e (clientes), Inês usa esse serviço também para vender almoço caseiro, que ela mesmo prepara para reforçar o orçamento doméstico, exemplificando bem a interligação existente entre o chamado mundo real (*offline*) e o mundo virtual (*online*).



Reprodução da pagina da Inês no Orkut. Fonte: Orkut. Acesso em: 20/12/2012.

⁶⁷ As redes sociais – novo fenômeno mundial da internet – basicamente são um meio de se conectar a outras pessoas na Web. Nos respectivos *sites* dessas redes, encontram-se os perfis dos usuários: uma coleção de fatos sobre o que esses sujeitos gostam, seus interesses, fotos, *hobbies*, escolaridade, profissão ou qualquer outra coisa que ele queira compartilhar, ajudando seus membros a criar novas amizades e/ou manter relacionamentos.

Os recados do seu Orkut são também reveladores dessa intersecção e também de como essa ferramenta reforça o pertencimento e a sociabilidade com a rede local.

- Eu te amo (Inês) te adoru muito preta velhaaaaaaaaaaaaaaaaa
- bom dia minha amiga. que tenhas um bom dia com paz e harmonia. beijos axé de oxum
- Mão preta, mãe querida eu te adoro muito, esses anos de convivência só despertaram mais o carinho que tenho por você são os votos do teu filho Gordinho
- grande abraço preta véia é nois rrsrrsrrs
- oi minha mae preta te amo muito. que bom que veio para o mundo da internet. poderemos conversar ou mandar recados. vai gostar
- até a Inês no orkut? ah nããããããã! ahahahahahahahahaha, brincadeira
- Oi como vc está? não te vi mais na parada!! as gurias estão indo sozinhas para aula
- feliz aniversário, mãe preta. tudo de bom pra ti. felicidades

Conforme Vianna (2007), a presença maciça dos brasileiros no Orkut e no Youtube demonstra que as pessoas querem produzir conteúdos, e não ficar na posição passiva de apenas consumidoras. E ele vai mais além, credita ao *site* de relacionamento Orkut o motivo pelo qual a maioria dos brasileiros passaram a ter acesso à informática, ou seja, através do Orkut passaram a conhecer a Internet e a usá-la, incrementando os dados sobre “inclusão digital”. Conforme a fala da Carolina, que tem cerca de 700 amigos no referido *site*; “se você não tem Orkut, você não existe”!

Feitas essas considerações, inicio agora o relato de uma senhora, parente de Inês, que frequentava o local em busca de conforto espiritual pelos inúmeros problemas que a acometiam. Acompanhei o *deu drama* e o incluo aqui por ser um exemplo emblemático da realidade que muitas famílias – em especial as das classes populares – vivenciam: o drama dos parentes presos.

1.5.3 Comprei um Computador para Ter Informação sobre o Processo do Meu Filho Preso

Marta, 51 anos de idade, auxiliar de enfermagem, trabalha há mais de 30 anos em um hospital da cidade, é viúva e tem 2 filhos. Uma filha de 25 anos (casada com o enteado da Inês) e mãe de um menino de 5 anos e um filho de 22 anos que está preso acusado de latrocínio.

Fui apresentada à Dona Marta e, quando disse que estudava inclusão e computador, ela me pediu ajuda. Contou que o filho está preso, que é inocente, que ela precisa ajudá-lo, mas é tudo muito difícil e complicado. Disse que não consegue informação sobre o andamento do processo do filho, que estava pensando até em procurar um curso formal de informática para ela poder acessar o *site* do judiciário “sem precisar ficar pedindo, amolando toda hora quem sabe e tem computador, sem precisar ficar na dependência dos outros...”

Reclamou que não dão informações por telefone, nem pessoalmente, só pelo sistema. Porém, para Dona Marta, esse novo sistema todo automatizado a exclui. É difícil o acesso e o manejo do computador para obter informações no *site* do sistema judiciário. Perguntei se ela conhecia o serviço da Defensoria Pública, e ela me respondeu que, por duas vezes, foi de madrugada tentar *ficha*, mas não conseguiu atendimento. Preferiu então, *no desespero*, pagar um advogado, que lhe *passou a perna, um sem vergonha*. Relatou que o tal profissional cobrou R\$ 5 mil reais para impetrar um *habeas corpus*. Como ela não conseguia acompanhar os trâmites do processo, acreditou na boa fé do advogado, pagou a quantia, porém ele nunca impetrou qualquer pedido ao juiz e desapareceu com o dinheiro. Já está no terceiro profissional.

Marta mudou a sua vida e rotina após a prisão do filho, visitando-o duas vezes por semana (nas quartas-feiras e aos domingos). Sempre escuto seu relato com os detalhes que seu filho faz para sobreviver na prisão. Uma estratégia é a comida que ela prepara e leva para ajudar o filho. Pastéis, bifes, bolos... Na prisão, esses produtos viram moeda de troca por proteção, para ter direito a uma cama, a um colchão. Acredito ser muito difícil traduzir em palavras algumas emoções vividas e compartilhadas em campo - mas todo o

seu drama e sua batalha para ajudar o filho podem ser mensurados no questionamento que me fez em uma das nossas conversas:

Eu nunca faltei um dia de visita. Sempre o mesmo ritual, mostro a minha carteira de identidade, passo pela revista íntima, etc. Vejo que o guarda controla tudo e registra no tal computador, no tal sistema.

E como querendo uma resposta afirmativa, disse:

Então, tu não acha esse tal sistema pode mostrar pro juiz que ele é um guri bem cuidado, que ele tem uma família que a mãe dele NUNCA faltou uma visita, que vai apoiá-lo? Acho que isso pode ajudar o juiz a decidir... O computador pode provar que ele é de família.

Outro ponto de convergência entre as novas tecnologias e o presídio é algo bem polêmico: sobre o acesso ao celular pelos presos. Com os avanços tecnológicos, um *smartphone* (celular de última geração) corresponde ao preso ter um computador nas mãos, o que, em tese, possibilitaria o envio de mensagens falsas, comandar assaltos, coordenar o tráfico e/ou encomendar crimes usando *chat's* ou programas instantâneos como o MSN e as redes sociais, etc. O filho de Dona Marta acessa o Orkut e, quase diariamente, liga e conversa com a mãe. Ela resumiu assim: “Sei que é proibido, que é errado, que o tráfico é comandado lá dentro do presídio. Também tem aqueles trotes... Enganando as pessoas. Não defendo nada disso. Só te digo uma coisa. O meu guri me liga toda a noite, mas é para chorar... Aquilo lá é um inferno⁶⁸”.

Recentemente o pai de Dona Marta, que estava muito enfermo, faleceu. Ela me ligou comunicando o ocorrido e compareci ao enterro. O filho foi avisado na Prisão. A lei prevê o direito de o preso comparecer ao cemitério, mas o rapaz preferiu não comparecer no enterro do avô para não constranger a mãe e os familiares, uma vez que teria de ir algemado, com escolta e ficar à distância, sem poder falar com ninguém.

Não é objeto desta pesquisa relatar os problemas e as dificuldades existentes no precário sistema carcerário do Brasil⁶⁹ e/ou detalhes do crime

⁶⁸ Um dia antes de completar 1 ano na prisão temporária, o rapaz foi condenado por uma juíza a 22 anos de prisão. Dona Marta está tentando recorrer da decisão judicial

⁶⁹ A população carcerária do Brasil em 2010 era de 496.251 presos, de acordo com o Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (InfoPen) do Ministério da Justiça, que corresponde a

praticado, mas para dar o tom do drama da Dona Marta, a título de contextualização, elenco 3 informações que considero relevantes. O texto a seguir se baseia no relatório da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do Sistema Carcerário⁷⁰, realizado em 2008.

1) A CPI observou a total ausência nas cadeias e presídios brasileiros de gente de posses, embora na mídia, várias vezes, aparecem os mais variados crimes (homicídio, corrupção, fraude, acidente de trânsito, etc.) envolvendo pessoas das classes média e alta. em crimes de homicídio, corrupção, fraude, acidente de trânsito etc., Ocorre a condenação jurídica, mas na prática a permanência dos mesmos atrás das grade é muito raro.

2) O Secretário da Administração Penitenciária de São Paulo admitiu, em entrevista ao Jornal da Tarde, que todos os meses são encontrados nos presídios paulistas pelo menos 900 celulares, que são considerados armas e recolhidos. Porém no mês seguinte, lá estão novamente a serviço dos bandidos. Os celulares e chip's (assim como armas e drogas) entram com facilidade em cadeias de todo o país trazidos por visitante, especialmente mulheres, pelos advogados dos presos (que não precisam passar pela revista), e principalmente através de agentes e diretores corruptos que, mediante pagamento, deixam entrar de tudo nas cadeias.

3) O Presídio Central de Porto Alegre é o pior lugar visitado pela CPI. Além da superpopulação (sua capacidade é para 2.000, mas abriga 5.000 detentos), "em buracos de 1 metro por 1,5 metro, dormindo em camas de cimento, os presos convivem em sujeira, mofo e mal cheiro insuportável. Paredes quebradas e celas sem portas, privadas imundas, sacos e roupas pendurados por todo lado... uma visão dantesca, grotesca, surreal, absurda e desumana. Um descaso!"

Ou seja, Dona Marta faz parte de um grande contingente de familiares de presos que tenta, com modestos recursos hoje, incluindo as possibilidades vindas da informática e do celular – tornar a vida carcerária menos penosa.

39ª maior cidade do país, com população semelhante aos municípios de Niterói (RJ) e da capital Florianópolis (421.240). O Brasil tem o terceiro maior número de presidiários do mundo, apenas atrás dos Estados Unidos e da China. A maioria deles está em regime fechado. Os presos de 18 a 29 anos constituem quase a metade da população carcerária: A maioria está condenada a penas entre quatro e oito anos (72.792); Alguns dados sobre escolaridade; Analfabetos - (25.319); Quase metade dos detentos possui Ensino Fundamental incompleto (201.938); Ensino Fundamental completo (52.826); Ensino Médio completo (32.661), Os diplomados com Ensino Superior não chegam a 2.000 (1.829) e apenas 72 pós-graduados estão no Sistema Penitenciário. Cerca de 20 mil detentos não tiveram seus dados educacionais registrados.

⁷⁰ Disponível em: <http://pfdc.pgr.mpf.gov.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/sistema-prisional/relatorio-final-cpi-sistema-carcerario-2008>. Acesso em: 25/06/2011.

1.6 NOTAS FINAIS: COMENDO O PÃO

Em decorrência das mudanças econômicas, sociais e tecnológicas estamos vivendo uma reconfiguração no mundo do trabalho, que está exigindo dos trabalhadores⁷¹ um novo aprendizado e novas habilidades. Ao que tudo indica, a internet não é mais uma questão de luxo ou classe social. As pessoas estão realmente convencidas de que o acesso oportuniza melhora nas condições para o estudo e o trabalho.

Contudo, os dados empíricos aqui apresentados, mostrando como Ana viveu o seu processo de “inclusão digital”, tensionam esse discurso hegemônico sobre a importância e a preponderância da tecnologia na vida das pessoas. Ao contrário do que se pensa, no cotidiano a tecnologia/informática não são acessíveis do mesmo modo para todos. Ela produz sentimentos muito fortes a respeito do lugar que ocupamos no mundo, conforme visto na narrativa da Ana, descrevendo o seu drama em relação aos primeiros dias de trabalho, onde precisava cadastrar-se no sistema. Não se tratava apenas do medo de ser demitida, mas da vergonha, do sentimento de inferioridade, de exposição frente aos colegas devido ao fato de ela não entender e/ou não conseguir memorizar a sua senha de acesso. Nesse sentido, a solução encontrada por Ana pode ser vista como certa forma de *agency*, (ORTNER, 2006), pois ela conseguiu desbravar – ou ao menos amenizar – esse universo tecnológico hostil, incorporando coisas amadas e familiares para superar as diversidades.

Continuando com o exemplo de Ana, percebe-se também que a aquisição de novas competências informacionais para ascensão social não proporciona a “melhora na vida” para todas as pessoas. Ela estudou, formou-se e aprendeu informática para entrar no mercado de trabalho – e *deixar de ser doméstica* –, porém viu seu sonho ruir. Constatou que agora ela estava finalmente formada, era uma incluída digital (até que enfim tinha a carteira de técnica em nutrição e também destreza com o computador), mas estava

⁷¹ Essa tendência pode ser constatada nos anúncios de emprego. No jornal popular Diário Gaúcho, do Rio Grande do Sul, encontramos várias ofertas de vagas de trabalho, inclusive para a construção civil, onde a única opção de contato é o envio de currículo a um endereço eletrônico. Ou seja, sem acesso a internet, não pode nem concorrer à vaga.

desempregada. Ou seja, essas habilidades não foram suficientes para ela achar e manter-se em um emprego atuando dentro do que estudou. Ana está desiludida e desconfiada que seu esforço tenha sido em vão. Nesse sentido, a sua opção em adquirir uma máquina de fazer pão em vez de um computador são reveladores do seu descrédito com o mundo digital e também com algumas outras aspirações que o acompanham.

A sua filha, Adriana, de certa maneira, também desconstrói esse discurso sobre a importância do computador para os jovens. No caso, Adriana preferiu vender o seu equipamento para comprar a cama do filho, mostrando que o computador é só um item na hierarquia de objetos caseiros. Sua irmã, Cláudia, esportista também nunca teve muito *apego* ao computador. Não é algo imprescindível. Elas usam no trabalho, como ferramenta de comunicação.

No entanto, Carolina, da mesma geração, do mesmo bairro e da mesma escola, tem outro envolvimento com o mundo digital, sendo seduzida pelo computador. A internet tem uma grande relevância na sua vida, que pode ser exemplificada pela sua fala: “sem Orkut, você não existe, vira invisível”. Uma possível explicação seria sobre o marido, namorado, mas não se sustenta, pois Carol também possui um noivo e mesmo assim continua a ser, como se autodefine, “uma viciada total em computador”. Um caminho teórico para entender essas diferenças e diversidade de interesses é a “noção de possibilidades” (VELHO, 1993), que oferece uma perspectiva dinâmica para entender a relação entre o indivíduo e a sociedade.

Também é preciso mencionar, mesmo rapidamente, como o campo social da religião está se apropriando da informática e das novas tecnologias para pregar, educar e informar os fiéis. Todas as religiões estão presentes na internet, porém não de forma homogênea.⁷²

Os recursos virtuais foram ficando mais sofisticados no ciberespaço e da mera publicação de textos em páginas da web, as diferentes religiões passaram a utilizar também as práticas mais interativas de sociabilidade como os recursos disponíveis das chamadas comunidades virtuais (*chats*, *blog's*, grupos de discussão, *sites* de relacionamentos e, até mesmo, a plataforma

⁷² Ver mais detalhes sobre o mercado religioso brasileiro e o impacto da internet nesse processo, mostrando as especificidade de cada religião, em Jungblut (2010).

virtual do *second life*). Ou seja, a internet tornou-se também um lugar para a expressão da fé e um local onde indivíduos, grupos e/ou instituições utilizam para publicizar as suas crenças e traços identitários religiosos. Especificando um pouco mais o uso que casas de religião afro-brasileiras fazem da internet, Jungblut (2010) aponta que:

De uma situação de quase que total invisibilidade, há cerca de dez anos atrás, o número de páginas pessoais ou institucionais deste segmento religioso cresceu surpreendentemente. Observando as características destas páginas (que, geralmente, são muito simples e têm como intenção básica a mera publicidade dos serviços oferecidos nestas casas de religião), percebe-se que se trata de uma utilização ainda bastante acanhada desta mídia. (...) a maioria das páginas na *web* tem como intenção, por exemplo, informar local e horário de atendimento dos médiuns, mostrar fotos dos estabelecimentos e dos médiuns, etc.); comercial (há um bom número de páginas de lojas de artigos religiosos afro-brasileiros, também editoras e livrarias); praticamente nenhuma interatividade individual (JUNGBLUT, 2010, p. 204).

De fato, na nossa interação com Inês – membro da religião afro-brasileira, que é considerada sem grande força política e estrutura econômica (ORO; DEBEM, 2007) –, percebemos que a Internet representa um espaço para, de forma barata, divulgar a sua crença e a prática religiosa. Ela usa essa ferramenta bem pragmaticamente, resolvendo problemas, otimizando a comunicação com seus fiéis e/ou divulgando seus serviços (axé, almoço e o seu endereço e horário de atendimento no seu Orkut), mesmo precisando da ajuda das filhas para realizar essas tarefas.

O mesmo ocorre para a Dona Marta: o acesso e o manejo do computador são coisas difíceis. O novo sistema do judiciário brasileiro – com todos os procedimentos *online* – foi implantado para facilitar a vida das pessoas, democratizar a informação. Entretanto, na realidade, para ela o sistema a exclui. De qualquer modo, visto que inclusive a dominação permite ambiguidade, contradições e lacunas, o mesmo sistema “odiado” pela Dona Marta é acionado na tentativa de mostrar todo o seu empenho e amor em relação ao filho, pois imaginou que o dado sobre as suas visitas regulares – registradas no tal sistema – seriam repassadas ao Sr. Juiz e ajudar o filho a mostrar que tinha uma família.

Por fim, podemos concluir este capítulo reafirmando a importância da localidade e dos modos já existentes de vida, através dos quais os usos e sentido do mundo da informática vêm filtrados. Ou seja, nosso material tende a validar a hipótese de Castells (2005): *o computador não muda comportamentos, mas os comportamentos mudam a internet.*

2 TECNOLOGIAS DA PAIXÃO: DA REABILITAÇÃO À MÚSICA!

Uma reflexão sobre as ações de políticas públicas sociais frequentemente nos leva à questão da pobreza existente atualmente no mundo. Conforme os dados da FAO (2010), sigla da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, mais de 1 bilhão de pessoas sofrem com a fome no planeta, levando à constatação de que uma em cada seis pessoas é atingida por esse flagelo. Conforme PNDU (2006), outros dados: uma em cada cinco pessoas residentes em países em desenvolvimento não tem acesso à água potável, e quase metade da população desses países não tem acesso a saneamento básico. Uma pergunta óbvia seria: aprender a usar o computador, para fazer o quê? Para chegar onde? Partindo da realidade nacional, e dialogando com Silveira (2001), percebemos que esse autor também questiona, no seu livro “exclusão digital” - a miséria da informação, se a tecnologia da informação pode combater a pobreza ou, dito de outro modo, se o acesso à tecnologia abre portas para os pobres.

Afinal, em um país com 11,4% de analfabetos entre as pessoas acima de 10 anos de idade e com 50,7% da população recebendo até 2 salários mínimos, qual o sentido de se falar em “exclusão digital”? A “exclusão digital” não seria uma mera decorrência da exclusão social? Seu enfrentamento não seria consequência da melhoria de condições de vida e renda da sociedade? Em outras palavras, até que ponto o combate a esta exclusão seria importante diante de tantas carências? (SILVEIRA, 2001, p. 5).

Entretanto, a etnografia neste capítulo levantou outra dimensão diante dessa questão. Podemos encontrar inspiração em uma reflexão de Elias (2001), ao discutir a possibilidade da existência de algum tipo de hierarquia ou preponderância entre diferentes necessidades do ser humano, como a necessidade de alimentação e a necessidade de informação e de saber.

O que se pode desde hoje dizer com certeza é que a tentativa de reduzir o motor dos processos sociais a uma esfera única da vida em comum, isto é, a esfera econômica, não corresponde aos fatos tangíveis. Outros impulsos, que não os de uma ordem estritamente econômica operam na evolução social não-planejada.(...) Há também outros impulsos, aqueles devidos aos progressos nos meios de

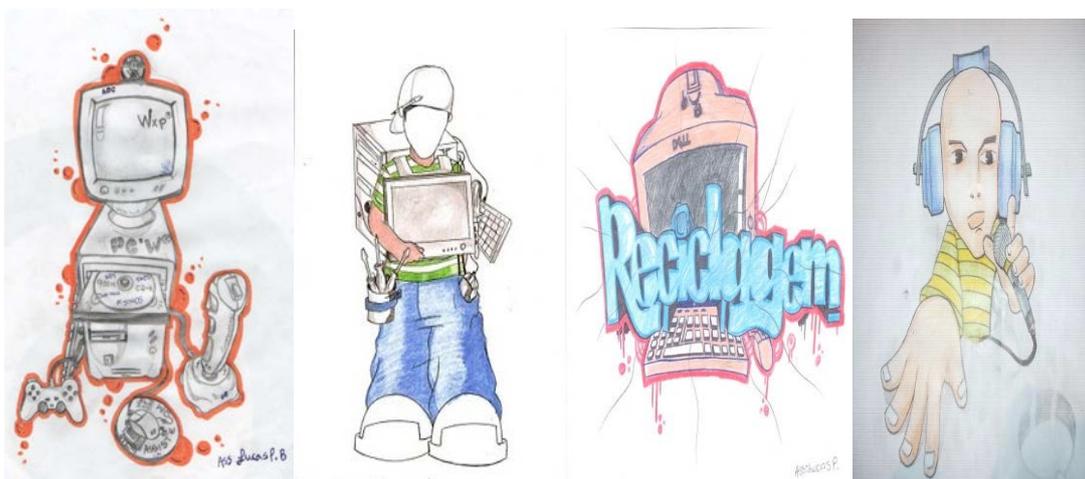
informação, isto é, do saber. A necessidade de informação, a necessidade de saber, é, com efeito, tão elementar quanto a necessidade de pão ou de algo que pudesse saciar a fome, e a primeira não pode ser satisfeita sem que ao mesmo tempo se satisfaça a segunda: a necessidade de saber – entre outras coisas o saber que permite saciar a fome – não pode ser satisfeito sem que se sacie a fome, e a possibilidade de saciá-la, por seu turno, não existe sem o saber (ELIAS, 2001, p. 132-133).

O autor concluiu, pois, que há muitos “impulsos” além do econômico, uma vez que sempre é preciso o saber, e acrescentaremos: o comunicar. Neste capítulo, seguiremos adiante na reflexão de Elias (2001), procurando entender esses outros impulsos, à luz do que chamamos de “as tecnologias da paixão”. Aqui estaremos escutando as histórias de Mateus, Paulo, Clóvis (DJ Saúva) e Alexandre – uma rede de homens aparentados que se consideram, de alguma maneira, especialistas (ou pelo menos, bem capacitados) na área da informática. É possível observar que, essas pessoas, além de usar a internet como ferramenta para coisas práticas da vida (emprego, etc.), também a utilizam como um modo central de expressão nas suas vidas. Mateus encontra na internet uma maneira de divulgar seus desenhos; Paulo leva seus recados motivacionais para diversas plateias por meio de seus *PowerPoint*; e Clóvis não consegue ver a informática como separada de sua paixão pela música *rap* – algo que requer constantes *updates* nas suas competências técnicas para manter um bom produto. Por fim, por meio do esforço de Alexandre, é possível perceber que os saberes técnicos são – como no caso de Ana, do primeiro capítulo – apenas um dos obstáculos à “ascensão socioeconômica”.

2.1 ENTRANDO NA REDE

2.1.1 Mateus: Desenhista e Grafiteiro

Conheci primeiramente o jovem Mateus, de 17 anos de idade, quando grafitava o muro da creche comunitária da Vila Cachorro Sentado. Como alguns dos seus desenhos ilustram bem o tema das tecnologias, do uso do computador, o universo do *hip hop* e da metareciclagem, a seguir reproduzo alguns desenhos retirados do seu *blog* pessoal, o qual utiliza como fonte para divulgar a sua arte.



Desenhos do Mateus – Fonte: *Blog pessoal*⁷³ (01/10/2011).

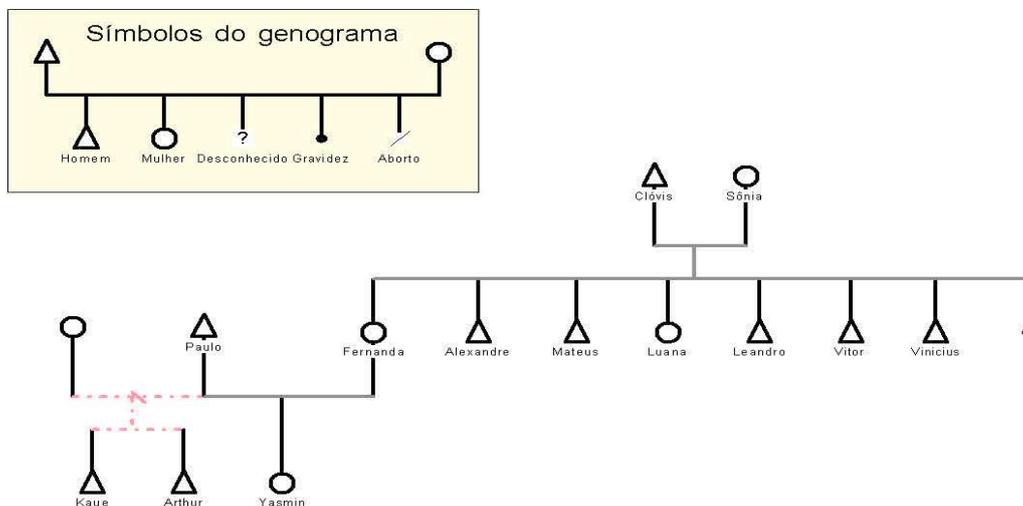
Mateus divide seu tempo entre o colégio (cursa o 1º ano do ensino médio no turno da manhã), o trabalho esporádico que consegue com o grafite (além de muros e paredes, agora pinta camisetas) e a internet. Confessa ser um *viciado* no *Orkut* e no *Facebook* e está *sempre* no *MSN*. Quando não consegue sinal em casa, vai para a *lan house* e, quando está sem dinheiro para pagar R\$ 1,50 (um real e cinquenta centavos) pela hora, vai para a casa

⁷³ Ver melhor os desenho em <http://lucasgrafite-desenho.blogspot.com.br/>. Ver também estudo sobre as apropriações visuais do espaço urbano Kessler (2008).

da vizinha. Confessa que fica um pouco encabulado, mas é amigo do filho do casal (colega do colégio) e explica que também, quando a vizinha – proprietária do equipamento e do acesso ao computador – precisa de alguma coisa, sempre a ajuda. Tanto em relação à informática (“instalo programas, tiro vírus, coloco as fotos para ela, etc.”), como também fazendo alguma coisa de que ela precise. “É uma troca”, definiu Mateus. Quando ele soube que pesquisava o uso do computador nas residências, foi enfático:

... Dona, lá em casa, todo mundo mexe no computador. Até meus irmãos menores. Meu pai é o DJ Saúva e crescemos no meio de fios, microfone, mesa de som, ouvindo e fazendo hip hop. Ajudamos o pai quando ele coloca som nas festas, sabemos fazer de tudo (Na mesma hora, interessei-me em conhecer a família, e o Mateus meio constrangido alertou-me:) Tá tudo dominado! Mas olha, a gente é bem pobre. Não repara, ta?

A seguir, exponho uma pequena genealogia da família para ajudar na contextualização dos membros da família que estavam na casa do Clóvis, na primeira visita feita...



No mesmo dia, subimos o morro. A casa da família⁷⁴ localiza-se em uma viela bem perto da cruz, onde não passa carro. A descida é bem íngreme

⁷⁴ No primeiro dia em que visitei a família, Paulo estava com seus dois filhos menores de idade; fruto de uniões passadas, que possuem respectivamente 11 e 5 anos de idade.

e de chão batido. No entorno, alguns jovens que trabalham para o tráfico – com a missão de observar o movimento, avisar a respeito da movimentação da polícia e de concorrentes ou entregar e negociar drogas –, conhecidos como *campana* ou *olheiro*, compõem o cenário bem conhecido e divulgado pela mídia. A residência fica em uma baixada (lomba) e, já na descida, é possível ver a antena em cima da precária casa.



Casa DJ Saúva. *Fonte:* Lucia Scalco (21/08/2011).

No pátio, há objetos de informática, monitores velhos, teclados, carcaças de computador, diferenciando-se um pouco da paisagem local, em que normalmente o que se vê nos pátios e nas entradas das casas é material de reciclagem, como papéis e plásticos guardados para a venda.



Casa DJ Saúva. Fonte: Lucia Scalco (21/08/2011).

A família estava com hóspedes e, por esse motivo, a pequena casa estava com 13 moradores; o pai (Clóvis, 41 anos), a mãe (Sônia, 35 anos) e sete filhos (idades entre 20 e 10 anos). A mãe, ao longo da pesquisa, engravidou do oitavo filho. A filha mais velha casada (Fernanda, 20 anos) mudou-se de Cachoeira do Sul para Porto Alegre com o marido (Paulo, 36 anos), dois enteados (meninos de 11 e 5 anos) e a filha do casal (um bebê de 4 meses) e estavam provisoriamente na casa dos pais dela, “até conseguir um canto”. Todos os membros da família são muito parecidos, com o mesmo tipo físico; pele clara, cabelos loiros e olhos verdes. Os pais não possuem emprego assalariado, vivem de “bicos” e estão incluídos no programa Bolsa Família. Já o marido da Fernanda está encostado no INSS e recebe um salário-mínimo.

No dia da minha primeira visita, como chovia e fazia muito frio, as crianças tinham que permanecer dentro de casa. E mesmo na ausência do pai e do cunhado, a família mal cabia dentro da pequena sala/cozinha. Clóvis e Paulo tinham ido ajudar a carregar o caminhão de mantimentos doado mensalmente para a comunidade através do Programa Federal Fome Zero.

Conversei com a mãe e a filha mais velha. Falamos sobre amenidades que sempre conduzem qualquer início de diálogo: sobre o tempo, sobre crianças, a dificuldade de lavar e secar a roupa na umidade, sobre o bebê, e introduzi o assunto da internet. A mãe disse: “eu nunca mexo, não tenho tempo pra essas coisas”. Já Fernanda disse gostar muito de computador, tem *e-mail*, participa de redes sociais, etc., mas rindo concordou com a mãe e

concluiu: “também não sobra tempo pra mim, principalmente agora”, falou olhando para a filha que estava amamentando. “A senhora acredita que a minha filha já é digital? O pai fez um blog para ela, com todas as suas fotos”. As crianças estavam bem agitadas, e notei que elas (mãe e filha) estavam um pouco nervosas e atrapalhadas porque o gás tinha acabado, precisavam aquecer a comida em uma espiriteira a álcool. “Fica quieto!” Gritou a mãe para o seu filho de 10 anos. “Isto explode!” Percebi então que a minha presença estava atrapalhando e resolvi voltar outro dia. Mateus estava quase sempre *on line*, assim começamos a nos comunicar quase diariamente via redes sociais – e, via computador, agendamos um novo encontro, dessa vez para falar com os homens da casa.

2.1.2 Internet de Pobre: Tem que Rezar Todo Dia para Ter Sinal Bom

Na minha segunda visita, cheguei na hora combinada, e Clóvis e Paulo (respectivamente o pai e o cunhado do Mateus) estavam me aguardando, bem formais, porém logo demonstraram muita curiosidade em saber *exatamente* o que eu fazia e também *exatamente* onde e em quê eu poderia ajudá-los. O pai, inclusive, em tom de brincadeira, lançou uma dúvida; “sabe que a senhora parece uma delegada de polícia... Tantas perguntas, quem sabe não está fazendo alguma investigação?” Repeti os objetivos da pesquisa, e passamos a discutir o acesso à internet. Pedi permissão para gravar nossa conversa, mostrei o gravador, o que foi aceito.

A entrevista realizou-se no que o Clóvis denominou de um miniestúdio. Explicou que para conseguir ter esse espaço de trabalho, precisou “comprar uma briga feia com a mulher”. Esse novo espaço mudou a configuração da casa, a qual ficou sem uma sala. Agora o que existe é o pequeno estúdio, separado por uma divisória de madeira da pequena cozinha. Ao lado, ficam os dois quartos e, no fundo, o banheiro. Os ambientes são divididos por cortinas de pano. Só os quartos e o banheiro têm porta. A televisão fica no quarto do

casal. No estúdio, que não tem mais do que 2 m²⁷⁵, e é equipado com o material de informática (computadores, monitores), há um microfone grande, uma mesa de áudio para masterização e mixagem. O problema, conforme a fala do entrevistado, é que só cabem duas pessoas, e fica pequeno quando os meninos do *rap* querem gravar.



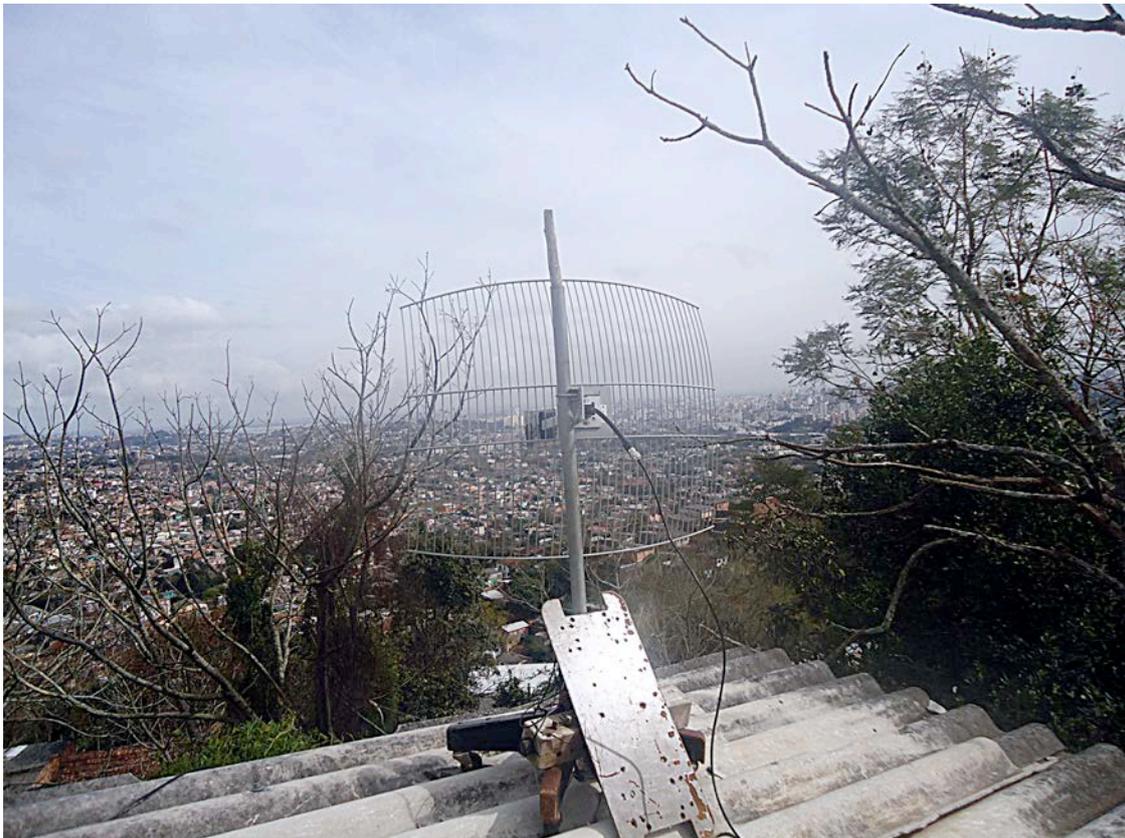
Equipamentos do DJ Saúva. Fonte: Lucia Scalco (25/11/2011)

Clóvis explicou que possui uma antena direcional parabólica e que consegue acessar várias redes *Wi-fi*⁷⁶. (Explica que o ideal seria ter uma antena *omni* direcional, que possui muito mais potência, porém é considerada bastante cara, fora do alcance financeiro, por enquanto) Esclareceu ainda que tem o costume de verificar a velocidade da conexão no [site http://www.updata.com.br/minhavelocidade/](http://www.updata.com.br/minhavelocidade/) e escolhe a rede que estiver mais rápida. Na maioria dos dias, o acesso à internet funciona bem, cujo sinal chega a ter mais do que 1 Mbps. Porém apontou que (Clóvis não sabe bem precisar o porquê) o sinal varia ao longo do dia. “Tem dia que de noite tá ótimo, em outro é de tarde, de madrugada... Eu passo o tempo todo ligado, cuidando”.

⁷⁵ Saúva é muito inquieto e criativo e sempre está mudando os objetos nesse minúsculo espaço. Em todas as visitas que realizei, sempre notei que havia modificações no local; uma nova cadeira, a disposição dos móveis, das estantes, enfim, as caixas de som, ele está sempre procurando otimizar o espaço de forma muito inventiva.

⁷⁶ *Wi fi* – Tecnologia que viabiliza a conexão sem fio entre diversos dispositivos. No capítulo 5, apresentaremos mais detalhes técnicos.

Além disso, nos dias de chuva forte e/ou vento, o sinal literalmente *some*, então preciso recomeçar tudo de novo, procurando novas redes. Nas suas palavras: “É instável, mas é gratuita. Fazer o quê, né? É internet de pobre. Temos que rezar todo dia pra ter sinal bom...”



Casa DJ Saúva. Fonte: Lucia Scalco (21/08/2011).

2.2 PAULO

2.2.1 A Frustração de Saber sem Ter Acesso

Depois dessas primeiras informações e apresentações, Paulo (genro de Clóvis) pediu a palavra e deu um testemunho muito contundente sobre a sua trajetória de vida e explicou como a informática foi importante na sua vida.

Literalmente começou a falar e não parou mais, como um grande desabafo, que reproduzo a seguir:

Paulo tem 36 anos de idade, é branco, está um pouco acima do peso, estatura mediana, cabelos castanhos, expansivo, bom orador e pai de 5 filhos⁷⁷. Ele não concluiu o segundo grau, estudou até o primeiro ano do ensino médio, mas ainda pretende estudar: “quero fazer faculdade também, sonho em ser assistente social”. É funcionário encostado, “por problemas mentais”,⁷⁸ da Prefeitura de Cachoeira do Sul, porém resolveu reformular a sua vida e decidiu trabalhar em Porto Alegre, junto com o sogro em um “novo negócio relacionado à informática”. Tem muita esperança e confiança de finalmente prosperar. Já conseguiu inclusive um trabalho relacionado à metareciclagem⁷⁹. É oficineiro na escola municipal Judith Macedo, localizada no Morro da Cruz, bem perto da casa da família. Fui convidada a conhecer o seu trabalho, do qual detalho a seguir.

A oficina de metareciclagem ministrada pelo Paulo é uma das atividades que integram o programa denominado Escola Aberta (da Secretaria Municipal de Educação, que conta com a parceria da UNESCO e do Ministério da Educação. A escola fica aberta aos sábados para a comunidade durante todo o dia, e todos podem participar de atividades esportivas e das oficinas de “inclusão digital” e metareciclagem. O laboratório da escola possui cerca de 10 computadores. Na tarde que os visitei, havia um grupo que estava jogando

⁷⁷ Bem dentro da tradição local de circulação de crianças em camadas populares pesquisada por Fonseca (2002), Paulo conta que dois filhos são *emprestados* (“eu os criei desde pequenininho”; uma filha de 20 anos já casada, e um filho de 11 anos temporariamente vivendo com a sua mãe). Outros dois filhos – frutos de um casamento anterior – estão morando com ele, pois a mãe está em situação de risco social (vivendo na rua); além da bebê, de 6 meses, fruto do casamento com Fernanda, filha mais velha do DJ Saúva. Nas primeiras visitas, os dois meninos estavam com o Paulo (pai), porém, como a situação estava muito difícil, pediu ajuda para a sua mãe e a madrinha de um dos meninos, para hospedá-los até ele se estabilizar.

⁷⁸ Sua licença saúde expira-se em breve, cerca de mais um mês. Revelou-me que dificilmente conseguiria renová-la.

⁷⁹ A Metareciclagem proporciona um novo tipo de saber, pois oferece aos jovens a possibilidade de conhecer o funcionamento dos microcomputadores e a função de seus componentes, desmistificando a tecnologia a partir da apreensão da lógica existente nos *hardwares* (memória, HD, processador, etc.). Tal prática permite “desconstruir física e conceitualmente a máquina, apropriando-se dela e ressignificando-a, levando à construção de conhecimento dentro daquilo que se pode ser chamado de artesanato tecnológico e bricolagem eletrônica” (TAVARES, 2007, p. 15).

jogos no computador, ao passo que outro grupo, com cerca de uns 5 jovens, estava procurando solucionar um problema na placa de um computador de um dos jovens. Paulo contou que é grande a demanda por consertos, e que eles, os alunos, sempre levam o “seu problema relacionado à informática” para a aula. “Assim, ajudamos e aprendemos.” Contou que estava iniciando e, portanto, possuía muitas demandas. No final da sua fala, Paulo foi bem direto: “Não consegue uns computadores velhos da universidade para nós? Avisa lá que estamos precisando de tudo...”

Lembrou que as suas primeiras experiências nesse ramo ocorreram na sua cidade natal, “através da febre da digitação que substituiu as velhas máquinas de datilografias”. Era usuário de informática, porém não entendia nada da tecnologia em si. Sua vida mudou depois que reencontrou Clóvis, seu amigo de infância. Casou e está agora bastante empolgado com o nascimento de sua filha. Paulo fez as contas e disse que já está há cerca de um ano, completamente envolvido com a informática e a metareciclagem.

Foi o Clóvis e seu filho mais velho, Alexandre (19 anos) que me formaram. Devo tudo a eles. Me ensinaram a especular por dentro o computador. Generosamente me passaram todo o conhecimento que eles adquiriram de anos de experiência... Passei muita dificuldade, minha família sempre viveu no submundo do crime, mas eu sobrevivi. Tudo isso eu devo à informática. Minha história se constrói a partir disso.

Fez as contas e viu que já conhece computador há cerca de 20 anos, mas que somente há 1 ano conseguiu comprar um, porém precisou vender para conseguir um dinheiro que serviu de entrada na compra do terreno que fica ao lado da casa do sogro⁸⁰. “Consegui só 500 reais. Não foi um bom negócio, mas não tive escolha. Funciona assim, a gente se aperta e vende, depois tenta comprar de novo. Já a minha máquina fotográfica digital, que

⁸⁰ Uns meses depois, Paulo conseguiu um novo computador do lixo. Ele contou que tem uma parceria com um dono de ferro velho, que sempre lhe pede ajuda para analisar o valor dos materiais de informática que recebe, e em troca, ele é o primeiro a ter acesso aos materiais. Esse computador – “achado” em frente a uma casa em um bairro nobre de Porto Alegre, e vendido por 20 reais ao dono do ferro velho – não estava funcionando, mas nas suas palavras, “foi uma barbada arrumá-lo. Era só a fonte queimada. O Saúva me ajudou com o monitor, teclado, e agora estou muito feliz, com uma máquina ótima, uma Pentium IV, HD de 80 Gb, 512 de RAM, com possibilidade de melhorar a memória”.

também precisei vender pelo aperto, vendi bem; consegui 110 reais”.

Paulo se queixa de que a tecnologia é inacessível ao pobre! Segundo ele, “toda a pessoa de classe baixa, da camada social mais sofrida, passa sempre por essa frustração, de conhecer a tecnologia, saber que tem, mas não poder ter acesso porque tudo é muito caro e inacessível ao pobre”.

2.2.2 A Reconstrução da Vida Via a (re)Inserção no Mundo Digital!

Entretanto, apesar das queixas, Paulo enfatiza o papel central que a tecnologia digital teve na sua vida, até nos momentos mais sombrios. Paulo conta que possui um longo histórico com o uso de “substâncias psicoativas”, que deixaram sequelas na sua saúde física e emocional.... “Perdi muito, foram páginas em branco na minha vida”. Durante muitos anos, além de usuário, também foi traficante de drogas. Acabou na rua, na mendicância por quase um ano. “Fui para o fundo do poço e, por incrível que pareça, a reconstrução da minha vida se deu a partir da minha inserção ou (re)inserção no mundo digital”. Em 2002, ele conheceu um grupo de apoio – CAPS,⁸¹ de Novo Hamburgo –, que lhe disponibilizou um tratamento multidisciplinar com médicos, psiquiatras, assistente social e uma psicóloga. Esses profissionais conseguiram resgatar muitas coisas que, nas suas palavras, “estavam perdidas na minha vida. Uma delas é a criação de um e-mail e a possibilidade de eu me comunicar com pessoas que estavam passando pela mesma coisa que eu”. Entrou nos Alcoólicos Anônimos (AA) e revela que a internet possibilitou uma nova vida, uma nova sociabilidade. Possui muitos contatos, companheiros da irmandade da qual faz parte e dos diversos programas e ações das quais participa. São inúmeros os eventos, todos ligados à saúde mental. Paulo inclusive já à Argentina e a muitos lugares dentro do país para encontros motivacionais. No ano passado, ministrou 12 palestras, inclusive na Universidade Luterana (ULBRA), sempre contando a sua trajetória de superação. Está há quatro anos

⁸¹ Centros de Atenção Psicossocial no Rio Grande do Sul – criados para ressocialização de usuários do sistema de saúde mental – em hospitais públicos e hospitais conveniados ao SUS.

e meio em abstinência total e confessa estar ciente de que o resto da sua vida terá que lutar para não recair.

Em outra oportunidade em que conversamos, ele preparou o que chamou de uma pequena “surpresa” para mim. Disponibilizou-me um CD, com todo o seu material de trabalho, as apresentações que ele utiliza nas suas palestras. “Minha vida esta a nesse CD, todo o meu trabalho”. São inúmeras montagens em *Power point*, com música e com mensagens motivacionais e algumas com teor religioso e com forte cunho moral. Mostrou-me algumas com muita emoção. Disse que normalmente as pessoas choram ao ouvi-las. Ao mostrar essas mensagens motivacionais, Paulo o faz com tanto júbilo e orgulho, que parecem ser de sua autoria. Ele e o Saúva, quando consertam os computadores, colocam essas mensagens na memória do computador. Em suas palavras: “trabalho de formiguinha, mas que dá resultado. Através delas, falamos direto no coração das pessoas”! Também nas festas da Associação e nas festas particulares que sonorizaram, eles sempre utilizam com muito sucesso essa técnica. Paulo mostra como seu trabalho com informática é ao mesmo tempo técnico e moral.

Por fim, esse primeiro encontro é o relato de um episódio que sublinha a familiaridade, a destreza e o conhecimento em informática que Clóvis possui. Quando eu estava de pé, me despedindo e pronta para ir embora, reconheci a minha voz no seu computador. Com um sorriso, revelou: “também gravei a nossa conversa”. Saúva gravou no seu computador, em um programa da Sony (*Sound Forge 10*), para profissionais, que edita o som e que é muito superior ao meu pequeno gravador. “Se te ajuda, eu te mando por *e-mail*...”

2.3 CLÓVIS

2.3.1 A Aproximação Via Google

Os programas preferidos de Clóvis, sogro de Paulo, atualmente são as ferramentas do Google. Na saída da visita à sua casa, ele perguntou-me se eu

costumava usar o *Google talk*. Para seu espanto, respondi que não, mas que iria me cadastrar para facilitar a nossa comunicação. No mesmo dia, mandei mensagem para ele. Ocorre, então, um primeiro impasse: como não tenho microfone, o recurso da fala não funcionou e a nossa comunicação continuou sendo pela escrita, porém o Saúva disse que eu deveria experimentar o recurso do *talk*: “Facilita a vida. Eu só falo com a gurizada assim. É muito melhor do que ficar digitando. Falar é mais rápido e muito mais prático...”

Então, graças a esse recurso, “conversamos”⁸², via mensagens instantâneas no computador, com relativa frequência, e assim pude marcar uma nova visita à casa de Clóvis que, dessa vez, recebeu-me sozinho. Logo no início da conversa, desculpou-se pelo o Paulo, o genro. “Ele não deve ter feito por mal, mas até achei que tinha lhe espantado de vez... Ele parecia um louco, não parava de falar. Achei falta de respeito, afinal a entrevista era comigo, não?” Respondi que tudo me interessava, toda a sua família, os filhos, a esposa, e que eu tinha bastante tempo e voltaria quantas vezes fosse necessário, sempre que fosse convidada.

E foi o que ocorreu. Voltei várias vezes a visitar a família Rosa, que só interagiu e quebrou a barreira entre a pesquisadora burguesa versus nós, os pobres, depois de algum tempo. Assim, Sônia (esposa) revelou que, no início, não entendia o que eu queria “socada dentro de casa fazendo perguntas”. Pensou inclusive que eu era vendedora, que queria “empurrar” alguma coisa pra eles. Enfim, só muito lentamente, conforme será relatado a seguir, foi possível alcançar uma boa interlocução ancorada em uma sólida amizade.

⁸² Existe um código de etiqueta na internet. Eu seguidamente saía da frente da tela do computador e não avisava, não mudava o que chamam de status (representação de disponibilidade para conversar). Assim, a luz verde, que representa o status disponível para conversa, fazia com que a pessoa tentasse se comunicar comigo. Esta, porém, ficava sem resposta. Certa ocasião fui repreendida pelo DJ Saúva: “sabia que não é muito legal deixar o outro falando sozinho? Tu seguido faz isso, fico lá, feito bobo...”

2.3.2 Vim Evoluindo aos Poucos!

Clóvis é baixo, tímido, fala pouco e lhe faltam alguns dentes. Isso o incomoda muito. “Não posso rir que aparece e fica muito feio. Me envelheceu, tenho vergonha.” É natural de São Gabriel, mas cresceu em Cachoeira do Sul, estudou pouco (não concluiu o primeiro grau) casou cedo, com 19 anos de idade e, quando já tinha 3 filhos, veio com a família “tentar a vida na capital”. No início, moraram com parentes, mas depois, com muito trabalho, principalmente na construção civil, conseguiu comprar o terreno onde moram.

Com o tempo, surgiu uma oportunidade de trabalho em uma empresa da construção civil. Clóvis conseguiu uma vaga no departamento voltado a parte elétrica, especializando-se assim nesse ramo, indo depois, inclusive, trabalhar como eletricitista em uma grande empresa. Porém, a firma faliu, e ele ficou desempregado. Eram anos bem difíceis, o país em recessão, e Clóvis não conseguiu outro emprego de carteira assinada.

Comecei a viver de bico, consertando coisas pras pessoas; rádio, TV, eletrodomésticos, etc. Quando num dia desses, em meio a mais uma troca, um cliente meu me oferece um tanto em dinheiro e um computador por uma TV grande que eu estava vendendo. No momento nem pensei duas vezes, aceitei logo; este foi então o meu primeiro computador. Era um dos primeiros MK-6. Buscando informações daqui e da li, fui descobrindo e aperfeiçoando e pegando gosto pela informática cada dia que passava... Eu ia descobrindo aos poucos, depois fiz curso de Word, fui me adaptando. De lá pra cá, vim evoluindo, aos poucos veio o Pentium 2, Pentium 3, Pentium 4, Vista Seven etc... Foi uma boa época de aprendizagem.

Uma pessoa que foi fundamental na formação de Clóvis em informática foi o Toni (que será apresentado no capítulo 3), que lhe ensinou os “primeiros passos” da computação, além de ter lhe convidado para fazer parte do projeto denominado Morro da Cruz para a Vida, patrocinado pela Instituição Leonardo Murialdo. Lá ficou por quase dois anos, e o aprendizado adquirido foi muito importante, visto que possibilitou que o DJ Saúva, com muito orgulho, se autodenominasse como um Educador Social. Mesmo não ministrando oficinas, sua função era mais técnica: “sempre fui aquele cara que faz tudo, que sabia ligar os equipamentos, conectar, plugar os fios” – aprendeu o que chamou a

“linguagem do social”. Todavia, muito mais do que esse trabalho social, parece ser a música que anima Clóvis. “acho que pra falar do meu interesse pela informática, tenho que falar também de minha paixão pela música”.

2.3.3 Clóvis se Transforma em DJ Saúva: a Paixão pela Música

Quando as pessoas aprenderem a ouvir o *Rap*⁸³
Ao entender o *Rap*, vão descobrir do que é feito o *Rap*.
Que não são apenas rimas, mais palavras que saem da alma,
Como que num grito de expressão
R.A.P - Respeito Através da Palavra
(Música do DJ Saúva)

Ao descrever sua trajetória, Clóvis fez referência às influências do *break* e o que ele chamou de *funk de raiz* (bem diferente do *funk* de hoje em dia que ele alega estar “pervertido”, ser algo que “deseduca e alicia as nossas crianças”).

Tudo começou quando conheci a cultura *hip hop*⁸⁴, no final dos anos 1990. Uma coisa leva a outra, a música eletrônica precisa de computador, então, eu, que já era eletricista, fui me interessando. Hoje em dia, não saberia viver sem a tecnologia; monto, desmonto, sei tudo, cada peça que tem no computador e pra que ela serve. De

⁸³ O *Rap* (do inglês Rhythm and Poetry, ritmo e poesia) é a expressão musical-verbal da cultura *Hip Hop*. O DJ Saúva traduziu *Rap* diferentemente da tradução literal.

⁸⁴ Em tradução literal, a expressão de língua inglesa "*hip hop*", significa pular e mexer os quadris e surgiu na década de 1960 para designar as festas de rua, em Nova York. (...) O *hip hop* se constitui de quatro elementos: o *break* (a dança de passos robóticos, realizada em equipe, sincronizados), o grafite (a pintura, normalmente feita com *spray*, aplicada nos muros da cidade), o DJ (o disc-jóquei) e o *rapper* (ou MC, mestre de cerimônias, aquele que canta ou declama as letras sobre as bases eletrônicas). O *rap* tem uma batida rápida e acelerada e a letra vem em forma de discurso, muita informação e pouca melodia. Geralmente as letras falam das dificuldades da vida dos habitantes de bairros pobres das grandes cidades. Alguns integrantes do movimento consideram também um quinto elemento, a conscientização. O movimento *hip hop* brasileiro já tem cerca de 20 anos. A história dessa manifestação cultural que compreende música, dança, poesia, artes plásticas e mobilização social apenas começa a ser organizada em relatos e estudos que comportam diversas áreas do conhecimento (ZENI, 2004). Possui forte conotação política, como mostram suas fortes letras de protesto (HERSCHMANN, 2003). Para um maior aprofundamento do tema, ver as pesquisas de Maffiioletti (2010) e Soares (2007).

curioso fui descobrindo, desde o princípio aprendendo aos poucos. É como se diz por aí: vivendo e aprendendo.

Essa tese não pretende detalhar a complexa e múltipla prática cultural da música *rap*. Porém dialogando brevemente com a vasta literatura existente na antropologia sobre o *Hip hop*, destacamos o primeiro trabalho sobre o *Funk* no Brasil: *O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos*, Vianna (1988). Ao estudar o fenômeno dos bailes, esse autor realizou uma contextualização sobre a história da música negra americana e como esse estilo musical chegou ao país e influenciou o movimento *Hip hop*, uma vez que esse movimento também se originou nesses mesmos bailes e das *performances* dos seus Djs. Inclusive, o Clóvis cita na sua formação essas influências, como o *break* e o que ele chamou de *funk de raiz*.

Outro estudo que destacamos é de Soares (2007), que realizou uma etnografia do movimento *Hip hop* de Porto Alegre. A sua pesquisa superou o senso comum acerca da criminalização e estigma sobre esse gênero de música, pois interpretou o movimento como “um projeto de agenciamento ético e social de um segmento de jovens – a sua maioria negros da periferia urbana da cidade – que reivindicavam espaços de poder através da sua cultura” (SOARES, 2007, p. 4). Em várias ocasiões, Clóvis mencionava o preconceito sobre esse gênero musical; nas suas palavras: “o que eu mais gosto é de provar pras pessoas que o Hip Hop não é som de negão, de bandido e de favelado. É uma música legal, que emociona porque o que ela passa é a história da vida das pessoas, com letras verdadeiras, que foram feitas por pessoas que lutam”.

Conforme Soares (2007), o *Hip hop* é integrante do universo da cultura popular e se insere em um contexto de luta por acesso a bens culturais e materiais que lhes foram historicamente negados. É interessante mostrar que a sua análise poderia estar ancorada na teoria dos gostos e distinção de Pierre Bourdieu e, assim, situar e explicar o movimento *Hip hop* por meio das suas condições estruturais, das escolhas e dos gostos populares que estão vinculados. Todavia, Soares foi além. A sua etnografia nos mostra que os membros do movimento “engajam-se cotidianamente na criação de circunstâncias que possibilitam através da arte do canto, da palavra ritmada, do

corpo na dança, da sua produção escrita e visual, um projeto de transformação das condições objetivas de sua existência”. (SOARES, 2007, p. 125). Dito nas palavras de Clóvis, “o hip hop é diferente, ele é mais cultural, é informação, é respeito, e qualquer pessoa, sem diferenças de idade, pode ouvir o hip hop”.

Clóvis – que adota o nome artístico de DJ Saúva⁸⁵ – conta que é autodidata e que foi pioneiro na sua comunidade como DJ⁸⁶. Atualmente está trabalhando mais como produtor, gravando e mixando canções no computador. Ele relatou que atualmente existem diversos *softwares* (disponibilizados na internet) capazes de simular na tela de um computador inúmeros recursos (simulam batidas, timbres e compassos) comparáveis aos melhores equipamentos. Citou alguns: *Virtual DJ, Traktor, Deckadance, MixVibes, BPM Studio*.

Conforme destaca Soares (2007), há cada vez mais inovações nessa área de produção musical. A aparelhagem para os DJ’s sempre foi o recurso mais caro e difícil para se obter, sendo inclusive poucos grupos de *Rap* que possuem a sua própria aparelhagem. O acesso às novas tecnologias – para além dos meios de informação em si e de qualquer benefício concreto que eles possam trazer – é a linguagem que articula os modos de pensar e de falar sobre o mundo. De acordo com a autora:

Saber o que acontece em termos de lançamentos de aparelhagens para o *Hip hop* é um sinal de que se está por dentro do mundo, de que se possui domínios de uma linguagem específica dos que circulam entre os DJ’s, estúdios, gravadores e produtores (SOARES, 2007, p. 47).

De fato, DJ Saúva fala com muito júbilo sobre a sua “aparelhagem” (mesa de áudio, amplificador, caixas de som), que conseguiu no *trampo*, na troca ou comprados com sacrifício e em muitas parcelas por intermédio de um amigo que possuía crédito na praça. Além da importância que esses equipamentos tinham para a sua vida profissional, DJ Saúva diz que também

⁸⁵ A partir de agora, passaremos a utilizar a denominação DJ Saúva para se referir a Clóvis.

⁸⁶ DJ – (Disc Jockey) é o responsável pela música nos bailes, festas, rádios e também nos grupos de rap.

são o seu *hobby*, “representam a minha vida, acho que não viveria sem isso, tenho muito amor pelo que faço”.

Para entender a paixão do DJ Saúva pelo *Hip hop*, é preciso destacar a intersecção existente entre a informática, a música eletrônica e o papel dos produtores musicais. É aí que o DJ Saúva se insere, uma vez que ele tem uma longa caminhada na comunidade, revelando talentos, produzindo músicas, *dando voz a essa gurizada*, sonorizando festas e eventos: “Posso dizer que sou – através da música e da informática – um líder comunitário”⁸⁷. No seu *blog*, ele se define assim:

Sou o Saúva DJ, sou DJ Mc, produtor musical vivo pela razão que me consta gosto de apoiar e divulgar novos talentos de onde moro estou sempre buscando novas ideias e sempre aprendendo e ensinando porque a vida passa, eletrônico de informática de tudo um pouco, assim sou eu Saúva DJ. SDJ Sonorizações e Produções edições criações etc... Vamo em frente.

Nesse sentido, o DJ Saúva apropria-se das chamadas novas tecnologias de comunicação e de produção musical e tenta procurar espaços para divulgar e vender o seu trabalho⁸⁸. Descobriu que a internet é um bom lugar para mostrar o seu trabalho. Pesquisando, descobriu um *site* que pode enviar músicas no formato mp3 e assim divulgar gratuitamente a sua produção: (www.bandasdegaragem.uol.com.br).

⁸⁷ “Existe em Porto Alegre um grande número de grupos de RAP, assim como muitos projetos e oficinas comunitárias ligadas às políticas públicas governamentais para a juventude. Estes projetos sociais incorporam as expressões do *hip hop* como um elemento de formação para a juventude moradora da região da grande Porto Alegre, consideradas de “rico”, devido ao seu alto índice de desemprego, subemprego, criminalidade e drogadição (SOARES, 2007, p. 7).

⁸⁸ Conforme Maffioletti (2010), o movimento *Hip Hop* nunca ficou inerte à falta de visibilidade e reconhecimento de suas ações e continua organizando, articulando e mobilizando grupos de pessoas e interesses convergentes, em um processo de empoderamento cada vez mais dos instrumentos legais e democráticos de reivindicações de direitos. Além disso, a tecnologia vem contribuindo para o alargamento do campo de possibilidades nas áreas de produção de áudio, vídeos e os meios de comunicação através de rádios web, *blog's*, *sites* de relacionamento, descentralizando a informação dos meios tradicionais (MAFFIOLLETTI, 2010, p. 51).

2.3.4 Uma Tecnologia Moral, a Serviço da Comunidade

DJ Saúva investe seu entusiasmo também na promoção de atividades comunitárias. Uma de suas ações preferidas é a Conexão de Rua. Festa para comunidade, itinerante, cada vez em uma rua e que envolve toda a vizinhança. Saúva e os companheiros avisam os moradores com certa antecedência e, no final de semana planejado, “baixam” com toda a tecnologia: palco, microfones, caixas de som, computador, etc. A ação começa cedo; com apresentação de grupos musicais, de danças, de teatro, com brincadeiras para os jovens e as crianças, com sorteios e concursos. À tardinha, quando o sol se põe, vem o que mais a comunidade gosta: o cinema ao ar livre. Contudo, essa parte é iniciativa dos educadores do projeto. “O padre não queria, tinha medo que estragassem os equipamentos e também de hora extra. Fazíamos escondido, por nossa conta”. DJ Saúva mostrou-me uma filmagem dessa ação. Nesse dia, passaram o filme *Os dois Filhos de Francisco*. Toda a vizinhança colaborou como podia; com panelas, fogão, pipoca, suco, cadeiras... “Era uma coisa muito louca, que unia a comunidade, aquele cinema socializava a gente”. Contou que teve alguns eventos que reuniram mais de 300 pessoas.

Atualmente o DJ Saúva está tentando reativar essa iniciativa e, desde o início da pesquisa, já conseguiu realizar dois eventos. A seguir, um cartaz que ele postou nas redes sociais.



“Aqui no Morro da Cruz Porto Alegre, as pessoas saem pra rua para fazer Conexão de rua”.
Fonte: www.facebook.com/. Acesso em: 20/04/2012.

Retomando o relato sobre a sua prática como DJ/Produtor, Clóvis disse que “como a gurizada sabia que eu manjava, começaram a se chegar”. Já produziu umas 40 músicas. Inclusive conheceu o *rapper* carioca MV Bill, que o convidou para trabalhar no Rio de Janeiro. Não aceitou: “meu lugar é aqui”. Foram muitas as histórias narradas pelo DJ Saúva. Essa identidade que Saúva tem com a comunidade e a importância de seu papel nesse contexto voltam a tona em muitas das suas histórias. Nelas é possível perceber como a sua competência técnica ganha valor justamente porque a coloca a serviços dos outros. Como exemplos, são citados quatro relatos que demonstram como suas produções musicais e sua *expertise* em informática dão destaque ao DJ Saúva como membro importante da comunidade:

1) DJ Saúva revelou-se um ótimo narrador e, quando ele percebeu que tínhamos interesse, e valorizávamos os seus *causos*, todas as nossas conversas iniciavam com ele recontando e contando algum episódio por ele vivenciado; Já lhe contei do PC na Chuva?

Certa vez um menino saiu com o seu pai pela rua para catar latinha, chovia muito. Quando de repente avistou na beira da calçada uma CPU. O menino disse olha ali, pai, um computador. Posso levar? O pai respondeu que não, levar pra quê? Ta chovendo, não tá vendo que tá todo molhado? Mas o menino insiste: deixa, pai! Tá, bom guri, leva, mais nem fica com esperança. Não vai funcionar. O menino, então, pega o CPU e leva para casa. E aí pede para que eu dê uma olhada para ele, pede pra eu ver se dá pra arrumar. Na primeira visita, após abrir a CPU, vi que estava totalmente molhada. Mesmo assim, pra não tirar a esperança do menino, disse que sim eu tentaria ver se dava pra dar uma secada e tentar ligar. Trouxemos para casa e pegamos um secador de cabelo e secamos a placa mãe por total. E por incrível que pareça, após ter secado toda a placa, religou tudo, e o CPU voltou a funcionar. Consegui o resto dos equipamentos, instalei o sistema operacional e hoje depois de um ano, essa máquina ainda funciona e anota aí, ela tem trazido muitas alegrias a esse menino que achou um PC na chuva, acreditou e agora tem uma máquina... Eu cobrei do pai do menino o resto, bem baratinho: teclado, monitor e o mouse... Ainda faltam me pagar uns 20 reais. Também sou pobre, preciso comer, se eu pudesse eu dava um computador pra cada menino aqui do morro, mas fazer o quê?

2) O segundo relato diz respeito a um jovem, Cristiano – 20 anos, negro, sem trabalho, viciado em crack e com passagem pelo tráfico. É vizinho do DJ Saúva, que o conhece desde pequeno. DJ Saúva contou que um dia, no meio de uma conversa, Cristiano lhe mostrou em um pedaço de papel, uma poesia de sua autoria: “muito bonita a letra, era quase um pedido de socorro, rimado”. DJ Saúva pensou: “isso dá uma boa música”. Decidiu então preparar o equipamento e pedir para o rapaz cantar a letra do poema. A primeira reação dele foi dizer que não sabia cantar. Mas o DJ o incentivou, disse que ele não teria nada a perder em tentar, em simplesmente cantar. O resultado ficou muito bom. A música chama-se *Dois caminhos*. Saúva contou que até hoje se emociona quando escuta essa música, por que sabe que tudo que está relatado na música é verdade, é real. “Ele está pedindo perdão para a vida. O legal foi quando ele ouviu a música pronta, mixada, com as batidas, chorou emocionado. Pena que ele anda sumido (acho que tá tendo uma recaída) seria bom tu o entrevistar. O rap deu um novo sentido à vida dele”.

3) Um dia, depois de uma certa insistência minha, DJ Saúva mostrou uma música de sua autoria, que inclusive ganhou um concurso da Igreja Universal. Contou que frequentou por um tempo. “Lá, por incrível que pareça, eles dão espaço para o Hip Hop”. E há cerca de três anos, representando a

Igreja do Morro, concorreu com outros 40 grupos e ganhou o concurso. A cerimônia, conforme seu relato, “parecia o Oscar”, e DJ Saúva ganhou uma arca cheia de dinheiro (“não eu, mas a nossa igreja aqui”). No entanto, ele ficou feliz por ganhar. “Era tipo um Rap Gospel, que falava basicamente sobre as drogas”.⁸⁹ Perguntei ao DJ Saúva por que não estava mais frequentando a Igreja Universal, e ele disse: “saí porque vi que ali não está o que eu procuro. Não encontrei a espiritualidade que acredito.

4) DJ Saúva também deu destaque a um grupo que “ajudou a formar”: Os proletários – a vocalista do grupo “canta com uma voz de americana”. Todas as músicas são bem politizadas. Saúva contou que recentemente através do MTD – Movimento dos Trabalhadores Desempregados –, movimento vinculado à Associação dos Moradores, participaram e sonorizaram uma passeata com a CUT e que as músicas desse CD obtiveram grande sucesso. “Foi só o que tocou!” Todos os músicos são camelôs, inclusive gravaram uma música sobre a dificuldade da sua profissão, com entrevistas e gravações ao vivo sobre as dificuldades, sobre a ação da polícia e dos fiscais, etc. A primeira versão do disco foi produzida pelo Saúva, mas a finalização se deu em um estúdio, no centro.

Esta última conversa nos levou a uma reflexão interessante sobre direitos autorais. Depois que o DJ Saúva me mostrou a música (que se chama Camelôs), da qual gostei muito, pedi para ele me gravar em um CD com as músicas que ele estava me mostrando no seu computador. Ele desculpou-se e, um pouco constrangido, disse que não gostaria de piratear aquele CD, porque sabia do “esforço da gurizada” para produzi-lo. “Custou mais de 2 mil reais! Te consigo por 10 reais! Mas se for só para divulgar o trabalho, daí acho que não tem problema. Essa eu considero a pirataria boa”. Pedi para ele explicar melhor a sua posição em relação à prática da pirataria, e ele classificou a pirataria em duas categorias:

⁸⁹ Música: Guerreiro da Paz. / Refrão: A mim você não compra, pra mim não tem valor o seu ouro e a sua prata... Amor de Deus no coração. A esse amor eu me entrego. Jesus quer te ver feliz. Ele te chama pra ser mais um Guerreiro da paz, guerreiro da paz.

A boa, que não prejudica ninguém (só está divulgando o trabalho, levando sucesso para o autor) além de ser bem feita e não estragar o equipamento. Eu só aprovo essa. E a pirataria destrutiva, ruim, aquela que é feita a pau a pique, na rapidez e sem controle. A pessoa perde tempo, fica com qualidade ruim. É preciso saber fazer pirataria, com calma, cuidando, uma de cada vez. Por exemplo: fazer uma cópia de um XP original – uma cópia só – é uma pirataria boa, porque tá copiando direto do original. Já cópia da cópia da cópia é ruim.

Começamos então a conversar sobre o mercado de *software*, então questionei-o sobre o movimento do *software* livre⁹⁰. Ele respondeu:

Eu não curto *software* livre, porque não oferece as ferramentas essenciais que a gente procura, que a gente necessita. O meu Windows XP é original. Tenho guardado o recibo da loja. Quer ver? É um documento que prova que é meu. Falam mal da Microsoft, mas acho que eles oferecem tudo que se procura. Comprei porque pra instalar nos PC's dos clientes, com original dá mais crédito pra gente que tá nesse ramo. Eu paguei na época R\$ 160,00 (Há 4 anos). E aí, só fui atualizando pela Microsoft. Barbada!

Esse paradoxal (ou polêmico) depoimento do DJ Saúva, que em uma primeira leitura legitima o discurso (dominante) da indústria de *software* a cerca dos benefícios de se pagar pelo produto (e assim obter suporte e atualizações), precisa ser problematizado (ou aprofundado). Conforme a pesquisa de Pinheiro Machado & Scalco (2010), a noção de autenticidade e de pirataria nas classes populares é bastante fluida e não necessariamente está atrelada à política oficial de propriedade intelectual e/ou direitos autorais. No caso do DJ Saúva, a noção de autenticidade e de propriedade intelectual parece estar relacionada a uma moralidade calculada e coerente com os valores de seu circuito. Dito em outras palavras: onde ele percebe valor, trabalho, acha justo pagar. Inclusive, por medo de prejudicar seus clientes, não quis copiar para mim o Cd de música que ele havia produzido...

Já no caso do *software*, é bem ambígua a sua lógica: ele possui orgulho de ter conseguido comprar um CD original com o Sistema Operacional Windows. Para o seu padrão financeiro foi um verdadeiro “sacrifício” reunir R\$ 160 para pagar o produto original. Para ele, o fato de ser proprietário de um CD

⁹⁰ *Software* livre é qualquer programa de computador que pode ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído sem nenhuma restrição. Maiores detalhes no capítulo 5

original traz prestígio e respeitabilidade frente aos seus clientes. O singular é que ele copia e instala nos computadores dos clientes, mas não considera isso uma pirataria, ou como definiu, essa é “*uma pirataria boa, por que vem direto do original*”. Ou seja, na sua concepção, o produto comprado lhe autoriza e lhe legitima a fazer cópias para os membros da comunidade (que não têm condições de pagar o preço original). Mais uma vez, a informática se manifesta como uma tecnologia moral a serviço da comunidade.

2.3.5 Produzindo Talentos Escondidos!

DJ Sáúva acredita no novo negócio. Fica pensativo e diz: “olha, se é para sonhar, então vou sonhar com a música, que é a minha paixão maior. O que eu queria era poder trabalhar nisso, ter era um estúdio completo, e assim poder produzir todos os talentos escondidos que o morro tem...”

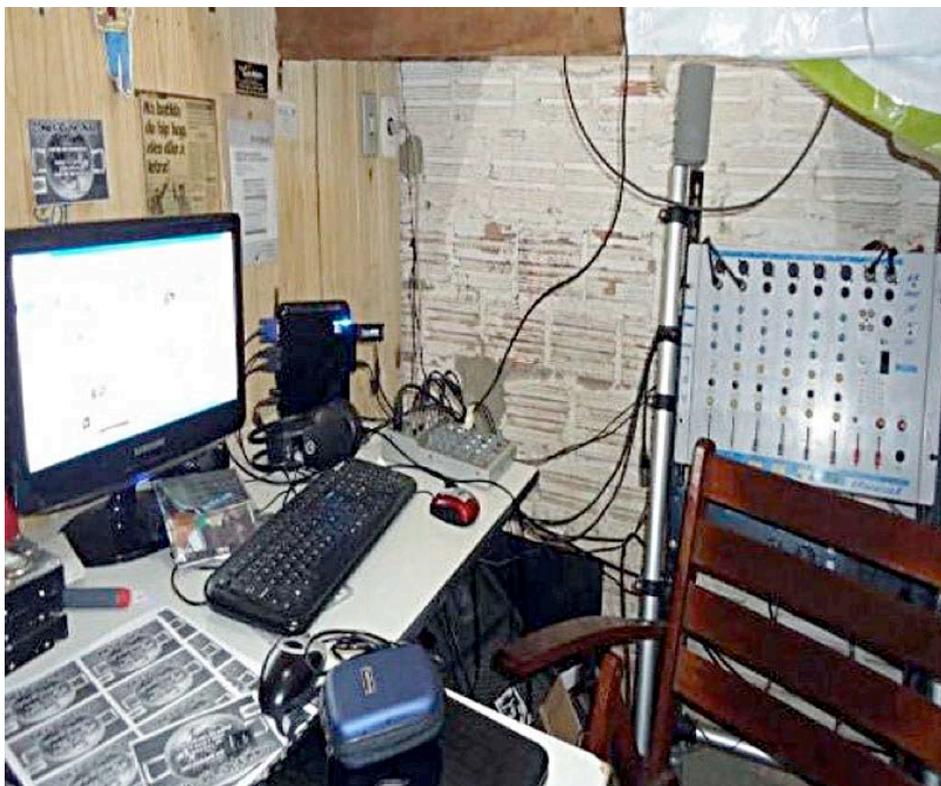


Foto do estúdio do DJ Sáúva. Fonte: Dj Sáúva (21/12/2011).

A seguir transcrevo algumas mensagens que ele postou no seu Facebook, que revelam o quanto se identifica com a “gurizada” cuja música ele produz:

Ninguem é um produtor por acaso existe uma luta entre isso e aquilo. existe varios contra tempos. não se nasce um profissional em uma arvore ou coisa parecida. tem que se ralar e ralar muito quem viveu isso sabe do que tou falando.

Curtir · [Compartilhar](#)

A dois anos que a conexão da Leste vem divulgando nossos talentos daqui do Morro Da Cruz e tambem de pacerias de outras quebradas. Nosso unico motivo de fazer isso é mostrar que aqui no Morro da Cruz Zona Leste tem varios talentos e que estão sendo divulgados sim e são merecedores por seus talentos durante esses dois anos só crescemos e vamos crescer ainda mais, porque durante esses dois anos nos tornamos uma familia Conexão da Leste.

Curtir · [Compartilhar](#)

Tem que ter talento e malicia
essa e a chave pro sucesso
SDJ Produções a sua independência musical

Curtir · [Compartilhar](#)

Suba no palco e solte o verbo ,mais com respeito e com informação
O microfone é nossa arma e temos que saber usar ,temos que saber o que dizer
A informação e ´tudo.

Curtir · [Compartilhar](#)

Temos que colocar em nossas letras a informação e quem sabe se essas pessoas que as vezes criticam parecem pra ouvir o *rap* verdadeiro que com letras diferenciadas e com conteudo e que passe informação, elas mudassem de opinião
Temos que nos preocupar é com o nosso cotidiano, protestar, mais protestar com respeito e verdade sem ficar ofendendo .

Curtir · [Compartilhar](#)

Entretanto, é evidente que DJ Saúva também sonha em ganhar dinheiro com o seu trabalho...

Quer mixar e masterizar seu trabalho independente ?
Fale com nós [Sauva SDJ Pro](#) e tambem pelo 92xx- xxxx se voce tem aquele trabalho e acha que ficou abafado mal equalizado
A gente resolve pra voce .

Curtir · [Compartilhar](#)

DJ Saúva sempre pensa em ampliar o escopo do seu negócio. Ele quer fazer conserto e manutenção de computadores, mas logo percebe que poderia ser mais do que de informática; poderia abrir uma loja e colocar no letreiro: Conserta-se de tudo; “porque eu sei fazer um pouco de tudo... Sou eletricitista, pintor e pedreiro também”.

E quando alguns desses cantores que o DJ Saúva revelou resolvem investir na gravação de um CD independente, os problemas surgem, uma vez que ele ainda não possui alguns equipamentos necessários para uma boa gravação, e o seu estúdio não tem ainda o isolamento acústico necessário para gravações, conforme a fala do seu genro, que reproduzo a seguir:

O DJ Saúva é muito explorado pela comunidade; todos o vampirizavam: “vêm aqui, sugam, aprendem e depois vão embora. Ele - agora nós - não ganhamos nada. Mas aos poucos ele está me dando razão. Vamos começar a trabalhar com contratos, com assinatura, para nos proteger”.

O que ocorre é que esses cantores finalizam, gravam (e pagam!) os seus trabalhos e músicas em outras produtoras, o que acarreta um grande conflito. Essas tensões entre a solidariedade comunitária e a necessidade de ganhar a vida não se limita ao campo da música.

2.3.6 A Tensão entre a Solidariedade/Necessidade... *Se Eu Pudesse, Eu Dava!*

DJ Saúva relatou outro episódio, fora da música, que o aborreceu muito e que o fez repensar a sua visão sobre o que ele chamou de *social*. Mesmo ele não tendo um cargo efetivo na Associação, era um colaborador efetivo, ajudando em várias atividades, como na sonorização das plenárias, das festas e galletos que a Associação realiza e também na ajuda logística com os alimentos recebidos do Programa Fome Zero (detalhado no capítulo 4).

DJ Saúva contou que há dois anos a Associação ganhou alguns computadores de um hospital da cidade, usados, a maioria com problemas, antigos, sem muita memória. Ele conseguiu arrumar vários, instalou

programas, colocou jogos, enfim, deixava tudo funcionando e depois os doava. Cerca de 8 famílias foram beneficiadas. Mas admite que ficou com algumas peças para o seu uso pessoal. “Vendi, troquei, pois preciso viver... Soube que algumas pessoas da comunidade me chamaram de ladrão. Achei um absurdo e agora vou tentar ser bem profissional. Vou cobrar pelo que sei! Não vou doar mais nada!”

Como no exemplo do seu conhecimento sobre o acesso gratuito à internet via redes *Wi-Fi*, Saúva contou que sempre disponibilizava as “manhas” para qualquer pessoa que se interessasse, mas que agora tudo isso iria ter preço. O Kit (com antena e cabos) está custando cerca de 300 reais. Mas lembrou que nem tudo dá certo. Certa ocasião vendeu uma antena para uma família, prometeu que teriam acesso gratuito à internet, porém devido à especificidade do local da casa (em uma baixada), o sinal não pegou. “Tentamos de tudo, mas não deu. Tivemos que devolver o dinheiro. Um sufoco, mas temos nome a zelar, tratamos bem os nossos clientes”. De fato, ao escutar o DJ Saúva, fui percebendo que boa parte dessas atividades envolvia uma parceria com seu genro, Paulo. E foi ele que me explicitou os sonhos que forjaram para os dois, juntos, conseguirem viver de suas competências técnicas. Paulo se entusiasmou e completou: “o nosso negócio será assim; a parte técnica, teórica é com o DJ Saúva. Eu fico mais com a parte da abordagem dos fregueses, de trazer serviço⁹¹. Esse é o meu papel”. Performativamente faz uma simulação de abordagem com clientes:

Bom dia, não tem alguma coisa para a gente arrumar? Consertamos de tudo! Olá pessoal, estão precisando de alguma coisa? Hoje já consegui um servicinho assim. Falei com um rapaz na rua, e ele disse que uma Lan House perto estava precisando arrumar vários controles remotos para vídeo-game. O que a gente não sabe a gente aprende. Não tínhamos solda para fazer o serviço, então corremos atrás, procuramos, trocamos e agora até a solda a gente já tem A coisa vai acontecendo... tem que se virar.

Paulo e DJ Saúva possuíam também outros projetos, por exemplo, que envolvem a reciclagem. Um deles está exposto a seguir: casa de cachorro aproveitando velhos monitores. Paulo conseguiu vender um protótipo por R\$

⁹¹ Em anexo, um orçamento que Paulo imprimiu para um cliente.

10,00. Querem agora melhorar o projeto, colocar uma alça para facilitar o transporte.



Foto com a maquete de um monitor antigo adaptado para Ser uma “casa de cachorro de madame”. Fonte: Paulo (21/12/2012).

Entretanto, em uma visita à família, senti o clima bem tenso entre Paulo e o Dj Saúva. Eles não me explicaram bem os motivos do desentendimento. Momentaneamente eles haviam rompido a parceria, porém disseram que iriam tentar conviver “civilizadamente porque são parentes”. Depois de ouvi-los, soube que o problema deu-se com o Paulo, que, ao vender um dos computadores, formatou o equipamento sem fazer cópia dos trabalhos do DJ Saúva. Este ficou furioso com a grande perda, irreparável dos arquivos e o “erro idiota” do genro. Discutiram, bateram boca e decidiram, então, que não poderiam mais trabalhar juntos. “Cada um vai pro seu lado, procurar seu caminho...” Mas fizeram um esforço para, em nome da família, não romper definitivamente. Inclusive Paulo ainda precisou hospedar-se na casa do sogro alguns dias depois da briga na casa do DJ Saúva, “por não ter para onde ir...”, porém com ajuda de um pequeno mutirão, conseguiu terminar o *grosso* e, por fim, ele, a mulher e as crianças mudaram-se para uma peça que conseguiram construir no terreno adquirido recentemente, que fica nos fundos da casa do DJ Saúva. E mesmo com a mudança, três dias depois, o convívio não terminou, pois na casa de Paulo não havia ainda banheiro. Em uma das minhas visitas,

encontrei Fernanda, que bem sorridente com a nenê nos braços, chegou anunciando na casa dos pais: “gente, vim tomar banho!”

2.4 SEGURANÇA

2.4.1 É Melhor Dentro de Casa, Vendo TV ou no Computador

Meu contato com o Saúva e sua família me levou para além de sua paixão pela música; outra emoção forte é a que diz respeito ao medo e à insegurança urbana. Introduzo esse tema por meio de um trecho etnográfico em que a família vai interligando na conversa soluções para a pobreza, problemas com a polícia e o desejo de resguardar os filhos contra o mundo do crime.

Em uma das minhas visitas, percebi que a família tinha novidades, diante de um cartaz que – na porta da casa, anunciava: “Vende-se Sacolé” (picolé artesanal preparado dentro de pequenos sacos plásticos – de suco R\$ 0,25 e cremoso R\$ 0,50). “O verão está chegando”, anunciou DJ Saúva, o que me fez lembrar que já estava convivendo com essa família há várias estações.

Nesse dia, o DJ Saúva estava falando sobre a Associação dos Moradores do Morro. Contou detalhes do Programa Fome Zero, que todos os meses ele ajuda a carregar o caminhão e a distribuir os alimentos entre as 350 famílias cadastradas. Contou que a quantidade de comida enviada pelo governo federal variava bastante e que isso gerava muita confusão, brigas e desconfiança. Para ele, tudo poderia ser mais organizado e transparente. Lastimou que não existam projetos e oficinas em geral lá na Associação. Lembrou que ele mesmo, por exemplo, poderia dar oficina de informática para as mulheres que não sabem mexer em computador... Do meu diário de campo, extraio um trecho:

(...) Acaba que só ficam dando comida. Só assistencialismo não serve. Precisa haver mudança. As pessoas lá na Associação estão assim... (performaticamente cruzou os braços). Eu penso que não pode ser tão difícil fazer as coisas andarem. Precisamos juntar uma galera, fazer um mutirão e tentar resolver as nossas coisas. E depois, dizer para o Governador, olha aí, a gente tem capacidade de fazer. Ando pensando em me candidatar, fazer uma chapa de oposição pra Associação, pra ver se muda alguma coisa...

A nossa conversa foi interrompida por uma correria, gritos e latidos de cachorro. A Sônia foi olhar na janela e viu que era a polícia. Todos ficaram quietos e em silêncio. A correria era grande no beco. “Vão prender os meninos”, me explicou Sônia. “Com os grandões não fazem nada, eles só prendem a gurizada”. O DJ Saúva disse que tinha medo de se incomodar com a polícia, “porque na correria, na fuga, atiram a droga dentro do pátio da gente. E aí, vai explicar como para a polícia... Meu sonho é fazer um muro bem alto”. Depois, acho que pra me assustar, brincou comigo: “será que a polícia, vendo seu carro estacionado lá em cima, não vai pensar que a senhora é a chefona do tráfico?” “Ou então ao contrário”, completou a filha Fernanda, “o tráfico achar que tu é que trouxe a polícia”. Nenhuma das hipóteses me agradou e então, seguindo o conselho de todos os membros da família, resolvi ficar esperando todo aquele tumulto passar. A Sônia foi para cozinha e ofereceu-me café e fritou bolinhos de arroz. O episódio foi uma ótima oportunidade para finalmente me aproximar também da ala feminina da família. Introduzi o tema do computador e iniciei perguntando para Sônia qual seria a diferença entre a televisão e o computador, mas todos os outros membros da família também queriam dar sua opinião (o pai, o filho de 10 anos e a irmã), e logo iniciou um pequeno bate-boca entre a família. Sônia falou: “Pra começar, a televisão agora passou para o meu quarto, daí já dá para ter uma ideia o que manda nessa casa... É o Senhor Computador, que agora tem até uma sala especial!”

⁹² Saúva não se conteve, e em tom de brincadeira disse: “Conta pra Dona

⁹² Já existem dados estatísticos que confirmam a crescente importância da web na rotina dos brasileiros. Segundo um estudo feito pela IAB Brasil em parceria com a ComScore⁹² - Brasil Conectado – Hábitos de Consumo de Mídia –, a internet já é a mídia mais consumida no país. Os dados apontam que mais de 40% dos entrevistados passam, pelo menos, duas horas por dia navegando na internet (ou por vários dispositivos digitais), ao passo apenas 25% gastam o mesmo tempo assistindo TV. Disponível em:

Lucia que tu é viciada em novela, adora, vê todos os dias, sabe tudo da vida dos artistas”. Ela argumentou:

Pois é, não nego, mas é diferente, novela tem aquele horário fixo, aquele tempo, e depois, pronto, acaba, tu vai tocar a vida... Já com o tal do computador não é assim; se deixar, passam 24 horas por dia ligado... Vicia e muitas vezes, vendo o que não presta!

Saúva rindo explicou genericamente: “as esposas são assim, têm ciúmes porque no computador tem mulher pelada⁹³. Mas não é culpa do computador. Ele aceita tudo, pode ir pro lado bom ou pro lado ruim”. Argumentou que o computador lhe ajudou a ver as coisas de um modo diferente, lhe ensinado. “Não sabia escrever no computador e agora já sei”. Fernanda completou:

Pra mim, o computador é um mundo numa caixa. O que a pessoa quiser e estiver buscando, tem lá dentro. Não é nem bom, nem ruim, entende, vai da pessoa, ela que escolhe o que quer buscar. Mas eu acredito muito na força do computador. Ele ajuda os pobres, porque, bem usado, traz informação, facilita a vida das pessoas.

Vinícius, de 10 anos de idade, entrou na discussão: “eu gosto dos dois. A televisão tem desenho, tem o Chaves (seriado mexicano infantil preferido do menino). É bom ficar lá, quietinho, parado, só vendo TV, sem fazer nada. Mas computador também é ótimo, dá pra jogar, ouvir música, então, prefiro os dois”. Por fim, o DJ Saúva lembrou que é possível ver TV no computador, e que é tão simples como assistir em uma televisão comum. Só é preciso instalar uma placa de TV no PC. Fernanda, na hora, ficou entusiasmada com a

http://www.iabbrasil.org.br/arquivos/IAB_Brasil_conectado_consumodemedia.pdf. Acesso em: 25/05/2012.

⁹³ Segundo dados do grupo de estudos Internet Pornography Statistics, mais de US\$ 3 mil são gastos com pornografia na internet a cada segundo, e a palavra “sex” (sexo, em inglês) é o termo mais buscado no mundo, representando 25% de todas as buscas na web. Outros dados sobre pornografia *online* apontam que cerca de 12% dos *sites* existentes são de conteúdo pornográfico. Por dia circulam 2,5 bilhões de *e-mail* pornográficos e do total de *download*, 35% têm relação com a pornografia. Curiosidades também foram divulgadas, como domingo é o dia mais “popular” no acesso a pornografia. Tais informações estão disponíveis em: <http://www.meionorte.com/noticias,dominio-xxx-e-aprovado-para-sitespornograficos,104550.html>. Acesso em: 09/09/2010.

possibilidade e perguntou desconfiada: “pai, será que tu consegue sinal de TV no computador que o Paulo achou no lixo?” O DJ Saúva respondeu que sim. “Claro, traz aqui que o pai instala, e assim tu vai poder acompanhar a novela em casa!”

2.4.2 Arrumei Muitos e Muitos Computadores de Graça para “eles”!

No meio da conversa, chegou o Poeta (32 anos de idade) – um dos rapazes do *hip hop*, que o Saúva produziu e “adotou”⁹⁴ – contando as novidades sobre a perseguição policial. Com a prisão de mais dois meninos, o patrão decidiu então “mudar” de ponto a boca do tráfico, notícia que foi lamentada por todos. DJ Saúva me explicou que isso é bem normal no morro, que o porto fica visado, “queimado, depois de um tempo e daí eles escolhem outro canto pra vender a droga. Mas pra nós é ruim porque a gente já conhecia os guris, eles cuidavam da casa e respeitavam a gente. 24 horas por dia. Tu acredita que sem eles fica muito pior?” Fernanda logo se apavorou e lembrou que a casa dela não tinha porta ainda. “Estamos dormindo, bem dizer, na rua. E eu nunca tive medo, porque eles (os meninos do tráfico) estavam sempre por aqui. Era como ter segurança 24 horas por dia. O Paulo vai ter que arrumar uma porta logo! Agora tô com medo”!

Nossa pesquisa, que dialoga obliquamente com a questão da marginalidade e da violência, naturalmente deparou-se com a questão do roubo. Essa prática faz parte da realidade cotidiana no país, em todas as classes sociais. E no Morro da Cruz não é diferente, apesar de ainda existir no

⁹⁴ Este rapaz também tem passagens pelo consumo e tráfico de drogas. Mas agora está, conforme sua fala, “limpo”. Há um ano está frequentando a Igreja Universal. Conversamos em outras oportunidades, e ele tem um profundo agradecimento a sua religião, que literalmente, nas suas palavras, o “salvou”. Também reclamou que as pessoas dizem que a Igreja dele só quer dinheiro, mas ele diz que é uma grande mentira, pois no seu caso, quando chegou à porta da igreja, era um “pé rapado”. Não tinha dinheiro algum, ao contrário, devia para o tráfico e estava jurado de morte. “Todas as portas da sociedade que eu conhecia estavam fechadas, só a igreja me acolheu e me acolhe todos os dias. Ainda não estou curado. Rezo muito para seguir em frente”.

imaginário da sociedade a máxima: “pobre só rouba de rico”⁹⁵. Em um mês, a família Rosa conviveu com três episódios de roubo. O primeiro foi o celular de Paulo, que havia deixado na janela e sumiu. Porém, ele reclamou para os meninos do tráfico, e o celular reapareceu. O segundo foi com o DJ Saúva, que colocou som em uma janta com galetos na Associação para arrecadar fundos para a entidade e teve a sua máquina fotográfica digital roubada. Ficou indignado, porque só tinha gente conhecida. E, por fim, quando Paulo e Fernanda conseguiram comprar a tal porta, na sua instalação roubaram de novo o celular dele, que dessa vez “não tinha pra quem se queixar....”

Saúva contou que ajudava no que podia esses meninos do tráfico... “muitos e muitos computadores eu arrumei de graça pra eles”. Explicou que “quando dava, tinha espaço, a gente fazia o trabalho de formiguinha, que o Paulo já lhe disse”, ou seja, ao consertar o computador, ele procurava incrementar o equipamento com músicas (seleção de *hip hop*), jogos e também alguns vídeos e arquivos de *Power Point* com as mensagens de esperança que Paulo coleciona. DJ Saúva explicou assim:

Faço essas coisas, encho o computador de atrativos, pra não parar de ter sonho. Se o menino se interessar, comentar sobre o material, qualquer coisa, a gente avançava mais um pouquinho, até chegar ao trabalho que o Paulo, que foi treinado e estudou para isso, faz; abordagem com gente viciada, usando as palavras, tenta convencer a se cuidar, a mudar de vida. Ele tem muito jeito, além de tudo, tem o exemplo próprio.

DJ Saúva diz que se entristece com essa realidade, pois ele conhece algumas crianças de 10, 12 anos de idade já viciadas em crack e que, por isso, para sustentar o vício, já trabalham no tráfico para ter dinheiro. Completou: “fico pensando, será que eles não têm ninguém pra olhar por eles? Uma mãe, um pai, avó, tio, sei lá, alguém da família? Às vezes até tem família, mas essa não tá nem aí pro guri. Eu me comovo com isso”. Sônia completou: “imagina o que é criar os filhos no meio disso tudo. Eu tenho fama de trancar meus filhos,

⁹⁵ Fonseca (2006, p. 89) ressaltou esse fato na sua etnografia, mostrando que, ao contrário da hipótese de que “os pobres são solidários com os outros pobres”, os roubos normalmente se dão entre os vizinhos e parentes; “pegam-se as coisas onde é mais fácil e menos perigoso.”

mas é melhor dentro de casa, vendo TV ou no computador do que na rua...”, disse rindo lembrando-se da nossa recente discussão.

DJ Saúva disse que às vezes pensava em ir embora dali... “mas ir para onde”, pergunta. Ao dizer isso percebeu que não possui nenhuma despesa fixa, que não paga água, luz, aluguel, internet, nada. Lamenta só a falta de saneamento, que é uma fonte eterna de brigas e confusões entre vizinhos. “Ninguém quer esgoto escorrendo a céu aberto no seu pátio, mas fazer o quê? Já é bem ruim conviver com o cheiro, mas quando chove, é muito pior. Aqui na frente da minha casa, passa um rio de esgoto misturado com chuva. Uma nojeira só”.

2.5 SAINDO DA VILA

2.5.1 O Saber Informático não Abre Automaticamente as Portas

Uma possibilidade para sair da vila seria através da ascensão socioeconômica dos filhos. Assim, não é por acaso que DJ Saúva aposta no seu filho, Alexandre (19 anos de idade), filho mais velho e *herdeiro* do conhecimento do pai, que demonstra muito orgulho da inteligência e da habilidade do filho com o universo da eletro/eletrônica. Contou que o básico ele transmitiu para o filho, mas que “o resto, o Alexandre foi fuçando, pesquisando na internet. Tu não sabe de um emprego pra ele? Tenho certeza que ele iria arrasar. É um guri muito bom, apesar de ser meio estranho. Ele é tímido, quase não fala, teve uns probleminhas de saúde na infância...”

Respondi que, nessa área (informática), existiam muitas possibilidades, e que recentemente havia lido uma reportagem sobre a falta de profissionais⁹⁶ no setor de informática e a grande oferta existente de empregos. Saúva,

⁹⁶ Reportagem: Falta de mão de obra qualificada nas empresas de TI – Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2011/02/profissoes-na-area-de-exatas-estao-entre-mais-requisitadas-no-brasil.html>. Acesso em: 14/10/2011.

descrente, acrescentou: “essas vagas são pros ricos. Como é que eu não consigo emprego? Claro, eu tenho 41 anos, sem diploma, sem dentes, pobre, não me querem...” De fato, não foi difícil conseguir um teste para o Alexandre, porém o telefonema da empresa pedindo que voltasse em uma semana com a Carteira de Trabalho virou o que o DJ Saúva definiu como um *problemão*. Alexandre só tinha, como documento, uma velha e amassada certidão de nascimento. Consultamos a internet para verificar a documentação necessária para conseguir a Carteira e constatamos que a lista era grande: CPF, fotos, Carteira de Identidade e o que é a maior dificuldade para muitos moradores de vilas e favelas: o comprovante de residência. Como a família do DJ Saúva possui água e luz de modo irregular, não têm uma conta, um endereço formal. E esse fato é impeditivo de abrirem crediário em lojas, terem conta bancária, e agora também é um problema para a obtenção da documentação.

Decidi ir junto com Alexandre ao centro. Ele revelou que raramente saía do Morro, e que, como não estuda mais, fica sempre em casa e pelos arredores. Indagado sobre o seu nível de escolaridade, Alexandre não soube precisar se estudou até a sexta ou sétima série, pois há uns dois anos, no final de ano, abandonou a escola por ser algo “muito chato”, e não sabe se passou de ano ou não. “Simplesmente larguei, não fui mais”.

Desse modo, fomos à Central de Serviços ao Cidadão – TudoFácil (que jocosamente é conhecido pela população que o frequenta como TudoDifícil), órgão do Governo Estadual que objetiva facilitar a vida dos porto-alegrenses, oferecendo em um único espaço físico os serviços públicos mais demandados. Logo já surgiram os problemas: no balcão, para a feitura da Carteira de Identidade (CI), a servidora não queria aceitar a certidão de nascimento do Alexandre, alegando estar “muito velha”. Explicamos que tínhamos urgência, que faltavam muitos outros documentos e conseguimos avançar. Fomos aconselhados a voltar com o número do CPF, para que este constasse na nova carteira. Então, novos problemas surgiram; como Alexandre já era maior de idade, é necessário apresentar o Título de Eleitor. Esse documento não pode ser feito no TudoFácil e, quando estávamos nos deslocando para o Tribunal, a funcionária, solidária com o nosso desafio, veio até nós e perguntou ao Alexandre: “você já fez o alistamento militar? Se não, nem adianta ir até lá, pois o Tribunal exige o certificado de quitação militar”. Novo impasse. Era preciso

então procurar o órgão do exército responsável, a Junta de Serviço Militar (FSM) para regularizar a situação.

Fomos então até a região dos quartéis, no centro de Porto Alegre e, depois de muita procura, chegamos ao Centro de Recrutamento. Retiramos uma ficha e, após algum tempo, um sargento veio nos atender. Perguntou a idade do Alexandre (19 anos de idade completos). O semblante do sargento ficou muito sério e com a voz exaltada, quase gritando, disse que o Alexandre estava cometendo um crime previsto na Constituição, que ele poderia inclusive ser preso, que ele, perante a lei, era considerado um refratário; enfim, nos assustou bastante. Perguntei qual seria a solução do impasse, e o sargento respondeu que só em seis meses, no início do ano (precisamente em janeiro de 2012), ele poderia regularizar-se. Explicamos que ele estava precisando fazer a Carteira de Trabalho, e que não poderia esperar.

O Sargento, irredutível, nos aconselhou a procurar a justiça: “só via mandato judicial vocês conseguem”. Não foi preciso tanto; insistindo um pouco mais, o Alexandre conseguiu dar entrada ao processo de alistamento, pagando uma multa irrisória (no valor de 1 real) e com isso disparar todo o processo; certificado militar, título eleitoral, CPF, carteira de identidade para por fim conseguir a carteira de trabalho. Importante ressaltar que mesmo estando na era da informação, da virtualidade, das facilidades eletrônicas que potencialmente a internet proporciona (disponibilizando serviços governamentais *online*), o que vimos nesse episódio foi que ainda impera a burocracia, a necessidade da presença física, o uso das relações pessoais (no caso, através do capital social e simbólico da pesquisadora) para se conseguir ter acesso a um documento básico para qualquer trabalhador.

Ou seja, o *e-government* (conjunto de serviços e o acesso a informações que o governo oferece à população por meios eletrônicos) nesse caso não ajudou o Alexandre a conseguir seus documentos. Passados alguns dias, Alexandre foi ao centro buscar a Carteira de Trabalho. Ele conseguiu uma pasta de papelão e agora reúne toda a sua documentação, fotos, bem como guias antigas, senhas de espera, todos os papéis que nos deram nos

diferentes órgãos visitados nessa pasta.⁹⁷ Com orgulho, falou: “Agora até votar já posso”.

Alexandre começou a trabalhar. Ele foi contratado para a parte de manutenção e de suporte técnico para os computadores da empresa e não tem contato diretamente com o público. A maioria dos seus colegas possui o segundo grau completo, cursos técnicos em informática, e muitos já estão formados ou estudando em universidades. Ou seja, o que impera na empresa é o conhecimento e a educação formal, coisas que o Alexandre não possui. Ele tem outro tipo de habilidade/capacidade. A necessidade fez com que aprendesse a consertar equipamentos eletrônicos, adaptasse soluções com poucos recursos, se virar, como ele mesmo definiu o que sabe de informática. “Sei me virar, sei fazer funcionar”.

Ele contou que, nos primeiros dias, teve alguns problemas. Durante uma semana, foi e voltou “a pé” do trabalho (cerca de 10 km de distância), porque precisou gastar o dinheiro recebido antecipadamente, problema solucionado através do cartão vale-transporte, que objetiva assegurar o deslocamento diário dos trabalhadores. A sua “adaptação” não foi muito fácil, e sempre estão surgindo novos problemas. Ele contou com humor que, logo nos primeiros dias no seu emprego, o gerente da empresa lhe chamou e pediu que ele caprichasse mais no visual e tomasse banho antes de ir trabalhar. “Me acharam fedorento...”, disse dando os ombros.

Porém, esse episódio repetiu-se em muitas outras ocasiões, inclusive com reclamações dos seus colegas mais próximos, a ponto do seu chefe lhe chamar para uma nova conversa, dessa vez bem mais explícita e direta, bem ao estilo dos manuais de comportamento citados por Elias (1993), no seu

⁹⁷ Para Etcheverry (2007), “a diferença mais tácita entre ter e não ter documentos está no grau de autonomia. Sem documentos, não é possível, em princípio, alugar moradia, ter conta bancária, trabalhar ou ir à escola (...) Porém, falar em documentação implica não somente pensar no acesso a direitos, mas também traz à tona aspectos da vida dos sujeitos relativos à percepção de si mesmos e da sociedade, à manutenção e reinvenção de antigas lealdades e criação de novos laços de solidariedade, bem como a avaliações do seu estar no mundo. (...) O documento também garante ao portador um lugar de enunciação, não apenas atestado pela sua presença física, senão respaldado pela aceitação, enquanto tal, de uma entidade que o ultrapassa.(...) O documento não é apenas uma forma de se identificar, mas também uma garantia, perante os outros, de pertença e aceitação” (ETCHEVERRY, 2007, p. 148).

estudo sobre os costumes modernos. Ou seja, Alexandre recebeu um claro recado: “você precisa educar-se e ter boas maneiras, desenvolver melhores modos de conduta, senão, não vais poder trabalhar aqui”.

Nesse sentido, Alexandre está vivendo um “processo civilizatório”, pois novos valores e práticas estão sendo introduzidos a partir da sua inserção no mercado de trabalho. Naturalmente não se torna viável nessa tese analisar todo o longo processo civilizatório, que implica questões sociais, o surgimento dos estados-nação, etc., mas trago esse autor para termos a dimensão das transformações psicológicas e das pressões que Alexandre sofre nessa sua nova vida social, a partir do emprego.

Com o seu primeiro salário, comprou um celular moderno “de toque”... porém me disse que o que ele “sonha mesmo e deseja” ainda não deu para comprar. “Para o próximo mês”, respondeu ele. “O que seria”, perguntei-lhe curiosa: “Um tablet⁹⁸. “Por que não um computador?” Ele respondeu que tem um computador velho, reciclado, mas “quero gastar meu dinheiro é com tecnologia, com novidades. O *tablet* é o futuro. E eu quero isso pra mim”.

Agora que está empregado e recebendo – com os benefícios do vale-alimentação – um pouco mais do que o salário mínimo, Alexandre empoderou-se e, conforme suas palavras, “virei o rico da família, *todo mundo fica me pedindo coisas*”. Ele comprou um modem 3G, que é muito disputado por todos os membros da casa, quando a internet do DJ Saúva tem problemas.

Além disso, Sonia, sua mãe, contou-me orgulhosa que o filho a tinha levado a Cachoeira do Sul para que ela finalmente pudesse visitar o túmulo da mãe no cemitério, que faleceu há mais de dois anos e ela nunca teve condições financeiras de ir até lá.

No entanto, os conflitos ainda continuam. Alexandre, há pouco tempo, quase foi novamente demitido desse emprego. Ele contou que, com o seu último salário, comprou um pequeno e moderno *notebook* “usado” no Morro da

⁹⁸ Dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento com jogos 3D. Apresenta uma tela sensível ao toque, que é o dispositivo de entrada principal. A ponta dos dedos ou uma caneta aciona suas funcionalidades. É um novo conceito: não deve ser igualado a um computador completo ou um smartphone, embora possua diversas funcionalidades dos dois. Disponível em: Wikipédia. Acesso em: 15/10/2011.

Cruz. O rapaz que lhe vendeu inclusive lhe forneceu um recibo de 300 reais. Ele decidiu levar o equipamento e mostrar seu grande feito aos seus colegas. Porém eles logo avaliaram que o equipamento era roubado, porque um novo custa nas lojas mais de 1.500 reais, e aquele estava sem os cabos, as licenças, os acessórios, etc.

Interessante analisar os desdobramentos desse episódio: Os colegas não aprovaram e inclusive o denunciaram para a direção da empresa alegando que havia um funcionário “receptor de material roubado”. Ele foi chamado para dar explicações aos seus chefes e quase foi demitido. Na sua lógica, entretanto, ficou muito surpreso com a reação das pessoas pela sua aquisição e sustentou que não havia feito nada de errado: “Até recibo eu tenho, paguei 300 reais. Por que não posso? Todo mundo que eu conheço faz isso. Por que a gente precisa comprar tudo em loja? O notebook pode não ser roubado; pode ser achado, dado... Vai saber!”

Lentamente Alexandre vai incorporando essa nova estética e moralidade existente em nossa sociedade e já começa a mostrar sinais de que está tentando controlar melhor as suas emoções e também já é possível notar o sentimento de vergonha, constrangimento e moderação nos seus gestos e atitudes. “Tenho caprichado, mas é difícil agradar por aqui... Tudo que eu sei, digo ou faço tá errado!”

2.5.2 Outras Maneiras de Sair da Vila: *Respeito Através da Palavra é o Rap*

Se ainda é difícil fazer um salto, através do computador, ao mundo do trabalho formal, os “artistas” da vila, combinando competência e capital social, conseguem outras maneiras para fazer pontes para além do seu bairro. Uma oportunidade que surgiu será apresentada a seguir.

Uma amiga, professora no Curso de Música – Licenciatura do IPA (Centro Universitário Metodista), em conversa informal, disse-me que ela e seus colegas professores possuem diversos questionamentos em relação à formação musical dos seus alunos de licenciatura. Qual é a “vida musical” das comunidades nas quais esses alunos irão atuar como professores? Qual seria

o papel da Universidade no que diz respeito a essa questão?⁹⁹ Ao debatermos essa pergunta, surgiu a ideia de uma aproximação com a produção cultural da chamada periferia urbana. Nesse momento, lembrei do DJ Saúva e do movimento do *hip hop* do qual participa e comentei que conhecia membros do movimento que atuam no Morro da Cruz e poderia apresentá-los.

Fui conversar com o DJ Saúva sobre a sua disponibilidade e interesse em falar com uma professora de música e de, eventualmente, apresentar-se em uma universidade. Ele aceitou recebê-la, mas com certa resistência... “Será que não é melhor eu ir até lá conversar? Tu conheces o meu estúdio; é bem caseiro, pequeno e nem lugar pra três sentar têm. Vou espantar a professora.” Porém, ao contrário do que o DJ esperava, ela foi para seu estúdio e gostou das músicas e logo formalizou o convite. A ideia de uma apresentação formal evoluiu para uma oficina, com tempo estimado de 1 hora de duração.

Saúva ficou emocionado e apavorado com o que ele chamou de responsabilidade gigante. “Não posso fazer feio. Tenho que aproveitar essa oportunidade”. Em todas as nossas conversas subsequentes, sempre ele comentava o assunto da oficina, me pedia conselhos. Ele estava na dúvida de quais grupos de músicos chamar, pois, pelo que percebi, existem muitas clivagens e brigas internas. Além disso, há outro enorme problema para o DJ Saúva: a sua desavença com o Paulo. “Bah, vou ter que superar essa briga.”

Um dia antes do evento, DJ Saúva me ligou e perguntou se eu não podia dar uma carona, pois ele decidiu levar o seu próprio computador (“não confio em outro”). Além disso, “vai uma galera, inclusive algumas crianças, que vão participar e mostrar a continuidade da arte”. Combinamos o encontro para as 18 horas. De fato eram muitos e não cabiam no carro, então alguns seguiram de ônibus. O DJ Saúva estava bem nervoso porque alguns iriam direto do trabalho, e ele estava receoso de que acontecesse algum imprevisto, de não acharem o auditório, desistirem. Enfim, perto das 20 horas, já havia um bom número, e ele finalmente se tranquilizou.

⁹⁹ “Não seria o papel de a universidade propiciar ao aluno vivência de todas as modalidades de música e refletir sobre a crise? Negar a música de vanguarda, ou a música “folclórica” e a música “popular”, buscando o abrigo aparentemente seguro de músicas de épocas anteriores já consagradas, não é negar aos alunos a possibilidade de entender essa crise e contribuir para a busca de novos caminhos?” (FREIRE, 2011, p. 165)

O auditório da Faculdade não estava cheio, mas havia cerca de 40 pessoas entre alunos, professores e convidados. A abertura foi um pequeno espetáculo musical que os professores prepararam para os alunos, com piano, flauta transversal, violão. Tocaram um repertório bem eclético, com chorinhos clássicos da Música Popular do Brasil, dentro da estética erudita ocidental do que podemos resumidamente chamar de “boa música”, pertencentes, nos termos de Bourdieu (2007), à cultura “superior”, da elite.

Após, a diretora da faculdade anunciou: Temos a enorme satisfação de oportunizar a oficina: “Descobrimo o Hip Hop – Com o DJ Saúva, do Morro da Cruz”. Quem comandou a apresentação foi Paulo, que possui, conforme o DJ Saúva, “experiência, inteligência e o dom da fala”! Este agradeceu a todos a oportunidade e anunciou:

Vai começar o que a gente mais faz na vida: improviso, e com um mínimo de equipamento possível, como vocês vão ver, nós também fazemos música¹⁰⁰.... A gente trabalha no limite, amassando barro todo o dia para subir a ladeira do Morro da Cruz. Vocês vão ver esses versos sendo rimado e cantado. Somos pessoas que vivem uma realidade adversa, mas estamos aqui pra mostrar o nosso trabalho. Vamos focar no papel social do *hip hop* na nossa comunidade.

Depois, o som deu problemas. Os autofalantes ecoavam um ruído muito alto, que incomodava, anunciando metaforicamente que a atração a seguir teria uma sonoridade e uma estética bem diferente da última atração. Após alguns minutos de impasse técnico, o DJ Saúva e os meninos do *rap* decidiram não usar o sistema de som central e, mais uma vez, improvisar; ligaram o computador do Saúva com caixas de som e resolveram criativamente o problema da estática que o funcionário (técnico da faculdade) não conseguia resolver. Paulo anunciou: “Vamos bater palma pro rap. É a maior correria conseguir fazer música! Solta a base aí”! O DJ Saúva ficou comandando o

¹⁰⁰ Refletir sobre a dicotomia cultura erudita x cultura popular tem sido um desafio constante na literatura socioantropológica. Sabemos que não há consenso entre as diferentes posições epistemológicas, porém destacamos aqui alguns autores que apontam para uma interação e circularidade entre as práticas culturais. Vários são os teóricos que estudam esse tema (Gramsci, Bakhtin, Thompson). O historiador Ginzburg (1989) foi um dos pioneiros, pois passou a ver as práticas culturais das classes subalternas não mais como subordinadas e vinculadas às classes dominantes uma vez que propôs a estudar não a cultura produzida pelas classes populares, mas sim a cultura imposta às classes populares.

som, o fundo musical, e eles cantavam em cima da música eletrônica que ele tinha gravado no computador. Os versos da primeira música já anunciavam o tom político e questionador que o *rap* possui. “Eu canto pro que acredito, porque preciso, canto por justiça e igualdade social. Canto por ser um sonhador e padecer nesse mundo real. Canto pelo povo: esquecido, oprimido e julgado.”¹⁰¹



Auditório do IPA/RS. Fonte: Lucia Scalco (30/09/2011).

Após, outra *performance* que trata de um assunto bem polêmico: pirataria. Iniciaram apresentando-se como trabalhadores, como camelôs, vendedores ambulantes ilegais, que são perseguidos pela polícia e fiscais diariamente. “Julguem quem quiser, crime ou não crime. Me diz sociedade, que real que te devo”?

¹⁰¹ Continuação da letra da música: Canto som de preto, de branco e de pardo. É o *Rap*. Exige respeito. É a voz, é a verdade. Trabalho traz resultado, proletários. Tenta se impor quando transforma, quando protesta e questiona. Mandando visões a todos os manos. No *rap*, na música e na vida. No fim, somos todos uma família, proletários!

2.5.3 Existem Dois Lados, entre o Bem e o Mal. Decida de uma Vez, Qual é o Seu, Afinal?

Outro artista que também emocionou o público presente com sua arte e com a sua fala foi o Poeta. Ele subiu ao palco acompanhado da filha de 12 anos e de um menino de 10 anos, para reproduzir como se dá uma oficina de *rap*. Como ele recentemente converteu-se à religião pentecostal, agora canta o estilo conhecido como *rap gospel*¹⁰², e, portanto, a sua fala e as letras da sua música estão impregnadas de referências religiosas e morais¹⁰³, como:

Depois de um ano - o DJ Saúva conhece bem a minha caminhada – deixei o caminho tenebroso. Desci até o inferno, mas depois, Jesus foi lá, me estendeu a mão e me trouxe de volta para mostrar para aqueles, os malfeitores, os invejosos, que quando se confia em Deus, quando Deus dá um propósito na vida de uma pessoa, ela pode até descer até o inferno, que mesmo lá, Deus te acha.

Depois discorreu sobre o papel social do *hip hop* na sua comunidade:

O *rap* não é só subir em cima do palco e cantar; não é só colocar palavras que combinam em cima de uma batida. A intenção real do *Rap* é passar informação, a intenção real do *rap* é de educar, é de resgate. Poder mostrar para aquela gurizada que está nos becos, no meio da periferia, traficando, que tá lá, no beco, usando drogas e que depois desce pro asfalto para roubar um playboy ou para roubar uma tiazinha, que a nossa intenção é mostrar, através do *rap*, qual o final

¹⁰² Embora, à primeira vista, *hip hop* e pentecostalismo pareçam forças antagônicas ou dissociadas, o que se percebe é que há uma afinidade eletiva entre ambos, (...) dando início a um movimento que vem modificando a vida de muitos jovens em todo o país. As semelhanças na postura de combate às drogas e ao álcool e a orientação para uma vida regrada (ainda que entremeada pelo louvor lúdico) e baseada em princípios éticos são alguns dos fatores responsáveis pela aproximação entre evangélicos e *rapper* (CAMURÇA & UMBELINO, 2009, p. 2).

¹⁰³ O DJ Saúva me contou que estava receoso em levar o Poeta para a oficina, por que ele estaria muito *fanático*, e que muitos membros do Movimento do *Hip Hop* não “curtem essa história de hap e de igreja”. Ele está exagerando na sua adoração a Deus. Esse pequeno episódio aponta a clivagem religiosa existente na sociedade e que se reproduz também no mundo do *rap*.

deles. E o final todo mundo sabe; ou vai pra cadeia ou vai pro caixão.... E mesmo quando vai pra cadeia, acaba saindo de lá num caixão.(...) A gente fala a realidade que é, não to aqui pra ser sensacionalista, não to aqui tentando colocar pavor em vocês, apenas mostrar a realidade, a verdade, que é dura e cruel.!

No encerramento, Paulo pediu licença para apresentar uma última mensagem. O DJ Saúva então reproduziu o arquivo produzido no programa de apresentações *Power Point*, denominado *Dança Lenta* – que com imagens fotográficas de paisagens e de crianças, e como fundo musical, um piano tocando uma linda canção instrumental, aconselhava as pessoas a serem mais calmas e aproveitarem melhor a vida: “*é melhor você diminuir o passo, não dance tão depressa, o tempo é curto, a música vai acabar*”. Chamou todos os membros do grupo no palco (11 pessoas), que, abraçados, olhavam a apresentação no telão. Quando acabou, performaticamente agradeceram a oportunidade. Paulo finalizou: “obrigada por não estarem rotulando a periferia e por nos aceitar como a gente é”.



Participação do Dj Saúva e seu grupo na semana acadêmica da faculdade de música do IPA/RS Fonte: Lucia Scalco (30/09/2011).

Na plateia, várias pessoas se emocionaram, algumas até choraram com o espetáculo. Ao narrar e cantar a realidade dos bairros pobres e seus

problemas, os jovens artistas conseguiram criar um momento *liminar*¹⁰⁴, que se estendeu após o término, pois a Faculdade ofereceu para todo o grupo um lanche no bar local, oportunizando uma convivência que, em outra ocasião, seria quase impossível: um maestro pianista, trocando *e-mails* com um DJ de *rap* da periferia!

O DJ Saúva relatou que, no dia da apresentação, conversou também com um aluno do curso de música – amigo e companheiro do movimento do *Hip hop* de Porto Alegre – que lhe indicou um curso profissionalizante de sonorização. Conforme a sua fala: “Às vezes penso que eu precisaria, pra ter mais moral, era talvez, ter um comprovante de um curso, que por ser caro, sempre fica pra depois. Por que só me sobra a prática. É no dia a dia que eu tenho que provar o que sei”.

É possível que os músicos do morro estejam correspondendo a certa imagem das classes abastadas, preenchendo o nicho do “exótico”. Entretanto, é também evidente que, ao dar oportunidade para que DJ Saúva e Paulo mostrem a sua arte e tecnologia, bem como o direito de expressar-se publicamente por meio de suas “falas”, eles possam se sentir participantes de um intercâmbio social. Se veem como educadores, inclusive para os membros dos bairros mais ricos, uma vez que consideram-se portadores de uma mensagem importante. E há indicações de que, pelo menos, alguns membros dessa plateia sentiram a mesma coisa.

¹⁰⁴ Uma explicação antropológica para dar sentido na compreensão do evento anteriormente descrito pode ser ancorada na *teoria dos ritos* e na contribuição de Turner (1974), com o seu conceito de *liminaridade*. Esse autor nos mostra que, no estado liminar, há um distanciamento simbólico da estrutura hierárquica da sociedade, propiciando o surgimento de um segundo modelo alternativo; um estado de comunhão, de indivíduos iguais. Muitas são atualmente as definições de rito, mas basicamente pode ser definido como uma forma geral de expressão da sociedade e da cultura (RIVIERE, 1997) ou como reafirmador de laços sociais e agentes na produção de sentido (SEGALEN, 2002). São os chamados *ritos profanos*, que, mesmo sem ter uma ligação a um mito, mas somente a valores importantes, também possuem uma lógica e por isso satisfazem-se com a intensidade emocional de, por exemplo, o comparecimento a um estádio assistir uma partida de futebol ou assistir um concerto de música. Uma característica importante desses ritos profanos é que eles “colocam o sujeito em relação com a coletividade e o libera do seu isolamento” (RIVIERE, 1997, p. 80). Além de descrever os ritos, associou-se o funcionamento dos mesmos à sua utilidade social. “O rito parece eficaz não pelo que exprime e significa, mas porque ele próprio opera uma mudança de forma real e não simbólica” (RIVIERE, 1997, p. 43).

Depois desse dia, o DJ Saúva percebeu que ser autodidata não seria suficiente para conseguir trabalhar na área de Produção Musical, organizações de eventos, sonorização e manutenção de áudio e vídeo, então resolveu procurar o curso indicado. Trata-se de uma escola no bairro Santo Antônio, denominada CAM – estúdio Onze, que fornece inclusive certificado reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura. Ele, com muito sacrifício, conseguiu finalizar o curso e agora enquadrou e digitalizou o seu diploma. A seguir, anexo uma mensagem postada por ele no seu Facebook:

 <p><i>Certificado</i></p> <p><i>Clodoaldo Bittencourt Veloso</i></p> <p>concluiu com frequência satisfatória, o Curso de Produção Musical, com carga horária total de 60 horas/ aula, ministrado por Luiz Vianna, no período de 03 de Outubro a 15 de Dezembro de 2011, realizado no Estúdio Onzi, em Porto Alegre, RS.</p> <p>Porto Alegre, 15 de Dezembro de 2011.</p> <p><i>Luiz Carlos Vianna Filho</i> Luiz Carlos Vianna Filho Professor</p> <p><i>Clodoaldo Bittencourt Veloso</i> Clodoaldo Bittencourt Veloso Aluno</p>	<p>Não basta saber de tudo sem ter como provar que sabe Se sei o que sei é porque um dia eu pensei.....Acreditei nos meus sonhos tive chance de argumentar. Venci..... Aprendi</p> <p>Muito orgulho mesmo de hj poder ser Produtor Musical e com poder ta ajudando a minha comunidade. Esse ai é pra voces que viveram e aprenderam como fazer a coisa certa.</p> <p>Crescer sem esquecer de onde veio é um dom de poucos. Saúva DJ Produtor Musical sim e com muito orgulho pela minha favela de tantos talentos esquecidos.</p>
---	---

2.6 NOTAS FINAIS: VESTINDO O REI

Uma reflexão sobre as ações de políticas públicas sociais frequentemente nos leva à questão da pobreza existente atualmente no mundo. Uma pergunta óbvia seria: aprender a usar o computador, para fazer o quê? Para chegar onde?

Conforme foi relatado, a família pesquisada, no início da nossa pesquisa, possuía em casa dois computadores considerados no mercado como antigos, um Pentium III e outro Pentium IV (lançados no início do ano 2000), porém, apesar de serem PC considerados ultrapassados, possuíam memória e placa de vídeo para jogos. É possível, portanto, dizer que a família está incluída digitalmente, uma vez que possui equipamentos, acesso à internet e domínio da tecnologia. Contudo, pode ser considerada excluída socialmente, conforme certos critérios sociais.

Uma primeira leitura dessa cena nos leva à desconstrução acerca do discurso hegemônico sobre os benefícios da tecnologia, como se as iniciativas relacionadas ao computador melhorassem automaticamente as condições de vida, mostrando-se uma importante ferramenta para o fim da pobreza, da marginalização e exclusão. Quando me deparei naquela pequena sala, e com aquelas pessoas vivendo em condições “estretas” (diziam, que até há poucos dias, estavam passando fome), pensei, o Rei está nu¹⁰⁵. A tecnologia não é uma solução mágica à falta de recursos. Porém, à medida que o trabalho de campo avançou, fomos descobrindo novas ferramentas analíticas para a compreensão da lógica desses sujeitos que, de acordo com Sônia (mãe), “são loucos, só querem saber de comprar computador, fios, antenas e cabos. Isso não mata a fome de ninguém”!

Os resultados preliminares obtidos com a pesquisa etnográfica apontam que as categorias incluído/excluído são insuficientes para explicar o fenômeno da informatização que ocorre nas classes populares. De modo geral, percebemos que esses sujeitos são atuantes no seu cotidiano e que procuram e acham soluções criativas para as suas muitas demandas, por exemplo, o acesso à tecnologia digital, mesmo não tendo garantida a qualidade de uma série de serviços considerados básicos (renda, moradia, saneamento básico, saúde, etc.).

Nossos achados empíricos apontam que, para a compreensão do chamado fenômeno “inclusão digital”, é preciso romper com o discurso moralizante que rodeia o tema e prestar atenção à dimensão simbólica subjacente no ato de acessar a internet. Isso porque percebemos que, convivendo com razões práticas e econômicas, que tornam o computador algo bem utilitarista e pragmático (como uma ferramenta capaz de ajudar os sujeitos

¹⁰⁵ Pequena analogia com o conhecido conto de fadas do dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado em 1937. Recordando resumidamente o conto, trata-se de uma história sobre um Rei muito vaidoso que é enganado por dois tecelões vigaristas, os quais, apresentando-se como alfaiates "criaram" uma roupa confeccionada com um tecido "mágico" (na verdade invisível). Tal pano somente poderia ser visto por quem fosse inteligente. Evidentemente, todos diziam ver a roupa, inclusive o Rei, porque não queriam passar por ignorantes. No dia do desfile, no entanto, uma criança se aproxima e grita: "O REI ESTÁ NU". E todos se dão conta de que a criança estava certa. O rei estava definitivamente nu, e essa fábula é acionada quando se quer referir a alguma verdade ou fato hegemônico (BANDEIRA, 1996).

a darem um salto socioeconômico nas suas vidas), existem outras dimensões importantes, e o computador pode ser também assimilado e usado dentro de uma outra lógica e dentro de uma série de prioridades sociais, artísticas e lúdicas, que denominamos ao longo deste capítulo de “tecnologias da paixão”.

Portanto, os nossos personagens não devem ser vistos só pela lente econômica, que põe em relevo as suas penúrias e carências. Dialogando e tensionando as narrativas estigmatizadoras, redutoras e economicistas do senso comum em relação aos membros das classes populares - que basicamente defendem uma espécie de hierarquia entre as necessidades humanas, volto à reflexão do Elias (2001), que aponta para outros *impulsos* que também fazem parte das necessidades do ser humano e são igualmente importantes. Especificamente nessa família podemos perceber que o impulso deles – o que os move – é a paixão, seja pela música, pelo trabalho social, pelo desenho, pela tecnologia...

São paixões que representam bem – inclusive – um reconhecimento para “dentro” e para “fora” do seu território local – o que pode ser algo tão importante na sua escala de valores, quanto o próprio empoderamento econômico.

3 A COMPETÊNCIA TÉCNICA ENCARNADA NO EDUCADOR SOCIAL – PEÇA FUNDAMENTAL NA “INCLUSÃO DIGITAL”

Lembrando que esta tese visa descrever o impacto da informática na vida cotidiana dos moradores dos bairros periféricos, propomos agora é parar um pouco para olhar mais de perto uma peça fundamental na chegada dessa tecnologia nesses locais, pois as dificuldades não se reduzem à questão da compra das máquinas... Uma vez adquiridas e instaladas, esses equipamentos precisam ser mantidos e atualizados com frequência.

Para ilustrar, resumo a seguir as principais reclamações técnicas encontradas em campo, em relação a problemas nos computadores: o micro inicia no modo de segurança ou trava, congela, exibe uma tela azul com mensagem de erro e precisa ser reiniciado a todo momento; PC lento, desempenho fraco; não pode abrir muitos aplicativos ao mesmo tempo. O micro não desliga, *só na marra*, forçando. O computador apresenta mensagens de que o sistema está com pouca memória, arquivos que não abrem (corrompidos), defeito na placa-mãe, aquecimento por causa do calor, (*o computador fica louco*), computador que molha por causa da chuva e de goteiras, travamento total do Windows (famosa tela azul, geralmente devido à instalação de *software* pirata), problemas com os periféricos, *scanner*, *mouse*, teclado, máquinas fotográficas digitais, (não abre as fotos), programas em conflitos, ataque de vírus que infectam o computador de diferentes maneiras, por *e-mail*, pela internet, pelo *pendrive*, entre outros, e o campeão dos problemas: não consigo me conectar à rede, o modem 3G não funciona, lentidão com a internet. Um informante com humor resumiu o seu problema: *acho que tenho um computador à lenha*.

Em praticamente todas as famílias pesquisadas, ocorreram diferentes episódios que interromperam – muitas vezes por longos períodos de tempo – o acesso ao computador. As causas variam entre a falta de dinheiro para o pagamento do plano de acesso¹⁰⁶ aos mais variados problemas técnicos,

¹⁰⁶ No capítulo 5, serão abordados mais detalhes sobre o funcionamento das empresas operadoras de planos de acesso à internet.

conforme já foi especificado no parágrafo anterior. Não se trata de inventariar todas as dificuldades existentes quando da aquisição de um computador, mas de entender a centralidade do *amigo expert*, quando se deparam com um problema técnico em suas práticas cotidianas.

Muitas são as frustrações advindas com a informática e a internet. O dia a dia de quem usa o computador é cheio de surpresas – algo, aliás, que acontece com todas as pessoas e em todas as classes sociais. Porém o impacto de um problema dessa natureza é sentido, resolvido e absorvido de maneiras bastante distintas, variando conforme o capital econômico (tipo de equipamento, disponibilidade financeira para pagar um técnico ou uma empresa) e – elemento fundamental – o capital social que aquela pessoa possui acionado para resolver o problema: o popular amigo *bruxo* (ou o amigo *que entende de computadores*).

Este capítulo pretende refletir sobre a centralidade de determinado mediador na resolução desses problemas na figura de Toni. Para muitos no Morro, o Toni, que será apresentado a seguir, é a solução dos problemas. O número de pedidos de ajuda que ele recebe via redes sociais e/ou pessoalmente é muito grande. Conforme confidenciou: “às vezes me escondo, porque não paro. Fim de semana é pior! Todo mundo me pede alguma coisa...”. Desse modo, é possível observar que, assim como as demais políticas sociais de intervenção e educação nos bairros periféricos, essas políticas dependem pesadamente de uma determinada figura que fica a metade do caminho entre o profissional e educador social. Sem a “militância” dessa figura, o “acesso” à informática não seria nada evidente. Ademais, conforme será visto, essa militância envolve o mediador em redes, gerando capital social e simbólico, que transformam sua própria vida.

3.1 A REPRESENTAÇÃO DE TONI NA VIDA COTIDIANA...

Lembramos que Toni é uma pessoa que já conhecemos há bastante tempo, entretanto, para realizar essa etapa da etnografia, novos encontros foram marcados para ouvi-lo descrever e detalhar a sua trajetória e o seu

trabalho. O detalhe interessante é que ele levou bastante a sério a pesquisa e, mesmo sabendo que as minhas impressões não seriam construídas somente a partir da sua fala, ao longo das nossas inúmeras conversas/entrevistas, Toni sempre tentou passar uma posição muito favorável do seu trabalho e literalmente me “convencer” acerca do seu posicionamento e opiniões.

Nesse sentido, a obra de Goffman (1996) traz luz para o entendimento desse comportamento, pois o autor, ao analisar a estrutura dos encontros sociais, esclarece como os participantes representam-se e como nos apresentamos aos outros, priorizando, para isso, aspectos da vida cotidiana que normalmente passam despercebidos a grandes esquemas sociológicos.

O autor citado utiliza-se da metáfora da ação teatral¹⁰⁷ para mostrar que, na vida social, o indivíduo tratará de controlar as impressões que sua pessoa causa nos demais, exibindo uma espécie de ritual de comportamento adequado para cada uma das situações em que se vê imerso. Sua teoria ajuda a ler as diversas pistas que Toni forneceu ao longo da nossa interação. São os chamados “indícios sutis” que Bourdieu (2004), comentando a teoria de Goffman, mostrou como eles captam a lógica do trabalho de representação, que é definido como:

(...) o conjunto das estratégias através das quais os sujeitos sociais esforçam-se para construir sua identidade, moldar sua imagem social, em suma, se produzir: os sujeitos sociais são também atores que se exibem e que, em um esforço mais ou menos constante de encenação, visam a se distinguir, a dar a “melhor impressão”, enfim, a se mostrar e a se valorizar (GESTALDO, 2004, p. 12).

Dessa maneira, continuando com a metáfora goffmaniana da ação teatral, podemos dizer que Toni é um ator convencido do seu papel social, e muito convincente, pois foi durante os nossos encontros que me tornei consciente de o quanto ele considera sua atividade de instrutor de informática como um “trabalho social”. Atravessando boa parte de seu discurso, Toni

¹⁰⁷ “(...) todo o homem, em qualquer situação social, apresenta-se diante dos seus semelhantes, tenta dirigir e dominar as impressões que possam ter dele, empregando certas técnicas para a sustentação de seu desempenho, tal qual um ator que representa um personagem diante do público” (GOFFMAN, 1996, contracapa).

construiu sua própria atitude (de dedicação militante) em contraste à de outros que “trabalhava por dinheiro”.

Recorro de novo a Goffman, que esclarece que existem sujeitos que “alimentam a impressão de ter motivos ideais para assumirem o papel que estão representando e que possuem as qualificações ideais para o papel, e que não precisam sofrer quaisquer indignidades, insultos e humilhações, ao fazer “acordos” tácitos para consegui-lo” (GOFFMAN, 1996, p. 49). Reforçando tais impressões ideais, há uma espécie de “retórica do treinamento” que legitimaria o profissional treinado em “alguém que foi reconstituído pela experiência da aprendizagem e acha-se agora colocado à parte dos outros homens” (GOFFMAN, 1996, p. 50). Portanto, o ideário da participação/inclusão, altamente valorizada nos circuitos por onde Toni passou para adquirir sua especialização, tinha penetrado fundo na sua percepção das coisas.

A seguir, serão abordados os dilemas que Toni enfrentou e enfrenta para levar a cabo o seu idealismo como educador social.

3.1.1 O Personagem

Toni, 28 anos, é educador social, especializado em informática, morador do Morro da Cruz. Estudou sempre em escolas públicas locais, completando o segundo grau¹⁰⁸. Com 17 anos de idade, iniciou no curso extraescolar de manutenção de computadores no Instituto Murialdo e atualmente é funcionário dessa instituição (com contrato de 20 horas), onde atua como instrutor de informática em diversos cursos e programas oferecidos pela Rede de Ação Social. Além disso, possui outro emprego, em uma ONG (mais 20 horas), na qual realiza oficinas de criação, produção e edição de audiovisuais como educador e técnico.

Toni é casado com Kiara (26 anos de idade), natural de Taquara e é pai de Evelyn (7 anos) e Pedro (3 anos). Ele usa roupas de marca "modernas" e brinco. Já usou *piercings*. O cabelo, que hoje é curto, variou desde as tranças

¹⁰⁸ Atualmente denominado ensino médio.

afro (como forma de valorizar sua negritude) até um tamanho mais comprido, possível de se fazer rabos de cavalo. Ele sempre renova seu estilo e tais transformações, que parecem acompanhar as tendências estéticas de um universo juvenil, o despontam entre os jovens como um modelo de sucesso a ser seguido. Uma marca registrada da sua personalidade é a sua calma e a maneira afetuosa como trata as pessoas.

Conheci o Toni em 2006, quando iniciei minha pesquisa para o mestrado. Devido a todos esses anos de convivência, somos amigos e temos vários conhecidos em comum, o que nos proporciona encontros com alguma frequência, além da comunicação via redes sociais, que sempre reforça e atualiza a amizade. Perguntei se ele poderia participar da pesquisa, o que foi logo aceito. O difícil foi acertar os encontros, pois Toni trabalha muito, inclusive aos finais de semana. Por fim, conseguimos marcar para conversar em um sábado, à tarde.

3.1.2 A Importância da Família

A casa do Toni fica no alto do Morro, ao pé da Cruz, porém ele preferiu conversar na casa de sua mãe. Por telefone, forneceu-me o endereço da casa: “*Ela mora lá em baixo, em uma casa grande; é mais prático. Lá as crianças se distraem mais...*” A casa é um chalé antigo, bem simples, construído em um amplo terreno, que abriga várias casas de membros da família, que vão construindo conforme a necessidade *nos fundos* do terreno e compartilham o mesmo pátio, água, luz e a mesma entrada. Fica localizada no início de uma das avenidas que sobem o Morro, e a paisagem da rua é bem heterogênea, pois existe na vizinhança casas de alvenaria, bem novas e com amplos portões jardins e garagens.

Ao pesquisar o local, Fonseca observou essa característica do bairro que convive com uma “estranha justaposição de luxo e de miséria, do sofisticado e do rude” (FONSECA, 2002, p. 49).



Antena localizada na casa da mãe de Toni. *Fonte:* Toni (15/03/2011).

Nesse dia, cheguei cedo e fiquei aguardando Toni na entrada da casa. Observei ao longe ele descendo a lomba, com o filho pela mão e correndo atrás da filha mais velha, mochila, mamadeira, brinquedos, assim percebi seu esforço em conversar comigo. A sua esposa – que já havia trabalhado no período da manhã – estava justamente naquele dia iniciando um curso técnico de administração. Toni desculpou-se pelo atraso involuntário e me convidou para entrar. Percebe-se que ele é bem próximo da família, pois agia como se estivesse na sua própria casa. Contou que, mesmo depois de casado, moraram alguns anos naquela casa, e só saiu quando a filha nasceu e porque a esposa pediu. Entretanto, a convivência diária continua, e agora a família o apoia e o ajuda na criação dos filhos¹⁰⁹. Na entrada, na parte de baixo da casa, existe uma peça grande, onde conversamos. As crianças a toda momento o

¹⁰⁹ Duarte (2008) também aponta, no seu estudo sobre a dinâmica social de três redes familiares de classe popular, para a centralidade, a dinâmica constitutiva e a importância que representa a casa como referencial essencial de espaço, identidade e de agregação familiar nos grupos populares.

demandavam e, por cerca de 1 hora, conversamos sobre os mais diversos assuntos.

Toni resumiu sua trajetória dando destaque a essa família e, em especial, a mãe que tanto o ajudou. Nasceu e foi criado na comunidade do Morro da Cruz. Não conheceu o pai e, desde pequeno, cuidou do irmão e da irmã para que a sua mãe (Marcia) pudesse ganhar a vida como doméstica. A mãe casou novamente mais tarde com um funcionário do DEMA¹¹⁰, com quem teve mais 2 filhos (um rapaz que atualmente tem 17 anos de idade e uma menina de 15 anos). Há ainda um novo membro na família, o Mateus, de 14 anos, “adotado” há 2 anos¹¹¹.

A mãe sempre se *esforçou* e trabalhou muito para dar tudo aos filhos e, conforme depoimento de Toni, ela sempre “teve uma mentalidade moderna, aberta”, acreditando na informática, dando importância à tecnologia, mesmo sem fazer muito uso dela. Foi ela quem o inscreveu no curso do Murialdo, sendo também quem lhe ofertou o seu primeiro computador e quem pagava a conexão. “Fomos um dos primeiros a ter acesso à internet aqui no morro”, afirmou orgulhoso. Na sua opinião, ele e seus irmãos tiveram uma educação “diferente” porque a mãe deu aos filhos liberdade e responsabilidade: “cuidei do meu irmão e depois das gurias. Agora são eles que cuidam dos meus filhos. Acho que isso funciona bem. Quero repetir na educação das crianças essa maneira de ser da mãe!”

¹¹⁰ Departamento Municipal de Água e Esgoto de Porto Alegre.

¹¹¹ A história da adoção desse menino é cercada pela tecnologia e a informática, pois, devido à atração pelo vídeo-game e o computador, ele passou a frequentar a casa da família. Como tinha uma família com muitos problemas, aos poucos foi “se chegando”, passando a fazer as refeições e a virar as noites jogando, quase não frequentando a sua casa original. A mãe do menino, muito doente, antes de morrer, ligou para a Márcia e lhe pediu para que ela cuidasse do filho, que “era só no mundo”. O pai foi internado pelo vício do álcool, e então a família do Toni resolveu adotá-lo “de vez”. A adoção deu-se informalmente, pelo convívio, não passando pelos trâmites exigidos em um processo de adoção. Perante a lei, ele continua dependente do seu pai.

3.1.3 A Competência que Compensa a Falta de Recursos

Toni sublinha de todas as maneiras a importância de sua família para sua formação: desde a orientação e oportunidades propiciadas pela mãe e a ajuda que recebe dos irmãos para cuidar dos próprios filhos até seu uso contínuo do espaço da casa de sua mãe (até para marcar encontros com a antropóloga). Certamente, encontramos aqui muito do que já foi descrito na literatura dos anos 1980 sobre a reciprocidade (e redes de ajuda mútua) em famílias de grupos populares (LOMNITZ, 1989; SARTI, 1996; DUARTE, 1986; FONSECA, 2002). No entanto, tal como ressalta Duarte (2008), certo ethos holista vive em tensão com o ideário moderno de individuação.¹¹² E é esse aspecto que encontramos em Toni, pois ele apresenta-se, de certa forma, como um *self-made man* – alguém que, apesar da falta de recursos, conseguiu à base do esforço e da inteligência, achar um jeito para superar as limitações de sua condição modesta.

Toni não tem internet em casa (“o modem 3G é muito caro, a velocidade ruim, não compensa”, comenta Toni), mas garante que a limitação da conexão não é um problema, pois costuma conectar-se à internet na casa da sua mãe (que tem 3 computadores, localizados nos quartos). Também usa a internet no trabalho do Murialdo, pois (como Toni nos lembra) permanece durante todo o tempo das aulas *online*. Além do mais, em sua própria casa, otimiza seu tempo *offline*,¹¹³ fazendo projetos, editando vídeos, estudando, programando e/ou realizando consertos e manutenção em computadores.

Além disso, Toni lembrou que os computadores pessoais (que já têm mais de 30 anos de história apesar de somente agora estarem *engatinhando* no Morro da Cruz) já estão sendo superados tecnologicamente, pois o mercado

¹¹² Para Duarte (2008), o conceito de individualização é indissociável da temática do processo de modernização e/ou de “mudança social”, da possibilidade de algum tipo de “mobilidade” ou ascensão social. Conforme suas palavras: a temática da individualização trata-se “de um meio para tentar compreender aquelas transformações críticas na relação da pessoa com sua trama relacional atribuída, e que possa implicar uma mudança mais ou menos estável de estilo de vida, de autoimagem, de formulação de projetos individuais (ou relativos a família nuclear) e de assunção de uma visão de mundo igualitarista” (DUARTE, 2008, p. 244).

¹¹³ *Online e offline*: termos emprestado da informática, que distingue o tipo de comunicação ou atividade pela rede, ou em outras palavras, se o computador está conectado ou não. ■

de informática já está vivendo uma nova fase, com a previsão de que, em breve, o computador tradicional que conhecemos (de mesa ou *notebook*) deixe de ser o equipamento principal para conectar-se com a internet, que passará a ser acessada pelos novos celulares inteligentes e os *tablets* (computador em forma de prancheta eletrônica, sem teclado e com tela sensível ao toque). É a chamada *era pós-pc*¹¹⁴, que traz mudanças e inovações no tipo de interação, mobilidade e portabilidade.

Toni já tem um *iphone*¹¹⁵ de última geração, fruto de um projeto, em que ele e José, seu colega instrutor de informática do Murialdo, que será apresentado a seguir, escreveram e que foi selecionado pela FUNARTE, órgão do Ministério da Cultura. Trata-se do TV Nômade¹¹⁶, que basicamente é um *site* que disponibiliza vídeos feitos via celular com pautas de reportagens experimentais produzidos pelos jovens moradores do bairro, para a divulgação das manifestações artísticas e culturais da comunidade. Portanto, mesmo sem um computador com acesso à internet, Toni está 24 horas por dia conectado. Está sempre procurando redes Wi-Fi gratuitas para conectar-se. Inclusive foi ele que apresentou esse *saber* ao DJ Saúva (outro informante que já foi apresentado no capítulo 2), demonstrando a viabilidade técnica da conexão à internet através de redes abertas com acesso livre e gratuito.

Quanto ao seu aprendizado técnico, também procurou aprimorar-se realizando diversos cursos, pagos por ele mesmo (programação, modelagem de dados, entre outros). Toni contou que foi aprovado no ano de 2009 no vestibular da ULBRA, para pedagogia, mas teve que *adiar o sonho* de fazer faculdade em nome de sua própria família. Primeiro quer *encaminhar* as crianças e *se firmar* na vida.

¹¹⁴ O termo pós-PC – cunhado pelo diretor da Apple, Steve Jobs – tem sido usado por especialistas e executivos da indústria de informática para referir-se aos novos equipamentos como o *iphone*, *iphode* e o *ipad*, considerados e lançados no mercado como mais fáceis e intuitivos de serem usados.

¹¹⁵ O *iPhone* é um telefone da marca Apple que é uma espécie de computador portátil. Com esse aparelho, além de poder falar, também é possível navegar na internet, gravar vídeos com alta definição e baixar inúmeros aplicativos com as mais diversas funções. Toni contou que existem já alunos que têm computador em casa, porém possuem esse equipamento, que teoricamente é um equipamento que custa muito caro para o perfil de quem frequenta a instituição. Perguntei se eram roubados, e Toni riu, dizendo que sobre isso não se pergunta, “não sei, não se pede nota fiscal...”, mas confirmou que existe um mercado de equipamentos digitais roubados, com preços, obviamente, muito mais acessíveis.

¹¹⁶ Fonte: TV nômade. Disponível em: <http://www.tvnomade.org/> Acesso em: 04/01/2012.

3.2 OS PRINCÍPIOS MORAIS DO EDUCADOR SOCIAL

Neves (2003), analisando o “campo institucional da caridade”, por meio de projetos sociais desenvolvidos em diversas instituições assistenciais que atendem jovens carentes, destacou o importante trabalho realizado pelos mediadores – ou educadores sociais – dentro do que denominou “projetos de reordenação moral”, que buscam a inserção social desses jovens, transformando-os de jovens em “situação de risco” para jovens portadores dos valores da sociedade solidária” (NEVES, 2003, p. 79). A autora dá destaque a esses profissionais “mediadores”, alguns voluntários, pois “oferecem-se como paradigmas da eficácia desses projetos, já que, muitas vezes, eles alcançaram essa posição por adesão a esses mesmos aportes institucionais” (NEVES, 2003, p. 79).

Sem esquecer os aspectos ligados à agência individual que serão trazidos à tona na etnografia, apresentaremos a seguir uma breve contextualização de três diferentes ideologias constitutivas do universo empírico em que Toni transita e que acreditamos ter influência na sua formação, tanto educacional, profissional, como na sua militância política. Quais sejam: 1) O ethos religioso, a filantropia, a caridade; 2) Estado, terceiro setor e projetos sociais; e 3) A nova utopia digital através do *software* livre. Esses processos obviamente se mesclam e se interpenetram no cotidiano, mas aqui, para auxiliar a análise, serão apresentados separadamente.

3.2.1 A pedagogia do Amor: Educando Corações

Esse é o *slogan* da Instituição Leonardo Murialdo, onde Toni trabalha e local em que realizou sua formação. Na narrativa da documentação que produz, a instituição destaca-se pelo seu caráter filantrópico e assistencial e pela sua história, uma vez que estão presentes no Morro há mais de 50 anos. O Murialdo apresenta-se como uma congregação católica que objetiva a

educação integral de crianças, adolescentes e jovens empobrecidos, conforme folheto distribuído nas obras integrantes da Instituição:

São Leonardo Murialdo nasceu em Turim, em 1828 e morreu em 1900. Aos 17 anos, decide ser padre, e sua obra social prioriza os meninos abandonados e os jovens operários. Lidera as iniciativas dos católicos no mundo do trabalho, da boa imprensa, dos sindicatos, do apostolado dos leigos, a quem incentiva a assumir compromissos sociopolíticos (REFFO, 2000).

O padre fundador é apresentado como socialmente engajado e empenhado com as lutas sociais e políticas da sua época. Os livretos publicitários sempre sublinham na sua trajetória a preocupação que Murialdo tinha em profissionalizar os jovens, oferecendo cursos noturnos, criação de bibliotecas populares itinerantes e a preocupação com o uso da imprensa. Esse seu passado político – vivido na época da Revolução Industrial – é usado para legitimar as ações de inclusão digital que a instituição promove atualmente no Morro da Cruz. Certo dia, ouvi de um padre da instituição: “estamos revivendo a história da congregação levando agora nossos valores para a era da Revolução Digital; como na fundação da nossa igreja em que a meta era a alfabetização, agora a meta é levar o conhecimento da informática, a alfabetização digital para os pobres.”

A sua estrutura física, além das duas igrejas e um colégio particular de ensino, é composta por mais cinco edificações espalhadas pelo Morro, que abrigam os diferentes programas e projetos voltados para a comunidade, quais sejam: Biblioteca Comunitária, Creche, Centro Infante, Centro Profissional, além da Incubadora de Projetos e de Empreendedorismo. Especificamente sobre a infraestrutura informacional, a instituição possui cerca de 80 computadores em três redes com conexões com a internet. Além disso, administram um Telecentro da prefeitura, que possui 10 computadores, sendo quatro com conexão via internet. Eles são os responsáveis pela a escolha dos monitores que lá trabalham e também ministram alguns cursos no local, como informática para a terceira idade.

A equipe da instituição é formada por cerca de 60 pessoas, entre profissionais (assistentes sociais, pedagogos, professores) alguns poucos voluntários e religiosos que trabalham no que denominam de Rede de Ação Social. Estão divididos por projetos e pelas unidades de atendimento, tendo

sempre um coordenador. A relação de trabalho existente entre a instituição e esses “funcionários” ilustra a tensão existente no campo religioso. Nesse sentido, conforme afirma Bourdieu (2005), há uma ambiguidade no trabalho dos funcionários e voluntários em Instituições Religiosas, pois eles participam, ao mesmo tempo, de um universo econômico (já que são empregados, com carteira assinada) e do antieconômico (economia da oferenda, da benemerência, do sacrifício).

Podemos identificar claramente no Murialdo os discursos operantes típicos que Bourdieu (2005) identificou na empresa católica – a benemerência: dentro do espírito da dádiva gratuita de trabalho e de serviços e a grande família: como a igreja apresenta-se e quer ser reconhecida. Assim, a estrutura da Igreja consiste em um pequeno número de padres, “apoiados” por assalariados e por voluntários. Somos uma grande família, bem-vinda a nossa casa (no caso, a instituição), aqui somos todos irmãos, sou membro da casa – são falas utilizadas com bastante frequência.

Conversei com duas funcionárias responsáveis pela cozinha na instituição, que me explicaram a sua situação financeira assim: “a gente ganha pouco, mas fazer o quê? Eles não podem pagar mais, se não falta para a comunidade, pras coisas que os padres fazem aqui...”. Pedi para ela explicar melhor e ouvi da sua colega: “A gente ganha mal, mas pode deixar os filhos na creche, se sobra lanche ou pão a gente leva pra casa e conseguimos coisas com a assistente social. Além disso, se a gente se aperta, o padre consegue vale. É diferente de trabalhar em uma empresa.” E a outra complementou, justificando a aparente adesão ao ideário muraldino: “fazemos um trabalho social, então...”

Toni, sendo educador da escola Murialdo, convive dentro desse ambiente e, conforme ele revelou, reúne-se com os outros funcionários todas as quartas-feiras (dia em que o Murialdo não tem expediente externo). Nesse momento, o grupo realiza entre outras atividades de planejamento, o que Toni denominou de dinâmicas, ou seja, rápidos encontros com o padre responsável pela espiritualização, nos quais os valores muraldinos são atualizados. Um exemplo dessa preocupação em “educar” os seus profissionais está impresso na revista Fala Sêrio (exemplar do mês 10/2008): “(...) Tudo tem o seu valor se a vida se expressa em doação, generosidade, altruísmo e solidariedade. (...) O

crescimento na espiritualidade de Jesus está qualificando todo o grupo e com isto estão sendo beneficiadas as crianças e adolescentes empobrecidos que são atendidos”. Além dessa prática semanal, Toni destacou a realização do retiro espiritual anual em que todos os funcionários são obrigados a participar.

A seguir, dentro dos novos marcos vigentes da assistência social no país e no mundo, analisaremos como as novas demandas que solicitam um maior envolvimento da religião com as questões da cidadania relacionadas à exclusão e à pobreza impactam no Murialdo e na formação de Toni.

3.2.2 Para Além das Práticas Religiosas... A Religião Social!

O termo cidadania também está presente na relação entre a instituição e seus funcionários. O “trabalhar a mais”, participar de atividades extras como palestras, encontros, retiros espirituais, mutirões de solidariedade, etc., apresenta-se como algo que transcende a prática religiosa, remetendo-nos à ideia de um dever como cidadão. Interessante observar a relação dialética que se estabelece entre a religião e a sociedade civil, que resulta no que Camurça (2003) denominou de “religião social”, esse “civismo de novo tipo que, apoiando-se no específico da religião: os sentimentos, os rituais, valores morais,... vêm implementando novas formas de ação” (CAMURÇA, 2003, p. 58). Para o autor, vários são os fatores que levam a essas novas configurações das práticas religiosas, principalmente o agravamento da crise econômica/social e a ausência da ação do Estado, que propiciam então novos princípios de solidariedade em nossa sociedade.

O debate passa a ser então sobre as potencialidades do Terceiro Setor, esse novo conceito para a sociedade civil enquanto espaço público de mobilização social. Atualmente o Estado compartilha responsabilidades e transfere recursos para organizações da sociedade civil, definindo estratégias. Assim, os “projetos sociais surgem como a mediação privilegiada para a oferta de seus serviços” (STEIL; CARVALHO, 2005, p.10).

Portanto, Nesse cenário que a instituição Murialdo se insere, articula-se e media os seus muitos projetos desenvolvidos por meio de parcerias com o

governo federal, estadual, municipal e também ONG's internacionais, o que a leva a ter um papel quase hegemônico no campo da assistência social no Morro da Cruz. Conforme Neves (2003), o que está ocorrendo com as instituições religiosas é que agora, além das responsabilidades no campo da assistência e da caridade, elas precisam capacitar os jovens atendidos para o mercado de trabalho, proporcionando algum tipo de formação profissional. E no Murialdo eles priorizaram as ações de inclusão digital, acreditando que “saber operar um computador” é uma habilidade que ajuda os jovens a ingressar no mercado de trabalho. Além disso, a instituição também inclui o “acesso ao mundo digital” como um dos direitos básicos do cidadão.

Nesse sentido, vale a reflexão do Pochmann (2004), o qual aponta que, ao contrário dos jovens das classes médias e altas, os das classes populares, quando chegam à adolescência, são convocados pela família a colaborar na estratégia de sobrevivência do núcleo familiar. O trabalho é uma das poucas condições de mobilidade social, porém, ao ingressarem muito cedo no mercado, o fazem com baixa escolaridade, ocupando as vagas pouco valorizadas e conseqüentemente com as mais baixas remunerações. A busca de trabalho é prioritária para os jovens pobres. Os que estudam, ao aparecer uma oportunidade de trabalho, abandonam a escola pela necessidade de auxiliar a renda familiar.

Assim, a importância e o prestígio que o educador social Toni possui na comunidade é devido (além dos seus méritos pessoais) à relevância estratégica que a informática representa para essa instituição. No Murialdo, são oferecidos cursos de inclusão digital desde 1998. A primeira turma iniciou com 25 alunos e atualmente a instituição já contabiliza mais de 1.500 alunos que tiveram as suas primeiras noções de informática através da instituição. Isso porque a informática tornou-se uma disciplina obrigatória para todos os cursos disponibilizados, inclusive para os cursos considerados manuais, como corte e costura e padaria, que têm dentro da sua carga horária, espaço para que os alunos aprendam a usar o computador e a conectar-se à internet. Em razão disso, Toni e o seu colega José, que será apresentado a seguir, tornaram-se muito populares dentro da comunidade.

3.2.3 Software Livre: Socialmente Justo: Economicamente Viável, Tecnologicamente Sustentável

O *Software* livre (SL) é um programa de computador desenvolvido de forma colaborativa que pode ser usado, copiado, estudado, modificado e redistribuído sem nenhuma restrição. A liberdade de tais diretrizes é central ao conceito, o qual se opõe ao de *software* proprietário. Existe farta literatura sobre o assunto, que será debatido ao longo da tese a partir dos exemplos etnográficos, porém consideramos importante ressaltar alguns aspectos do movimento que acreditamos que possuem relevância para o entendimento das posturas e do discurso de Toni, uma vez que ele é membro filiado da entidade e, mesmo não sendo (conforme as suas palavras), um xiita, milita e comunga do ideário do movimento.

O SL apresenta-se como um novo modelo de produção e de geração de conteúdo e simboliza uma alternativa tecnológica para a barreira que representa a propriedade intelectual na questão da produção dos *softwares*. Para Vianna (2003), a implantação dessa ferramenta é a batalha política mais importante que está sendo travada hoje nos campos tecnológicos, econômicos, sociais e culturais.

O Movimento *Software* Livre considera as questões éticas e políticas como uma parte essencial do projeto, cuja filosofia de livre troca de conhecimentos pode ser resumida em quatro tipos de liberdade, quais sejam: 1) liberdade para executar o programa, para qualquer propósito; 2) liberdade de estudar como o programa funciona, e adaptá-lo para as suas necessidades (acesso ao código-fonte); 3) liberdade de redistribuir e vender cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo; e 4) liberdade de modificar o programa, e liberar essas modificações, de modo que toda a comunidade se beneficie.

Esse ideário, conforme apontou o estudo de Spiess (2009), está muito próximo das contribuições de Merton, que já em 1942 preocupava-se com a postura ética da comunidade científica. Os chamados imperativos morais, mesmo sendo algo datado, representaram uma contribuição que até hoje influencia os padrões de regulações da comunidade científica, que tinham o

reconhecimento da sua produção científica medidos conforme o seu grau de adesão às normas da comunidade.

Algo semelhante ocorre nos dias de hoje com a comunidade brasileira de *Software Livre*. Conforme mostra a pesquisa de Murillo (2009), que estudou as diferentes práticas culturais e os laços existentes nesses grupos, os seus membros também são ranqueados por critérios. Especificamente no caso do SL, o autor apontou que o que está em jogo é a dimensão do trabalho disponibilizado e o prestígio pessoal decorrente dessa participação. Esses princípios estimulam e tentam recuperar a dimensão da generosidade, da reciprocidade e da dádiva, o que comporta mais aproximações com a teoria antropológica.

Como lembra Coelho (2006), o tema da dádiva é chave nos estudos da vida social de qualquer grupo em função de permitir a discussão dos principais aspectos da vida social. É inclusive devido a essa centralidade que a autora acredita que o tema da dádiva ocupe um lugar ímpar na teoria antropológica:

Originalmente estudada tendo como universo principal as sociedades tribais, as reflexões sobre a dádiva acompanham a história do pensamento antropológico com um raro rendimento teórico, servindo de base para a discussão da natureza da vida social e do próprio empreendimento teórico característico da antropologia, qual seja, as formas de compreensão da alteridade (COELHO, 2006, p. 12).

Outro trabalho que também se utiliza da perspectiva da dádiva é o artigo de Apgaua (2004), que analisa o surgimento do sistema operacional Linux (pioneiro do movimento do SL). O argumento central da autora é que as trocas ocorridas nesse novo processo apontam para outros tipos de lógicas, que não a de mercado, uma vez que o idealizador do dito *software* optou por abrir o seu código-fonte e oferecê-lo gratuitamente na internet. O que ocorreu (e ocorre até os dias de hoje) é que pessoas de diversas partes do mundo têm participado do seu desenvolvimento, em um exemplo de trabalho colaborativo. Esses projetos são mantidos pelas chamadas comunidades de desenvolvimento, que operam por meio de listas de discussões com membros espalhados pelo mundo, nos chamados *wikis* ou *sites* colaborativos, que podem ser editados diretamente por qualquer pessoa que tenha acesso à internet. O projeto mais

conhecido é a Wikipédia, enciclopédia em vários idiomas e *online*, construída por pessoas de várias partes do mundo, todas voluntárias.

Toni, conforme será visto a seguir, é convencido desse “discurso” e acredita que o maior empecilho para as pessoas usarem essa nova ferramenta seja o de adaptação: o pessoal está acostumado com o Windows, com aquele esquema: *aperte aqui que a gente faz tudo....*

3.3 A ATUAÇÃO DO EDUCADOR SOCIAL TONI

Durante todo o seu discurso, Toni coloca em relevo a importância do que chama “trabalho social”. Esse é um termo cujo significado foi se construindo durante os diferentes cursos que fez, a iniciar pelo próprio Murialdo:

Entre pro Murialdo, gostei do curso, continuei a estudar informática, me dediquei e depois fui convidado pelos padres para fazer o curso de formação de educador social. O aprendizado que tive ali foi fundamental para mim, me formou, me ensinou a refletir sobre as questões sociais. Agora sou da casa, tenho carteira assinada, sou um educador social!

Toni destaca elementos fundamentais dessa trajetória. Seu esforço foi reconhecido e valorizado pelos padres que o convidaram a continuar nesse caminho. Em 1999, depois de formar-se como aluno no curso de informática, foi indicado para participar do curso de educador social, somando uma determinada filosofia humanista ao seu novo saber técnico. Tornou-se então funcionário da instituição ou, melhor dito, um “membro da casa”, com direito a signos de uma legitimidade cidadã – como a carteira assinada e acesso a uma nova rede que se estende muito além do bairro periférico onde ele vive.

Coerente com espírito da filosofia do trabalho social, Toni dá destaque ao trabalho colaborativo, chamando atenção particular para o seu colega e “mestre” José, *expert* e autodidata em informática, responsável pelos primeiros cursos gratuitos de informática no Morro da Cruz em 1998, e atualmente José gerencia tudo que envolve novas tecnologias e computação no Murialdo.

Sempre orientou e passou seus ensinamentos e pesquisas aos alunos. Agora Toni, o mais brilhante dos discípulos, está levando adiante o espírito desse projeto. E bem dentro da ideia de conhecimento compartilhado, e da circularidade da informação, Toni agora é também um *mestre* para muitas pessoas no morro, por exemplo, para o DJ Saúva.

Conforme Toni relata, ele e José possuem uma *caminhada* desde 2007, ano em que começaram a ministrar juntos cursos específicos de informática dentro da instituição. Essa parceria singulariza-se pela didática que eles construíram para propiciar a chamada *inclusão digital*, partindo da realidade e do interesse dos próprios jovens. Na prática, isso significa que eles usam os *sites* de relacionamento (Orkut e Facebook) e os jogos eletrônicos como ferramentas pedagógicas para introduzir o mundo digital na vida deles. Toni diz: “Não demonizamos nada. Nem os jogos nem as redes sociais. Eles fazem parte da proposta pedagógica da qual acreditamos. A partir daí, pode-se ensinar muitas coisas. Mas não é muito fácil. É uma negociação...”

Nos cursos – conforme será visto a seguir nos três exemplos relatados por Toni –, ele e José ensinam muito mais do que um saber técnico. Junto com a teoria vêm valores que dizem respeito a temas caros ao campo dos educadores sociais, como ecologia, tecnologia, propriedade intelectual e o mercado de *softwares*, além dos valores morais de esforço, disciplina e coleguismo.

3.3.1 Exemplo 1: Recuperando Sucata

Os episódios a seguir foram destacados pelo próprio Toni como exemplos do tipo de trabalho que faz. Já que as conversas com ele não foram gravadas, a seguir passo a parafrasear as palavras de Toni.

Mariana (15 anos), nossa aluna, ganhou um computador usado da patroa da sua mãe. Um Pentium III. Uma carroça, um equipamento muito antigo, de cerca de 10 anos atrás, e que não estava funcionando. Poderia ser

considerado uma sucata ou mesmo lixo¹¹⁷. Ela solicitou nossa ajuda e então resolvemos fazer o conserto do computador da Mariana, conteúdo para algumas das nossas aulas práticas. A aluna gostaria também, além do conserto, que o seu computador fosse *turbinado* para que pudesse também rodar alguns jogos, preferência do seu irmão menor, de 12 anos de idade. Os alunos encararam como um desafio e, na sala de aula, em conjunto, pensando e dando ideias, conseguiram consertá-lo. Mariana comprou uma placa de vídeo 3D (que custa cerca de R\$ 180,00), a instituição doou mais algumas memórias, e trocamos a placa-mãe. Foi um aprendizado para todo mundo. Esse computador deu certo, porém é um pouco frustrante trabalhar com reciclagem por que é preciso saber calcular o custo-benefício de cada equipamento. Normalmente os alunos chegam com muitas expectativas, querendo rodar *Orkut*, ver vídeos no *Youtube*, ou mesmo jogar como nos computadores das *Lan Houses*. Muitas vezes não é isso que acontece! Mesmo eu sabendo sobre importância da reciclagem para o meio ambiente, existem também outras variáveis, por exemplo, o gasto de energia despendido por um computador antigo. Não dá pra fazer mágica, tem hora que não vale a pena gastar dinheiro. É melhor montar um novo PC.



Toni em sala de aula. Fonte: Toni (10/04/2010).

¹¹⁷ Obsolescência tecnológica é o termo usado na informática para designar um produto que deixa de ser útil; muitas vezes estando em perfeito estado de funcionamento, mas em comparação com as novas máquinas e tecnologias introduzidas no mercado, torna-se obsoleto, sem grandes valores monetários no mercado. Na etnografia do Saúva, no capítulo 2, discuto essa questão com detalhes, pois os mesmos reciclam equipamentos do lixo e depois os comercializam no Morro.

3.3.2 Exemplo 2: Promovendo o *Software Livre*

Cristiana, 16 anos, estudante do 1º ano do ensino médio, comprou um computador com incentivo fiscal do governo¹¹⁸ em uma loja do centro. Originalmente veio com o *sistema operacional Linux* e com vários outros softwares livres, que a aluna contou odiar e nem conseguir usar. Cristiana conseguiu uma versão pirata do Windows e achou que era só instalar e tudo estaria resolvido. Porém como o sistema operacional original ainda estava instalado, deu conflito, e o seu computador ficou muito lento. Além disso, depois da instalação do *software* pirata, começaram a aparecer mensagens do Windows, dizendo primeiramente: “Você pode estar usando uma cópia pirata”.

A aluna não deu importância e, depois de algumas semanas, novas mensagens surgiram, dessa vez em um tom mais agressivo: “Essa cópia Windows não é original”; e por fim, um dia depois surgiu uma estrelinha no canto direito da tela; o computador da aluna tinha travado de vez.

Cristiana nos pediu ajuda e levou o seu computador para o Murialdo para ser formatado. O nosso curso tem como objetivo dar uma iniciação à informática e não aborda questões específicas de programação. Precisamos e damos orientação para os alunos sobre todos os programas, inclusive o Windows. O uso do *software* livre é estimulado e apresentado aos alunos, ressaltando as suas vantagens, como o de ser grátis, ter o código-fonte aberto, ser mais seguro, estável, além de ocupar menos memória. Eu, pessoalmente, sou usuário do *software* livre, mas usa quem quer. Não imponho goela abaixo a minha opinião.

No caso específico da Cristiana, nós (eu e João) explicamos que, caso ela optasse pelo *Linux*, o seu computador não precisaria ficar parado aguardando as instalações ou atualizações que frequentemente são necessárias, porém um detalhe importante é que essa aluna não tem banda larga. Usa a internet via telefone, por conexão discada, que pelo alto custo e

¹¹⁸ Trata-se do Projeto Cidadão Conectado – Computador para Todos, Projeto iniciado em 2003. Maiores detalhes sobre esse projeto estão no capítulo 5.

tráfico de dados, só é utilizada pela aluna e sua família à noite e nos finais de semana.

Aparentemente, a “não imposição” de Toni surte efeito. Cristiana, afinal, opta por voltar para o sistema original do seu computador, o *Linux*, pelas vantagens oferecidas (ser mais prático, estável, além de não ter vírus), mas principalmente por que isso não a impediria de instalar os aplicativos Windows, que mesmo piratas, agora teriam mais proteção e menos riscos.

3.3.3 Exemplo 3: Inverte-se a Lógica – Troca do Windows pelo Linux

Rafael, 16 anos de idade, ganhou em 2010, de seu professor de matemática, um PC usado (Modelo Durham 1200) que não estava ligando. O aluno levou o computador para fazer manutenção na atividade do Trabalho Educativo, o que virou novamente uma atividade para toda a turma. Os colegas teriam que ajudar a fazer a manutenção, descobrir por que o PC não ligava, além de realizar um diagnóstico da máquina e avaliar se valia ou não a pena consertá-lo. Primeiro eles desmontaram a máquina e fizeram uma limpeza. Digo eles, por que eu só fiquei auxiliando. Os alunos que comandavam conseguiram avaliar que o computador era bom, mas faltava memória e que era preciso instalar um novo sistema operacional. Aí recomeçaram as discussões.

Depois de muita conversa, Rafinha decidiu experimentar o *Linux*. Como ele não queria *software* pirata, resolveu experimentar e instalar o *software* livre Ubuntu 10.4, o que o deixou bem satisfeito. No final daquele ano, o aluno ganhou do pai um PC novo e decidiu doar sua antiga máquina para a instituição. E o surpreendente é que, para o seu novo computador – que veio originalmente com o sistema Windows –, o aluno preferiu instalar um *software* livre o "Fenix". Pela primeira vez, a lógica inverteu-se: fizemos o caminho inverso, tiramos o Windows e colocamos um *software* livre. Rafael contou que toda a família usa o computador sem problemas e que acabaram os problemas com vírus.

Assim, de acordo com o que foi detalhado no início do capítulo, Toni aprendeu a analisar a realidade nos termos propostos pelos padres e pelos outros militantes da rede de trabalho social de que faz parte, garantindo, como será visto a seguir, acesso a novos circuitos e oportunidades.

3.4 CONEXÕES PARA CIMA: VIAGENS E NOVOS DESAFIOS

Para entender as novas oportunidades que surgiram para Toni após sua adesão e conversão ao projeto de educador social, é necessário sublinhar duas novas características existentes no campo das políticas públicas e da assistência social: 1) a crescente reaproximação e legitimação das ações religiosas principalmente em iniciativas de combate à pobreza e promoção da cidadania no Brasil (BURITY, 2006) trazendo para essas instituições prestígio e empoderamento; 2) essas instituições passam a fazer parte e a estruturar-se em função de redes, objetivando maior eficiência na gestão de recursos, o que significa uma nova proposta de sociabilidade, conectividade e trocas das organizações entre si. Alguns exemplos: a Rede de Voluntariado, a Rede de Informações para o Terceiro Setor e as redes municipais de ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) (BURITY, 2002).

Portanto Toni, ao fazer parte da instituição e conseqüentemente da Rede de Ação Social que o Murialdo se insere e se articula, passou a se relacionar – além dos contatos internos com os colegas de trabalho – com uma grande rede de profissionais e militantes de movimentos sociais. É extensa a rede de pessoas que trabalham ou participam do que Toni denomina *trabalho social*; que são contatadas em inúmeras reuniões, palestras, nos cursos, na formação, etc., atividades relacionadas à sua formação de educador social e/ou sua habilidade técnica em filmar, fotografar e assim registrar esses eventos.

O Murialdo, assim, em um certo sentido (e usando os termos de Goffman), foi um ótimo palco para projetar Toni, que além do seu mérito e competência pessoal, representa muito bem o seu papel de educador social engajado nas questões políticas e sociais da juventude. Inclusive o seu novo

trabalho no CAMP veio de pessoas que conheciam seu trabalho no Murialdo e o convidaram para lá trabalhar.



Foto da equipe CAMP. Fonte: Toni: (10/10/2011).

Essa ONG também está proporcionando importantes oportunidades para o Toni; Ele foi convidado a ir a um encontro da juventude em La Paz, Bolívia, porém decidiu não ir por causa dos filhos, mas recentemente foi o representante do CAMP no I Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude¹¹⁹, evento realizado em Santa Cruz do Sul (RS), e levou 15 jovens das comunidades das ilhas para o acampamento que tinha reunido mais de 1.000 jovens de 15 estados brasileiros, que se reuniram para trocar experiências e discutir um projeto alternativo para a construção de uma sociedade mais justa. Toni contou que algumas perguntas *de ordem* que os jovens procuram discutir nos cinco dias de acampamento nas oficinas, palestras, conversas e festas eram: O que é ser jovem? O que nos une? Quem somos? O que queremos ser? Com o que sonhamos? O encontro contou com

¹¹⁹ O Levante Popular da Juventude, fundado em 2006 no Rio Grande do Sul, integra um grupo de jovens que luta contra injustiças e desigualdades sociais. A organização atua junto a movimentos da Via Campesina e diferentes movimentos urbanos em todo o Brasil. Disponível em: <http://levantepopulardajuventude.blogspot.com>. Acesso em: 19/02/2012.

a participação de movimentos sociais brasileiros e argentinos. “Foi um aprendizado, muita festa, tem que ter pulso firme pra não perder o controle da gurizada...”

Um circuito importante pelo qual Toni transita é o Movimento do *Software* Livre. Todos os anos ele leva seus alunos ao evento FISL - Fórum Internacional *Software* Livre, que reúne em Porto Alegre um público bem diversificado, que vem buscar conhecimento, troca de experiência e rede de contatos.

Outra oportunidade recente que surgiu ao Toni foi trabalhar filmando o carnaval. Foi um *dinheiro extra*, mas que o ajudou na construção da sua nova casa. Quem o convidou foi um colega do CAMP.

Portanto, Toni foi adquirindo capital social e reconhecimento reiterado dos setores mais amplos da sociedade e, em certo sentido, podemos dizer que ele conseguiu romper com a estrutura social a qual está inserido.

3.5 CONEXÕES PARA BAIXO: AJUDANDO OS MAIS CARENTES (ILHA DA PINTADA)

Ao mesmo tempo em que o trabalho social o leva para um círculo mais amplo de sociabilidade, que traz novos conhecimentos e reconhecimentos para Toni, ele está engajado (em outro dos empregos pagos – com a ONG CAMP¹²⁰) em desenvolver um trabalho com os setores que ele considera “mais baixos” da sociedade. De modo interessante e bastante usual, conforme outros relatos semelhantes na literatura (DUARTE, 1986; FONSECA, 2002; SARTI, 2004), o “verdadeiro pobre” é sempre aquele que mora longe. – ou como ressalta Schuch (2005), a distância do local de moradia, entre quem está dando e quem está recebendo a ajuda, reforça a diferença: o “verdadeiro pobre” mora longe.

¹²⁰ ONG que atua na mobilização e organização social, educação e capacitação de lideranças, destacando-se na produção de documentários, filmes peças publicitárias e campanhas de mobilização social que disponibiliza aos movimentos sociais. Disponível em: <http://www.camp.org.br> Acesso em: 09/10/2011.



Ilha do Pavão. Fonte: Toni (27/07/2012).

Toni é educador e um dos técnicos responsável pelo Projeto denominado Lente Jovem, que capacita jovens moradores das comunidades das ilhas de Porto Alegre¹²¹ na produção de audiovisuais e objetiva, com a produção desses filmes, o desenvolvimento de uma visão e um olhar mais crítico sobre a realidade social e econômica na qual estão inseridos. Acompanhei-o em uma atividade que ele iria coordenar na ilha do Pavão – considerada a mais pobre delas, com mais problemas sociais. A dinâmica do encontro era uma integração entre os jovens das diferentes ilhas, que conheceram a comunidade (no caso, a ilha do Pavão) por meio de um passeio a pé e depois se reuniram para discutir sobre os problemas encontrados e escolher um tema relacionado àquela realidade para a produção de um audiovisual. Nesse dia, estavam cerca de 30 jovens, e nenhum deles tinha internet em casa, porém todos tinham Orkut e/ou Facebook (que era acessado

¹²¹ Ilhas de Porto Alegre – O rio Guaíba recebe as águas dos rios Jacuí, Caí, Sinos e Gravataí, formando, na confluência de todos eles um arquipélago composto por 28 ilhas, a maioria delas ainda desabitada. A Ilha Grande dos Marinheiros, Pavão, Flores e Pintada abrigam uma população de 15 mil pessoas. Os ilhéus vivem da reciclagem do lixo e da pesca, produzindo também artesanato. Disponível em:

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/turismo/default.php?p_secao=154. Acesso em: 11/01/2012.

ao menos uma vez por semana), normalmente em *lan houses* ou como alguns mencionaram, em casa de amigos ou parentes.

Toni atesta que a realidade dos arquipélagos é muito pior do que a do Morro da Cruz, pois “o pessoal das ilhas não tem o que a comunidade do Morro tem, como o luxo de ter vários Projetos, de diferentes entidades sociais. A verdade é que no morro, se a pessoa anda, ela consegue ir em frente! Lá (nas ilhas) não, falta tudo”.



Toni atuando na Ilha da Pintada. Fonte: Toni (27/07/2012).

Ele exemplifica a precariedade das ilhas revelando dados da exclusão digital vivida pelos habitantes daquelas comunidades: a ilha do Pavão e a das Flores não possuem telecentros. Já a ilha dos Marinheiros tem um telecentro que funciona precariamente, pois não tem conexão: os computadores não acessam a internet. No entanto, ele contou que o jovem monitor desse local – por iniciativa própria – comprou um computador e um modem 3G com o seu salário (cerca de R\$ 350,00) e empresta para o telecentro, disponibilizando, assim, um pouco de acesso à internet para a comunidade. Toni elogia essa atitude desprendida do estagiário: “isso é muito legal, essa coisa do se virar e fazer acontecer!”



Alunos do Toni na Ilha do Pavão. Fonte: Rafael D’Alo (03/03/2012).

Como as fotografias atestam, todos estavam vestidos conforme a moda, com tênis e roupas de marca, reforçando a tese de que o consumo de roupas e acessórios é responsável por “transmutar exclusão em inclusão” (Pinheiro Machado & Scalco, 2010) pelo menos no quesito da aparência física¹²², subvertendo a ordem estabelecida.

3.6 CONEXÕES DE SOLIDARIEDADE – O PRÓPRIO BAIRRO

É interessante como Toni faz uma distinção entre o “trabalho social” que realiza na Ilha da Pintada e o envolvimento dele no próprio bairro popular onde mora. Com esses seus (quase) pares, há outro tom... Aqui, onde está

¹²² Jurandir Costa (2005), ao pesquisar o que denomina de “consumo desenfreado da juventude”, aponta que esse novo modo de vida – caracterizado pela necessidade contínua da compra de novos produtos, pelo cuidado com a aparência física (...) Estas identidades e mesmo as suas práticas culturais são cada vez mais influenciadas pela chamada “mundialização da cultura”, que combinam inventivamente elementos do capitalismo global e da cultura local. Nas palavras de outro pesquisador, Ortiz: “Tênis, calça jeans, internet são referências desterritorializadas que fazem parte de um novo léxico de uma memória juvenil internacional-popular, aproximando jovens de diferentes nacionalidades, etnias e classes sociais (ORTIZ, 1994, p. 123).

inevitavelmente envolvido na sociabilidade da vizinhança, sua competência técnica lhe leva a uma participação que vai de “professor” (nos cursos de informática) e benfeitor da comunidade e até, muitas vezes, amigo pessoal.

3.6.1 Benfeitor da Comunidade: Entre a Cruz e as Antenas...



Pórtico no Morro da Cruz e antena localizada na casa do Dj Saúva.
Fonte: Lucia Scalco (21/08/2011).

Para além dos cursos, Toni – que pode ser considerado uma liderança do bairro – possui uma preocupação com o dia a dia dos moradores. Atualmente ele tem um desafio: quer resolver o que considera a maior barreira existente para o acesso à internet lá em cima do Morro – a conectividade, ou o sinal da internet para a qual, nas atuais circunstâncias, um morador teria que pagar no mínimo cerca de 60 reais por mês para uma operadora privada¹²³. Por

¹²³ O Brasil tem a banda larga mais cara do mundo. Para usar a internet convencional através de um pacote ilimitado, o brasileiro gasta US\$ 31,31 (cerca de R\$ 54,79) e conta com uma velocidade de apenas 512 Kbps. Cada Mbps custa US\$ 61, muito acima do preço cobrado pela Turquia, por exemplo, que vende o dobro de internet por US\$ 30. O Vietnã tem 1,5 Mbps a US\$ 8,72. Já a qualidade da rede no país é inversamente proporcional aos altos preços pagos. O Brasil está atrás de países como Níger, Haiti, Etiópia e Angola quando o assunto é a rapidez

enquanto, a única operadora que atende a região é a GVT, que só oferece, depois de longa espera em uma fila de interessados, 1 mega de velocidade, *apanhando*. A outra opção disponível é o modem 3G, porém essa opção ainda é considerada muito cara, a velocidade é instável e ruim, além de não atender a todos os locais, pois no morro existem vários pontos cegos, locais onde o sinal não chega. Toni explicou que existem algumas pessoas que possuem uma boa banda larga, e que inclusive revendem o sinal clandestinamente. “Eu conheço alguns. Um é o Tuca. Ele mora perto da cruz, último local que a operadora trabalha. Daí ele revende o sinal – via antena e um modem *Wi-fi* – por 40 reais. Nem é tão caro, mas pra realidade local é. Mas tem gente que já consegue pagar.”

Como o Toni começou a usar e a pesquisar sobre as diversas potencialidades existentes nas redes sem fio (*Wi-Fi*), acreditou que conseguiria enviar sinal *pra cima do morro*. A sua ideia original era colocar uma antena na casa da sua mãe e reenviar o sinal para outra antena, instalada na casa do Saúva. Com um sinal forte, seria possível distribuir o sinal gratuitamente para quem não tem acesso à internet. Além do sinal, estava nos planos ensinar as pessoas a fazerem suas próprias antenas. Mais adiante será visto por que essa iniciativa comunitária e outras têm dificuldade em dar certo:¹²⁴

da banda larga. Os dados fazem parte do relatório anual de TICs: Medindo a Sociedade de Informação 2011, da UIT (União Internacional de Telecomunicações) órgão da ONU. Disponível em: www.itu.int/ITU-D/ict/publications/idi/2011/ Acesso em: 08/01/2012.

¹²⁴ A tentativa deu-se através de duas antenas de 25 dBi de grade direcional e um roteador (D-Link High Speed 2.4GHz (802.11g) com uma conexão de 1M. Mas essas ferramentas não conseguiram compartilhar o sinal.



Feitura da antena “caseira”. Fonte: Toni 15/03/2011.

3.6.2 Quebrando o Galho dos Amigos

Se Toni não consegue resolver os problemas coletivos, ele é constantemente convocado para investir suas energias de “trabalho social” para quebrar galhos individuais dos amigos e vizinhos do bairro. Por intermédio das suas redes sociais (Toni é muito ativo e tem muitos amigos em ambas as redes, *Orkut* e, principalmente, no *Facebook*)¹²⁵ vai distribuindo ajuda, dicas, afeto e mais recentemente está começando a ter que dizer não. Ou seja, são dimensões constitutivas dessa Rede de Reciprocidade Digital. Esses pedidos muitas vezes estão relacionados aos conhecimentos técnicos de Toni, que são supostos poder de resolver uma quantidade impressionante de problemas – desde o conserto do computador até o manuseio adequado de *softwares*:

CHRISTIAN: Toni... finalmente consegui tirar aquele recado xarope do meu PC. Obrigado xará, agora meu Win7 tá **Pirata ORIGINAL** dinovo hehe. Valew

¹²⁵ A interação social que acontece nas redes sociais proporciona um novo tipo de sociabilidade em que o encontro de indivíduos não depende das variáveis *tempo* e *espaço*. Especificamente, constatei que as redes de sociabilidade dos jovens de classe popular que pesquisei (SCALCO, 2009) operam empiricamente por dinâmicas de sociabilidade no bairro, com uma lógica em que o pertencimento e o reconhecimento estão vinculados ao seu cotidiano, à turma da escola, aos amigos, à família e aos vizinhos. As redes sociais são apropriadas por esses jovens como uma ferramenta bem prática, pontual e utilitária.

FerNaNdOo:

Toni... Tem **um cara querendo me vender um note book de barbada**. Queria que tu desse uma opinião e tal... Quando vai tá livre? O cara vai deixar comigo o note no máximo até domingo! Nesse meio tempo, se tu tiver um tempo...

M@ \$o@re\$:

o Toni eu me esqueci asenha do mew orkut **oq eu faço???**

TAMIRESSsЯTª:

oiee Toniii tu sabe me dizer quandoo mais ou menoss o pc vai fik bom??? **tô com xaudades dele**

Greicy

o Toni a titom pergunto **o que é avi...** e como se vê filme no formato avi?

Toni é solicitado pela sua *expertise*, mas também – em reconhecimento das conexões sociais dele – devido a sua facilidade de acesso a *softwares*, *hardwares*, peças usadas e acessórios:

AnDeRsOn:

bah..Toni..como ta..vc?

pois é tu nem sabe **to precisando muito do xp e do nero**, sera q tem como eu pegar ai no muraldo, é claro se tu quiser e puder me conseguir..valew..abraçuss

Negro Moura:

E ai Toni... olha so eu tenho um monitor, teclado, mouse so falta a sepeu o que acha de vc ver pra mim isso **ai vcs podem me tirar da lista dos quem ã tem ta valeu abrçossssss**

Tamires:

Oi Toni tudo bem. quando que vc vai **poder me emprestar a câmara???** eu stou precisando pra tirar umas fotos da minha barriga pra guardar de lembrança em quanto é tempo

O que Toni recebe em troca por esses esforços é, antes de tudo, uma efusão de sentimentos e manifestações apreciativas de seu companheirismo:

A *FAVORITTA*:

e aiiiiiii vizinho **converssas só online** mesmo!!! ´passando pra te deixar um abraço!!

Wesley:

Toni faz a quele favorzinho...inprima uma copia para mim tem que ser hoje...para eu entregar quarta.f. **depois eu faço um favor para ti...**

Jefersson:

o Toni tu tiver um estabilizador **pra me vender baratinho** me avisa.. e o futebol aos domingos num rola mais???

Só de vez em quando, alguém fala na possibilidade de pagamento em dinheiro:

Douglas:

Toni... Tem uma mão de pc pra ti fazer se puder! Minha amiga tá sem internet por causa de uma configuração inadequada ou algo assim no computador dela... Se tu puder ver. **Rola uma graninha, claro!** É a Luana! Que trabalhava no Murialdo antes. Tu tem ela add no teu orkut!

Mas Toni parece bem filosófico sobre a possibilidade de ser pago em dinheiro: “não existe dinheiro, como cobrar de alguém que não tem para pagar? É simples assim. Tem pessoas que têm condições e tem as que não têm”!

3.6.3 Ser Educador Social – uma Vocação Pessoal e uma Opção Política

Ao comentar o “assédio” diário que vive e a falta de pagamento pela maioria do que faz, Toni volta para a questão de solidariedade. Lembra do início da sua *caminhada*, em 1999, ano da sua formatura e quando a informática era para ele só um trabalho:

Não dava bola pros outros, queria só saber do salário, não me afetava com as questões sociais, mas a medida que fui enxergando os problemas, as carências e aprendendo sobre os projetos, vi que a comunidade precisava mais de mim do que eu dela e foi então que decidi ser um educador social.¹²⁶

¹²⁶ Essa é a designação que atualmente os projetos sociais estão utilizando para nomear o trabalho dos professores. Conforme esclarece Carvalho & Carvalho (2006), a Educação Social faz parte de uma política compensatória para a infância e a juventude oriundas das classes populares em situação de vulnerabilidade social, cujo objetivo é o de possibilitar a inclusão dessa parcela de indivíduos na sociedade, minimizando as tensões e a crescente desigualdade social. Já Godinho (2003) também aponta que o termo nos remete à chamada Educação Popular que se singulariza por valorizar os saberes das classes populares, ligados as suas experiências de vida e aos contextos sociais em que estão inseridos. Entre os desafios da Educação Popular, o autor destaca a complexa articulação entre *teoria e prática*, entre os *saberes acadêmicos e saberes populares* e entre a *ação e reflexão*. A prática educacional do educador social ocorre em função da problematização da realidade junto aos educando que, através da *ação/reflexão* transforma *todos* os sujeitos envolvidos no processo. Um dos marcos teóricos dessa ação pedagógica é a obra de Paulo Freire, que norteia e embasa a maioria dos estudos. Esse autor é citado por Toni no seu Orkut.

Toni fez, portanto, uma opção política e pessoal em trabalhar com jovens carentes. Recebe salário por essa tarefa, tem carteira assinada, mas se sente *no social*. Também tem ciência que trabalha muito mais do que as horas contratadas e que poderia ter uma remuneração maior se fosse trabalhar em uma empresa. Seu compromisso, conforme suas palavras, “é *com o aluno*”, e Toni sente-se na obrigação moral em atendê-lo nas suas mais variadas demandas, como foi exemplificado nas mensagens postadas em suas redes sociais: “simplesmente não sei dizer não, faço tudo o que eu posso, porque entendo que é essa a minha obrigação”.

Ele acredita que o caminho é avançar via projetos sociais de instituições, o que não o impede de ter uma visão apurada sobre essa problemática. Por exemplo, critica a própria instituição Murialdo, em razão de a escola ter abandonado um projeto que foi muito importante na sua formação, o *Morro da Cruz Pela Vida*. Nas suas palavras, esse projeto tinha como diferencial:

A gente saía dos muros da instituição e tinha contato direto com o pessoal da comunidade, a gente ouvia eles, via sua realidade, levava várias atividades, desde cultura e shows até serviços e qualificação. Uma coisa de dentro pra fora. Diferente de agora, onde os alunos vão até a instituição.

Apontou também outros entraves, como a questão do que classificou como *um problema do “autoego” das pessoas, que só querem visibilidade*. Para ele, a maioria dos que trabalham com o *social* só se preocupa com os seus respectivos trabalhos e vê os projetos das outras instituições como concorrência. Ele não concorda com essas atitudes e inclusive desenvolveu um projeto – com o nome *Quem não é visto, não é lembrado* – para tentar amenizar essas práticas que denominou *individualistas*. A ideia central era a construção de um *site*, para que as diferentes instituições, associações e entidades sociais existente no Morro da Cruz conseguissem se comunicar com mais eficiência, trocando, disponibilizando e otimizando recursos e

experiências. Porém não teve prosseguimento: “não deu em nada, ninguém usou.”

Meu informante se lembrou também de algumas iniciativas de sucesso, como o projeto TV Nômade (já citado), que agrega novas atividades aos alunos do Murialdo, somando experiências e recursos. Por fim, conclui que o sucesso ou não de uma ação social varia muito de comunidade para comunidade, pois cada local tem um nível de articulação política diferente. Deu como exemplo a vila Bom Jesus, que possui vários telecentros e acesso mais facilitado à internet. O pessoal da Associação dos Moradores de lá também conseguiu verbas federais via do Pronasci (Programa Nacional de Segurança Pública, do Ministério da Justiça) e implantou o projeto Território da Paz.

Torna-se evidente o quanto a motivação do “trabalho social” acaba tomando conta da vida de Toni. Não só os dois empregos que ele tem se remetem ao campo institucional da “educação social”, mas o mesmo espírito de doação ocupa as horas “livres” de Toni, rivalizando eventualmente com certos projetos familiares. Uma questão fundamental chega a se colocar sobre as recompensas desse trabalho. Será que o reconhecimento (em termos de prestígio e apreço dos membros de sua rede) compensa os lucros modestos que ele recebe em termos pecuniários?

3.7 DINHEIRO X DOAÇÃO

Zelizer (2009) já elaborou uma análise sobre a maneira em que o ideário contemporâneo tende a separar dinheiro (utilitário) de outros assuntos mais nobres (família, amizade, afeto...), criando assim a ideia de dois “mundos hostis”. Nesse ideário, a mistura desses dois mundos produziria efeitos negativos. A emoção complica os negócios, o dinheiro corrompe os afetos. É interessante ver a que ponto Toni constrói o “trabalho social” como algo distinto de assuntos de dinheiro.

Toni frisa (conforme visto anteriormente) que ele poderia estar ganhando bem mais se fosse trabalhar profissionalmente e cita seu professor José como exemplo. José foi meu informante na dissertação de mestrado: tem 49 anos de

idade, está sem filhos e insiste que trabalha como *educador social* por opção. Não é exatamente trabalho voluntário, pois recebe salário, mas ele afirma (e todos que o conhecem concordam e vivem reforçando) que, se fosse para o “mercado”, provavelmente ganharia muito mais dinheiro¹²⁷.

No entanto, Toni constrói sua própria postura, fazendo a distinção com a atitude de outra figura igualmente próxima a ele (DJ Saúva), mas que aparentemente não tem a mesma vocação pelo trabalho social. O *Dj Saúva* não entendia nada a respeito de computador e, a partir da sua paixão pela música, aproximou-se da informática, uma vez que o estilo de sua preferência – o *Hip Hop* –, baseia-se na chamada música eletrônica. Eles se conheceram, e Toni convidou-o para ingressar no curso de informática no Murialdo, com a duração de seis meses. Na avaliação de Toni, só esse curto espaço de tempo já foi suficiente para que a informática *lhe abrisse várias portas na vida*. Logo depois, começou a trabalhar na instituição como educador social, depois virou Dj e produtor musical. Seguiu pesquisando, aprendendo, mas teve ajuda de muitas pessoas que *lhe ensinaram, que repassavam o que sabiam por solidariedade*.

Segundo relatos de Toni:

Com todo esse apoio, o Saúva *acabou aprendendo como as coisas funcionavam* e desenvolveu algo bem interessante para conseguir acesso gratuito à internet, o problema é que agora ele está começando a querer cobrar por esse conhecimento. Não concordo! Até dos amigos, acredita? O Saúva marcou de ir instalar e ensinar para dois moradores do alto do Morro, nossos companheiros, e simplesmente não foi. Isso me chateou muito.

Toni lembrou-se, então, das inúmeras vezes que o ajudou, dos empréstimos de equipamentos (*notebook*, modem 3G, placas-mãe, máquinas fotográficas) e também de um episódio em que ganhou de uma educadora da ONG CAMP uma caixa cheia de placas de som (avaliadas em cerca de R\$ 40,00 reais cada) e que as doou para o Saúva. “Eu cobrei isso dele? Claro que

¹²⁷ É um especialista em novas tecnologias. Apesar de não ter diploma universitário, seu conhecimento e erudição impressionam, pois domina a informática (tanto *hardware* quanto *softwares*) e as demais tecnologias digitais (imagem e som). Além disso, programa e desenvolve sistemas e é *webdesigner* (constrói *sites* na Internet). Atualmente administra toda a rede da escola Murialdo (que possui mais de 80 computadores) e ministra aulas em vários projetos da instituição (Ver SCALCO, 2008).

não, sei que ele precisa... Mas a verdade é essa que vou te dizer: pro pessoal lá de cima, é fácil tu dar, mas o difícil é receber algo em troca”. Contou ainda outro episódio quando os dois amigos pretendiam desenvolver juntos um estúdio e uma produtora musical, porém o projeto não avançou: “Eu queria que a nossa produtora tivesse um braço social, mas o Saúva não concordava, só queria dinheiro”. Toni desistiu do negócio, por avaliar que ainda é cedo manter um estúdio comercial lá em cima. “Não iria dar certo”!

Contou também outros episódios em que discordaram sobre a questão da remuneração do trabalho dispendido. Toni não se conforma que o Saúva não permita que o filho, por exemplo, que recém está iniciando a vida profissional, faça oficinas gratuitas para a comunidade. A pergunta dele sempre é a mesma. “Meu filho vai receber? A gente precisa sobreviver...” Na visão de Toni, o Saúva esqueceu o início de suas *caminhadas*, onde ambos não recebiam nada. Concluiu: “Ele é cabeça fechada. Acho que ele deveria procurar um emprego com salário, e nas horas vagas, trabalhar pelo social, se doar um pouco”.

3.7.1 E, No entanto, Falta o Dinheiro (Kiara)

Para entender mais sobre a questão do dinheiro na vida de Toni, acabamos recorrendo a sua mulher Kiara, que, durante uma série de entrevistas, nos fez sentir que, de fato, o dinheiro (ou a falta de dinheiro) é central na existência deles. Ela trabalha como vendedora em uma pequena loja de bijuterias em um bairro de classe alta na cidade e me convidou para conhecer o que chamou de *novidades da moda verão*. “Muitas coisas lindas, algumas peças inclusive feitas por ela: colares, pulseiras, anéis e tiaras, mas é uma pena que eu não tenho muito tempo!”

Toni e Kiara vivem um atarefado dia a dia: eles acordam cedo, arrumam as mochilas e descem a pé para a casa da sogra. A filha de 7 anos de idade já vai para a escola no turno da tarde, mas necessita de alguém para levá-la e buscá-la. Já o filho ainda fica *em casa*, porque, conforme atestou, as creches no Morro da Cruz são *poucas, caras, e o tempo é curto* (a criança precisa ser

retirada as 5:30, 6:00 horas no máximo). O casal preferiu, então, pagar uma pequena remuneração para que os familiares (no caso os irmãos do Toni) pudessem se revezar nos cuidados cotidianos dos filhos, inclusive aos sábados. Quando o assunto de remuneração entrou na pauta da conversa, senti uma tensão no ar, pois Carolina, irmã de Toni, que estava presente na nossa conversa e que até aquele momento não havia se manifestado, devido à mudança de sua expressão facial, demonstrou não gostar do que ouviu. Kiara voltou atrás e tentou amenizar o que havia dito: “sei que não tem dinheiro que pague carinho e amor. Eu sei que eles estão super bem cuidados, eu só quis dizer que a gente paga um pouco de volta esse carinho, ou tenta!” Carolina aprovou a nova versão...

Depois do que chamou *ficar em função das crias*, Kiara dirige-se ao trabalho. O seu horário inicia às 9:00 horas, mas às vezes ela se atrasa: “agora não preciso mais bater ponto, graças a deus, mas sei que a loja possui câmaras de vigilância que também registram o horário que eu abro a loja, então não dá pra mentir.... Tecnologia, entende, nos controlando!” Ela permanece o dia inteiro no trabalho e depois vai direto para o colégio. Está cursando na escola estadual Júlio de Castilhos o 1º ano do ensino médio: “decidi fazer os 3 anos bem certinhos, porque quero aprender de verdade. O EJA¹²⁸, na minha opinião, é pura enganação. Eles pulam tudo, a pessoa finge que aprende.” A aula é até às 11 horas, e como é perigoso andar sozinha à noite, Kiara desce do ônibus perto da casa da sua sogra, e o seu cunhado de 14 anos a acompanha até a sua casa. Contou que, por esse serviço, ela dá ao menino cerca de 15 reais por mês.

Kiara, no entanto, não se queixa dessa rotina atribulada e diz estar muito feliz por estar trabalhando e conseguindo renegociar e pagar as suas dívidas. Confessou: “eu sou uma daquelas pessoas superendividadas¹²⁹, *que vive com*

¹²⁸ O EJA (Educação de Jovens e Adultos) é uma modalidade de ensino da rede pública no Brasil para a inclusão de jovens e adultos na educação formal. Não há necessidade de frequentar aulas presenciais para se inscrever nas provas que as Secretarias de Educação realizam, então essas provas podem ser feitas por matérias. Fonte: Secretaria Estadual de Educação do RS. www.educacao.rs.gov.br Acesso em: 23/01/2012.

¹²⁹ Nova categoria de consumidor, os superendividados, que representam uma realidade para mais de 9% dos brasileiros (dados do STJ) são devedores-pessoa física, que não têm condições de pagar todas as suas dívidas sem deixar ameaçado o próprio sustento e o da família por incapacidade de renda e/ou de patrimônio. Os especialistas apontam como causas

a corda no pescoço, mas tenho fé que um dia vou sair dessa pindaíba e não ter mais meu nome sujo na praça”. Revelou que, para o marido, ela é uma consumista que adora ter carnê e prestações, mas Kiara protesta:

Claro que não gosto de ficar mais de uma hora na fila de crediário, com uma mulher ligando pra saber se teu nome está sujo, pedindo mil telefones de conhecidos teus... E também é muito ruim a sensação de que tu não vai terminar nunca de pagar aquilo que comprou (quando penso que já estamos no verão e eu ainda estou pagando a bota que eu comprei no inverno de 2010), mas ainda bem que inventaram o crediário, é um mal necessário! Meus filhos vão andar descalços? Claro que não, tem que acabar no crediário mesmo, precisamos ter as coisas para viver.

Kiara revelou que quando se conscientizou do seu problema financeiro, descobriu que já devia para 8 (oito) lojas e cartões, porém alega que as dívidas não eram todas dela ou dos filhos. No ano de 2009, fez algumas prestações para ajudar uma amiga, que havia sido abandonada pelo marido, que havia fugido e levado todos os pertences da casa: “imagina tu chegar em casa e não encontrar mais nada... ele levou tudo, deixando-a totalmente sem nada, roupa, móveis, toalhas”. Ela com dó, a ajudou a comprar o mínimo (roupa de cama, toalhas e calçados), mas conforme suas palavras: “ela era uma sem-vergonha. O marido veio buscar arrependido e os dois foram morar em Santa Catarina, deixando para trás as contas para eu pagar. Juros, multa e aquela incomodação. Fora o desaforo de me prejudicar. Mas aprendi a lição. Crediário para estranho nunca mais, só para parente e olhe lá!”

Kiara perguntou-me então se o Toni havia me contado sobre o problemão que eles estavam precisando resolver. Respondi que não, e ela concluiu: “tinha certeza, acho que ele tem vergonha de estar passando por isso...”. Ela falou que, há cerca de um mês, uma equipe da Prefeitura os

principais desse fenômeno o crédito fácil, a propaganda enganosa, a falta de informação, a realização de empréstimos, os juros abusivos e o consumo excessivo. Fontes: STJ - Superior Tribunal de Justiça, disponível em:

http://www.stj.jus.br/portal_stj/publicacao/engine.wsp?tmp.area=448&tmp.texto=%20104055

Acesso em: 21/01/2012 e Endividamento do brasileiro é recorde – Jornal Estadão.

Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,endividamento-do-brasileiro-e-recorde,73174,0.htm>. Acesso em: 23/01/2012. Para um estudo mais aprofundado, ver (Muller, 2009), que pesquisa o processo brasileiro atual de incremento do acesso de grupos populares a serviços e mecanismos financeiros e de crescimento da oferta de crédito aos indivíduos de baixa renda.

notificou como *moradia em zona de risco*¹³⁰, que a casa deles estava localizada em uma área de encosta, avaliada como instável e suscetível a desmoronamentos. O fiscal anunciou: “a casa de vocês está condenada e tem muita chance de ser soterrada”. Eles ficaram muito apreensivos, porém foram informados de que, como se tratava uma família com duas crianças, teriam prioridade e urgência na *fila* do programa governamental Minha Casa Minha Vida¹³¹. Conforme ela conta: “No começo até achamos que seria uma boa, que a gente ia ganhar um apartamento novinho... Mas quando nós fomos lá conhecer o local (que está em obras), me apavorei. É uma caixa de fósforos, um cubículo. Tem um quarto e meio. Tudo pequeno, simplesmente não cabe, nem a minha família, nem meus móveis, nem a minha cozinha... Um verdadeiro desaforo!”

De fato, quando chegamos mais perto do cotidiano do Toni, mais as tensões e conflitos afloravam.

3.7.2 Outras Formas de Recompensa?

Mesmo na falta de um salário mais farto, é possível supor que Toni receba outros tipos de recompensa por seu trabalho. Não há dúvida de que Toni recebe reconhecimento pelo trabalho social que realiza. Seus jovens alunos, em particular, o tem como referência. Sua trajetória profissional e de vida é considerada de sucesso pelos alunos e por ele próprio, exemplo que reforça o discurso normativo e moralizante existente nessa Instituição, como na própria sociedade, sobre o universo dos jovens pobres da periferia; por ocasião

¹³⁰ Cerca de 4,5 mil famílias, localizadas em 80 áreas da cidade, estão sendo vivendo em áreas de risco de enchente, deslizamento ou incêndio e estão sendo monitorados pela Defesa Civil de Porto Alegre.

Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2011/01/porto-alegre-tem-600-familias-em-areas-de-risco-3175852.html>. Acesso em: 23/01/2012.

¹³¹ Programa do governo federal, em parceria com Estados, municípios, empresas e movimentos sociais que pretende construir 2 milhões de novas casas e apartamentos para a população. É preciso ter uma renda bruta de até R\$ 5.000,00. E para desonerar o custo final dos imóveis e atrair empreendimentos na faixa de zero a três salários mínimos, o município de Porto Alegre oferece aos empreendimentos isenção do Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza (ISSQN). Fonte: Caixa Econômica Federal.

da etnografia da dissertação de mestrado, ouvi de uma aluna sua: “o Toni é tudo de bom, ele é um de nós que conseguiu vencer”.

Entretanto, esse reconhecimento não proporciona necessariamente tudo que Toni esperava – por exemplo, em termos de sua segurança no morro. Toni me comenta um episódio que o abalou muito, porque ficou óbvio que quem roubou seu Playstation 3 (não havia ainda sido pago a primeira prestação), alguns jogos, um *notebook* e a sua máquina fotográfica digital (prejuízo calculado em cerca de 5 mil reais) foi alguém das suas relações, alguém que frequentava a sua casa e sabia dos horários e hábitos da família. Não levaram a sua carteira (que tinha dinheiro), a TV e nem outro computador que estava na sua casa para ser consertado.

Perguntei o que ele havia feito, se tinha dado queixa na polícia e Toni, com uma postura conformista, deu de ombros e riu da ingenuidade da pergunta. Contou que vários amigos o aconselharam a procurar o patrão (nome do chefe do tráfico) e relatar o roubo, mas preferiu não envolver-se: “se descobrissem quem fez – e acredito que isso é bem possível, pois foi alguém que frequentava a minha casa –, eles mesmos iriam fazer justiça. As punição para casos assim costumam ser bem violentas, variando entre quebrar um dedo, dar um tiro na mão e/ou uma surra no ladrão.” Toni avaliou: “isso não é para mim, iria me deixar pior, entende? Prefiro esquecer e ir em frente”.

Porém, mesmo não reagindo publicamente, *deixando pra lá*, Toni deu sinais que esse roubo foi algo difícil de digerir, pois, conforme as suas palavras, “não foram só coisas materiais levaram, foi a confiança nas pessoas. Convidava todo mundo pra ir na minha casa jogar e alguém me traiu. Como saber em quem confiar? Fora que foi de manhã, lá pelas 10 horas. Será que a vizinhança não viu ou não quer se envolver?” O assalto também fez Toni repensar sobre as ações nas quais participava junto à comunidade.

Foi com a mulher de Toni, Kiara, que aprendi sobre outra decepção que ele passou em relação a eventuais ajudas que poderia esperar de seus vizinhos. Com a certeza de que não valeria a pena a mudança para o *apartamento* que a Prefeitura estava oferecendo, o casal consultou os fiscais sobre uma possível solução para o impasse: a construção de uma nova casa, bem no início do terreno, o que foi avaliado como plausível; no local escolhido, a família não correria mais riscos. O problema passou então a ser a escolha do

tipo da casa. A preferência de Kiara era por uma casa pré-fabricada, (*muito mais barata e rápida*); já para Toni, o ideal seria a construção de uma casa *de material* (alvenaria), (*mais sólida e segura*) e construída em regime de mutirão¹³² com os *amigos*. Entretanto, o pedido de ajuda de Toni foi ignorado, e ninguém compareceu no sábado marcado para ajudá-lo. “Ele ficou bem triste”, diz a Kiara, “mas trabalhou o dia todo, por isso eu brinco que ele fez um mutirão sozinho... Sozinho não, por que eu ajudei, sou bem forte, (levantando os braços performaticamente mostrando os seus músculos do braço)”.

Esses dois eventos vieram confirmar o que Kiara e a família de Toni há muito tempo notavam: “os amigos do Toni só querem saber do bem bom... São todos uns interesseiros. Mas acho que ele aprendeu, pois quando precisou... Cadê a ajuda?” A irmã de Toni acrescenta: “todo mundo lá em casa é contrário à ideia do Toni viver ajudando a comunidade, porque eles não dão nada de volta pra ele”, concluiu.

No final, Toni também comenta a inviabilidade do popular *toma-la-da-cá* defendido por DJ Saúva, ou seja, a prática da troca, que se efetiva de diferentes maneiras; monetariamente, com o escambo de objetos, e/ou pela prestação de favores ou serviço. Porém, Toni avalia: “o que eles têm lá em cima para me dar? Dinheiro eles não têm, o que sobra? Sobra a tal ajuda”. Porém, ele alega estar desiludido, pois, quando finalmente precisou *de* “uma mão todos arrumaram uma bela desculpa”, como falta de tempo ou excesso de coisas para fazer. Toni, portanto, não recebeu apoio nem suporte, o que o

¹³² Existe certa idealização a respeito da prática do mutirão, que muitas vezes é associado a uma ajuda desinteressada; Oliven (2000) analisou a instituição do mutirão e mostrou que o mesmo originariamente nomeava o “processo de trabalho baseado na cooperação mútua, calcado na troca de favores, compromissos familiares e obrigações recíprocas” (OLIVEN, 2000, p. 39). Já para o contexto urbano, ele apontou algumas singularidades dessa prática, especialmente os realizados para a construção das casas das classes trabalhadoras, localizadas em loteamentos e bairros periféricos, e construídas com grande sacrifício aos finais de semana por seus próprios moradores e com ajuda de parentes e/ou amigos. Para o autor, essas práticas estão mais próximas de uma forma de trabalho não pago (que inclusive serviria para rebaixar o custo da reprodução da força de trabalho), do que da prática do mutirão, pois o mutirão extrapola a questão puramente econômica, possuindo um papel importante na definição dos laços de sociabilidade de uma comunidade. Para a construção das casas, a relação é de troca; aqui o sentido não remete a um sentimento de solidariedade; o construtor da casa recorre a pessoas a quem já ajudou ou se dispõe a ajudar um dia, ou seja, a ajuda ocorre com base na expectativa concreta de um dia ser auxiliado no momento em que se precisar.

levou à seguinte constatação: “descobri é com a minha família que eu posso contar, são eles o melhor que a gente tem... E então, pra mim, essa troca não vale”.

3.8 O PESSOAL LÁ DE CIMA PRECISA APRENDER A CAMINHAR SOZINHO

De fato, Toni dá sinais que está chegando no limite desse tempo de “doação” – só que, em vez de evocar a própria necessidade, cita a única coisa que pode rivalizar, de modo legítimo, com o trabalho social – o bem-estar de sua própria família. Toni contou que agora é a vez da sua esposa *evoluir*. Combinaram que ele assumiria mais o cuidado das crianças e com isso ela poderia voltar a trabalhar e estudar. Recordou que ela permaneceu em casa quando do nascimento dos filhos, mas que sempre eles investiram na sua profissionalização, *nunca ela ficou parada*. Durante esse período, realizou inúmeros cursos técnicos, como de pedicure, manicure, artesanato, bijuteria e o último, de corte e costura. “Possuímos quatro máquinas novinhas, acredita?” (aponta para as máquinas, sem uso, no fundo da sala da casa da mãe.) Por fim, concluiu: “são os altos e baixos que a minha esposa tem e eu vou apoiando ela. Estamos aí, sempre incentivando”. Contou também que Kiara recentemente fez uma laqueadura (método contraceptivo) para não ter mais filhos e que a decisão foi tomada conjuntamente, porém eles foram muito criticados por amigos e familiares. Toni argumenta que o seu projeto de vida agora é tornar-se um bom pai: “não quero só dar coisas materiais pra eles, quero acompanhar o desenvolvimento, participar da educação... Estar presente no dia a dia, e mais filhos ia tornar tudo mais difícil.

A decisão de priorizar e dedicar-se aos filhos, levou Toni a abrir mão, ou ao menos diminuir bastante, o ritmo do trabalho social que ele desenvolvia na comunidade. E a repercussão dessa sua nova postura está sendo muito criticada. Ele escutou críticas como: “Ah! o Toni não é mais o mesmo, sumiu, não ajuda mais a comunidade”, o que lhe entristeceu, mas admite não ter mais disponibilidade porque suas prioridades mudaram.

Na última vez que encontrei Toni, conversamos mais sobre a sua militância, ação política e as suas prioridades atuais, temas considerados *muito complicados* por ele. Lembra das suas dificuldades desde os primeiros passos da sua caminhada [no trabalho social], quando sua filha estava para nascer e que para sobreviver, fazia artesanato, vendia bijuterias, roupas... Enfim, “batalhava, sempre correndo atrás e sem receber nada, mas firme, tentando articular ações com o pessoal lá em cima (se referindo aos moradores de seu bairro)”. Entretanto, parece que as pessoas não estão nunca contentes. Recentemente, ouviu algo que interpretou como crítica ao seu desempenho: “os manos sempre deixam à mercê a sociedade”...

Toni dá a entender que as pessoas não se dão conta o quanto ele se dedicou para a comunidade. E termina sentenciando: “o pessoal lá de cima precisa aprender a caminhar sozinho”.

3.9 NOTAS FINAIS: DICAS, AFETOS E AJUDA VIA WEB!

Lá no início deste capítulo, foram ressaltados os múltiplos problemas que os moradores do bairro enfrentam para fazer funcionar seus computadores. Como usuários da classe média, precisam de ajudas constantes para fazer “rodar a carroça”, para destravar uma cpu, para tirar um vírus, etc. E, no entanto, como Toni frisou, “não têm dinheiro para pagar por esses serviços...” Conforme se pode ver em trabalho anterior, as pessoas do bairro não fazem muitas conexões para além do bairro. Não vão buscar um serviço remoto na Tailândia para consertar o computador. Usam o computador (Orkut, etc.) para estreitar laços com pessoas já conhecidas. Para conserto e manutenção, dependem (e por enquanto qualquer programa no Brasil de inclusão digital depende) de pessoas como Toni – pessoas dedicadas à causa do “social”.

A questão é até onde vai a dedicação desses “quase voluntários”? Certamente, a competência na informática de Toni tem mudado sua vida. É essa *expertise* que o permitiu ser destacado nos primeiros cursos do Murialdo e que o levaram para o caminho do educador social. Seu envolvimento nesse

campo (da educação social) é inegável e tem trazido um novo cabedal de ideias e valores para suas relações, tanto familiares como profissionais. Entretanto, também – ao que parece – tem exigido uma série de sacrifícios dele e da família. Quanto tempo um mediador aguenta nesse papel? (a não ser que seja um sujeito de classe média sem filhos que nem José). Será que Toni conseguiria outro emprego mais bem pago para aliviar as pressões financeiras sobre a sua família? Para ajudar a realizar um projeto familiar (ver Gilberto Velho, 2003) de ascensão que sua mulher e familiares estão esperando? São perguntas que não ousamos responder aqui, mas são perguntas que não podem ser ignoradas quando se considera o funcionamento e impacto de computadores na vida cotidiana dos moradores dos bairros populares.

4 NOVOS SABERES, VELHOS PODERES¹³³: GERAÇÃO, GÊNERO E PODER NAS DINÂMICAS FAMILIARES DO MORRO DA CRUZ

A verdade é que as mulheres são diferentes, não se ligam tanto em tecnologia... é só mais no começo, uns dias, vem aquele entusiasmo, fazem o Orkut, Facebook, postam umas fotos, procuram alguma música especial, da vida delas, depois passa... elas gostam é que os filhos usem! (Trecho do diário de campo com o depoimento do DJ Saúva sobre as suas clientes e a informática).

Neste capítulo, a nossa intenção é aprofundar os usos cotidianos do computador nas famílias de classe popular conforme geração e gênero. Partimos da premissa de que esses são fatores de poder que impactam nas relações sociais e nos usos cotidianos que os diferentes membros do grupo doméstico fazem do computador.

Existe uma série de estereótipos, tanto na literatura acadêmica como entre os meus entrevistados, afirmando que mexer com computador é privilégio de adolescentes (mais do que de adultos) e de homens (mais do que de mulheres). Embora nossos dados confirmem em parte essas idéias, veremos, nos casos a seguir, diversas sutilezas indicando que as coisas na prática não são tão simples assim. Trabalhamos a partir da hipótese de que a introdução da tecnologia traz modificações nas relações de poder dentro da família, mas nem sempre da maneira prevista.

Em primeiro lugar, em relação às mulheres: tanto no Morro da Cruz como em Porto Alegre, no Brasil e em quase todos os países do mundo, acredita-se que a “distância” entre elas (principalmente as mais velhas) e o computador é grande¹³⁴. Ou seja, existe uma clara questão de gênero nos usuários de informática, que se acentua nas classes populares. As mulheres não usam o computador, ou o fazem de uma maneira mais pragmática.

¹³³ Título inspirado no artigo: Subjetividades juvenis e tecnocultura. O autor refere-se às inovações tecnológicas do novo mercado globalizado como uma nova mistura de "novos saberes e velhos poderes" (BALARDINI, 2004).

¹³⁴ Para maiores detalhes, ver o artigo : *A construção do gênero na informática*, que versa sobre a segregação e as desigualdades de gênero existentes nas áreas tecnológicas. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu10.08.pdf>. Acesso em: 04/05/2012.

Entretanto, a história da Ivonete, bastante exposta neste capítulo, nos mostrará que existem exceções importantes frente a esses estereótipos.

No que diz respeito à relação entre as gerações, as famílias pesquisadas (as quais, em sua maioria, possuem filhos em idade escolar) pensam ser o estudo algo muito importante, e o computador, por ser uma ferramenta para a educação, um item essencial e prioritário¹³⁵. Assim, cabe aqui também lembrar o lema: *é dever dos pais esforçar-se para encaminhar os filhos para uma vida melhor*. Tal lógica pode ser percebida na seguinte fala de um pai, que conversei durante um evento realizado em dezembro de 2011, na escola municipal Judith Macedo, localizada no Morro da Cruz, onde eram apresentados os trabalhos e progressos realizados pelos alunos na oficina de informática e metareciclagem.

Incentivo muito meus filhos a estudar, porque nunca tive oportunidade. Comecei a trabalhar bem cedo, na roça. Passei muita dificuldade por conta disso. Então, sou atento aos estudos deles. É o meu dever de pai tentar dar o melhor pra eles. Por isso, comprei o computador, para ajudar nos estudos.

Ou na fala de uma mãe – também presente ao evento – que nos disse: “sempre repito, se quiser levar uma vida melhor que a minha ou a do teu pai, tem que estudar.” Isso explicaria, ao menos em parte, a razão pela qual esses sujeitos realizam grandes sacrifícios para entrar (e manter-se) no chamado mundo digital¹³⁶.

Percebemos, portanto, que a "inclusão digital" embala os sonhos desses pais e, muitas vezes, até dos avós e outros membros da família, que conjuntamente compram o equipamento imaginando-o como um passaporte

¹³⁵ A procura por uma educação de boa qualidade aos filhos é uma questão presente em todas as classes sociais. Estudo realizado pelo Insper – Instituto de Ensino e Pesquisa (Ex-Ibmec-SP) com base nos últimos dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) apontou que as classes D e E consomem 10% de sua renda com a educação e que a classe A investe cerca de 5% de seus rendimentos na formação dos filhos, ao passo que a classe B consome 8%. Disponível em:

<http://www.blogeducacao.org.br/educacao-e-prioridade-para-todas-as-familias-diz-studo/>
Acesso em: 02/05/2012 e <http://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/1244/1067>
Acesso em: 02/05/2012.

¹³⁶ Castells (2003) argumenta em seu livro “A Galáxia da Internet”, que a internet é a espinha dorsal das sociedades contemporâneas e da nova economia mundial; nas suas palavras: “a internet é o tecido de nossas vidas” (CASTELLS, 2003, p. 1), estabelecendo a mesma como uma força revolucionária tal qual o motor e a rede elétrica.

para abrir as portas da modernidade, otimizando assim o estudo e a pesquisa escolar e/ou proporcionando teoricamente acesso a melhores postos no mercado de trabalho devido ao conhecimento informacional. Pode ser que a motivação primeira dos pais quando compram um computador seja educacional/profissional, porém acompanhando o uso dessa ferramenta no cotidiano dessas famílias, percebemos – e as etnografias confirmarão – que o computador, na maioria das vezes, acaba sendo muito mais usado como uma fonte de entretenimento, comunicação e de lazer.

Por fim, existe uma ideia, dentro de uma visão negativa sobre a tecnologia¹³⁷, que o computador tem um potencial para isolar os seus usuários, criando “viciados” e tornando difícil a comunicação entre os membros da família. Mais uma vez, tentaremos mostrar como o computador se torna mais uma moeda nas relações familiares, criando disputas, mas também viabilizando novas alianças e vias de sociabilidade. Lançaremos mão de nossos dados de campo para explorar a complexa lógica particular que subjaz nas organizações familiares das classes populares quando passam a conviver nas suas casas com um computador.

Feitas essas considerações, apresentaremos nossas protagonistas deste capítulo. Elas vão nos relatar suas circunstâncias e respectivas inserções e motivações que justificam a entrada (ou não) no mundo digital. Escolhemos como via de entrada a trajetória de uma mulher, moradora do Morro da Cruz: Ivonete.

¹³⁷ Lins Ribeiro (1999), no seu artigo *Tecnotopia versus Tecnofobia*, o mal-estar no século XXI, observa que o avanço tecnológico gera uma tensão entre utopias e distopias, ou mais especificamente entre “tecnotopia” e “tecnofobia”. Nas suas palavras: “Por um lado, encontramos formulações utópicas apoiadas na maravilha que se levanta da ampliação das qualidades e ações humanas. A **tecnotopia**, caudatária da ideologia do progresso e de uma visão evolutiva da história da tecnologia (...) Por outro lado, estão discursos distópicos, apoiados no terror às forças destrutoras desencadeadas por diversas invenções (...) A **tecnofobia**, marcada pela desigualdade da distribuição sociopolítica-econômica do acesso à tecnologia e por um imaginário onde coabitam discursos alternativos ou cosmologias mágico-religiosas” (RIBEIRO, 1999, p. 3).

4.1 AS MULHERES DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO MORRO DA CRUZ: “VIVI SEM ENERGIA ELÉTRICA ATÉ OS 12 ANOS”

Conheci Ivonete por causa de minhas idas à Associação Comunitária. Contar minha experiência nessa entidade ajudará a destacar o caráter excepcional da personagem que passo a apresentar a seguir. Em uma visita a casa do DJ Saúva, comentei que queria conhecer e conversar com mulheres que usavam o computador e então, ele, que é membro da Associação, bem pragmaticamente, aconselhou-me a participar de uma reunião que iria ocorrer em breve na Associação para a discussão de geração de renda e a possibilidade da reativação do grupo de costureiras. “Elas vão estar todas lá, vai e te enturma! Assim tu aproveita e conheces a Ivonete, a vizinha que o Mateus vive na casa pedindo emprestado o computador. Ela é uma das poucas mulheres que mexe, ou tenta mexer no computador.” A diretoria da Associação é toda feminina, conforme a fala do Dj Saúva: “é a mulherada que toca aquilo lá. Nós homens só obedecemos ordens mesmo...”

Compareci na Associação e conheci a presidente da entidade, a Dona Eva, senhora de 68 anos de idade, que há três anos preside a entidade, porém Ivonete não estava presente. Entretanto no local havia cerca de outras 15 mulheres que foram na Associação para a reunião sobre a costura. Apresentei-me, disse que estudava o uso do computador nas famílias e que gostaria muito de saber a experiência delas em relação ao computador, no final da reunião, porque não queria atrapalhar a atividade programada.

A reunião versou sobre as oportunidades existentes pela época (outubro, perto do natal) para a prática da costura e do artesanato. Elas gostariam de encontrar clientes que fizessem encomendas certas, para a confecção de algum produto, porém não queriam ter muitos riscos. O grupo relatou que já tiveram, em anos anteriores, péssimas experiências. Uma delas foi uma grande encomenda de pequenas árvores de natal recicladas a partir de garrafas pet. Apesar de entregarem o serviço no prazo e dentro dos

parâmetros encomendados, não receberam o que havia sido acertado, o que gerou muita frustração e desânimo entre as costureiras¹³⁸.

Na oportunidade, mostraram-me o prédio da Associação, a sua longa história e as muitas dificuldades existentes. A principal *batalha* delas é conseguir fundos para a reforma do prédio, que está com risco de desabamento. Inclusive duas cozinhas industriais doadas há mais de um ano, estão deteriorando-se devido à chuva e a umidade existentes no local, à espera da reforma e de algum projeto para sua implantação. A falta de infraestrutura também impede a criação de outros projetos sociais, como um telecentro, creche comunitária, oficinas diversas, etc. Por enquanto, conforme o relato da Dona Eva, a Associação está somente distribuindo cestas básicas através do Programa governamental Fome Zero, que será detalhado a seguir.¹³⁹



Associação do Morro da Cruz *Fonte:* Lucia Mury Scalco (25/11/2011).

¹³⁸ Como conheço uma professora universitária do curso de Moda e Design da Faculdade Metodistas de Porto Alegre (IPA), que além da atividade discente, realiza projetos de extensão com grupos de costureiras, fiquei de me informar se haveria alguma oportunidade para a Associação desenvolver em conjunto com a faculdade algum projeto ainda naquele ano para geração de renda.

¹³⁹ Essas cestas básicas já foram citadas no capítulo 2, pois o DJ Saúva é um dos membros da comunidade que participa da busca dos alimentos e da sua distribuição, que ocorre a cada 30/40 dias.

No final da reunião, introduzi, finalmente, o assunto do computador, perguntando se havia na Associação o equipamento ou se a Dona Eva tinha em casa. Ela respondeu:

Ih, esse não é o meu departamento. Eu não sei nada sobre isso. Na real, mal e mal sei escrever e ler. Nunca usei o computador, mas sei que é um equipamento que está mudando tudo. Mas a Ivonete sabe, a Ivonete é metida. Ela não tem cargo aqui na Associação, mas a gente faz tudo junto. Ela é responsável por quase tudo aqui. Tu vai ter que conversar com ela. Nós nos pegamos no pau às vezes, mas faz parte. Ela é fogo na roupa, mas é boa pessoa, muito batalhadeira. Ela tá fazendo o tal cadastro...

Insisti um pouco mais sobre o computador, e ela, com humor, respondeu:

Eu não sei nada dessa coisa de meio (referindo-se a *e-mail*). Eu sempre respondo nas reuniões que participo e que me pedem o meu meio que eu tenho pernas, braços e cabeça para oferecer, mas que infelizmente o tal meio esqueceram de me dar... Mas já tenho celular, tô aprendendo a mexer. Por falar nisso, pode colocar teu número de celular no meu telefone? Isso eu ainda não sei direito fazer...

Entrou na conversa a Dona Inah, 64 anos de idade, casada, 5 filhos, 8 netos e 2 bisnetos. É aposentada, trabalhou como doméstica *em casa de família* toda a sua vida. Há dois anos, começou a trabalhar na Associação e é uma das muitas senhoras que participa da diretoria da entidade. Ela contou que seus netos e filhos têm computador, que acredita que seja algo importante, mas isso não é para mim, não tenho interesse em aprender porque não quero usar. Com muita lucidez e lógica, explicou assim:

Já vivi sem energia elétrica até os 12 anos. Era tudo na base do lampião. Então, já tive muita novidade na minha vida que eu precisei me adaptar. Mas era uma vida bem diferente. Às vezes fico só imaginando meus netos vivendo antigamente... Hoje em dia eles reclamam de tudo. Se ficam sem luz, é uma tragédia. Pro pessoal lá de casa, um dia sem o computador e a internet, é um dia perdido na vida deles. Já ouvi da boca de um neto essa frase. Mas não pra mim. O que tem lá para mim? Nada me interessa. Prefiro mil vezes me informar ouvindo a rádio Caiçara, que fala as coisas daqui. Fofoca? Vou tomar chimarrão com as vizinhas. Melhor jeito de se inteirar das coisas. Pelo menos pra mim!

A conversa interessou Márcia, 32 anos de idade, doméstica e também membro da Associação, e sua filha adolescente, Mirielle, 16 anos de idade,

estudante, que escutaram a fala da Dona Inah e da Dona Eva e deram o seguinte depoimento: A mãe iniciou:

Compramos o computador há 1 ano, para dar de presente de 15 anos para ela (Mirielle), que preferiu o equipamento em vez da festa. Mas na verdade o computador é da família, pois a minha outra filha, de 14 anos, e o meu marido também usam. Ele aprendeu no serviço (porteiro noturno em um hotel no centro de Porto Alegre), fica à noite inteira mexendo. Já eu, confesso, tenho um pouco de dificuldade...

A filha interveio e, com carinho, começou a contar detalhes das dificuldades da mãe. Lembrou-se de um fato importante: a sua mãe, mesmo sendo jovem, pertence a uma geração que não teve oportunidade de aprender informática, pois as escolas não tinham computador, e a internet ainda não era tão popular, não existiam as lan´cs...

Fica difícil para a mãe aprender, porque lá em casa ela nunca tem vez, porque só ligamos o computador aos finais de semana e às vezes à noite, bem pouquinho, e daí tem uma fila de gente querendo usar. É que a conexão é linha discada e é muito caro. Mas a gente também não tem muita paciência para ensinar. (Rindo esclarece...) o problema é que ela é cega, não acha nada que está bem na frente, na tela. Passa me chamando para ajudar. Parece piada. E o *mouse*? Acho que tem medo de estragar, de pegar. Mas olha só, põe no teu estudo que só comprar o computador não adianta nada... Além de ter que saber mexer, é preciso também ter conexão descente. Eu já liguei pra Net, para fazer aquele plano de R\$ 39,50, mas eles não atendem esse bairro. Se o telefone toca, a internet cai. Outro problema é que sempre que ligamos o computador e o conectamos aparece a mensagem: é preciso fazer atualização nos programas, e daí a gente quer usar o computador e não pode, porque a máquina é fraquinha e não faz duas coisas ao mesmo tempo. Não pense que é fácil usar a internet aqui no morro. Baixar uma simples foto leva uma vida... Pode esquecer¹⁴⁰.

Marilda, uma senhora de 68 anos de idade, aposentada, mãe de 5 filhos, viúva, que até aquele momento só ouvia a nossa conversa, resolveu expressar sua opinião e contou que mora no mesmo pátio da filha, que possui computador. Ela disse que “não sabe ligar, mexer... Mas sei usar”. A sua neta

¹⁴⁰ A conexão discada – tecnologia superada, instável, que ocupa a linha de telefone e é cara por ser paga por hora – ainda é responsável por cerca de 6% dos acessos. Disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/internet/2011/05/20/aceso-a-internet-no-brasil-nao-cresce-desde-2008-aponta-pesquisa/#&panel2-1> Acesso em: 05/01/2012.

de 16 anos de idade lhe auxilia a conectar-se com os seus 3 filhos que moram fora de Porto Alegre. Nas suas palavras:

Antes era aquela dificuldade ter notícia, por telefone, orelhão. Depois veio o celular, que é caro, mas agora a gente pode falar e até ver pelo computador... É muita mudança, né? Com o computador dá pra conversar sem pressa. É muito bom, é uma bênção, une a família... Só não dá pra abraçar eles, por enquanto, quem duvida é louco, tantas coisas novas aparecendo...

Assim é possível perceber que, mesmo não sabendo “mexer”, as mulheres reconhecem que o computador trouxe mudanças para sua rede familiar, das mais variadas maneiras. Cabe agora nos aproximarmos de uma mulher que sabe muito bem “mexer” com o computador.

4.2 IVONETE: UMA LÍDER COMUNITÁRIA ANTENADA

Ivonete: Oi. Acabei de jantar. Pode falar?
21:15 eu: Oi, boa noite, sim, posso falar...

Os primeiros contatos que tive com Ivonete aconteceram virtualmente. O DJ Saúva lhe forneceu o meu endereço no *Google Talk*, e uma noite recebi o seu convite para conversar nesse programa de computador, anteriormente descrito, e que é muito usado no Morro da Cruz, por permitir que as pessoas se comuniquem oralmente, sem a necessidade de escrever. O primeiro convite que recebi era, portanto, para termos uma conversa oral, pelo computador, mas argumentei que a minha casa tem sempre muita gente e barulho e, que por questão de privacidade, eu preferiria conversar por escrito. Essa opção pareceu não agradar muito a Ivonete, porém ela avisou: “não vai repara os erros, tá? Eu não tenho estudo...” Respondi que o importante era o conteúdo, o que pareceu deixá-la mais tranquila. Contou-me que era muito ocupada e que surgiu uma reunião no centro e por isso não pode comparecer na Associação. Conforme suas palavras, é uma microempresária (tem uma oficina de costura), uma líder comunitária e que, além do trabalho desenvolvido na e para a comunidade do Morro da Cruz, é conselheira distrital de saúde

(representante do bairro Partenon) e também faz parte do Conselho Municipal de Saúde. Contou com orgulho (ressaltando o medo de andar de avião) que iria para Brasília na próxima semana para a assinatura de um convênio. Finalizando suas ocupações, lembrou que faz parte também do movimento MTD¹⁴¹: “Dá para ver que eu faço muita coisa, né”?

Depois dessa conversa inicial, criamos uma rotina de todas as noites conversarmos um pouco, então descobrimos que tínhamos muitas coisas em comum. Falávamos a respeito do tempo, de filhos, marido, novelas, doenças, política, até que por fim marcamos – depois de um mês – um encontro em um domingo para nos conhecermos “com calma”. Fui conhecer a sua casa. Fica próxima a casa do DJ Saúva, em um beco que ainda não está urbanizado, porém como a casa fica no início da lomba, próxima ao final da rua asfaltada, é de alvenaria (3 quartos, pátio relativamente grande na entrada e toda cercada por altos muros), é considerada para os padrões locais uma casa “muito boa”.

Ivonete, 45 anos de idade, é mãe de cinco filhos e já tem seis netos. Alta e esguia, Nete, como a chamam no Morro da Cruz, tem cabelos curtos e negros. Seu porte altivo comunica um pouco sobre sua personalidade: é ágil, confiante, decidida e séria. A impressão é de que ela sabe exatamente aonde quer ir, sem desvios. Não economiza nos gestos, expressando-se de maneira desembaraçada, com boa entonação convencendo a todos com a sua voz firme e grave, mostrando ser uma pessoa muito bem articulada. Em seu discurso, há todas as expressões que reconhecemos como o de uma fala militante: palavras de ordem como: “companheiros”, “união”, “participação” e “luta” são recorrentes em seu vocabulário. Sempre diz acreditar que todos os dias fazem diferença na vida. Os problemas sociais a angustiam. Não aceita injustiças e quer um mundo sem tanta diferença entre ricos e pobres, entre brancos e negros. Define-se como uma “costureira com muito orgulho.”

¹⁴¹ Conforme esclarece a dissertação de Machado (2009): *Demitidos da Vida, quem são os sujeitos da base do Movimento dos Trabalhadores?* O MTD é um movimento formado por homens e mulheres pobres da periferia originário das lutas políticas dos Movimentos Sociais dos anos 1990, destacando o MST (Movimento dos Sem Terra), que desdobrou-se através da luta pelos chamados 3 T: terra, trabalho e teto. O movimento nasceu no Rio Grande do Sul, mas atualmente já existe em outros 7 estados. A sua principal estratégia é a realização de marchas de protestos.

Conheci seu marido e os três filhos do casal. Pako, 19 anos de idade, desempregado, há três anos sem estudar. Ivonete comentou que ele esteve envolvido com o tráfico e com uso de drogas, mas agora está *recuperando-se*. Úrsula, 18 anos de idade, estudante do terceiro ano do segundo grau e o orgulho da família por sua dedicação aos estudos; e Marcelo, com 12 anos de idade, estudante. Ivonete contou que foi abandonada pelo primeiro marido grávida de 8 meses e com uma filha de 1 ano de idade. Mas logo após o nascimento da segunda filha, conheceu o Marcio, seu marido, alguns anos mais jovem do que ela. Apaixonaram-se, casaram, e ele assumiu as filhas dela. Nas suas palavras, sempre foram felizes, a não se pelos problemas *de nervos* e depressão que ambos sofrem.

O Márcio é pior que eu, já tá encostado (funcionário da Sulgás, empresa pública de gás do estado). Já o diagnosticaram com esquizofrenia, síndrome do pânico, bipolaridade, psicose, e por aí vai. Tem dia que é difícil. Pra mim o que ele tem é por causa da sua vida sofrida na infância. Márcio foi mendigo quando era pequeno. Ele tinha que sair pedindo nas casas para alimentar os seus irmãos menores. O pai era alcoólatra, a mãe não fazia nada, nem comia dava para os filhos. Os pais moram até hoje em São Borja. Mas não temos relações familiares com eles. Nunca me aceitaram, por eu ser mais velha e negra.

Direcionando a conversa para o início da sua vida, ela contou que, desde cedo, já trabalhava pesado, ajudando a família e que sempre foi costureira. Desde pequena, por volta dos 6 ou 7 anos de idade, já ajudava a mãe na confecção e no conserto de roupas para a sua extensa família, de 9 irmãos. Lembra que era com dificuldade que alcançava o pedal da velha máquina manual de costura. “Éramos muito pobres, vivíamos no limite, trabalhando duro na roça.” Quando ela fez 15 anos, o pai, cansado da lida no campo, resolveu mudar para Porto Alegre com toda a família, atrás de melhores oportunidades e estudo. Mas a experiência não deu certo. Um por um dos seus irmãos, e inclusive sua mãe, voltaram para o interior. Atualmente só moram em Porto Alegre o pai separado (que é vizinho da Ivonete) e uma irmã. Seu primeiro emprego na cidade já foi relacionado à costura. Era uma loja de ternos, e ela auxiliava a costureira-chefe. Sua carteira de trabalho é extensa, nunca ficou muito tempo nos empregos pois sempre lutou por seus direitos e pelos direitos dos colegas. Alegou que nunca conseguiu trabalhar de

doméstica ou de faxina, por considerar esse tipo de serviço muito humilhante: “nunca quis ficar lavando o chão de rico. Sou revoltada, não levo desaforo pra casa. A sorte é que costuro bem...”

Em razão de tanta interação *online*, já nesse primeiro encontro “em carne e osso”, parecíamos muito amigas e íntimas, pois já nos conhecíamos através das palavras e histórias trocadas... Muitos outros encontros sucederam-se¹⁴²: Acompanhei mais algumas reuniões da Associação, almoçamos juntas, tomamos café no centro, onde ouvi muitas histórias sobre a sua vida. A certa altura, me senti um pouco como se minha profissão fosse a de detetive, fazendo uma investigação policial, pois muitas eram as perguntas e questionamentos. Porém o constrangimento era só o da pesquisadora, porque Ivonete não parecia se importar. Ao contrário, admirava meu interesse pelos detalhes da sua vida. A sua história, como a de muitas pessoas do interior que vêm tentar a vida na cidade grande, é marcada por essa dicotomia campo/cidade, do sonho da volta à terra natal. Ao que tudo indica, Ivonete está quase conseguindo realizá-lo, pois depois de cerca de 35 anos trabalhando, conseguiu comprar um pequeno sítio na sua terra natal:

Um pedacinho de chão só meu, tô realizada. Não tem comparação o interior. É muito melhor do que morar em Porto Alegre. Lá as pessoas são mais apegadas, solidárias, são mais unidas, te dizem bom-dia, boa-tarde, boa-noite. Estou só esperando o meu marido se aposentar e me vou de vez para o interior. Vou agitar lá em Formigueiro (município onde nasceu).

Mais adiante, será abordado como o computador entra na vida pessoal e familiar de Ivonete. Primeiro, cabe esclarecer como o computador entra (ou é deixado de lado) nas atividades comunitárias que ela organiza.

¹⁴² Eu confesso que apreciei esses novos locais de encontro, longe da casa da Ivonete, porque a família possui vários cachorros e um, da raça pitbull, chamado Tigrão, é famoso na vizinhança por ser muito bravo. O detalhe tragicômico é que esse cão, por várias ocasiões, mordeu e comeu os fios do computador, para o desespero da família, que precisou gastar para o conserto e também porque ficaram alguns dias sem acesso à internet. O filho Pako me aconselhou ir *entrevistar* o tal cão para entender a sua raiva em relação ao computador...

4.2.1 Costurando Solidariedade?

Fui convidada para conhecer o local de trabalho de Ivonete. Ela, atualmente, é microempresária no ramo da costura. São cinco sócias, mas *no papel* só estão três, pois duas mulheres paraguaias, ex-apanadas, ainda não estão com a situação jurídica legalizada e não podem ter empresa no país. A ampla sala térrea, localizada no bairro periférico Campo da Tuca – que custa R\$ 500 reais de aluguel – abriga, além das diversas máquinas industriais de costuras, pilhas de aventais e lençóis hospitalares espalhados por todo o canto, um sentimento explícito de orgulho e também sonhos de ascensão e de independência dessas cinco mulheres, que pela primeira vez na vida, experimentam o papel de *donas* em vez de *empregadas*.

Enquanto conversávamos, Ivonete não parou nenhum instante de trabalhar. Calculo que dobrou e conferiu mais de 50 aventais cirúrgicos, que precisavam ser entregues em regime de urgência naquela manhã. “Somos uma facção¹⁴³, trabalhamos sob encomendas. Os aventais e lençóis já vêm cortados. Precisamos só montá-los e costurar.” Ivonete contou que elas estão vinculadas a uma OSCIP¹⁴⁴, integrante da Rede de Confecção Industrial Solidária (RCIS), Integram a Rede de Confecção Industrial Solidária (RCIS) que assessora as atividades econômicas de empreendimentos solidários¹⁴⁵, procurando a união de pequenos empreendimentos em forma de rede.

¹⁴³ A ideia de facção surgiu a partir da tendência de terceirização de serviços que vêm ocorrendo em todas as áreas. No caso da costura, o nome facção é empregado às empresas que fazem serviços exclusivamente para confecções. Não possui marca própria, estilistas, desenhistas, lojas, etc. A empresa oferece seus serviços a uma confecção de sucesso, que se tiver interesse irá contratá-lo para produzir suas roupas ou partes de sua roupa. Fonte: Sebrae/SC. Disponível em: <http://www.sebrae-sc.com.br/ideais/default.asp?vcdtexto=2658> Acesso em: 25/03/2012.

¹⁴⁴ Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, com sedes nas cidades de Porto Alegre e Caxias do Sul, a Guayí: Organização não governamental sem fins lucrativos. Fundada em julho de 2001, tem como origem o GEA – Formação e Assessoria Sindical, ONG criada em 1979, que atuava junto ao movimento sindical, trabalho rural e na luta pelos direitos da mulher. Disponível em: www.guayi.org.br. Acesso em: 13/04/2012.

¹⁴⁵ Desde 2003, o Governo Federal criou a Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), com o objetivo de coordenar atividades de apoio à Economia Solidária. A Economia Solidária propõe uma nova forma de organizar a produção, as relações de trabalho e o consumo, com o objetivo de: geração de renda, inclusão social e promoção do desenvolvimento justo e solidário. Disponível em:



Empresa da Ivonete *Fonte:* Lucia Scalco (15/11/2011).

A entidade tem financiamento federal do FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) e do Ministério da Ciência e Tecnologia. Essa instituição possui contratos com diversos hospitais de Porto Alegre (Grupo Conceição, Hospital de Clínicas, Pronto Socorro Municipal) e repassa as encomendas para diversas microempresas, entre elas, a que Ivonete é sócia. Porém elas estão vivendo um momento de muita *indecisão e angústia*, pois o contrato de 07 anos – firmado em 2005 – está expirando, e isso significa que a qualquer momento o trabalho pode ser interrompido, fato que preocupa demais Ivonete, pois ela sabe que elas não possuem outro cliente, só atendem a essa instituição que, conforme Ivonete, “mesmo nos explorando, é o que põe comida na boca dos nossos filhos...”

Independentemente da continuação ou não do projeto, as costureiras reclamaram muito da OSCIP. “No papel, a ideia é linda; no folheto, está escrito: costurando solidariedade, mas no dia a dia não é nada disso que acontece, porque falta informação, respeito e honestidade com a gente.” Elas se dizem

http://www3.mte.gov.br/ecosolidaria/secretaria_nacional_apresentacao.asp. Acesso em: 13/04/2012.

exploradas, pois por um avental que custa cerca tal de 7 reais aos hospitais, as costureiras - que montam e costuram (as peças já vêm cortadas) recebem menos de 2 reais. Também reclamaram muito dos atrasos para o recebimento do pagamento mensal do serviço prestado, da falta de informação (“vence o mês, as contas se acumulando, e eles nem para informar quando vão nos pagar! Isso quebra as nossas pernas, todo mês é a mesma novela pra receber”), de planejamento (Ivonete aponta para a pilha de aventais que está dobrando e protesta: “avisaram só ontem que teria esse serviço urgente”).

As relações de trabalho entre as sócias, a nível micropolítico, também são bem tensas e conflitivas. Ivonete contou com detalhes como era o ambiente de trabalho e como ela conseguiu virar sócia da empresa: “Tu não faz ideia como eu sofri pra conseguir esse grupo de costura. Tudo começou há 3 anos. Eu estava desempregada, procurando serviço, quando fiquei sabendo de uma vaga de costureira em uma microempresa no Campo da Tuca. O salário era bem baixo, mas achei que valia a pena por ser perto de casa (num aperto, sem passagem, se vai “de a pé” trabalhar). Comecei a trabalhar e vi que quem mandava na empresa eram duas mulheres da Associação Comunitária da Tuca, na real, mãe e filha. Não entendi bem o que se passava; cinco mulheres trabalhando feito escravas, sem direito a voz, tratadas aos gritos, sendo o tempo todo xingadas, humilhadas e ofendidas pelas outras duas. Depois me contaram que, na realidade, a microempresa era de todas. Não conseguia acreditar no que eu via.” Continuando com o seu relato:

O clima era muito pesado, todo mundo falando mal das outras pelos cantos. Não existia nada do que o folheto que te mostrei fala; solidariedade, autogestão, parceria, não sei mais o quê. Pelo contrário, o ambiente era péssimo, muito pior que as empresas que eu trabalhei. Se elas comprassem um pão, não dividiam contigo. Botavam no lixo e não te davam para ti... Mas logo percebi o que ocorreu. Simplesmente duas mulheres do grupo, se adonaram da empresa – e consideravam-se mais donas que as outras – inclusive na hora da divisão do dinheiro, roubavam das companheiras. Pensei comigo, isso não vai dar certo, eu não vou conseguir trabalhar aqui sem brigar. E não deu outra. Com somente três dias de serviço, as enfrentei. Comecei perguntando: quem és tu para humilhar as tuas colegas de trabalho? Primeiro lugar tu te olha no espelho, para depois tu falar isso. Tu é igual a gente. Se tá errado a costura, foi o grupo que errou e vamos assumir o erro em conjunto. Eu tô aqui para trabalhar, não pra ser humilhada ou pra ver humilhação das minhas colegas. Bom, ficou aquele clima, mas as outras viram que eu tinha razão e, aos poucos, as coisas foram se encaminhando, elas

começaram a se dar conta que era possível mudar e que elas tinham que batalhar pelos seus direitos.

E em pouco tempo fizemos nova empresa. As duas exploradoras saíram, uma não quis mais e, no final, ficamos em 5. Mas daí eu assumi o grupo e avisei, se vocês não querem mais essa vida para vocês eu faço aqui com vocês um pacto de sangue, pra defender umas as outras, com unhas e dentes e se unir. Agora o que importa é a parceria. Vamos conversar, vamos ser solidárias e defender as outras colegas. Caso vocês não saibam, isso aqui é nosso, temos que ser um grupo, ninguém mais vai dominar ninguém.

Nessa nova empresa, o ambiente de trabalho melhorou bastante, mas elas ainda possuem muitos problemas de relacionamento, gestão e autoridade. Ivonete definiu assim: “ainda tem maçã podre no cesto”, referindo-se a uma colega que “não trabalha, é preguiçosa e fofoqueira”. Ou seja, os conflitos pessoais continuam e é clara a liderança exercida agora por Ivonete nessa nova configuração da microempresa.

Ivonete contou que já chegaram a produzir cerca de 10 mil peças por mês, mas agora a produção caiu bastante: “*tem dia que nem vamos trabalhar, porque não tem o que fazer... A não ser esperar um contato deles. Estamos sempre assim, aguardando... Ou correndo feito agora.*” Ela disse que anda pesquisando na internet de casa (*quando me deixam entrar*), para procurar novas oportunidades dentro do ramo da costura, novos contratos, mas já viu que não é uma tarefa fácil, pois a preferência dos projetos e editais que ela achou são destinados para associações sem fins lucrativos e elas, que estão constituídas como uma microempresa, não podem concorrer.

4.3 PROJETO DASCRUZ: RENDA E CIDADANIA – PEDI PARA A MINHA GURIA ME AJUDAR...

Esse fato – de ser empresa – também afastou a Ivonete de uma oportunidade surgida para a Associação. O BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul) estava procurando algum brinde para distribuir aos filhos dos funcionários terceirizados do Banco no natal. A ideia seria adquirir um produto, vinculado a um projeto social, que gerasse renda para uma comunidade carente e, se possível, relacionado à preservação

ambiental. O desafio foi lançado para a faculdade de moda e design do IPA, que por intermédio da professora já mencionada, lembrou-se do meu pedido de trabalho para as costureiras do Morro da Cruz.

Foram muitas as reuniões que acompanhamos para a implantação do Projeto, que foi batizado de “DasCruz”. O grupo iniciou com cerca de 15 mulheres, mas por brigas, discussões e fofocas, no final, ficaram somente 10 mulheres. A Ivonete não foi chamada porque as costureiras do grupo argumentavam que ela não precisava, pois ela “já era rica”. Ela ficou muito aborrecida com a atitude das colegas e sempre que nos encontrávamos ela protestava por ser discriminada. “Viu que absurdo, depois de tudo que já fiz por essa comunidade? Só porque eu sei costurar e elas não?”

A escolha do produto e o desenvolvimento do protótipo foi algo bem trabalhoso. O banco BRDE colaborou com auxílio logístico e operacional para a implantação do projeto, testando diversas bolas, ajudando na escolha do tipo de tecido, nas cores e principalmente adiantando valores monetários para a compra do material. Ou seja, praticamente financiou a feitura das bolas. Depois de muitos “estudos”, as costureiras, com a assessoria da professora e o banco, optaram pelo desenvolvimento de uma bola de pano, multiuso e ecológica (para o enchimento, aproveitou-se o papel branco picotado, descartado pelo Banco). Foram encomendadas inicialmente 100 bolas.

Diversos tipos de modelos e matérias-primas foram testados para o projeto da bola. O inusitado foi que a solução para o impasse técnico que o grupo estava vivendo veio de uma costureira do grupo. Vera (44 anos), dona de casa, casada, mãe de duas filhas (uma já casada, com 1 filho, e a outra adolescente, *dona* do computador). Posteriormente ela me contou que “*ainda está pagando o equipamento* (comprado em uma loja de eletrodomésticos em 18 vezes). Ela chegou à reunião, esperou todos se sentarem e, com um sorriso no rosto (algo raro, pois é sempre muito séria), tirou de uma sacola duas bolas prontas, costuradas e com o molde no papel. Todos ficaram espantados, e ela perguntou: “É isso que vocês querem?” A professora universitária, que estava presente na reunião, ficou muito intrigada com o feito da Vera, que simploriamente explicou:

Até que foi fácil, pedi pra minha guria me ajudar a procurar na internet. Mas tem que ter paciência pra encontrar o que se procura, ficamos olhando um tempão... Até que achamos uma bola de pano parecida, mas não temos impressora. E agora? Pensei, pensei e daí eu coloquei o papel de pão em cima da tela, risquei o molde e acho que deu certo.

A professora estava cada vez mais espantada, pois explicou-me que é especificamente a modelagem de roupas uma das disciplinas mais complexas existentes no curso de Design e Moda. Completou a sua fala:

Hoje em dia, com a internet, a gente nem precisa saber mais modelar, tem tudo lá. Muita roupa de criança, bonecas de panos e bolas. (E sabendo que eu pesquisava sobre informática, me disse em um tom desafiador); eu posso não mexer no computador, mas até que sei usá-lo, não é?

O modelo da bola, bastante inventivo, foi surpreendente. Se pensarmos nos termos do historiador De Certeau (2008), o qual se refere ao protagonismo e à agência dos indivíduos nas chamadas “maneiras de fazer”, observamos um importante espaço para as soluções criativas praticadas pelas costureiras nas suas ações cotidianas. As costureiras conseguiram mais algumas encomendas e estão ainda ativas, procurando oportunidades e parceiros. O interessante foi que esse projeto específico, que tanto a Ivonete reclamou por não estar no grupo e participar, a ajudou a conseguir via CORAG¹⁴⁶ e o MTD, a verba tão esperada para a reforma do prédio da Associação.

¹⁴⁶ Companhia Rio-Grandense de artes gráficas. Notícia sobre a visita e o processo de doação da verba para a Associação. Disponível em:

http://www.corag.com.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=361:corag-stds-e-inclus%C3%A3o-produtiva&Itemid=135&lang=pt. Acesso em: 12/06/2012.



Fotos das bolas ecológicas. *Fonte:* Lucia Scalco (15/10/2011).

No burocrático processo para a obtenção do recurso, vários técnicos e políticos foram conhecer a Associação, e elas sempre, com muito orgulho, mostravam o projeto e a sala de costura com a produção. Ivonete falou: *“agora não distribuimos só alimentos, estamos gerando renda. Assim que o prédio estiver reformado, queremos ativar a cozinha comunitária e fazer um telecentro, que é o que o povo sempre me pede.”*



Festa para a entrega simbólica do cheque pelo governador do estado. *Fonte:* Ivonete (21/12/2011).

Ironicamente, apesar de ser um lugar central na vida da Ivonete, parece que o computador não faz parte da administração desse espaço. Sempre que podia, introduzia o assunto da informática. Das 15 mulheres, 4 tinham computador em casa, mas somente 2 (justamente as mais moças do grupo, 28 e 30 anos) usavam regularmente, ilustrando bem as estatísticas que apontam a questão geracional como um critério determinante na questão do acesso à informática¹⁴⁷.

Por exemplo, quando visitei a empresa de Ivonete, notei que lá havia um computador, porém a sua localização – no canto da parede, com 1.000 aventais e panos por cima – já demonstrava que não era muito utilizado. Perguntei se o equipamento estava estragado, mas a resposta foi não.

Como não tem internet, não tem serventia. Pra nós é muito caro a conexão, não dá pra ter mais essa despesa. Então, nem lembramos que ele existe. No início se tentou fazer o registro das peças, mas a verdade é que no caderno é mais prático. Todas as peças que entram, e que saem, a gente registra. Cada hospital tem um caderno próprio.

Entretanto, se o “caderno é mais prático”, para o controle da produção no dia a dia da empresa, a internet, fora do ambiente de produção, tem um papel fundamental em certos “avanços”, conforme será detalhado a seguir.

4.4 COMPUTADOR, CADASTRO E CONTROLE

Quando perguntei para a Ivonete o que considerava sua melhor obra, usando o computador, logo ela evocou o cadastro dos cerca de 350 beneficiários das cestas básicas distribuídas pela Associação. Para tanto, a seguir, resumo a operação logística que se repete a cada 30/40 dias e que

¹⁴⁷ “Os mais jovens acessam mais a rede mundial de computadores, assim como os mais escolarizados.” Fonte: IBGE, disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517. Acesso em: 10/04/2012.

demanda muito trabalho para os membros da Associação e, assim, poder situar e problematizar a importância que Ivonete imputa para o seu cadastro.

Os alimentos distribuídos são doados através do programa governamental Fome Zero¹⁴⁸. Elas conseguiram o que chamam de *benefício* há cerca de 2 anos, através do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), do qual Ivonete participa. Ela contou que ficou sabendo dessa oportunidade e logo inscreveu a comunidade do Morro da Cruz para participar. Os alimentos doados ficam estocados em um galpão em Viamão, e é preciso providenciar o frete, que é repassado para os participantes. Ou seja, todos os meses eles realizam uma *vaquinha* e cobram R\$ 5 reais por família.



Sacolas com os mantimentos advindos do Fome Zero, já preparadas para a distribuição.
Fonte: Lucia Scalco 25/11/2011.

¹⁴⁸ Fome Zero é uma estratégia do Governo Federal que objetiva a “erradicação da extrema pobreza e a conquista da cidadania da população mais vulneráveis à fome”. São ações planejadas e executadas entre todas as esferas do governo, e em alguns programas conta com a mobilização da sociedade civil. O Fome Zero atua a partir de quatro eixos articuladores: acesso aos alimentos, fortalecimento da agricultura familiar, geração de renda e articulação, mobilização e controle social. O carro-chefe do Fome Zero é o Bolsa Família, programa de transferência de renda destinado às famílias em situação de pobreza. Disponível em: <http://www.fomezero.gov.br/publicacoes>. Acesso em: 17/03/2012.

O caminhão é descarregado por voluntários, e então é preciso separar os alimentos e fazer as sacolas para a distribuição. Toda essa operação geralmente dura mais do que 24 horas, e as mulheres da Associação precisam inclusive dormir no local, para proteger os mantimentos. Elas se revezam em um grupos de 4 mulheres, e dormem no chão. No local, cozinham e jantam juntas, mas relatam que se divertem e riem muito nessa ocasião. Flávia, 32 anos de idade, nos relatou que, na última ocasião em que “fez plantão”, estava dormindo e que, de repente, pela janela, de madrugada, viu a mão de um homem puxando uma sacola com os alimentos. Pegou a vassoura e deu na mão do ladrão, que deu um grito e fugiu. “Nem com a gente dentro eles respeitam. Imagina se a gente deixasse a carga sozinha. Não ia sobrar um grão para contar a história.” Ivonete completou: “se tu soubesse a correria que a gente faz pra comunidade... E ainda tem gente que diz que a gente rouba. Isso sim magoa, a ingratidão. Não fazem nada, só atiram pedras na gente, na diretoria da Associação”.

Os critérios para a distribuição das cestas básicas também são uma fonte de conflito entre a direção e a comunidade, pois as famílias cadastradas precisam cumprir três exigências para receber o benefício:



Membros da Associação em momentos de sociabilidade.
Fonte: Lucia Scalco (25/11/2011).

- 1) Pagar a taxa de 5 reais (que, mesmo sendo um valor relativamente pequeno para toda a alimentação que recebem na cesta, Ivonete calcula que 80% das famílias têm dificuldades de pagar);
- 2) Participar das plenárias (reuniões na Associação), que acontecem de 15 em 15 dias;
- 3) Participar das marchas que o Movimento MTD (Movimento dos Trabalhadores Desempregados) patrocina ou participa.

Esses atos públicos, que Ivonete chama de *saídas*, ocorrem esporadicamente, não têm uma regra, dependem da época do ano e do que está ocorrendo na cidade. São protestos, adesões e/ou colaboração com alguma greve ou paralização, datas comemorativas..., explicou Ivonete:

As nossas pautas de reivindicações são as mesmas do movimento MTD: frentes de trabalho ligadas a geração e renda, educação, moradia, regularização fundiária e reassentamento urbano, renovação das cestas básicas, enfim, coisas pra gente protestar é que não falta. Pode ser algo bem rápido, em uma tarde, como às vezes pode durar o dia inteiro. Já precisamos ficar acampados 3 dias no parque Harmonia. Sempre tem ônibus e alimentação (almoço coletivo ou lanche conforme a necessidade). Na última marcha, no dia 26 de março, foram 3 ônibus lotados para o centro. Fomos ao Palácio Piratini e a Prefeitura, para dar uma força pra CUT e para o Sindicato dos Metalúrgicos.

A informação sobre essas *saídas* é repassada nas reuniões quinzenais e sempre são colocados cartazes na Associação, especificando a data e o horário. Ivonete conclui que o meio melhor é a “*comunicação boca a boca mesmo*”, já que das 350 famílias cadastradas, ela calcula que não chegue a 10 o número de famílias que possuem computador com internet. “*São os pobres que a gente atende*”. A família que não participa ou que não manda algum representante, em três reuniões e/ou marchas, perde o direito à cesta básica.



Passeata em apoio ao sindicato dos metalúrgicos. Fonte: Paulo (31/08/2011).

Ivonete é bem clara e decidida quanto a esse critério. Ela explica:

Quem não participou de nada, nem precisa aparecer para pegar o rancho. Se for, já sabe que não vai levar nada e ainda vai ouvir desaforo. Podem falar o que quiserem, não recebe a cesta básica. Não é justo, as pessoas precisam participar, não podem só querer ganhar tudo de mão beijada. Custamos a conseguir esse benefício, é pra comunidade, mas tem que fazer por merecer ajudando a protestar, participando das marchas. Temos até uma pessoa encarregada de cuidar as crianças, pras mães poderem participar. Chama Ciranda. Isso não serve de desculpa. Se tá desempregado, sem fazer nada em casa, vai fazer nada na passeata, ajudando o movimento. Pra voltar é bem simples, é só voltar a participar pra ter direito as nossas conquistas!

Depois que fez o cadastro, Ivonete revelou que ficou muito mais fácil controlar o que chama de *burocracia*. “Levei mais de três dias, catando milho... e com uma mão só (ela é canhota e não sabe digitar com a mão direita)”, mas conseguiu. Mostrou-me o arquivo¹⁴⁹, uma tabela feita no *word* com nome completo, RG, idade, endereço e o número de moradores na casa.

¹⁴⁹ Ivonete tem consciência do valor do seu trabalho e demonstrou uma grande confiança nos disponibilizando-a para a pesquisa. O seu cadastro, por possuir endereço e informações sobre as famílias beneficiadas, é muito cobiçado pelos políticos que atuam naquela região. Mas ela o

Primeiro eles preenchem uma ficha cadastral, no papel, mas depois ela passa para o computador, pois, de posse das listagens, consegue acessar rapidamente as informações sobre a família, se estão em dia com a contribuição e também o histórico da participação nas manifestações. Ela também não tem impressora, imprime em casa de um amigo ou em uma *lan house*. Concluiu: “O computador agilizou a minha vida!” E finalizou a nossa conversa, com a seguinte reflexão:

O computador para o pobre ajuda muito, abre portas. Pra mim confesso que não foi uma porta e sim um portão de ferro, que foi e é ainda difícil, pesado e custoso de abrir, mas, costumo dizer que nada nessa vida é impossível. Eu sou a prova...

4.5 O COMPUTADOR NAS DINÂMICAS FAMILIARES

4.5.1 Ivonete em Casa: Conversando com o Dr. Google

Ivonete contou que já tem computador há três anos e que recentemente aderiram a um pacote da GVT, que vem com internet, telefone e televisão. Pagam cerca de 130 reais. Quis saber quais os usos que ela faz do computador, então respondeu:

Quando o equipamento chegou da loja, pensei: e agora? O que eu faço com isso na minha vida? Como isso pode me ajudar? Confesso que até hoje é difícil... As crianças morrem de rir de mim, mas eu tento, não desisto. Não importa quantas vezes eles precisam repetir a mesma coisa, é assim, é assado. Cansaram de me chamar de burra, porque esqueço, e depois torno a repetir a pergunta... Bom, até que um dia entra na minha cabeça. Já sei fazer várias coisas, internet, google, gravar meus arquivos, mandar *e-mail*...

O computador fica na sala, e estávamos todos conversando tranquilamente quando perguntei sobre os usos e as regras para o acesso. O

quer longe deles. Nas suas palavras: “eles têm inveja do trabalho que realizo na comunidade, ficam abismados com a minha organização e da maneira que trato as pessoas. Eles têm muita confiança em mim, eu não posso deixar que eles fiquem a mercê desses políticos”.

ambiente agitou-se. Todos falavam e acusavam-se ao mesmo tempo. Ivonete disse que foram muitas e muitas brigas e disputas. Dia de semana, já está resolvido o problema, pois entraram em consenso. A família desenvolveu uma tabela com os horários (Ivonete foi até a cozinha e me mostrou a folha, que fica na geladeira com os horários de cada filho). Como o filho menor estuda à tarde, o tempo dele é pela manhã, das 8:00 às 11:30. A Úrsula, que chega da escola perto do almoço, tem permissão de uso até às 19 horas. Após é a vez do irmão mais velho, que *troca os dias pelas noites*. Mas, completou Ivonete,

Eles ainda reclamam, porque a preferência geral, até minha, é de usar o computador à noite, pois é nessa hora que os amigos estão online, quando há mais coisas que aparecem para se resolver. Mas o bixo pega durante os finais de semana. Normalmente o Pako se adona do computador e não aceita emprestar. Já se pegaram muitas vezes a pau aqui dentro. É de enlouquecer. Admito: várias vezes arranquei os fios do computador e saí porta fora. A regra é essa: se não conseguem se entender, ninguém vai usar.

Ivonete contou que uma das coisas que mais gosta de fazer no computador é pesquisar sobre doenças.

Se eu estou sentindo uma dor nas costas, dei uma tossida diferente, senti uma tontura que apareceu do nada ou quero entender um o resultado de um exame que nem parece em português... Procuo o DR. GOOGLE! Ele não cobra consulta! E detalhe, me atende na hora!

Ela faz parte das estatísticas¹⁵⁰ que apontam para essa prática que está tornando-se cada dia mais popular: a de recorrer ao famoso *site* de buscas para pesquisar sobre os mais variados tipos de problemas de saúde; suas causas, sintomas e tratamento, além de auxiliar no entendimento dos resultados de exames. A rede mundial de computadores tornou-se uma enciclopédia de termos médicos.

Ivonete já teve câncer no colo do útero e afirmou ter sido tratada no Hospital Santa Casa entre os anos 2001 e 2005. Naquela época, ela não tinha

¹⁵⁰ O Brasil é o quinto país que mais pesquisa sobre saúde na internet (atrás da Rússia, China, Índia e México). O estudo global, publicado em 2011 pelo Instituto Ipsos, em parceria com a London School of Economics, revela que cerca de 86% dos internautas brasileiros disseram buscar assuntos de saúde. Apenas um quarto deles, no entanto, certifica-se de que a fonte é confiável. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/saude/buscas-sobre-saude-na-web-geram-fenomeno-da-cybercondria-3876357>. Acesso em: 14/04/2012.

acesso ao computador, e por isso recorda-se que teve uma atitude bem passiva em relação a sua doença e ao seu tratamento: “eu não sabia nada, chegava lá, e eles faziam o que queriam em mim, sem me explicar nada. E mesmo que falassem, eu não entendia nada, não tinha conhecimento...” Porém, essa situação é bem diferente nos dias de hoje, pois agora ela pesquisa, lê e se informa. Nas suas palavras: “o Dr. Google é o melhor médico que existe. Sei muito mais sobre câncer agora, que já tô curada, do que antes, quando eu tive essa doença braba”.

Exemplifica os benefícios da internet, relatando o exemplo ocorrido recentemente com sua vizinha. Essa senhora, depois de muitas consultas e exames, recebeu o diagnóstico de que seu filho tinha a doença denominada lúpus. Como a família não tem computador, a vizinha procurou a Ivonete para auxiliá-la a informar-se¹⁵¹. Leram o que conseguiram sobre as causas da doença, seus sintomas, tratamento, etc. Para a próxima consulta, Ivonete acredita que a tal vizinha irá *com tudo explicadinho*, e assim estará mais preparada e segura para conversar com os médicos. Para ela, há um claro empoderamento e uma diminuição da tradicional assimetria na relação médico e paciente, pois, conforme suas palavras, “eles (os médicos) vão ver que ela não é qualquer uma, que ela tem conhecimento sobre o assunto também... Porque só eles podem saber e nós não”?

Importa ressaltar que, muito antes das consultas pela internet, as pessoas sempre buscaram informações fora do hospital e do consultório (com parentes, amigos e vizinhos). Assim, para além do circuito médico, a curiosidade é quem faz os pacientes recorrerem a informações de outras pessoas sobre determinada doença, bem como ouvir diferentes opiniões de outros profissionais.

No entanto, agora, para muita gente, basta um clique no Google e as dúvidas sobre saúde são esclarecidas. Não tem como garantir se a resposta é correta, confiável, e esse é um grande problema alegado pelos médicos, uma vez que a internet é fonte de informações, embora muitas delas nem sempre sejam verídicas. De fato, ao digitar a palavra lúpus, no Google – doença

¹⁵¹ Pesquisas recentes têm demonstrado que as mulheres buscam mais informação sobre saúde na internet do que os homens, uma vez que é delas, em geral, a responsabilidade com a saúde dos membros da família (GARBIN et al., 2008).

pesquisada recentemente pela Ivonete – aparecem cerca de 47.800.000 *sites* em que o nome da doença é citado. Na lista de resultados, há páginas do Ministério da Saúde, de hospitais, de médicos especializados, estudos acadêmicos, grupos de pacientes portadores da doença¹⁵², porém, em meio às informações de fontes seguras, a pessoa que faz a busca corre o risco de ler textos elaborados por leigos, sem qualquer fundamentação teórica, ou de laboratórios farmacêuticos, que possuem interesses econômicos em vender remédios.

Perguntei a Ivonete como ela faz a escolha dos *sites* para ler as informações, e ela respondeu que apesar da confiança depositada na internet, ela sabe que tem muito *furo*, e não sabe dizer um nome específico de um *site* de pesquisa médica:

Vou na intuição, procurando só as boas informações; eu vejo a cara do site, se me parece confiável, e – lógico – em português, eu leio. Escolho sempre os primeiros da lista, geralmente abro a segunda opção que aparece. Mas não tem regra fixa, porque leio um pouco aqui, daqui a pouco já pulo pra outro *site*, e tudo aquilo vai se juntando. Meu jeito de pesquisar é esse; simplesmente jogo no google e saio lendo... Se eu continuo com duvida, pego até meu dicionário e descubro a resposta certa. Eu pesquiso todos os tipos de doenças para ver quais são contagiosas, do que vem essa doença, se tem cura e quais as precauções que se deve tomar.

Aqui faremos uma pequena pausa na nossa etnografia para comentar a reação a esse novo “uso popular” do computador. Esse tipo de comportamento divide as opiniões dos médicos. Há os que não se importam, argumentando ser um direito do paciente; outros não aprovam, temendo ansiedade, automedicação e, com ironia, defendem a ideia de que a melhor pesquisa na internet que um paciente pode fazer é a de procurar o nome de um bom médico para se consultar. Porém, conforme as estatísticas já apontadas, essa prática é um caminho sem volta.

¹⁵² Não cabe nessa tese aprofundar esse tema, apenas gostaríamos de ressaltar que existem muitos casos de formação de grupos sobre doenças, formados a partir da internet: são as chamadas comunidades virtuais, novo fenômeno que reúne doentes e familiares portadores de diversas patologias, principalmente as doenças crônicas, raras ou estigmatizadas em *sites* que chegam a ter milhares de pessoas reunidas para o compartilhamento de informações.

Estudos mostram como essa prática já está modificando e interferindo na relação médico-paciente. Por exemplo, a pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz denominada: “a internet, o *paciente expert* e a prática médica” (GARBIN et al., 2008) constata que o crescente volume de informação disponível na internet e o aumento do nível educacional das populações tem feito surgir um novo ator: o *paciente expert*, aquele que busca informações sobre sua doença, sintomas, medicamentos e tratamento. Concluem que essa prática tem potencial para modificar a relação médico-paciente, que tradicionalmente se baseia na assimetria de informações. Ou seja, a informação buscada na internet eleva o poder decisório do paciente, o empodera, e isso ajuda a questionar o tradicional modelo paternalista, cujo poder de decisão estava nas mãos dos médicos, e ao paciente restava a aceitação da autoridade e do conhecimento médico.

Portanto a informática e o computador têm potencialmente a capacidade de interferir na histórica relação médico-paciente e também na relação do paciente com a sua própria doença e com os medicamentos do seu tratamento. Ou seja, a história de Ivonete nos leva a ver como os usos criativos do computador, o “*agency*” do usuário pode provocar rearranjos nas hierarquias de poder, provocando reações ambivalentes das autoridades desbancadas.

4.5.2 Um Recurso de Poder Dentro da Família

Queremos agora ampliar a discussão sobre algo já evocado por Ivonete: o computador e a distribuição de poder dentro da família. Os dados e a etnografia realizada apontam para uma proeminência e um protagonismo da juventude em relação às novas tecnologias, que se confirmam também nas classes populares. (POCHMANN, 2004; SOARES, 2004). De fato, muitos adultos são resistentes ao uso das novas tecnologias, porém alguns se esforçam e conseguem aprender. Encontramos em campo poucas mulheres mais velhas usuárias regulares do computador, mas percebemos que todas as mães ou responsáveis pelas crianças ou pelos jovens entendem perfeitamente a importância e a preponderância que o computador e o acesso às redes sociais

possui para suas vidas e o usam, conforme veremos a seguir, como uma ferramenta de poder.

Desde a sua aquisição, o computador é uma moeda de troca dentro da família. Normalmente – esse presente caro, comprado e mantido com muito sacrifício – é dado em ocasiões especiais, como aniversário de 15 anos ou no natal. Também sua aquisição pode estar vinculada a algum feito, como um prêmio: passar de ano, voltar a estudar, prometer estudar mais, comportar-se melhor, ficar longe das drogas, etc. Mas, mesmo depois de adquirido, segue sendo um instrumento regulador e de controle.

Algumas mães usam o computador como prêmio ou como castigo, de acordo com o comportamento dos filhos: “se tirar nota boa na escola, pode ficar até mais tarde...” ou ao contrário, “computador só nos finais de semana”. Outra estratégia usada é só deixar as crianças e os jovens usarem o equipamento depois de ajudarem com as tarefas da casa: lavar a louça, varrer o pátio, arrumar o quarto, fazer o dever de casa, tomar banho, etc. Além disso, quase todas as mães com as quais conversamos alegam que apreciam e sentem-se mais seguras quando os filhos ficam dentro de casa jogando, longe, conforme as suas falas, “do perigo das ruas ou das más companhias que frequentam as lan´ s houses (importante lugar de sociabilidade juvenil e um dos poucos espaços de lazer disponíveis nos bairros periféricos)”.

4.5.3 Conflitos em Torno do Computador Compartilhado

Podemos dizer que o PC das classes mais abastadas é, nos grupos populares, algo próximo a um CC (Computador Compartilhado¹⁵³): pois o mesmo equipamento é compartilhado com irmãos, pai, mãe, padrasto,

¹⁵³ Na nossa pesquisa, utilizamos a sigla CC para enfatizar o compartilhamento do equipamento, porém existem diferentes interpretações para a sigla. Para Lemos (2003), CC é um computador conectado, ressaltando que o computador com internet nos remete a era do que denominou “conexão generalizada”, tornando o computador uma máquina de comunicação. Também CC é usado como sigla de Creative Commons (LESSIG, 2004), tipo de licença para conteúdos abertos e um modelo alternativo para tratar dos direitos dos criadores/autores de conteúdos para a internet.

madrasta, avós, tios, primos, vizinhos e amigos, e que ao ser objeto de desejo por todos, incluindo aí a variedade na idade, gênero, escolaridade, conhecimento sobre informática e no tempo disponível –, torna-se alvo de disputas e conflitos. Isso ocorre porque, se o computador é compartilhado, o seu uso não é. Cada um tem interesses particulares¹⁵⁴.

Como determinante para o acesso às novas tecnologias, existe a teoria que classifica e divide o mundo entre “nativos” e “imigrantes digitais”¹⁵⁵. Conforme Marc Prensky (2001), educador norte-americano – que cunhou essas expressões para classificar e compreender o corte geracional sobre o acesso e uso das novas tecnologias – os chamados “nativos digitais” são os que pressionam a família para adquirir um computador e são eles que detêm quase exclusivamente o seu uso. Jovens e crianças nascidas nas últimas décadas cresceram imersas na tecnologia (internet, vídeo-games, CD’s, celulares, etc.) e naturalizam e incorporam facilmente essas tecnologias, não se sentindo intimidadas diante do computador, por exemplo. Já os adultos e pessoas de idade mais avançada geralmente aprenderam e se formaram em um mundo analógico e possuem, portanto, uma relação de estranheza e sentem-se inseguras quando o assunto é tecnologia. Dessa maneira, esses adultos sentem-se inseguros tanto por falta de paciência em aprender quanto por não conseguirem entender claramente o funcionamento lógico desses novos equipamentos. Pela teoria do autor anteriormente citado, são considerados “imigrantes digitais”.

O pesquisador Balardini (2004), abordando essa questão, aponta que as

¹⁵⁴ Certa ocasião um rapaz (30 anos), primo e compadre da família pesquisada, ao saber que estudava inclusão digital, comentou: “*dona, pra ti eu não posso mostrar o que eu gosto de ver na telinha...*” Não entendi a provocação, e pedi para ele explicar. *Ele rindo respondeu: “acesse o sofá que tu vais saber do que estou falando”.* (Fomos conferir e, de fato, esse site existe e faz parte da pornografia *online*, que é uma indústria muito lucrativa). Segundo Parreira (2010), que pesquisa o tema dos vídeos pornôns na internet para sua tese de doutorado, a cada ano aumenta o uso da rede como meio de veiculação desse tipo de representação – basicamente filmes e fotografias, mas podendo ser veiculada através de desenho ou em texto – que genericamente chamamos de pornografia e que engloba questões polêmicas como pirataria e direitos autorais, e também questões moralmente inaceitáveis na sociedade contemporânea como a pornografia infantil/pedofilia. Só para dar uma ideia geral do peso que a pornografia na internet possui, Parreira (2010) cita algumas pesquisas qualitativas que apontam que cerca de 40% das atividades realizadas *online* envolve algum conteúdo pornográfico, as palavras *sex* e *porn* aparecem como algumas das palavras mais procuradas no Google, e 35% de todos os downloads realizados envolvem pornografia.

¹⁵⁵ Disponível em: www.marcprensky.com. Acesso em: 20/06/2010.

relações entre as gerações estão cada vez mais assimétricas, e ele acredita que seja pelo o acesso e o uso da tecnologia, que desempenha um papel cada vez mais fundamental. Conforme o autor, depois da introdução da tecnologia cibernética na vida doméstica, pela primeira vez na história, uma nova geração é capaz de usar a tecnologia melhor do que seus pais. Ou seja, são os jovens e as crianças que estão ensinando seus pais a mexer e operar com os aparelhos tecnológicos, o que traria uma nova configuração de poder dentro das famílias.

De fato, nas classes populares, é bem claro o corte geracional, e os jovens são os incentivadores da aquisição e uso do computador, bem como seus maiores usuários. Porém, mesmo sem saber usar, os pais e responsáveis entrevistados reconhecem a importância desse novo meio de comunicação/socialização, na vida das pessoas, e isso inaugura uma série de negociações, trocas e conflitos que favorecem ora uma geração, ora outra..

Nas famílias pesquisadas, que só possuem um computador, observamos que existem diferentes regras para o seu uso, que oscilam entre normas explícitas como: “tem direito ao computador quem chegou primeiro; computador só nos finais de semana...” a uma ausência momentânea de normas ou controles, os quais aumentam o risco dos conflitos familiares, como na fala de uma mãe: “Cansei de briga, decidi não vou mais me meter, eles que se virem...” Mas em geral nas famílias observadas, o exercício do poder é algo flexível e negociável, tendo como parâmetro as regras que respeitam os valores hierárquicos da família – como o dever moral dos mais jovens respeitar e obedecer aos mais velhos – o que acaba priorizando o seu uso por parte dos irmãos maiores e do sexo masculino. A queixa geral é que eles são privilegiados e por isso “se adonam” do computador e não deixam ninguém mais usar.

Também outros familiares, amigos e vizinhos têm prioridade por *serem visita*, conforme protestou o pequeno Alan, de 10 anos de idade, que sempre tem que sair do computador para dar lugar a sua tia. A seguir apresentaremos algumas falas emblemáticas – a maioria de jovens reclamando do compartilhamento do equipamento –, retiradas do diário de campo, para ilustrar alguns desdobramentos desse conflito nas relações sociais da família.

- Eu tenho que dividir o computador com o pessoal lá de casa. Eu sonho em ter um pc só meu.
- Lá em casa, a gente divide a tapa o pc, com irmãos, tios e agora até meus pais querem mexer.....
- Alguém pede o pc emprestado "rapidinho" pra olhar uma coisa... E depois não desgruda mais? Chato né?
- Eu odeio quando tô bem empolgada, no Msn, no Orkut e chega alguém pra me tirar...!
- Meu irmão, minha prima, minha mãe ficam horas no pc e não me dão chance de usar - Você vai no banheiro, beber água e, quando volta, já tem alguém no seu lugar
- Eu morro de ciúmes do meu PC, mas tenho que emprestar. Pro meu irmão, pro meu pai, amigos no final de semana. Todos querem entrar na internet.
- Meus irmãos ficam dizendo: ah, você já está aí faz bastante tempo, agora é a minha vez e blá, blá blá...
- Computador é que nem namorado. Não se empresta pra ninguém.
- Detesto que fiquem pedindo meu PC. Tu sabe, né? O pior vírus que existe é o vírus "amigo" aquele que entra, não sai nunca mais e desconfigura tudo...".

Também ouvimos uma mulher dizer que gosta do computador, porque agora o marido para mais em casa do que na rua. *“Ele fica horas e horas trancafiado no quarto, mexendo no computador. Fazendo o quê? Boa coisa que não deve ser... mas eu não ligo, é só com os olhos. Ele é homem, todos gostam de olhar.”* Essa fala é particularmente interessante porque aponta uma flexibilização das normas de uso do computador. Nessa família, a pornografia foi citada como algo condenável e proibido, porém era permitida para os membros masculinos da família. Teoricamente ou moralmente, a pornografia e a curiosidade que os homens alegam em acessar esse tipo de conteúdo não fazem parte, não são moralmente aceitas como uma boa conduta, enfim, não é permitido ao universo feminino, pelo menos para as chamadas *mulheres direitas...* Em várias oportunidades que indagamos sobre a frequência e o acesso a *sites* com conteúdo pornográfico, criou-se um grande constrangimento nos informantes, o que nos levou a restringirmos essa questão e só abordá-la depois de alcançarmos um nível de intimidade que permitisse uma conversa, ou se a pessoa livremente tocasse no assunto pornografia.

4.5.4 Privacidade, Isolamento ou Sociabilidade Familiar?

Outra reclamação/preocupação recorrente dos pais é sobre o isolamento que os filhos querem para usar o computador. Antes de adentrar questões de privacidade e/ou isolamento, existem alguns detalhes operacionais e logísticos que nos interessam, por exemplo, a difícil decisão: onde colocar o equipamento na casa? Lembramos que um dos principais problemas existentes nas casas visitadas é a escassa disponibilidade de espaço físico, o que complica ainda mais a difícil escolha de onde *botar o computador*; se na sala, ele concorre com a televisão, e todos perdem privacidade; no quarto, conforme veremos nas reclamações, incomoda quem quer dormir, além de o computador ajudar a isolar o usuário, surgindo assim, novos conflitos.

Não é o nosso objetivo colocar a TV e a internet em uma competição para ver quem é o melhor, mas vale a reflexão que uma senhora fez acerca do uso do computador¹⁵⁶ e da televisão:

Mil vezes a televisão. Tá certo que brigavam pelo canal, mas dá pra várias pessoas assistirem TV ao mesmo tempo. Já no computador não dá para duas pessoas acessarem a internet ao mesmo tempo. Tem os jogos, mas é algo mais individual aquela telinha, eu acho.

Outra senhora do grupo das costureira confessou que prefere muito mais a TV porque assim ela fica por dentro das notícias locais, assiste as novelas: *“é mais perto da gente, entende, diferente da internet, onde se pode ir a outros lugares do mundo... Mas olha, eu não tenho o mínimo interesse. Minhas coisas são todas daqui”*.

Refletindo sobre a preferência dessa senhora pela televisão e as novelas, é interessante dialogar com o estudo de Leal (1986): *“A leitura social da novela das oito*, que reconstruiu como a novela era assistida, entendida e reelaborada por parte de grupos que se diferenciavam social, econômica e culturalmente nos anos oitenta. Este estudo foi importante por que a autora

¹⁵⁶ Nos EUA, a internet já superou a TV e, aqui no Brasil, esse fato já ocorre, porém só para os jovens das classes A e B, conforme mostra a pesquisa da Datafolha 21001, que aponta larga vantagem da internet (43% a 26%). Já na classe C, a realidade é outra: a TV tem 33% da preferência contra 21% e nas classes D e E, são 42% para a TV e só 10% para a rede.

abordou o universo da televisão (mais especificamente a novela) através do polo da recepção da mensagem, procurando mostrar o processo de absorção da novela, suas práticas e significados na vida cotidiana das pessoas, objetivos que a presente tese também comunga. Porém a realidade está mudando pois :

- 1) Nas residências que já possuem computador (com internet), a televisão está perdendo a centralidade e/ou o *status* hegemônico na família;
- 2) Nas classes populares, a televisão aberta está começando a sentir a concorrência da opção da TV paga¹⁵⁷, o que traz novas opções de programação, destacando os seriados americanos, que concorrem com as novelas. Especificamente sobre as novelas, agora também existem novas opções, com diferentes emissoras de televisão produzindo novelas, ou seja, não existe só a opção da novela das oito da Rede Globo, que imperou hegemônica por muitos anos na sociedade brasileira nesse horário;
- 3) Estamos vivendo a chamada era da convergência digital. Especialistas apontam que, em breve, a televisão e o computador serão um só equipamento (conforme exemplo relatado no Capítulo 3, do DJ Saúva instalando uma placa no velho computador da sua filha, para ela poder assistir à programação da TV aberta).

Essa escolha, portanto, já inaugura e determina algumas consequências. Isso porque as famílias organizam seus espaços de acordo com suas disponibilidades, necessidades e dinâmicas particulares que estão, obviamente, *amarradas* com as questões econômicas; como a quantidade de computadores existentes na casa, o tipo de conexão ou até mesmo questões transversais que impactam na disputa do computador, por exemplo, a falta de dinheiro para atividades ligadas ao lazer, fazendo os membros das famílias

¹⁵⁷ Com as prestações cada vez mais acessíveis (já existem pacotes custando cerca de R\$ 30 reais), a tendência é que aumente a penetração dessa tecnologia nos grupos populares. Especificamente no Morro da Cruz, já existem várias antenas que acessam a programação via satélite. Já a opção da TV por cabos, não existe em função de a região ser inviável economicamente.

ficarem mais tempo em casa.

Implícito nessa questão está o temor de alguns pais em relação aos conteúdos que os filhos menores estão acessando, bem como a quantidade de tempo despendidas pelos mesmos na frente do equipamento¹⁵⁸.

As falas a seguir ilustram bem esses conflitos:

- Não tenho privacidade. Às vezes quero conversar sobre coisas minhas, com meus amigos e logo vejo que meu irmão ou meus pais ficam lá, atrás de mim, bem pertinho, bisbilhotando tudo que a gente fala no MSN (Grace, 17 anos de idade, filha do DJ Saúva).
- Eu nem de madrugada posso entrar, minha mãe vive pegando no meu pé, quando eu estou no MSN, ela sempre inventa algo e fica olhando o que eu estou fazendo, como se eu fosse fazer algo errado no PC, matar, usar drogas e outras coisinhas pela tela do computador. Não é fácil, tenho já 15 anos! Antes o pc ficava no meu quarto, mas agora ela colocou na cozinha para me monitorar mais (Paulo, 16 anos).
- Meu computador é da marca Positivo. Na real, deveria se chamar negativo. É horrível, e faz um barulhão. Não posso usar escondido, até apanhei por que usei sem autorização do meu pai (Leticia, 16 anos de idade).

Todo esse rigor e controle normalmente não são bem aceitos pelos filhos, que interpretam como um abuso de autoridade. Porém, para além desses conflitos constitutivos do convívio familiar, o que encontramos em campo é a utilização criativa desse instrumento; o que concorre em afirmar que os usos do computador não poderiam ser avaliados como um elemento desfavorável ou prejudicial.

Ou seja, contrariando o recorrente discurso demonizador sobre os malefícios do computador e da tecnologia – existente tanto na mídia como em correntes de pensamento que Ribeiro (1999) descreveu como tecnofóbicos - entre muitos problemas apontados, está a acusação de que o computador é um componente externo na família, com mensagens alienantes e superficialidades; e que interromperia a comunicação familiar - o que se

¹⁵⁸ Apesar das preocupações e da farta bibliografia e reportagens alertando sobre os malefícios do uso exagerado sobre o computador, a quantidade de tempo gasto com o uso do computador continua aumentando em todo o mundo, e o Brasil é um dos países onde as pessoas em média passam mais tempo na frente do computador.

observa, porém, é o oposto. Naturalmente há casos extremos, de adolescentes “viciados”, que conforme alguns relatos, passam muitas horas jogando ou imersos nas redes sociais. Tal aspecto provavelmente seria problemático para qualquer jovem, de qualquer classe social. Mas, o que gostaríamos de salientar, é que o computador, ao tornar-se um CC, algo coletivo, produz diversos momentos de sociabilidades, nos quais as pessoas precisam se entender, negociar tempo e por isso mesmo se comunicar.

4.6 NOTAS FINAIS: A COSTURA DA PRÁTICA INFORMACIONAL

Neste capítulo, o objetivo foi dar ênfase às multiplicidades de experiências que, principalmente entre as mulheres e os demais membros da família (filhos, pais e avós), existe para acessar o computador. Ao tomar a família e os usos dessa tecnologia como lócus privilegiado de observação, procuramos entender, de maneira mais focalizada, as estratégias e os mecanismos agentivos em um espaço privado, que inquestionavelmente é atravessado e constituído por relações sociais de poder.

De fato, em uma primeira leitura dos dados de campo, é possível falar que a tríade, pobreza, gênero e geração, é condicionante estrutural para a exclusão digital das mulheres mais velhas no Morro da Cruz; ou seja, por serem pobres (não podem comprar bons computadores ou pagar boas conexões para a internet); por serem mulheres (convivem com uma histórica submissão e discriminação na sociedade e nas famílias); e por serem mais velhas (não cresceram na era digital), são excluídas. Poderíamos supor que as mulheres continuam subjugadas ao controle masculino e/ou coniventes com uma posição de submissão.

Mesmo se os jovens sabem “mexer” melhor no computador, as suas mães e avós ainda exercem considerável autoridade sobre esse instrumento, podendo impor distintas regras de uso. A geração adulta possui em geral os recursos econômicos para comprar e garantir manutenção do computador. Assim, podendo “tirar o fio” ou deixar de pagar a conexão internet, tem uma

forte moeda de troca na sua barganha por poder de controle sobre a geração mais moça.

O PC pode ser *disputado a tapa*, mas, a partir de nossos dados etnográficos, sugerimos que propicia mais comunicação que isolamento entre os membros da família. Já é comum dizer que é em torno dele que os jovens se socializam. Agora, porém, percebemos que, ao lado dos jovens, os demais membros da família também se apropriam e vivenciam o computador cotidianamente. Nesse sentido, tal como se manifesta dentro dos bairros populares, o computador pode ser visto com algo que reforça a importância das redes tradicionais de interdependência, propiciando, dessa forma, a “união familiar”.

5 EXCLUSÃO SOCIAL + INCLUSÃO DIGITAL = INCLUSÃO DESIGUAL¹⁵⁹?

A Mosca ou a Aranha?

O que pode um escritor dizer sobre um tema como aquele que nos é proposto: A Globalização da Tecnologia em Informática? Ocorreram-me várias coisas enquanto pensava no assunto. (...) Preocupa-me a maneira como estamos cedendo à tentação de olhar a tecnologia como solução global para os nossos múltiplos males. Muito de nós acreditamos que é a técnica que vai nos salvar da miséria. Essa crença nos deixa vulneráveis a uns tantos vendedores de produtos mágicos. O futuro não seria apenas melhor – como diz o slogan – mais fácil, tão fácil como digitar um teclado. Para sermos como eles, desenvolvidos, basta preencher uns tantos indicadores nos critérios de consultores e, num ápice, entrarmos no clube.

(...) Enfim, a web é uma rede, mas também uma teia. Nessa teia, a que voluntariamente aderimos, seremos a aranha se tivermos estratégia ou seremos a mosca se nos mantivermos pensando com a cabeça dos outros. (MIA COUTO, 2005)

O nosso objetivo com a pesquisa é o entendimento das práticas e apropriações pelos membros das classes populares à chamada cultura digital, porém a contextualização da esfera macro socioeconômica – que intervém na sociedade através das políticas públicas – é um item importante, uma vez que são essas políticas que balizam, regulam, conformam e influenciam esse processo. Acreditamos que essas informações mais técnicas e macropolíticas ajudam a adensar o entendimento do fenômeno, uma vez que, ao serem confrontado com os dados empíricos levantados pela pesquisa, dão contornos mais definidos à questão informacional. Outra questão importante é a ideia de que essas políticas possam ser revistas à luz do material etnográfico trazido nessa tese.

¹⁵⁹Título da reportagem sobre inclusão digital. Disponível em:

<http://www.aredo.inf.br/inclusao/acontece/4954-inclusao-desigual>. Acesso em: 11/06/2012.

Os termos (exclusão/inclusão) precisam ser utilizados com cuidado, pois são de entendimento ambíguo uma vez que há visões teóricas conflitantes e múltiplas para defini-las. Em certo sentido, são “*armadilhas*”. O termo “*excluído*”, por exemplo, corre o risco de ser uma categoria definida inteiramente em termos de suas características negativas, reificando pré-noções e preconceitos, negando com isso qualquer positividade no modo de vida da população economicamente inferior (FONSECA, 2006, p. 21). Porém, acreditamos que são jargões já consolidados no campo das Políticas Públicas, com quem a Antropologia precisa dialogar.

Este capítulo está focado, portanto, na apresentação das políticas públicas referentes às questões informacionais dirigidas para as classes populares, bem como os dados estatísticos e o discurso hegemônico sobre os benefícios da chamada “inclusão digital”, processo encarado como essencial para a “inclusão social”. O tema tem sido tratado – tanto na mídia quanto pelo governo, nas propagandas, em ONG’s e até mesmo na produção acadêmica, não só como um fator-chave da competitividade econômica no atual sistema capitalista globalizado como também um fator essencial para a diminuição de desigualdades entre países, regiões e indivíduos. Como vimos na introdução, a ONU inclusive propôs que os países deem *status* de infraestrutura básica para as tecnologias de conexão¹⁶⁰, similar à energia ou à água, além de criar, conforme será visto, um novo direito universal: o direito de não ser excluído da sociedade de informação.

Sem a pretensão de esgotar tão vasto assunto, apresentaremos dados sobre o acesso à internet no mundo. Veremos que os números mostram que a chamada “exclusão digital” acompanha o mapa de redistribuição de renda existente no planeta. A seguir, apresentaremos uma reflexão acerca da realidade nacional, dessa vez sobre as políticas governamentais do país, a saber:

- 1) Programa um computador para todos;
- 2) A política de incentivo ao *software* livre;
- 3) O combate à pirataria digital;
- 4) O programa de banda larga em implantação no país.

Por fim, à guisa de uma conclusão que dê conta da complexidade da rede que vai compondo a realidade que pesquisamos, apresentaremos uma aproximação com a teoria sociotécnica, de Bruno Latour, para problematizar o complexo campo de disputas existente no mundo da informática. Por meio da descrição da compra e do uso do computador (por parte de uma família moradora do Morro da Cruz) e de um desenho ilustrativo da rede que denominamos de rede sociotécnica da Dona Ruth, objetivamos sublinhar a

¹⁶⁰ Disponível em: <http://www.onu.org.br/onu-defende-status-de-infraestrutura-basica-para-servicos-como-internet-e-telefoniamovel/>. Acesso em: 07/07/2012.

proposta deste capítulo: a de mostrar que, quando utilizam o computador, os usuários conectam-se a toda uma rede de instituições, bens e redes sociais (de serviço e de sociabilidade), composta por pessoas e máquinas, interagindo em um campo social, que, conforme o sociólogo do centro de pesquisas Cidade do Conhecimento da Universidade de São Paulo, Schwartz (2010) mistura entretenimento, sexualidade, cidadania e identidade.

5.1 EXCLUSÃO DIGITAL E POBREZA

Conforme dados oficiais, amplamente divulgados na mídia, o mundo, com uma população mundial estimada em 7 bilhões de habitantes, já possui mais de 2 bilhões de internautas. E apesar de o mercado de informática estar em expansão, cerca de 5 bilhões estão fora da Sociedade de Informação. Castells (2005) alerta que está surgindo uma nova classificação no mundo, qual seja a divisória digital, um mundo dividido entre os que têm e os que não têm acesso à rede mundial de computadores.

Como veremos a seguir no mapa, sobre a distribuição da internet pelo mundo, os internautas não estão espalhados de forma homogênea. A América do Norte e a Europa concentram os dois maiores grupo de usuários. Somados, os dois continentes representam mais de 70% do total da estrutura global da rede, seguida da Ásia que possui cerca de 15%, e a África com somente 9%. A imagem usa pontos coloridos para representar a distribuição e é expressa em números de endereço IP (número de identificação exclusivo).

Mapa mundial de usuários da internet. *Fonte:* Consultoria IPLigence¹⁶¹.

A UIT – União Internacional das Telecomunicações¹⁶² – divulgou que o

¹⁶¹ Disponível em: <http://www.ipligence.com/visitor-maps>. Acesso em: 26/07/2012.

¹⁶² Mapa da Inclusão Digital. Disponível em: http://www.cps.fgv.br/cps/bd/mid2012/MID_sumario.pdf e The World in 2010 – ICT Disponível em: <http://www.itu.int/ITU-D/ict/material/FactsFigures2010.pdf> Acesso em: 11/06/2012.

número de usuários da internet no mundo dobrou entre 2005 e 2010. Porém, como a outra face da moeda, a chamada “exclusão” aumentou, uma vez que a diferença entre os países ampliou-se. Isso porque em 2005, 50% das pessoas de países desenvolvidos tinham acesso à internet, frente a 9% dos internautas do continente africano e dos países árabes e, passados 5 anos, em 2010, mais de 70% da população dos países desenvolvidos têm internet, e só 18% têm acesso nos países árabes e africanos. Nesse sentido, em vez de trazer desenvolvimento, pode-se interpretar esses dados argumentando que a internet aprofunda a dimensão de exclusão, pois aumenta as distâncias entre os “incluídos e excluídos”. E são reveladores do efeito acumulativo da exclusão, isto é, o digital se soma e se superpõem a outras exclusões, econômicas, políticas e culturais, entre os países e dentro deles.

Do ponto de vista antropológico, a opção “desenvolvimentista” – que defende uma agressiva modernização tecnológica – é uma opção problemática, uma vez que essas políticas implantadas posteriormente a Segunda Guerra Mundial tiveram efeitos desastrosos na cultura e na economia do terceiro mundo. Nesse sentido, vale o alerta de Escobar (2005), que, ao analisar as relações políticas e macroeconômicas entre países ricos e pobres, (que agora incorporam o incentivo à cibercultura como um item prioritário nessa pauta) questiona-se: para as sociedades do Terceiro Mundo, há outras possibilidades de inclusão ou participação nas conversações e processos tecnológicos que estão transformando o mundo? Como podem os movimentos sociais na Ásia, África e América Latina articular políticas que lhes permitem participar das ciberculturas sem que se submetam de todo às regras do jogo? Poderá os grupos do Terceiro Mundo acessar as novas tecnologias a partir de uma forma mais autônoma? (Tradução minha)

5.2 MAPA DA “INCLUSÃO” OU DA “EXCLUSÃO” NO BRASIL?

A Fundação Getúlio Vargas,¹⁶³ em parceria com a Fundação Telefônica, realizaram uma pesquisa para mapear os mais diversos tipos de acesso à tecnologia digital e revelaram que, no Brasil, já são 33% o percentual de pessoas que têm acesso à rede em suas casas, o equivalente a um terço da população total. Isso põe o Brasil em 63º lugar entre os 158 países mapeados pela FGV, porém ficando atrás, por exemplo, de países como o Uruguai (57ª) e do Chile (53ª). O líder é a Islândia, com 94% de domicílios conectados. A taxa média de acessos no planeta é de 33,49%, número bem próximo ao do nosso país. Observa-se entre os estados da federação uma desigualdade muito acentuada, conforme a tabela a seguir:

¹⁶³ Disponível em: <http://cps.fgv.br/telefonica>. Acesso em: 07/07/2012.

**Ranking do Acesso por Unidades da Federação
Computador e Internet no Domicílio (%)**

		Computador			Computador com Internet
1	<i>Distrito Federal</i>	66.48	1	<i>Distrito Federal</i>	58.69
2	<i>São Paulo</i>	56.9	2	<i>São Paulo</i>	48.22
3	<i>Santa Catarina</i>	54.03	3	<i>Rio de Janeiro</i>	43.91
4	<i>Rio de Janeiro</i>	52.82	4	<i>Santa Catarina</i>	41.66
5	<i>Paraná</i>	48.96	5	<i>Paraná</i>	38.71
6	<i>Rio Grande do Sul</i>	48.14	6	<i>Rio Grande do Sul</i>	36.76
7	<i>Espírito Santo</i>	44.44	7	<i>Espírito Santo</i>	36.73
8	<i>Minas Gerais</i>	41.62	8	<i>Minas Gerais</i>	32.64
9	<i>Mato Grosso do Sul</i>	38.42	9	<i>Mato Grosso do Sul</i>	30.72
10	<i>Goiás</i>	37.31	10	<i>Mato Grosso</i>	28.92
11	<i>Mato Grosso</i>	37	11	<i>Goiás</i>	28.9
12	<i>Rondônia</i>	31.67	12	<i>Rondônia</i>	24.88
13	<i>Amapá</i>	28.64	13	<i>Rio Grande do Norte</i>	22.07
14	<i>Roraima</i>	28.5	14	<i>Bahia</i>	21.3
15	<i>Amazonas</i>	27.95	15	<i>Pernambuco</i>	21.28
16	<i>Rio Grande do Norte</i>	27.9	16	<i>Sergipe</i>	21.27
17	<i>Sergipe</i>	27.28	17	<i>Acre</i>	21.13
18	<i>Acre</i>	26.93	18	<i>Paraíba</i>	19.45
19	<i>Pernambuco</i>	26.37	19	<i>Roraima</i>	18.94
20	<i>Bahia</i>	25.62	20	<i>Amapá</i>	18.01
21	<i>Paraíba</i>	24.04	21	<i>Amazonas</i>	17.53
22	<i>Tocantins</i>	23.74	22	<i>Alagoas</i>	17.42
23	<i>Alagoas</i>	22.18	23	<i>Tocantins</i>	17.21
24	<i>Ceará</i>	21.01	24	<i>Ceará</i>	16.25
25	<i>Pará</i>	20.53	25	<i>Pará</i>	13.75
26	<i>Piauí</i>	17.39	26	<i>Piauí</i>	12.87
27	<i>Maranhão</i>	15.16	27	<i>Maranhão</i>	10.98

Fonte: CPS/FGV processando os microdados do Censo/IBGE

O campeão da conectividade é o Distrito Federal, com mais de 50% de pessoas inseridas na web, depois estão os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina estão entre 40% e 50%; Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, entre 30% e 40%; e os demais possuem menos de 30% conectados. No ranking dos piores está o estado do Maranhão, com cerca de 10% das residências com computador e conexão em casa.

A pesquisa também mensurou a conexão entre os municípios e constatou que São Caetano (SP) possui 74% e está no topo do ranking e Aroeiras, no Piauí, tem zero de conexão. Outro dado interessante disponibilizou é o da diferença de acesso dentro das cidades. O Rio de Janeiro, por exemplo, possui locais que acompanham os índices dos países nórdicos

(os campeões do acesso), como a Barra da Tijuca, mais de 90% das casas conectadas, contrastando com os 20% de casas com computador e internet que é a média das favelas cariocas.

Continuando com os dados disponibilizados, quando o critério é classe social, “enxerga-se” que usar a rede ainda é algo predominantemente para os mais abastados e com mais escolaridade, pois 90% das residências da classe A têm computador e conexão; já nas casas da classe E, o índice é de apenas 2,5%. Ou, dito de outro modo, de cada 10 lares com computador e acesso, 7 localizam-se nas residências dos mais ricos.

A pesquisa analisou também os motivos principais de as pessoas não acessarem a Internet no Brasil: fazendo a seguinte indagação:

Principal motivo pelo qual não utilizou a Internet nos últimos 3 meses	
Não achava necessário ou não quis	33,14%
Não sabia utilizar a Internet	31,45%
Não tinha acesso a microcomputador	29,79%
O custo de um microcomputador era alto	1,76%
Outro motivo	1,52%
O custo de utilização da Internet era alto	0,40%
O microcomputador que usa em outro local não estava conectado à Internet	0,31%
Total	100%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados do suplemento PNAD/IBGE

Conforme o relatório:

“O principal motivo para a falta de uso da internet é a falta de necessidade ou interesse, abarcando 33,1% dos sem internet. (...) Isto significa que quase dois terços das pessoas em idade de uso da rede não o fazem por falta de demanda intrínseca, seja pela falta de interesse ou de conhecimento. O custo de ter um computador, 1,76% ou a falta de um computador, com 29,8% não constituem o principal impeditivo para o uso da rede. Portanto, políticas de redução de impostos de máquinas e equipamentos, utilizadas no país, possuem impacto limitado. O custo alto de serviço de internet, com 0,4%, ou a falta de ligação com a internet, com 0,31% constituem motivos ainda menores para a falta de uso pelos usuários.”

(Mapa da Inclusão Digital, 2012, p. 32).

Ao longo desta tese, foi possível perceber que essas conclusões do relatório da Fundação Getúlio Vargas destoam em alguns itens de nossa pesquisa etnográfica sobre o tema, pois a maioria dos nossos informantes

reclamou dos altos custos para se ter, conectar e manter um computador. Existem outros indicadores que a “falta de interesse” sublinhado no relatório FGV como “motivo para não conectar-se”. Dados do PROCON¹⁶⁴, que, por exemplo, apontam como campeões de reclamações contra as companhias de telecomunicações e seus serviços para a internet, o que foi confirmado por meus dados etnográficos.

Em suma, sugerimos que os dados estatísticos – tão importantes para planejadores de políticas públicas – simplificam a complexidade do processo e mostram-se insuficientes para o entendimento da dinâmica social envolvida na questão. Outros pontos preponderantes estão em jogo além da máquina. O número de usuários que aquele computador atende bem como a qualidade do acesso (baixa ou alta velocidade), e o tempo efetivamente disponível para o usuário “navegar”. Em outras palavras, não é suficiente contar o número de computadores, é preciso entender quais são os seus usos.

Contudo, antes de voltar uma última vez para esses usos (no caso de Dona Ruth), trago agora um resumo das políticas públicas que mais apareceram na nossa etnografia.

5.3 AS POLÍTICAS PÚBLICAS VIVENCIADAS

5.3.1 O Programa “Um computador para todos”

O Projeto Cidadão Conectado - Computador para Todos é um Projeto que faz parte do Programa Brasileiro de Inclusão Digital do Governo Federal, iniciado em 2003, no primeiro mandato do Governo Lula. Objetivava facilitar a compra de computadores para a população de baixa renda. O portal do programa¹⁶⁵ aponta como premissa que:

¹⁶⁴ Disponível em: <http://www.senado.gov.br/NOTICIAS/JORNAL/EMDISCUSSAO/banda-larga/mercado-telecomunicacoes/reclamacoes-no-procon.aspx>. Acesso em: 15/07/2012.

¹⁶⁵ Disponível em: <http://www.computadorparatodos.gov.br/>. Acesso em: 10/07/2012

(...) o cidadão dispunha de uma solução informática, em sua residência, que lhe permita, de modo simples e rápido, conectar os fios periféricos, ligar o equipamento a tomada e, imediatamente, acessar as facilidades disponibilizadas. O Projeto prevê ainda que todo cidadão, que adquirir o Computador para Todos, terá o direito a suporte, tanto para atendimento técnico (problemas com *hardware*, defeitos de fabricação, etc.), como para o uso dos aplicativos.

O Programa incentivou a indústria – via redução de impostos – a produzir computadores mais baratos e acessíveis. E mesmo os fabricantes que não participaram diretamente dessa iniciativa reduziram os preços para responder a uma demanda de mercado que denominam de PC Popular. No entanto, a redução de impostos do governo impôs um conjunto de requisitos mínimos de *hardware* e de *softwares*, entre eles o da utilização de *softwares* livres, próximo item a ser apresentado. O pacote oferecido pelos fabricantes são computadores com sistema operacional Linux e mais 26 *softwares* livres instalados para as mais diversas atividades. De acordo com a avaliação de Marcelo Branco¹⁶⁶, da Associação Softwarelivre.org, o programa é uma experiência pioneira e importante por oferecer em massa a venda de computadores com *software* livre diretamente do varejo para a casa dos cidadãos.

Porém, como vimos nos nossos dados etnográficos, boa parte das pessoas não permanecem com esse sistema operacional depois da compra. A ABES (Associação Brasileira Empresas de Software)¹⁶⁷ divulgou uma pesquisa para avaliar o programa Computador para Todos. Os dados apontam que 73% dos entrevistados trocaram o sistema operacional livre pelo Windows da Microsoft, quase sempre pirateado, e a mudança ocorre, em média, 31 dias após a compra do equipamento. Várias são as explicações para a preferência dos usuários por programas já conhecidos: praticidade, rapidez, etc.

Mesmo tendo em vista que a já referida pesquisa realizada pela ABES seja uma pesquisa dirigida e encomendada por uma entidade com claros interesses econômicos, não podemos ignorar o fato de que quanto mais usado

¹⁶⁶ Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/2006/01/22/computador-para-todos-amplia-software-livre-no-brasil/>. Acesso em: 15/07/2012.

¹⁶⁷ ABES representa a Microsoft, que desde o início fez críticas ao programa. A entidade e a empresa argumentam que cabe ao comprador o "direito de escolha" do sistema operacional e aplicativos. Fonte: Inclusão Digital: Windows pirata domina micro popular. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr2911200622.htm> Acesso em: 20/01/2009.

é um produto, mais fácil é sua comunicação, e maior é a sua abrangência pelo número de produtos compatíveis.

Outra leitura sobre a polêmica entre *software* proprietário, livre ou pirata, o mercado informal pode favorecer e reforçar o mercado formal. Por exemplo, o uso do sistema operacional da Microsoft, o Windows, em alguns aspectos é beneficiado com a pirataria porque quanto mais pessoas usam o padrão Windows, maior é o efeito rede, o que o torna mais valioso e permite que a Microsoft cobre mais por ele. Nesse sentido, conforme aponta a pesquisa realizada nos Estados Unidos, a pirataria pode ser vista como uma forte ação de marketing e/ou como uma estratégia para aumentar as suas vendas (BROERSMA, 2006), pois esses programas tornam-se referência, criando também publicidade gratuita.

Para facilitar o entendimento de alguns importantes detalhes técnicos, a seguir conceituo alguns termos que fazem parte do jargão da informática, baseando-me principalmente na dissertação de Guerrini (2009), sobre o *Software Livre*.

5.3.2 A Opção pelo *Software Livre*

Os componentes básicos do computador são o *hardware* (memória, CPU ou unidade central de processamento, unidades de entrada de dados e unidades de saída de dados) e o *software* (coleção de programas com a função de operar e controlar o computador através dos sistemas operativos e as programações). Programação, para os profissionais da computação, significa escrever linhas de códigos, em determinada linguagem de programação, de maneira que esses códigos descrevam um conjunto de operações a serem realizadas pelo *hardware*. No início da era da informática, era comum que, ao escrever os códigos de um *software*, o programador os disponibilizasse aos colegas, para colaboração, revisão, a fim de que acrescentassem algo, etc. (GUERRINI, 2009).

Porém, algumas empresas viram nesse tipo de conhecimento uma

oportunidade de negócios e começaram a vender essas programações, esses *softwares*. E essa possibilidade – de transformar esses códigos em propriedade privada – implicou em uma reorganização social de todo o trabalho existente na atividade de programação. Na década de 1970, o mercado de *softwares* tornou-se independente do de *hardware*, com a venda de programas em separado.

Surgia assim o chamado *software* proprietário. Quando se compra um *software*, realiza-se uma troca comercial e juridicamente baseia-se em um contrato de licença de uso (significa que o que se compra, no caso de um bem informacional como o *software*, não é o produto em si, mas uma permissão de uso). Como o *software* é algo que pode ser facilmente copiado, distribuído e modificado sem perder a qualidade original, devido à sua natureza digital, as empresas, que objetivam lucro na sua comercialização – começaram a criar restrições, tanto técnicas quanto jurídicas, para impedir que o consumidor distribísse cópias do programa, inibindo assim, os chamados *Softwares Piratas*.

Na década de 1980, surgiu um movimento de resistência, para tentar preservar a prática de compartilhar códigos, surgindo assim o *Software Livre*, que segundo a definição da FSF (*Free Software Foundation*), é qualquer programa de computador que pode ser usado, copiado, estudado e redistribuído sem restrições. É importante destacar que o conceito de livre se opõe ao conceito de *software* proprietário, mas não ao *software* comercial, pois estes também visam abastecer o mercado (GUERRINI, 2009).

O posicionamento assumido pelo governo brasileiro em relação à informática é aparentemente de total apoio e defesa do *software* livre, que foi compreendido e encampado como estratégia não só para a economia de recursos públicos (conforme dados disponibilizados pelo governo, até 2008, mais de 370 milhões de reais foram economizados), mas também como ponto de apoio para a geração de novas oportunidades para pequenas e médias empresas brasileiras. Vários são os exemplos de instituições públicas que migraram para o *software* livre, para diferentes aplicações, como o Banco do Brasil, Serpro, Embrapa, Dataprev, Exército, Aeronáutica, Caixa Econômica Federal, Radiobrás, Tribunal Regional do Trabalho da 4ª região, Banrisul, etc.

Para Vianna (2005), a questão da implantação do *software* livre é a

batalha política mais importante que está sendo travada hoje nos campos tecnológicos, econômicos, sociais e culturais. Representa um novo modelo de produção e de geração de conteúdo por estimular a difusão do conhecimento livremente e por ser uma alternativa tecnológica para a barreira que representa a propriedade intelectual na questão da produção dos *softwares*. O principal exemplo é a própria internet, que não é propriedade de ninguém. Os protocolos que a fazem funcionar são de domínio público; ninguém paga *royalties*, nada é patenteado. Além disso, existem os movimentos como o do *Creative Commons*; (a produção de forma aberta), a enciclopédia *Wikipédia* e *Comunidade mundial do Software Livre*, construídos dentro dessa plataforma que apontam para outra lógica que não a de mercado, operando a partir da ideia do direito à informação e ao conhecimento, com base no conceito de *commons*. Estes, conforme Benkler (2007), são recursos utilizados em comum por uma determinada comunidade, sem o uso exclusivo de ninguém. Todos os membros da comunidade podem utilizá-los, sem necessidade de permissões de acesso.

Porém, apesar dos avanços do movimento do SL, esse ainda sofre muitos obstáculos na sua implementação, devido principalmente à desinformação, ao monopólio do Windows vigente e à conseqüente falta de recursos humanos qualificados para a sua utilização. Reproduzo, a seguir, um trecho da Carta de Porto Alegre – a Inclusão Digital no Brasil (2006), que expressa o posicionamento dos participantes do evento, patrocinado pela Associação do Movimento do *Software Livre*.

No Brasil, olhando desde a realização da primeira Oficina de Inclusão Digital, em 2001, é difícil construir uma análise negativa, mas tampouco se pode dizer que alcançamos as metas que propusemos. Avanços notáveis se deram no campo da construção do discurso. O *software* livre foi compreendido por setores importantes do governo brasileiro como estratégia não só para economia de recursos públicos, mas também como ponto de apoio para geração de novas oportunidades para pequenas e médias empresas brasileiras. A inclusão digital está em discursos e ações pontuais de vários ministérios, mas nenhuma ação concertada nacionalmente está em curso. O país desperdiça tempo, faz investimentos de pouca monta, e a participação na economia do conhecimento pode estar sendo relegada a um segundo plano e reservadas às elites (Carta de Porto Alegre, 2006).

Como contraponto ao discurso dos benefícios em se usar o *Software*

Livre, estão as dificuldades que os usuários encontram nessa nova ferramenta, já detalhada pelos nossos informantes, em especial no Capítulo 3 e também, a seguir, no próximo exemplo etnográfico da Dona Ruth, essa questão será retomada. Mas o argumento mais comum é: *uso Windows, como todo mundo*. Podemos imaginar que se criou um padrão Windows e é esse padrão que normalmente o usuário procura, não importando se esse *software* é pirata ou não.

5.3.3 As Diferentes Leituras acerca da Pirataria Digital¹⁶⁸

*Nunca tantos copiaram tanto em tão pouco tempo*¹⁶⁹. Com o desenvolvimento das novas tecnologias de reprodução e as infindáveis possibilidades existentes de troca de arquivos, qualquer material (filme, *softwares*, CD de música, programas de TV, livros) enfim, praticamente tudo pode ser obtido, digitalizado, copiado, compartilhado e disponibilizado imediatamente. E o que é mais incrível: de graça na rede.

Tanto a indústria do entretenimento (o cinema e a música) quanto a indústria de *softwares* têm seu desempenho comercial afetado pela pirataria¹⁷⁰. Em resposta, pressionam e cobram do governo federal rigor no combate a essa prática. A repressão da prática da pirataria na rua é ainda possível, porém pode-se considerar essa repressão como um ato simbólico, uma vez que, de fato, é na internet, conforme veremos a seguir, que estão ocorrendo as maiores

¹⁶⁸ A produção de bens piratas é muito variada, chegando a diferentes setores da indústria. Tratamos de forma genérica o chamado mercado da pirataria digital – ou seja, tudo que pode ser digitalizado (*games, softwares, músicas, filmes, livros, etc.*) – sem detalhar suas especificidades. Ressalto que cada um desses campos possui consumidores, produtores e mercado totalmente distintos e que estão, porém, vivendo um período de transformações nos seus respectivos modelos de negócio.

¹⁶⁹ Disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI4200864-EI4802,00-Pirataria+de+software+no+Brasil+migra+para+internet.html>. Acesso em: 12/07/2010.

¹⁷⁰ Fonte: Música e cinema se unem contra a pirataria. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1204200725.htm>. Acesso: 10/02/2009.

violações à Propriedade Intelectual¹⁷¹. E essa prática é muito mais difícil de ser controlada/fiscalizada e apreendida.

Contudo, a nossa pesquisa indica que a simples abordagem jurídica do problema não é suficiente, uma vez que nunca a Propriedade Intelectual foi tão protegida (com prazos estendidos e legislação abrangendo tudo) e desrespeitada como atualmente. Considerado um fenômeno global em razão de sua abrangência, a pirataria digital é instigante, do ponto de vista antropológico, por ser revelador e apontar para questões, como: quem são essas pessoas que estão consumindo pirataria? (Existe o componente geracional, de classe ou gênero?), ou quais outras opções teriam para acessar esse mesmo material? Elas se reconhecem como infratores? Qual a diferença entre acessar um conteúdo digital direto do computador, comprar através da mediação do camelô ou receber de um amigo?

Ampliando o olhar sobre a questão, pode-se ainda observar que a prática da pirataria está na fronteira de dois direitos basilares da sociedade ocidental. Isso torna a questão ainda mais complexa e, por vezes, ambígua: o direito à informação (cultura, entretenimento/conhecimento) e o direito de autoria (propriedade intelectual). A pirataria, conforme Ortellado (2007), quando voltada para o consumo popular, tem a característica de oferecer acesso a bens culturais digitais. Além disso, o referido autor aponta:

Não se trata de um mercado que estava atendido anteriormente pela indústria tradicional, e que se esvaiu com a pirataria. O combate à pirataria para os setores populares não cumpre nenhuma função sistêmica para a indústria, além de restringir o acesso dos pobres aos bens culturais. Isso, sem aumentar o mercado consumidor porque a participação dessa camada no mercado é marginal. (ORTELLADO, 2009).

¹⁷¹ Para um aprofundamento do debate acerca da Propriedade Intelectual, a partir de um olhar antropológico, ver Leal (2010). Especificamente sobre o consumo popular das novas tecnologias e as políticas públicas de inclusão digital no Brasil com o tema da pirataria, ver Scalco (2010), que através de uma etnografia realizada no comércio informal de Porto Alegre (RS), com camelôs e os mais diversos usuários de tais práticas, demonstra que a cultura digital cotidiana é construída a partir de tensões, apontando a existência de estratégias que produzem novas formas de relacionamento social e econômico, formando a contrapartida do lado dos consumidores.

Mundialmente vivemos a campanha: *Tolerância zero para a pirataria* e, aqui no Brasil, a reação do governo priorizou a forma repressiva. Essa pode ser representada pelos *slogans* da campanha do “a pirataria é crime: denuncie”. (0800...) Outro exemplo são as campanhas da indústria cinematográfica, veiculadas nas cópias de DVDs, que literalmente obrigam o telespectador do filme a assistir todo o conteúdo da propaganda antes do início do filme. Essas mensagens, de cunho moralista, procuram responsabilizar diretamente quem consome pirataria relacionando no conteúdo da própria mensagem com outros problemas, como mercado informal, desemprego, corrupção e tráfico de drogas. Reproduzindo algumas das falas vinculadas nessas propagandas antipirataria, estão: *O dinheiro que circula na pirataria é o mesmo que circula no mundo do crime; Aceita o troco em bala? Obrigada por nos ajudar a comprar armamentos! Comprar DVD pirata é patrocinar o crime ou Você permite que seu filho cole na prova na escola?*

De acordo com inúmeras pesquisas¹⁷², inclusive a nossa, a pirataria não é uma prática vinculada à ordem financeira ou educacional, mas um fenômeno sociocultural que está presente em todas as classes sociais. Conforme o último levantamento, “O consumo de produtos piratas no Brasil”, três em quatro brasileiros consomem produtos piratas. A lei, no entanto, também define como “pirataria” a intenção de compartilhar livremente materiais em formato digital. Mas a matéria não é clara, o que gera polêmicas. Por exemplo, o usuário da internet que baixa os arquivos pode ser punido?

Baixado não é roubado... a polêmica sobre pirataria digital

No *site* Four Share – www.4shared.com – que utiliza a tecnologia P2P,¹⁷³ são oferecidos gratuitamente para serem *baixados* jogos, games,

¹⁷² FECOMERCIO RJ – Pirataria no Brasil – Radiografia do Consumo. Disponível em: <http://www.fecomercio-rj.org.br/publique/media/estudo.pdf> Acesso 17/07/2012 e IBOPE: Pesquisa revela que 75% da população brasileira consome produtos piratas (2008): Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/brasil/pesquisa-do-ibope-revela-que-75-da-populacao-brasileira-consome-produtos-piratas/20889>.

¹⁷³ P2P (do inglês *peer-to-peer*, que significa par a par) é um formato de rede de computadores em que a principal característica é descentralização das funções convencionais de rede, onde o computador de cada usuário conectado acaba por realizar funções de servidor e de cliente ao mesmo tempo. Seu principal objetivo é a transmissão de arquivos e seu surgimento possibilitou

filmes e músicas. Existem muitos *sites* semelhantes, que disponibilizam material pirateado, porém o interessante é que eles têm como patrocinadores empresas legais, que divulgam seus produtos nos referidos *sites*, por meio do sistema de publicidade em *banners* (o *site* ganha centavos quando se clica), o que gera renda para o proprietário do serviço.

Meus dados etnográficos indicam a difícil fronteira existente para qualificar e encaixar essa prática, demonstrando que há uma infinidade de possibilidades e graduações entre o legal e o ilegal. Como em um paradoxo, a pirataria – que é vista e reconhecida como uma prática criminosa –, é alimentada e paga pela propaganda legal e formal de diversas empresas, por exemplo, pela empresa Dell de computadores, ou da Loja de eletrodoméstico Ponto Frio, confirmando que o formal e o informal possuem uma relação de benefício-mútuo, de “mutualismo” e/ou de “interpenetração mercantis”. Conforme apontou no seu estudo sobre as práticas mercantis, Pinheiro Machado (2007, p124) “o informal e/ou ilícito está alojado no setor formal e vice-versa”.

De fato, a prática da pirataria está migrando das ruas para a internet.¹⁷⁴ Porém, para se ter acesso a essa cultura livre – título de um famoso livro Lessig (2004), que critica a legislação da Propriedade Intelectual – e a todas as facilidades que a web proporciona e viabiliza, é necessário ter um computador com alta performance, memória, além de uma conexão banda larga, o que ocorre com somente cerca de 30% dos domicílios brasileiros. É, portanto, uma realidade distante para a maioria dos consumidores das classes populares que continuam adquirindo mídias digitais de forma ilegal, mediadas pela figura do camelô.

o compartilhamento em massa de músicas e filmes. Disponível em: <http://www.baixaki.com.br/info/192-o-que-e-p2p-.htm>. Acesso em: 20/06/2010.

¹⁷⁴ Fonte: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR73361-6014,00.html>. Acesso em: 04/02/2009.

5.3.4 Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) e o Voo da Galinha?¹⁷⁵

O Plano Nacional de Banda Larga (PNBL) é uma iniciativa do governo que objetiva ofertar acesso banda larga à internet em regiões onde as grandes empresas de telecomunicações não lançam seus serviços ou a internet é muito cara. Inicialmente a meta era atender 40 milhões de domicílios até o ano 2014, porém o próprio governo admitiu que é impossível, pois em 2011 o Programa conseguiu atender só 150 cidades.

O pacote atualmente disponibilizado pelo Programa é 1 Mbps e um custo de R\$ 35,00 (algo bem próximo aos preços realizados pelo mercado), porém o PNBL acaba tornando-se mais caro porque o seu modem (via rádio) e a sua instalação são cobrados separadamente a um custo de R\$ 300,00, o que praticamente inviabiliza o programa para famílias de baixa renda.

É so para ler e-mail

E as críticas não param por aí. Existe um limite de 300 megabytes (MB) para realizações de *downloads*. Isso quer dizer que, em poucas horas de uso, pode-se terminar com toda a cota mensal; Com até 300 megabytes, é possível, por exemplo, “baixar” apenas 100 músicas ou 300 fotos em alta resolução. Filmes ou *softwares*, como por exemplo, o Ubuntu (sistema operacional livre) ou o Chrome (navegador da Google mais usado no Brasil) não podem se acessados. Outro exemplo é o programa para fazer a declaração de Imposto de Renda, que nesse ano foi de 18,5 MB (quase 10% de tudo o que o usuário pode usar no mês). Ou seja, no fim das contas, ter a banda larga popular fica R\$ 300 mais caro e com muitas restrições.

Na avaliação do sociólogo Sergio Amadeu Silveira (2012), o PNBL mostra primeiramente que o mercado fracassou em construir uma infraestrutura informacional, pois há ainda milhares de cidades em que a banda larga não chegou. Não há qualquer impeditivo para que as operadoras levem

¹⁷⁵ “Voo de galinha” é uma expressão cunhada por alguns especialistas para caracterizar o desempenho da economia brasileira. O mau funcionamento do setor da internet e da banda larga disponível no Brasil (velocidade, custo e alcance), em comparação com alguns países, nos motiva a usar a expressão, que metaforicamente compara o tímido voo de uma galinha a um voo de uma águia (NOVAES, 2008).

banda larga para o Piauí, Roraima ou para a periferia das grandes cidades, mas ela não foi levada porque o modelo de negócios das operadoras (que surgiram a partir das privatizações) é o de obter grandes remunerações, sem muitos investimentos. Continuando com o autor, ele defende a Banda Larga como fundamental para o desenvolvimento do país, e a necessidade de o governo investir mais no que denominou “infraestrutura da economia informacional – que não é estrada de rodagem –, mas estradas de bits, de dados” (SILVEIRA, 2012, s/p).

Outra crítica do autor é a respeito da velocidade ofertada pelo pacote. O mundo inteiro está trabalhando com velocidades superiores a 2 Mb, pois cada vez mais as aplicações da internet são pensadas para vídeo, som e imagem. Só para ilustrar a grande “distância”, Silveira (2012) aponta que há um bloco de países (incluindo Portugal), que possui a velocidade média de 40 Mb. E outro bloco (que inclui Finlândia, Coreia e Noruega, que chega a velocidade de 100 Mb por segundo). O plano de banda larga no Brasil almeja atingir em 2014, 2 Mb. Um vídeo educativo ou de entretenimento embutido em um DVD de 4 Gb levaria uma semana para ser baixado nos computadores de quem têm 56 Kbps, mas apenas 5 minutos para quem já usufrui de uma conexão de 100 Mb. Como a população de baixa renda vai ter acesso aos recursos multimídias e acompanhar as possibilidades que se abrem na internet?

A internet grátis um direito de todos, a luta por esse direito é nossa.

(Mensagem exposta *Google talk* do *Dj Saúva*)

A nossa experiência empírica não coincide com as conclusões do estudo já referido da Fundação Getúlio Vargas/Telefônica, que ao analisar o mapa da “inclusão digital” no país, apontam como a maior dificuldade da popularização da internet nas camadas populares a falta de conhecimento, educação e de interesse das pessoas. Pelo contrário, o “gargalo técnico” é uma realidade que deixa muito poucas opções de acesso. A seguir transcreveremos uma correspondência eletrônica recebida do Dj Saúva, nosso interlocutor do capítulo 2. Com suas palavras, pretendemos reforçar que um

dos maiores impeditivos para o acesso ao computador no Morro da Cruz é a conexão:

Bom, a dificuldade pela internet aqui no morro é constante até pelo motivo de ser um lugar de pessoas carentes e sem direito a isso, ate mesmo pela falta de grana e oportunidades, essas coisas que são do nosso cotidiano.

Mais ainda além de tudo isso, temos a internet grátis que é através de uma antena e modem usb ou plaquinha de *wireless*¹⁷⁶.

Mais aí tem que pagar pelos aparelhos que também já se torna um problema porque não é um privilégio de todos, custa em média uns 300 reais entre antena, o modem usb ou a plaquinha, fio e cabos.

Por esse motivo, são poucos que têm esse privilégio de ter esse tipo de internet mesmo que entre aspas seja grátis.

Hoje em dia também tem os modem 3G - USB que também tem que ser comprado. Custa em media 100 reais novo uns 50 reais usado – mais aí também tem a vantagem que o chip pode ser comprado a 5 reais e dá direito a 10 dias grátis

Tem também uns que custam um pouco mais, tipo 20 reais, e fica a 50 centavos por dia. Eu conheço o da TIM. Todos os meses é só recarregar e pronto.

É simples assim, preciso ter dinheiro para acessar a internet.

(Dj Sáúva)

Por fim, quando o Dj Sáúva ficou sabendo que o governo estaria disponibilizando “uma internet pra pobre”, animou-se e foi até uma loja informar-se, porém, para a sua frustração, ele não conseguiu preencher os requisitos mínimos exigidos pela empresa (no caso a empresa GVT de telefonia), por não possuir comprovante de residência e de renda, além de descobrir, no final da explicação, que a operadora ainda não atua na rua em que ele mora.

Já seu filho, Alexandre, resolveu o problema de outra maneira. Contratou uma “internet pirata”. O vizinho da rua de baixo, assinante de um plano pago de telefone/internet, “(re)vende” o sinal recebido via Wi-Fi. Alexandre contou que o “dono” do acesso (o tal vizinho), foi pessoalmente até a casa da família e lá instalou secretamente, diretamente no notebook do

¹⁷⁶ Internet aberta e gratuita para todos é uma ideia que ganha força ao redor do mundo. Pessoas comuns, organizações ativistas, governos e cidades se mobilizam para que a disseminação do sinal de *wi-fi* seja aberta, sem o uso de senhas. É uma realidade mundial e uma prática em cidades como Paris, Londres, Tóquio, Nova York, etc. O Brasil já conta com diversos lugares que possibilitam sinal livre como em hotéis, aeroportos e restaurantes e comércio. Na orla do Rio de Janeiro, sem necessidade de cadastro, registro ou apresentação de qualquer documento, já é possível acessar a internet. (Ver maiores detalhes em www.orladigital.coppe.ufrj.br)

Alexandre, a senha para o acesso à rede. Ele paga 35 reais mensais e demonstrou estar muito satisfeito com o negócio. “Para mim tá ótimo, sem correria, consegui finalmente acesso à internet. Não sei por que chamam de pirata, por que pago caro para ter sinal!”

5.4 REDE SOCIOTÉCNICA DA DONA RUTH

Para tentar amarrar todos os elementos levantados no decorrer da tese, ou seja, para compreender a complexa rede de conexões que envolve a compra e o uso de um computador por uma família de classe popular, apropriamo-nos da perspectiva teórica/metodológica dos chamados Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia (ESCT), ou *Science Technology Studies* (STS) e, a seguir, apresentaremos uma aproximação com esses estudos que genericamente são conhecidos por “antropologia simétrica”, “teoria ator-rede”, “sociologia das associações” e extrapolam as tradicionais fronteiras existentes nas disciplinas de Sociologia, Antropologia, Filosofia e a História da Ciência.

Essa escola tem como destaque Bruno Latour, que, entre as suas muitas contribuições, destacamos a reintrodução do clássico método etnográfico e a observação direta para o estudo da ciência e da tecnologia. Segundo Latour, a prática dos procedimentos científicos deve ser analisada em função de uma rede de atores que formam alianças e associações. Ou seja, o autor não se propõe a estudar os produtos terminados da ciência e da tecnologia, mas o processo de fabricação e de uso de tais artefatos.

Latour define como atores, membros dessa rede, não somente os *humanos*, mas também os *não humanos* – a tecnologia, os objetos, as ferramentas, a cultura material, etc. “Os fatos científicos são construídos, mas não podem ser reduzidos ao social, porque ele está povoado por objetos mobilizados para construí-lo” (LATOURE, 2005, p. 12). Dito de outra maneira, os *objetos* têm uma participação ativa nas práticas científicas. Essa visão representa um novo tipo de análise da realidade, uma vez que rompe com a dicotomia fundante da matriz antropológica da sociedade moderna, que é a separação entre natureza e cultura (LATOURE, 2005) e todas as dicotomias

derivadas como sujeito e objeto ou sociedade e indivíduo. E essa nova postura tem obviamente importantes consequências políticas. O autor também cunhou uma série de conceitos que atualmente já são bem conhecidos, como: tradução, simetria, híbridos, rede sociotécnica, entre outros.

Callon (1992), outro teórico dessa corrente, destaca na sua análise as sucessivas interações realizadas entre os diferentes atores pertencentes à rede, que denomina TEN (*Techno-Economic Networks*), que conforme suas palavras:

É um conjunto coordenado de atores heterogêneos – por exemplo, laboratórios públicos, centros de investigação técnica, empresas, organizações financeiras, usuários e governo – que participam coletivamente na concepção, desenvolvimento, produção, distribuição ou difusão dos processos de produção de bens e serviços. (CALLON, 1992, p. 76). Tradução livre.

Dentro dessa linha metodológica, para problematizar o complexo campo de disputas existente no mundo da informática, e especificamente o processo de informatização que está ocorrendo na sociedade brasileira, a análise pretendida não é centrada só no social, nem só no técnico; pauta-se no contexto sociocultural, na dinâmica da rede, que não possui uma hierarquia e uma linearidade nas suas relações e que sustenta o que genericamente denominamos políticas públicas de inclusão digital. Ou seja, além das tradicionais dimensões sociopolíticas e culturais da chamada “inclusão digital”, objetiva-se também estudar e dar luz às dimensões técnicas envolvidas, como as máquinas (computadores), seus componentes e programas, a infraestrutura necessária para a internet, os modelos de negócios existentes, enfim, toda a ciência/técnica envolvida.

5.4.1 Os Múltiplos Usos do Computador no Dia a Dia: *Olha, Uso do Meu Jeito!*

De acordo com os argumentos desenvolvidos ao longo da tese, chegamos a uma última descrição etnográfica que “retrata” de modo sintético a rede sociotécnica de que estamos falando.

No final do ano de 2010, fui à formatura do projeto social denominado Trabalho Educativo, na Instituição Leonardo Murialdo, onde mais de 30 jovens da comunidade formaram-se nos seus respectivos cursos (15 jovens em informática e metareciclagem e 15 jovens no curso de padaria). É um momento bem especial e ritualizado, com grande prestígio local, comparecendo amigos e familiares a quem a instituição oferece um coquetel, com salgados, doces, refrigerantes. Às vezes, ocorre, nessas ocasiões, apresentação de grupos de música e dança.¹⁷⁷

Conheci assim a Dona Ruth, mãe do jovem Rodrigo. Expliquei rapidamente o que fazia, mas decididamente na formatura não era o local adequado para uma entrevista, mas consegui reunir a sua família e tirei muitas fotos. Os avós também estavam na formatura, *prestigiando o feito do neto*. Com a desculpa da entrega das imagens – e conversar um pouco mais acerca do computador – pedi o seu número de telefone. Alguns meses depois, um sábado à tarde, liguei. Como o número fornecido não atendeu, resolvi vencer o meu constrangimento e fui visitar a família sem avisar.

A casa fica no fundo de um longo pátio, e de longe, Dona Ruth não me reconheceu. Disse, ao pé da porta da sua casa, que estava ocupada, pois pensou que eu fosse vendedora. Disse bem alto o meu nome, que era do Murialdo, e ela foi se aproximando até me reconhecer.

Ruth, 41 anos de idade, negra, estatura média, olhos grandes, cabelos curtos. Está bem acima do peso considerável saudável pela medicina. Veste-se com muita simplicidade e passa a impressão de que a aparência física não é um valor para ela, pois não demonstra nenhum tipo de vaidade feminina (cabelos tratados, penteados, unhas feitas, maquiagem, etc.). É dona de casa, mãe de 5 filhos (4 homens [20, 16, 9 e 3 anos de idade] e uma menina de 7 anos). O marido, Geraldo Silva, 42 anos de idade, e o filho mais velho do casal, Rafael (19 anos, já casado e com 1 filho, que mora praticamente junto, no mesmo *pátio*) são empregados assalariados no DEP (Departamento Esgotos Pluviais). Os sogros (Sr. João, 77 anos de idade, aposentado da Prefeitura, e

¹⁷⁷ Por ter realizado a minha Dissertação de mestrado na Instituição, conforme já foi exposto, convivi muito nesse local, desenvolvendo vínculos e amizades.

a Sra. Maria, 69 anos, do lar) que conheci no dia da formatura, moram bem perto e convivem diariamente com os filhos e netos. Com fortes laços de parentesco na localidade, a família da Dona Ruth é bem típica do bairro Morro da Cruz; “*nasci, me criei, casei e crio os meus filhos aqui no Morro...*” Ruth contou que os filhos pressionavam muito para a compra do computador, apesar de já possuírem o vídeo-game e, conforme suas palavras, “*passarem o dia inteiro jogando*”.

Eu não me importo, prefiro eles dentro de casa, do que eles andarem por aí, na rua. Computador é muito melhor que vídeo-game, é pros estudos, ensina coisas. Compramos pra eles também porque toda hora queriam dinheiro para ir nas *lan*'s.... é pouquinho, mas vai somar? Da um dinheirão jogado no lixo.

O equipamento da fábrica nacional Positivo foi adquirido em agosto de 2010, no Carrefour. (Ruth não recorda o preço, mas foi em 12 vezes sem juros). Os avós ajudaram a pagar algumas prestações. A conexão escolhida foi pelo modem 3G¹⁷⁸, da TIM celular. Quando perguntei sobre as especificações técnicas, Ruth chamou o filho Rodrigo para a conversa. Ele detalhou que o equipamento adquirido era um Pentium IV, com o sistema operacional Linux, por ser um computador do Programa “Um Computador para Todos”. (Compraram com Linux por causa do preço [cerca de R\$ 150,00 mais barato] e, no mesmo dia, Rodrigo trocou o Linux e todo o resto por um Windows pirata, que ele conseguiu com um amigo do Murialdo).

É bem fácil. Todo mundo que eu conheço faz isso. Copiei o CD, pra ter em casa, com todos os programas; Photoshop, Word, Office, Excel, mas tem manha pra desinstalar o Linux. Primeiro tem que deletar tudinho... pra não dar conflito.

Por que trocar para o Windows?

Por que se não trava tudo, o meu computador é fraquinho, fica pesado ter dois sistemas operacionais. Tive que escolher. Lá na aula, a gente usa bastante o Linux, o Ubuntu, etc., acho legal, é de graça, mas além de ser mais difícil de começar a rodar, tem muito comando. Também o Linux não roda joguinho. Ou melhor, até roda alguns, sei

¹⁷⁸ Serviço que tem viabilizado o acesso à chamada banda larga nas periferias.

que agora dá para jogar o Counter strike¹⁷⁹ mas é tudo complicado... Os guris (referindo-se aos irmãos e primos), ainda não sabem mexer direito. Pode ser até uma espécie de preguiça, a gente se acostuma e faz pelo mais fácil.

Onde aprendeu informática?

No curso do Murialdo, a gente aprende... Se quiser, mas acho que computador se aprende fuçando... Mexendo, errando, perguntando, eu aprendi bastante depois que ganhei o meu, porque tive que me virar...

Continuei a conversar com Ruth. Quis saber se havia alguma mudança na rotina da casa depois do computador... “*sim*”, ela respondeu, com bom humor...

Agora eles brigam muito mais. Como o Rodrigo sabe mais, estudou, fez curso, ele se adona e não deixa ninguém mais mexer, daí começam as brigas com os irmãos menores. Mas tenho a solução. Desligo da tomada e pego o fio. Já fiz isto 3 vezes. Num instantinho eles se entendem.

Outra mudança citada por Ruth foi o movimento de visitas na sua casa, que agora *vive cheia de gente*.¹⁸⁰ “A criançada vem toda para cá, a começar pelos meus sobrinhos. Se eu deixar, isso aqui (referindo-se a sua casa) vira uma lan. mas não me importo, estão entretidos, dentro de casa”. Quis saber se ela usa o computador. Com um sorriso no rosto diz:

Olha, eu uso do meu jeito. As crianças me ajudam; volta e meia eu peço pra acharem uma receita de cozinha, por exemplo, ou também toda hora eles me chamam pra me mostrar alguma foto, notícia sobre as novelas, fofoca sobre os artistas, pra ver um vídeo engraçado, ouvir uma música, essas coisas. Então eu acho que eu uso o computador do meu jeito. Sozinha, sozinha, eu ainda tô tentando, tô tentando... Mas é que sempre tem muita gente... Só quando eles não estão em casa, o que é raro, eu tenho chance de chegar perto. Já aprendi a ligar e já sei colocar o joguinho das cartas, paciência... Já tá

¹⁷⁹ *Counter Strike* é um dos mais populares *games* da história dos jogos para computador. Sua trama divide os jogadores em equipes (terroristas x antiterroristas). Um juiz proibiu a sua comercialização por considerar que esse jogo estimula a violência. Disponível em: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en|pt&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Counter-Strike>. Acesso em: 12/07/2010.

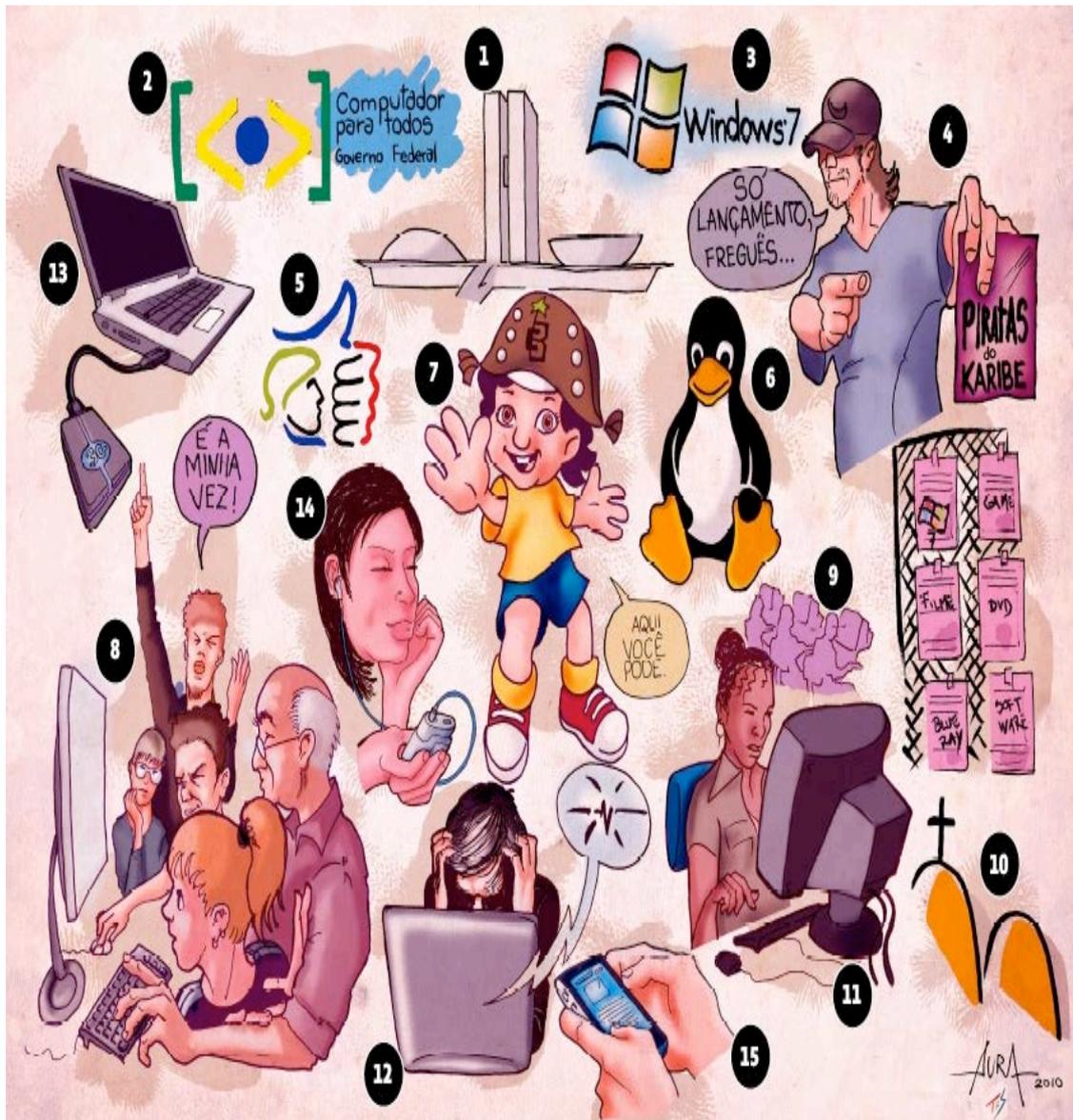
¹⁸⁰ O prestígio do computador e de uma boa conexão pode ser comparado às primeiras televisões, que fizeram famosos os personagens denominados *televizinhos*.

bom pra mim!

Voltei algumas vezes na família da Dona Ruth, porém para a minha frustração e a deles, há quase meio ano estão sem internet. “Conhece o ditado? Alegria de pobre dura pouco... Primeiro foi o computador que estragou: um vírus, não funcionava o mouse, não dava pra escrever”. Perguntei sobre a assistência técnica e a garantia do produto, e Ruth chamou o filho para explicar: *o computador vem com um lacre e que quando se troca o sistema operacional original – no caso Linux, e se instala o Windows (pirata ou não) – esse lacre é rompido e então, se perde a garantia*. Sem opção, ele levou o computador no Murialdo, e mesmo não sendo mais aluno, o José – técnico responsável pelos programas da instituição – o ajudou a consertar e a formatar todo o computador. Depois dessa *função*, por fim, depois de quase 4 meses, ele conseguiu ter o micro de volta em casa. Porém, durante esse período, eles deixaram de pagar o modem 3G, pois não o estavam usando. Quando resolveram voltar, tinham duas prestações em atraso, multa, um rolo só. “Para ter internet de novo, preciso limpar o meu nome primeiro! Vamos ver mês que vem, se as coisas melhoram... já vi que baixaram os preços, tem a opção da Vivo...”. Rodrigo completou:

O jeito é esperar... por mim, tudo bem, vejo o Orkut em lan, na casa do meu amigo. O meu computador agora só dá para jogar joguinho. Sabia que a mãe tá viciada em paciência?... Até ela. Mas dá raiva olhar pro computador. Eu tinha e não tenho mais a internet...

Tentando visualizar uma linha analítica aplicada ao caso da Dona Ruth, produzimos a seguinte montagem, que tenta ilustrar de forma gráfica o universo onde Ruth transita e, de certo modo, os outros informantes apresentados, mostrando suas ligações com o chamado mundo da informática, o complexo campo de disputas existente nesse universo, bem como as diferentes conexões que tentamos descrever ao longo da tese.



Legenda do desenho

- 1) O governo federal – Brasília – caracterizando as políticas públicas
- 2) Logo do Programa governamental: “Um computador para todos”
- 3) Logo da empresa Microsoft
- 4) Exemplo da prática da pirataria digital
- 5) Logo da Fábrica Positivo
- 6) Logo do sistema operacional (*software* livre) Linux
- 7) Personagem símbolo das casas Bahia, exemplo do consumo popular
- 8) Cena computador compartilhado pela família
- 9) Local público para acesso à internet – (*lan house* ou telecentro)
- 10) Morro da Cruz
- 11) Dona Ruth no computador
- 12) Exemplo de problemas advindos do acesso ao computador
- 13) Modem 3g para acesso à internet
- 14) Música, mp3
- 15) Celular e internet.

5.5 NOTAS FINAIS: A INTERNET NA MARRA!

Ao refletirmos sobre os efeitos da conectividade, percebemos que surge um novo tipo de diferenciação que se refere ao tipo de velocidade que se dispõe para acessar a internet. Nesse sentido, possuir uma conexão discada ou uma conexão com banda larga vai muito mais além de um aspecto técnico, uma vez que as suas aplicações conformam e/ou limitam o uso que o sujeito vai fazer da internet. Por exemplo, um indivíduo dificilmente pode “navegar”, baixar aplicativos, ver fotos ou vídeos se tiver baixa velocidade na sua conexão. Já um usuário de banda larga, ao contrário, pode efetuar várias operações simultaneamente, como: acessar serviços bancários, baixar músicas e filmes, conversar *online*, entrar em redes sociais. Todos esses aspectos criam uma nova diferenciação dentro da internet, com base no conceito de velocidade: uma para os ricos e outra para os pobres.

Porém, o acesso com certa qualidade pode ser conseguido de diferentes modos: na marra (conforme palavras do Dj Saúva), uma vez que a mesma tecnologia que não exclui desigualdades abre brechas imprevisíveis que acabam promovendo e possibilitando a conexão, como nos exemplos apresentados do Dj criando antenas e maneiras de fazer funcionar a internet Wi-Fi “gratuita”, ou mesmo a solução encontrada pelo seu filho, Alexandre, de pagar clandestinamente para o vizinho e assim obter sinal. Nesse sentido, esse tecnopanorama (APPADURAI, 1990) é alterado por essas práticas que têm o potencial de transformar.

Ainda, o antropólogo indiano Arjun Appadurai ressalta, ao refletir sobre a globalização e suas políticas da igualdade/diferença que:

O ponto crítico é que os dois lados da moeda do processo da cultura global atual são o produto da controvérsia infinitamente variada da igualdade e da diferença numa cena caracterizada pelas disjunções entre as diferentes espécies de fluxos globais e os panoramas incertos criados nestas e através destas disjunções (APPADURAI, 1990, p. 324-325).

Se tomamos a posição de Appadurai e as implicações dessas controvérsias da configuração global para o tecnopanorama do Morro da Cruz, perceberemos (usando a metáfora de Mia Couto, citada na epígrafe deste

capítulo) que nossos interlocutores, criativamente, passaram de moscas a aranhas, driblando criativamente as muitas disjunções, das quais a falta de acesso e de sinal para a internet são apenas alguns exemplos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Posso visitar qualquer lugar do mundo pela internet, é só clicar e esperar, mas não tenho dinheiro para pagar a passagem de ônibus e sair aqui do morro... Muito louco tudo isso!” (DJ Saúva, diário de campo (Abril de 2011).

Iniciei esta pesquisa à procura dos “impactos” que o acesso ao computador e à internet potencialmente trariam para as classes populares, influenciada por uma visão determinista que imputa ao computador a capacidade de determinar a condição do sujeito no mundo; ou seja, o acesso às TIC’S significando integração ou exclusão, oportunidade ou marginalização. Essa dicotomia se expressa em duas visões emblemáticas da realidade: os otimistas, que acreditam utopicamente que a internet é o caminho para uma sociedade igualitária; e no outro extremo os pessimistas, que acreditam que a internet reproduz as mesmas condições de opressão e de exclusão que os sujeitos têm vivido por séculos¹⁸¹.

Assim, conforme já mencionado na introdução, o trabalho de campo, a leitura da bibliografia acadêmica existente sobre o tema e a adoção de uma atitude mais reflexiva tensionaram a visão inicial, complexificando-a e inserindo novas perspectivas sobre a problemática. Basicamente deslocamos a procura de resultados pela busca da compreensão dos lugares que o computador ocupa na vida desses sujeitos. Então, para além dos aspectos tecnológicos, a internet é um processo de trocas social e simbólica, e essas interações, conforme Miller e Slater (2004), criam laços de continuidade e de pertencimento para além da tela do computador.

¹⁸¹ Lemos (2006) vai criticar esse reducionismo da realidade, apontando que essa polaridade cria uma falsa questão analítica, e aconselha que, para estudar o ciberespaço, deveríamos nos focar na fenomenologia do social. De fato, as práticas de interação cotidiana que nosso grupo de pesquisados desenvolvem em relação à rede, apontam para uma multiplicidade de experiências que resistem a definições simplificadas.

Portanto, nesta tese realizamos uma digressão sobre diversos assuntos que atravessaram o uso do computador, destacando algumas iniciativas como:

O processo de aprendizado de informática da Ana (mãe de Adriana, que tornou-se a informante-chave do capítulo 1) que, apesar das dificuldades iniciais, aconteceu sem cursos ou aprendizado formal, unicamente “pela necessidade”. Isso ajudou a desmistificar o computador, que não é uma caixa-preta, mas algo que pode ser compreendido por qualquer pessoa com o uso. Relembro ainda a solução criativa dela em escolher o nome do neto como senha para acessar o sistema, amenizando, de certo modo, a hostilidade do universo tecnológico.

Ainda nesse capítulo, a informante Inês é também um exemplo interessante de uso e de superação, uma vez que, mesmo não sabendo mexer no computador, ela se dá conta da importância do novo espaço e, com a ajuda das filhas, faz questão de ter uma página no Orkut e assim comunicar-se com os membros da sua religião e também fazer propaganda do almoço caseiro de “cinco reais” feitos para reforçar o orçamento doméstico.

Outro ponto a destacar no capítulo é a presença do computador reforçando as dinâmicas sociais locais no que denominamos “território de convivência”, e mostrando que o equipamento é só mais um item dentro de uma ampla rede que envolve dinheiro, amor, sociabilidade, trabalho, família e prestígio.

Já na nossa etnografia que envolveu homens aparentados e amigos apresentada no capítulo dois, podemos ver outras dimensões da internet, outros *impulsos*, que conforme Elias (2001), também fazem parte das necessidades do ser humano e são potencializados pelo uso da internet. Ou seja, para além da racionalidade e das razões econômicas que tornam o computador algo bem utilitarista e pragmático (como uma ferramenta capaz de ajudar os sujeitos a darem um salto socioeconômico nas suas vidas), os usos criativos que os sujeitos apresentados fazem da internet mostram que o computador pode ser experienciado com uma ferramenta à disposição das paixões, seja por meio de música, poesia, trabalho social, desenho ou tecnologia.

Seguindo a trajetória de Toni, apresentado no capítulo três, destacamos a figura do educador social, “peça fundamental” no processo de informatização das periferias. Vimos como ele adere com entusiasmo às chamadas políticas públicas de intervenção e aos programas sociais de inclusão digital em que atua, sendo também um militante e divulgador do movimento *software* livre. Possui grande conhecimento técnico, adquirido por alguns cursos, mas principalmente pela sua prática, o que lhe imputa grande capital simbólico e social, que transformaram sua vida. Se o conhecimento técnico não foi suficiente para angariar prosperidade econômica, e “subir na vida”, vimos que pelo menos o inseriu em uma rede em que Toni possui grande prestígio.

Por fim, gostaríamos de dar ênfases às várias experiências realizadas pelas mulheres no Morro da Cruz. Mesmo que na maioria das vezes o acesso se faça por intermédio de um mediador, isso não desqualifica nem tira o mérito das muitas ações criativas, como no caso dos moldes das bolas, a conversa com familiares que moram longe e/ou do acesso ao “Dr. Google. Esse novo uso da internet é uma das maiores apropriações percebidas pelas mulheres, que conforme seus relatos, mudaram a relação médico-paciente tradicional, com base em relações assimétricas, e tem informado muito sobre doenças, tratamento e medicamentos. Existe novo termo para designar esse novo paciente, trata-se do *expert*, que mais do que informado ele sente-se um entendido, com direito a questionar os médicos.

Já ao observar os espaços familiares, encontramos distintas regras de uso para o computador, e de uma maneira geral encontramos **mães e avós** com considerável autoridade sobre a família e sobre o uso do equipamento, podendo elas impor distintas regras de uso. Muitas mães usam a informática como um “chamariz” para deixá-los dentro de casa e assim protegê-los da violência urbana e/ou do tráfico de drogas.

Para além dos conflitos, é importante frisar que o acesso à internet também cria novas alianças e vias de sociabilidade, uma vez que as pessoas precisam aprender a mexer, precisam entender-se e negociar o tempo disponível de uso e, por isso mesmo, precisam se comunicar. Nesse sentido, o computador tal como se manifesta dentro dos bairros populares, pode ser visto com algo que reforça a importância das redes tradicionais de interdependência, propiciando, assim, a “união familiar”.

Portanto, nosso estudo mostra – apesar das muitas dificuldades operacionais e logísticas existentes no Morro da Cruz relacionadas à péssima infraestrutura informacional – vários usos criativos e um empoderamento dos sujeitos que se inserem no mundo digital. Nossa pesquisa mostrou um grande interesse geral pela informática e, mesmo encontrando mulheres e homens mais velhos, que viveram *sem luz elétrica*, e que possuem resistências e falta de interesse pessoal em aprender a acessar a internet, eles sabem dos benefícios da tecnologia e muitas vezes são eles, os mais velhos, os responsáveis pela aquisição do equipamento.

Todos esses dados apresentados vão de encontro à pesquisa já citada da Fundação Getúlio Vargas e a Fundação Telefônica¹⁸², que apontam como causa da chamada “exclusão digital” não os altos preços e a precária infraestrutura e problemas de conexão, mas o desinteresse e a desinformação dos pobres pela internet.

Então, voltando à reflexão inicial do meu informante (“Posso visitar qualquer lugar do mundo pela internet, (...) mas não tenho dinheiro para pagar a passagem de ônibus”), pode-se afirmar que tal declaração reforça as perspectivas ambíguas que existem em torno do computador e da internet. O campo conceitual que circunda a noção do espaço-tempo no mundo virtual ainda é uma importante discussão dentro da temática da virtualidade do ciberespaço e que está em construção (Appadurai, 1990; Baumann, 2003, Castells, 2005; Levy, 1999; Rifiotis, 2010; Wolton, 2000). Nesta tese, me propus a trazer uma pequena contribuição para essa discussão, focando no processo de apropriação da internet nas casas de algumas famílias gaúchas de classe popular. Por fim, rendendo-nos a recorrente pergunta redutora, que em termos gerais quer saber: afinal, “muda ou não muda” alguma coisa o fato de os pobres terem acesso à internet? A resposta é sim, muda bastante, mas não

¹⁸² Mapa da inclusão digital no país, pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas e a Fundação Telefônica de telefonia.

necessariamente da maneira prevista pelas políticas públicas. Em todo caso, qualquer que seja o nome que damos a esse novo cenário, não há dúvida de que o acesso a mais informação tem valor para os sujeitos e pode incidir na sua qualidade e no modo de vida, levando a uma sociedade mais democrática e plural.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. *Interpretando las(s) cultura (s) después de la televisio: sobre el método* Revista de Ciencias Sociales. Equador, 2006, n. 24. Disponível em: http://www.flacso.org.ec/docs/i24abu_lughod.pdf. Acesso em: 24/07/2012.
- APPADURAI, A. Disjunção e diferença na economia cultural global. *In*: FEATHERSTONE, A.. **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis, Vozes, 1990.
- APGAUA, Renata. **O Linux e a Perspectiva da Dádiva**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, n. 21, PPGAS/UFRGS, 2004.
- BALARDINI, S. (2004), *De dejáis y ciberchabones, subjetividades juveniles y tecnocultura, Jóvenes*. **Revista sobre estudios de juventud**. Edición N°8, N° 20, enero-junio, México D. F.
- BANDEIRA, Pedro. **A nova roupa do rei**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.
- BARBOSA, Alexandre. **Cuidado, a internet está viva!** São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2005.
- BARROS, Carla. *Games e redes sociais em lan houses populares: um olhar antropológico sobre usos coletivos e sociabilidade no “clube local”*. **Internext** – Revista Eletrônica de Negócios Internacionais. São Paulo, v. 3, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0309-1.pdf> Acesso em: 20/07/2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BENKLER, Yochai. *A economia política dos commons*. *In*: SILVEIRA, Sérgio Amadeu et al. **A comunicação digital e a construção dos commons: redes virtuais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação**. São Paulo: Perceú Abramo, 2007.
- BERGMANN, Leila. *Por favor, aula hoje não! O Orkut, os professores e o ensino*. *In*: Edvaldo Souza Couto & Telma Brito Rocha (Org) **A vida no Orkut** – Narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador, EDUFBA, 2010
- BOTT, Elizabeth. **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**. São Paulo, Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas** – Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno*. *In*: GASTALDO E. (Org). **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BROERSMA, M. *Estudo polêmico diz que pirataria de software favorece Windows*. IDG Now. São Paulo: 13 set. 2006. Disponível em: http://idgnow.uol.com.br/computacao_corporativa/2006/09/11/idgnoticia.2006-09-11.3554208066/IDGNoticia_view/. Acesso em: 18 fev. 2009.

BURITY, Joanildo A. **Redes, parcerias e participação religiosas nas políticas sociais no Brasil**. Recife: Editora Massangana, 2006.

CALLON, Michel. *The Dynamics of Techno-Economic Networks., Technological Change and Company Strategies: In: Economic and Sociological Perspectives*. Coombs, Saviotti & Walsh (eds), Edited by Harcourt Brace Jovanovich, 1992.

CAMURÇA, Marcelo A. *Seria a caridade a "Religião Civil" dos brasileiros?* 2005. Disponível em: <http://www.ess.ufrj.br/siteantigo/publicacoes.htm>. Acesso em: 14/07/2012.

CAMURÇA, M. & UMBELINO. *Rappers do Senhor: o Hip Hop Gospel como movimento de afirmação social de segmentos marginalizados da juventude negra em MG*. **Debates do NER**. [Online] 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/7284/4642> . Acesso em: 27/07/2012

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. **Revista de Antropologia (USP)**, vol. 39, n. 1, São Paulo, 1996.

CARVALHO, Josué de Oliveira; CARVALHO, Lindalva R. S. O. *A educação social no Brasil: contribuições para o debate*. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100024&lng=pt&nrm=abn. Acesso em: 13/07/2012, 2006

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008. **Erving Goffman**: desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

_____. *A internet e Sociedade em rede*. In: **Por uma outra comunicação**. MORAES, Dênis (Org). Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

_____. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a Sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

CARTA de Porto Alegre – *Por um compromisso com a Inclusão Digital no Brasil*. Porto Alegre, 12/06/2006. Disponível em: <http://www.softwarelivre.org/news/6720>. Acesso em: 20/01/2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COELHO, Maria Cláudia. **O valor das intenções**: dádiva, emoção e identidade, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

COMAROFF, Jean y John L. **Violencia y lei en la poscolonia**. Buenos Aires: Katz Editora, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. *Perspectivas da juventude na sociedade de mercado*. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Ed.). **Juventude e Sociedade** – Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: 2005.

COUTO, Mia. **Pensatempos** – textos de opinião. Portugal: Editora Caminho, 2008.

CUNHA, Neiva; MELLO, Marco. *Novos conflitos na cidade: a UPP e o processo de urbanização na favela*. **DILEMAS**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Vol. 4, n. 3, 2011. Disponível em:

http://www.ifcs.ufrj.br/~lemetro/mello_e_cunha_novos_conflitos_na_cidade.pdf

Acesso em: 15/07/2012.

DE BEM, Daniel F; TADVALD, Marcelo. *A apropriação da discursividade religiosa pelo campo político*. **Debates do NER**. ano 5, n. 6, dez./2004.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice** – Socialização e Processo de Privatização do Envelhecimento. São Paulo: Editora Fapesp, 2004.

_____; SIMÕES, Júlio de A. *A aposentadoria e invenção da "Terceira Idade"*. In: DEBERT, Guita G. (org.) **Antropologia e velhice**. 2.ed. Campinas: IFCH/ UNICAMP, 1998, p. 29-44. (Textos Didáticos, 13).

DORNELLES, Jonatas. **Vida na rede**: uma análise antropológica da virtualidade. Tese (Doutorado em Antropologia). Porto Alegre (RS): Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2008.

DUARTE, Luiz Fernando D. **Da Vida Nervosa** (Nas Classes Trabalhadoras Urbanas). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/CNPq, 1986.

_____; GOMES, Edlaine. **Três Famílias**. Identidades e Trajetórias Transgeracionais nas Classes Populares. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, vol. 1.

ESCOBAR, Arturo. *Bienvenidos a Cyberia*. Notas para uma Antropologia de da cibercultura. **Revista de Estudos Sociais**. 2005, n. 22. Disponível em: <http://res.uniandes.edu.co/view.php/322/view.php>. Acesso em: 12/07/2012.

ETCHEVERRY, Daniel. **Identidade não é documento**: narrativas de ruptura e continuidade nas migrações contemporâneas (mestrado). PPGAS. IFCH. UFRGS. Porto Alegre, 2007.

FONSECA, Claudia **Família, Fofoca e Honra**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. *Classe e a recusa etnográfica*. In: FONSECA, Cláudia; BRITES, Jurema (orgs.). **Etnografias da Participação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

FREIRE, Vanda. **Música e Sociedade**: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de Música. Florianópolis: Associação Brasileira de Educação Musical, 2011.

GARBIN, Helena Beatriz da Rocha et al. *A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica*. In: **Botucatu**, vol. 12, n. 26, Set. 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S141432832008000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16/04/2012.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Vozes, 1997.

GESTALDO, E. (organizador). **Erving Goffman**: desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

GODINHO, Ana Cláudia. **Mediador ou ponte?** O perfil do/a educador/a, 2003. Disponível em:

<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/posteres/GT06-2166--Int.pdf>. Acesso em: 05/06/2012.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GODINHO, A. C. F. *O formal e o não-formal na trajetória formativa de educadoras de jovens e adultos na perspectiva da educação popular*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. Anais... Caxambu, MG, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT06-2874—Int.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. *Redes de parentesco e consideração entre trabalhadores urbanos: tecendo relações a partir de quintais*. **Caderno CRH**, Salvador, n. 29, 1998.

GUERRINI, Daniel. **Software livre no Brasil**: que política para a inovação? (mestrado) PPGS IFHC, Porto Alegre, 2009.

GARBIN, Helena Beatriz R. et al. *A internet, o paciente expert e a prática médica: uma análise bibliográfica* – Comunicação Saúde Educação, vol.12, n. 26, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n26/a10.pdf>
Acesso em: 15/07/2012.

HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip-Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

HOFFNAGE Judith Chambliss. *A Narrativa como lugar da expressão de identidade Social*. In: **Temas em Antropologia e Linguística**. Coleção letras. Recife: Bagaço, 2010.

IANNI, Octavio. *As Ciências Sociais na época da globalização*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, vol. 13, n. 37, Jun./1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200002&lng=en&nrm=iso
Acesso em: 20 de julho de 2012.

JACKS, Nilda. **Mídia nativa**: indústria cultural e cultura regional. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

JUNGBLUT A. L. *O uso religiosa da internet no Brasil*. **PLURA**, Revista de Estudos de Religião, vol. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/15/17>
Acesso em: 25/07/2012.

KEHL, Maria Rita. *A juventude como sintoma de cultura*. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade**: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

KESSLER, Lucenira L. **Diálogo de traços**: etnografia de praticantes de apropriações visuais do espaço urbano em Porto Alegre. (mestrado) PPGAS. IFCH. UFRGS, Porto Alegre, 2008.

KNAUTH, Daniela; VICTORA, Ceres. **A banalização da Aids**. 1998. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/riva.rtf>. Acesso em: 20/11/2007.

KOVARICK, Lúcio. **Trabalho e vadiagem**: a origem do trabalho livre no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2004.

KOPYTOFF, Igor. *A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo*. In: APPADURAI; ARJUN. **A vida social das coisas**. Niterói: Editora EDUFF, 2008.

LATOR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEAL, Ondina Fachel. **A leitura social da novela das oito**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

_____; SOUZA, Rebeca Hennemann Vergara (Org). **Do regime de propriedade intelectual**: estudos antropológicos. Porto Alegre: Tomo, 2010.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LESSIG, L. **Free culture**. 2004. Disponível : www.free-culture.cc/freecontent . Acesso 12/09/2010.

LINS DE BARROS, M. M. *Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice*". In: _____ (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

LOMNITZ, A. Larissa. **Cómo sobreviven los marginados**. México: Editores Siglo XXI, 1989.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. *Da informalidade à empregabilidade: reorganizando a denominação do mundo do trabalho*. **Caderno CRH**, 37: 81-109. 2002. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=131>. Acesso em: 12/07/2010.

MACHADO Rita de Cássia. **Demitidos da Vida**, quem são os sujeitos da base do Movimento dos Trabalhadores? (Dissertação de mestrado) Faculdade de Educação-PPGE, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

MAFIOLLET, Cassio. **O Movimento Hip Hop em Porto Alegre: rede de relações e protagonismo juvenil**. Trabalho de Conclusão de curso, Faculdade de Ciências Sociais, URRGS, 2010.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. Coleção Os Pensadores. S. Paulo, Ed. Abril, 1978.

MARTINS, José de Souza. **A exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MILLER, D. **Teorias das Compras**. São Paulo: Nobel, 2002.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. *Etnografias On e Off-line: Cibercafés em Trinidad*. In: **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, vol. 10, n. 21, 2004.

MINTZ, Sidney. *Encontrando Taso, me descobrindo*. **Dados**: Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, vol. 27, n. 1, 1984 .

MULLER, Lucia Helena Alves. *"Então, eu fui à luta!"*: repensando as representações e práticas econômicas de grupos populares a partir de uma trajetória de ascensão social. **Revista Política e Sociedade**, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/11797/11041> Acesso em: 27/07/2012.

MURILLO, Luis Felipe Rosado. *O Virtual e o Político: a Análise de um Confronto Discursivo da Comunidade Brasileira de Software Livre*. **Observatório (OBS*) Journal**. 2007. Disponível em:

<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/viewArticle/67>. Acesso em: 18/07/2012.

MURILLO, Luis Felipe Rosado. **Tecnologia política e cultura na comunidade brasileira de software livre e de código aberto**. (Dissertação de mestrado) PPGAS, IFCH, UFRGS. Porto Alegre, 2009.

NEVES, Delma Pessanha. *Pobreza e humanismo salvador: mediações subjacentes*. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582007000100005&lng=en&nrm=iso Acesso 31/07/2012

NOVAIS, Luis Fernando. *Do “voo da galinha” ao crescimento sustentado: possibilidades e incertezas*. Documento disponível em: http://www.fundap.sp.gov.br/debatesfundap%5Cpdf%5CLivro-Panorama_das_Economias_Internacional_e_Brasileira/09_Do%20v%C3%B4o%20da%20galinha%20ao%20crescimento%20sustent%C3%A1vel.pdf. Acesso em: 14/07/2012.

OLIVEN, Ruben. *Prefácio*. In: **Antropologia & Consumo**. LEITÃO, Débora e cols., Porto Alegre: AGE, 2006.

_____. Apresentação. In: **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, vol. 13, n. 28, 2007.

_____. **A Antropologia de Grupos Urbanos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ORO, Ari Pedro; DEBEM, Daniel Francisco. **A discriminação contra as religiões afro-brasileiras: ontem e hoje**. Ciências e Letras, Porto Alegre, vol. 44, 2007, p. 301-318.

_____; SCHOENFELDER, R. *A religião nas eleições 2006 no Rio Grande do Sul: o que há de novo?* **Debates do NER** (UFRGS), Porto Alegre, vol. 10, 2006, p. 7-26.

ORTELLADO, Pablo. *Por que somos contra a propriedade intelectual?* Disponível em: http://www6.ufrgs.br/antropi/doku.php?id=contra_a_propriedade_intelectual#por_que_somos_contra_a_propriedade_intelectual. Acesso em: 21/02/2009.

ORTIZ, Renato. *Uma Cultura Internacional-Popular*. In: **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ORTNER, Sherry B. *Uma atualização da teoria da prática*. In: **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Goiânia: Editora Nova Letra, 2006.

_____. *Subjetividade e crítica cultural*. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, vol. 13, n. 28, 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 17/07/2012.

PARREIRAS, Carolina. *Internet e mercado erótico: notas etnográficas sobre x-sites* - V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://estudosdoconsumo.com.br/wp-content/uploads/2010/09/1.3-_CarolinaParreiras.pdf. Acesso em: 15/07/2012.

PEREIRA, Vanessa Andrade. *Entre games e folgações: apontamentos de uma antropóloga na lan house*. Etnográfica, Lisboa, v. 11, n. 2, nov. 2007 . Disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612007000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15/07/2012.

PINHEIRO MACHADO, Rosana. **A garantia “sou yo”**: etnografia das práticas comerciais entre camelôs e sacoleiros em Porto Alegre e Ciudad del Este. (dissertação de mestrado). Porto Alegre: PPGA, IFHC-UFRGS, 2005.

_____. **Made in China**. (Tese de Doutorado) Porto Alegre: PPGA, IFHC-UFRGS, 2009.

_____; SCALCO, Lucia. *Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica*. **Rev. Antropol.** [online]. vol. 53, n. 1, 2010.

POCHMANN, Márcio. *Juventude em busca de novos caminhos no Brasil*. In: NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PRENSKY, Marc. *Digital Natives Digital Immigrants*. 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf> Acesso em 15/07/2012.

REFFO, Eugênio. **Vida, Obra e Espiritualidade de São Leonardo Murialdo**. Porto Alegre: Editora Evangraf, 2000.

[RIBEIRO, Gustavo Lins. *Tecnotopia versus Tecnofobia: O Mal-Estar no Século XXI*. **Humanidades**. Brasília: Editora da UnB, vol. 45, 1999.](#)

_____. **Poder, redes e ideologia no campo do desenvolvimento**. Novos estudos. CEBRAP, São Paulo, n. 80, Mar./2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15/07/2012.

RIVIÉRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

RIFIOTIS, Theophilos et al. **Antropologia no ciberespaço**. Santa Catarina: Editora UFSC, 2010.

_____. **Na fronteira entre o “on-line” e o “off-line”**: notas para um estudo etnográfico das formas de apropriação dos centros públicos de acesso à Internet, anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Guarapuava, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0309-1.pdf>
Acesso em: 23/07/2012.

SARTI, Cynthia. *O jovem na família: o outro necessário*. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). **Juventude e Sociedade**: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **A família como espelho**: estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SEGALEN, Martine. **Ritos e Rituais Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SEMÁN, Pablo. **A fragmentação do cosmos**: um estudo sobre as sensibilidades religiosas de fiéis pentecostais e católicos num bairro da grande Buenos Aires (Tese de doutorado). IFHC, PPGA-UFRGS. Porto Alegre, 2000.

SCALCO, L. **Falakenois**: etnografia de um projeto de inclusão digital entre jovens de classes populares em Porto Alegre (Dissertação de mestrado). PPGAS, IFHC-UFRGS. Porto Alegre, 2008.

_____. *Reflexões sobre a sociabilidade virtual dos jovens das classes populares*. **PontoUrbe** – Revista do núcleo de antropologia urbana USP, ano 3, 2009. Disponível em: <http://www.pontourbe.net/04/luciamuryscalco-pu04.html>.
Acesso em: 23/07/2012.

_____. *Camelódromo*: a repercussão do regime transnacional de propriedade intelectual em nível local. In: SOUZA, Rebeca Hennemann (Org.). **Do regime de propriedade intelectual**: estudos antropológicos. Porto Alegre: Tomo, 2010.

SCHUCH, Patrice. **Práticas de Justiça**: Uma Etnografia sobre o Campo de Atenção ao Adolescente Infrator depois do ECA (Tese de doutorado). PPGAS, IFHC-UFRGS. Porto Alegre, 2005

SCHWARTZ, Gilson. **Exclusão digital pode atrapalhar economia brasileira**. Reportagem. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/ig/noticias/2010/03/100316_brasil_impacto_para_cluster_cq.shtml. Acesso em: 12/07/2010.

SHIRLEY, Robert W. *Atitudes com relação à polícia em uma favela no sul do Brasil*. **Tempo Social** - Revista de Sociologia da USP (Estratégias de Intervenção Policial no Estado Contemporâneo). São Paulo, vol. 9, n.1, mai/1997. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ts/v9n1/v09n1a12.pdf . Acesso em: 15/07/2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. *Exclusão digital – A miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

_____. Entrevista **Internet não se guia por critérios de mercado**, 2011. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/df/noticia.hp?id_noticia=149884 &id_secao=1. Acesso em: 12/07/2012.

SINGER, P. **Globalização e Desemprego**: diagnósticos e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.

SOARES, Luiz Eduardo. *Juventude e violência no Brasil contemporâneo*. In: NOVAES, R; VANNUCHI, P. (Org.) **Juventude e Sociedade**: Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOARES, Maria Andréia dos Santos. **Na base do muque da onda**: estudo etnográfico de performances entre rappers da ALVO - Associação Cultural da Zona Norte de Porto Alegre (Dissertação de mestrado). PPGAS,IFHC-UFRGS. Porto Alegre, 2008.

SORJ, Bernardo; GUEDES, Luís Eduardo. **Exclusão digital**: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. CEBRAP, n. 72. São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010133002005000200006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22/07/2012.

SPIESS, Rafael Maiko. *A Sociologia da Ciência e tecnologia e o estudo das comunidades hacker e do software livre*. In: **Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade**. Vol. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <http://www.revistabrasileiradects.ufscar.br/index.php/cts/article/viewFile/23/7> Acesso em: 14/07/2012.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M. *ONGs no Brasil*: elementos para uma narrativa política. **Revista Humanas** (IFCH/UFRGS). Porto Alegre, vol. 24, n. 1/2, 2001, p. 36-55.

TAVARES, Luis Eduardo. **Conhecimentos livres e novas dinâmicas políticas**: o significado do coletivo metareciclagem (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais na PUC-SP). Disponível em: http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2011/01/sc_pc-luis.pdf 2007

TELLES, Vera; HIRATA, Daniel. *Cidade e práticas urbanas*: nas fronteiras incertas do ilegal, informal e ilícito. **Revista de Estudos Avançados da USP**. São Paulo, vol. 21, n. 61, 2007.

TUNER, V. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

WOLTON Dominique. **Internet... E depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2000.

VELHO, Gilberto. *Observando o Familiar São Paulo: In: Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

_____. *Prefácio*. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org). **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad do Brasil, 2003.

_____. *As pessoas estão aprendendo mais fora da escola. Educação & Internet: Os prós e os contras da rede*. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, sexta-feira, 27 ago./2007, p.12-13.

ZALUAR, Alba. *Exclusão e Políticas Públicas: Dilemas teóricos e alternativas políticas*. **Revista brasileira de Ciência Sociais**. São Paulo, vol. 12, n. 35, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-69091997000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19/10/2012.

ZELIZER, Viviana A. **Dualidades perigosas**. Rio de Janeiro: Mana. vol. 15, n. 1, 2009 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132009000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14/07/2012.

ZENI, Bruno. **O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva**. Estud. av. São Paulo, vol. 18, n. 50, Abr./2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19/08/2011.